

AN ECHO CREEK ROMANCE

KACEY
LINDEN

Chasing
HOME





Sinopse

Dois corações feridos assombrados pela mesma tragédia... Eles terão uma segunda chance no amor?

Para Rory Ellis, a vida é praticamente perfeita. Ela é uma empresária confiante e bem-sucedida, com uma carreira que ela ama, dois meninos adoráveis e uma casa de família cheia de lembranças felizes.

Pelo menos, é isso que ela quer que todos em sua cidade natal, Echo Creek, acreditem.

Mas o passado de Rory foi tudo menos perfeito. Quando sua casa incendeia - quase tirando a vida de uma adolescente - as consequências ameaçam expor segredos que ela achava que estavam enterrados para sempre. Assombrada pela culpa, Rory não consegue seguir em frente, muito menos reconstruir sua vida e dar um novo lar para seus dois filhinhos. Não quando ela está cercada de lembranças de tudo que perdeu e de tudo que nunca terá - como o lindo fazendeiro Jake Cunningham.

Jake sabe como é viver com culpa sobre circunstâncias que ele não pode mudar. Também sabe que deve ficar longe da linda dona da cafeteria de Echo Creek, mas parece que ele não consegue evitar. Especialmente quando Rory está sem-teto, sofrendo e precisando de ajuda, e não está disposta a pedir.

Tanto Jake quanto Rory estão procurando por redenção, mas eles têm uma história complicada demais para ser ignorada. Pode estes dois corações partidos encontrarem refúgio nos braços um do outro? Ou será que o passado que eles tentaram tão duramente esquecer, conspirar para mantê-los separados para sempre?

Disponibilidade:

Federicci

Tradução:

Valentina

Revisão Inicial:

Tata

Revisão Final:

Federicci

Leitura Final:

Lily

Formatação:

Federicci

Arlequina's

Legacy

Traduções

A

L

7



Chasing Home

Kacey Linden

Capítulo 1

A casa estava em chamas novamente.

Chamas lambiam as paredes de madeira, banhando a pequena sala de estar em sua luz laranja cintilante. O ar crepitava com o calor e a fumaça que percorria a porta da cozinha. Logo, o tapete começaria a derreter, e a pequena árvore de Natal se inflamaria como uma tocha.

Os dois garotinhos brincaram, inconscientes do perigo enquanto se agachavam no tapete, completamente absorvidos pela magia de seus presentes recém-abertos. Trey, de quatro anos de idade, estava concentrado na tarefa de dirigir seus carros para cima e para baixo na rampa de sua garagem de brinquedo, enquanto seu irmão mais velho, Sean, construiu um forte e instável local fora de Lincoln Logs, aparentemente sem a atadura na mão queimada em seu carro.

Rory Ellis fechou os olhos. Bloqueando a lembrança das chamas e o cheiro de fumaça e o som de seus próprios gritos, e quando ela abriu os olhos novamente, o fogo se foi. O ruído dos motores dos carros de Trey era a única coisa que ela podia ouvir, e seu nariz estava cheio do aroma profundo e terra do café que ela segurava em dedos congelados.

Seu coração, no entanto, ainda batia como se estivesse em uma corrida - uma corrida pela vida de seus filhos.

Fazia exatamente uma semana desde que um incêndio incinerou sua casa de infância, mas nenhuma noite se passou sem outro sonho aterrorizante sobre o quão perto ela tinha chegado de perder seus meninos. Se não fosse por Cale Matthews, o xerife local, e pelo fazendeiro Jake Cunningham...



Ela não podia se permitir pensar no que? Não podia se permitir pensar muito sobre isso. Agora estava vivendo um dia de cada vez, concentrando-se em garantir que os meninos estivessem bem, e que eles tinham o que precisavam.

Vizinhos gentis os inundaram com presentes substitutos depois que o próprio Natal deles pegara fogo. As doações de roupas, brinquedos, livros e até mesmo refeições caseiras tinham chegado depois que a comunidade ficou sabendo de suas perdas, e Rory não tinha ideia de como lidar com tanta generosidade.

Até mesmo sua equipe na Cafeteria Creekside a tinha banido do escritório, com muitas garantias de que eles tinham tudo bem na mão. Ela não precisaria voltar ao trabalho antes do Ano Novo, mas os flashbacks eram quase piores agora que ela estava presa em casa, sem meios de se distrair das lembranças.

Uma batida na porta interrompeu outra sensação crescente de pânico, e Rory deu um pulo agradecido para atender. Ela estava de pijama e não havia feito muito naquela manhã além de fazer café, mas não se importava.

Na verdade, se fosse o Jake Cunningham parado na varanda, provavelmente se importaria, mas sabia que não imaginava que ele fosse procurá-la. Ela ficaria surpresa se ele soubesse onde ela e os meninos estavam hospedados.

Rory abriu a porta para encontrar sua nova proprietária sorrindo e segurando uma caixa embrulhada festivamente.

— Feliz Natal! — Tess Beckett era uma linda morena com brilhantes olhos castanhos que atualmente transbordavam de simpatia e alegria natalina. Ela também era uma das melhores amigas de Rory e a dona da adorável casinha de madeira onde Rory e os meninos haviam se



abrigado temporariamente enquanto esperavam que o seguro fosse resolvido.

— Tess, você realmente não deveria. — Rory repreendeu, pegando a caixa e dando um abraço na amiga antes de tirá-la do frio. — Você já está me deixando tirar a vantagem desavergonhada de nossa amizade usando sua casa, então é melhor que isso não seja nada mais complicado do que fudge.

— É. — anunciou Tess, retirando a touca vermelha e jogando-a na mesa de centro. — Eu não moro aqui a tempo integral há meses, e estava ficando cansada de ter que correr até aqui para verificar agora que o tempo está tão frio. Estou feliz que alguém esteja usando, e se você pensar em dizer a palavra 'alugar' eu juro que vou comprar mais presentes para você.

Rory riu, mas até ela ouviu que soava forçado. — Você não tem ideia do quanto eu aprecio isso. — disse ela. — E prometo não dizer nada por enquanto. Mas se não conseguirmos encontrar um novo lugar em breve... — ela deixou o resto não dito.

Tess ia querer voltar a viver eventualmente. Ela desistiu de seu trabalho de professora para ajudar seu irmão Finn quando sua esposa morreu há pouco mais de um ano, com a intenção de cuidar dele e de seus três filhos por alguns meses. Mas Finn ainda não mostrava sinais de se recuperar de sua perda e Tess não conseguiu deixar os meninos sozinhos enquanto seu pai estava muito abalado para administrar muito mais do que suas próprias necessidades diárias.

— Vamos conversar sobre isso se acontecer. — disse Tess com firmeza. — Agora, me diga o que você mais precisa. Há pessoas me perguntando todos os dias como elas podem ajudá-la a se levantar, então se você me disser para onde direcioná-las, eu farei o resto.



Rory piscou algumas vezes, abriu a boca e fechou novamente. Ela só... não podia. Sem uma palavra, ela se virou e entrou na cozinha, incapaz de conter as lágrimas. Quando chegou à bancada, segurou a beirada com as mãos trêmulas, observando os nós dos dedos ficarem brancos enquanto lutava com os soluços que ameaçavam emergir.

— Eu sinto muito. — disse Tess atrás dela.

— Não é você. — Rory conseguiu dizer, lutando por compostura. — Eu juro que não é. E sou muito grata por toda a ajuda. É só que... sou assim quase o tempo todo agora. Não posso ir mais do que alguns minutos sem pensar no que poderia ter acontecido. Sei que devo me sentir abençoada e aliviada por tudo ter saído como aconteceu, mas ainda estou apavorada e isso me faz chorar mesmo nas menores coisas.

O braço de Tess envolveu seus ombros. — Parece muito normal para mim. — ela disse suavemente. — Foi uma coisa terrível que aconteceu. Só porque você está bem, não significa que não perdeu alguma coisa. Aquela casa era sua casa. Você pode se dar tempo para se lamentar. Hora de lidar com sua nova realidade.

— Mas eu não posso. — Rory insistiu com firmeza. — Eu sou tudo que os meninos têm. Eles precisam que eu seja forte e que eles saibam que tudo está bem. Não posso me quebrar dez vezes por dia - isso só vai assustá-los. Preciso voltar ao trabalho, informar aos meus funcionários que estou bem e que os negócios continuarão como de costume. Não tenho tempo para deixar isso atrapalhar a minha vida.

— Aurora Elizabeth Ellis!

Rory levantou a cabeça e afastou os longos cabelos ruivos para ver Tess olhando-a ferozmente.

— Não se atreva a fingir que você tem que ser algum tipo de robô



super-humano sem emoção! Não é isso que seus meninos precisam de você! E se não enfrentar isso agora, isso só vai acabar te machucando mais. Você tem que lidar com o que aconteceu e fazer o certo. Há *sempre* tempo e é sempre bom para precisar de ajuda.

Ela estava com raiva, e Rory percebeu tardiamente como os seus próprios protestos devem ter soado para a irmã de um viúvo de luto que mostrou poucos sinais de recuperação um ano após a morte de sua esposa.

— Eu sinto muito. — Rory se desculpou, devolvendo o abraço de Tess e sentindo vergonha de si mesma. — Não quis dizer nada disso para refletir sobre Finn ou qualquer outra pessoa. Sou sempre dura comigo mesma; Você sabe disso.

— Sim, eu sei. — retrucou Tess. — E é por isso que eu estou abraçando você em vez de te sacudir. Agora, *por favor*, me diga o que você precisa. Nós todos queremos ajudar. Você não fez nada além de dar a esta comunidade nos últimos quatro anos e agora eles querem retribuir. Se você não os deixar, será como um tapa na cara.

Rory gemeu e bateu em suas bochechas com a manga de seu suave suéter azul. Ela não passara os últimos quatro anos dando porque esperava algo de volta. Se qualquer coisa, o oposto era verdadeiro. Ela já devia uma dívida que nunca poderia ser paga.

Mas isso nunca satisfaria a sua amiga, e ela sabia disso. — Honestamente, Tess, eu adoraria te dizer o que preciso, mas simplesmente não sei. Não posso nem mesmo resolver meus próprios pensamentos. Eu sei que tenho que fazer listas de tudo o que perdemos, falar ao telefone com a companhia de seguros e decidir o que vamos substituir, mas tudo fica tão confuso na minha cabeça que é tudo o que posso fazer para não voltar atrás na cama e me esconder debaixo do travesseiro. — ela sorriu com tristeza. — Tenho vergonha de admitir isso,



mas é a verdade.

— Rory. — Tess cruzou a bancada e foi até a caixa de lenços convenientemente colocada, pegou um lenço e a entregou. — Está bem. Podemos até ajudá-la a fazer listas.

Rory assoou o nariz, endireitou os ombros e assentiu. — Você está certa. Isso pode realmente ser a coisa mais útil que alguém poderia fazer agora. Também seria ótimo ter alguém me ajudando a passar pelo que resta do velho lugar e decidir o que vale a pena manter.

Tess concordou. — Feito. Não posso ajudar com isso hoje, desde que prometi que voltaria para casa para passar um tempo com a família. Amanhã estou cuidando dos meninos enquanto Finn leva mamãe e papai de volta para o aeroporto, mas a primeira coisa depois disso, você e eu estamos ficando ocupadas com a lista. E vou pedir ajuda para ter certeza de que tudo o que pode ser recuperado do seu lugar seja reunido. Pete Parrish já ofereceu um armazém que ele não está usando, então você pode ter um lugar para colocar tudo enquanto você passa por isso.

Pequenas porções do peso que Rory estava carregando caiu desde o fogo, e ela deixou-se respirar profundamente. Por mais que quisesse se sentir em dívida com tantos, ela sabia que não seria capaz de cuidar sozinha dos restos de sua casa. O armazém particular seria uma dádiva de Deus, e ela provavelmente deveria esperar de Pete. Um cliente frequente na cafeteria e um bom amigo, o viúvo aposentado simplesmente não era capaz de ouvir sobre uma necessidade sem tentar enfrentá-la.

— Obrigada, Tess. Isso será uma grande ajuda. Por favor, deixe-me saber quando você tiver um grupo para que eu possa estar lá. E diga a todos obrigado por mim.



Obrigada.

Por que essas palavras a deixaram desconfortável de repente?

Ela fechou os olhos.

Cheiro de fumaça encheu suas narinas. O calor das chamas pressionou contra ela e ela sentiu o horror absoluto e o desamparo de esperar. A pressão dos braços de Willow quando a mulher mais jovem a impediu de correr para a casa em chamas para procurar por seus meninos.

Ela ouviu o rugido da picape prata de Jake quando ela entrou na entrada de carros, pulverizando cascalho contra o lado de seu jipe. Ele pulou da caminhonete e correu em direção à casa até que ela chamou por ele. Gritou atrás dele. Implorando a ele para encontrar seus meninos.

Ela assistiu ele desaparecer ao redor da parte dos fundos da casa. Esperou por várias vidas, enquanto as chamas subiam pelas paredes e irrompiam das janelas, e a esperança se tornou uma pequena coisa esmagada lutando pela vida em meio ao terror esmagador.

Mas ele voltou. Ele não apenas os deixou. Ele saiu da fumaça com Sean e Trey em seus braços, e de todas as vezes que ela sonhava em beijá-lo, de tê-lo a beijando de volta, seu rosto nunca tinha sido mais querido para ela do que era naquele momento, quando ele salvou seus meninos e os trouxe com segurança longe do fogo.

Ela correu para eles. Caiu de joelhos e abraçou seus bebês e se recusou a deixá-los ir. Ela não conseguia parar de chorar. O paramédico ajoelhou-se ao lado deles, pediu-lhe para deixá-los levar os meninos para o hospital para avaliação, então ela subiu na ambulância e a porta bateu atrás deles...



A percepção a atingiu como um golpe físico e a puxou de volta para o presente.

Ela nunca disse obrigada. Apenas correu para o hospital sem uma palavra. Jake Cunningham trouxe seus filhos de volta para ela ilesos e ela nunca o agradeceu.

— Rory?

Ela se sacudiu e seus olhos se dirigiram para Tess, que ainda estava de pé na pequena cozinha alegre, observando, com seu olhar escuro cheio de preocupação.

— Eu sinto muito, Tess. — disse Rory com tristeza, esperando que ela pudesse esconder seu desânimo. — Estou bem, realmente. As lembranças só me pegam às vezes de vez em quando. Mas eu prometo que vou me dar tempo, e vou deixar todo mundo ajudar. Eu só preciso de uma chance para pensar sobre as coisas e me resolver.

Tess assentiu devagar. — OK. Eu acho que vou deixar você fazer isso então. Vou voltar para passar o resto do dia com a família, mas se precisar de alguma coisa, qualquer coisa, você vai me ligar?

— Claro. — Rory concordou mecanicamente. — Vou te ligar. Diga oi e feliz natal para sua família por mim.

Sua amiga sorriu, mas não conseguiu esconder sua preocupação quando voltou para a sala de estar, pegou a touca e esfregou o cabelo dos meninos antes de sair para o frio.

Rory desejou poder tranquilizá-la, mas o que ela poderia dizer? Ela tinha acabado de perceber que ia ter que encontrar uma maneira de agradecer a um homem que passou os últimos quatro anos fingindo ser um estranho, quando ele era tudo menos isso. Seus pais eram amigos há anos e se conheciam desde que Rory tinha doze anos. Se ela fosse



honestas, ela estava apaixonada por ele desde os quatorze anos.

Mas ela não podia culpá-lo por fingir que não existia. Mesmo que Jake Cunningham não a julgasse por quase perder seus filhos, ele não poderia tê-la perdoado pela noite em que destruiu suas vidas para sempre.

* * *

Jake estacionou a caminhonete na calçada, não muito longe da Cafeteria Creekside, e parou o motor por um momento enquanto considerava suas opções. Havia a opção inteligente, que o enviava pela cidade para a fazenda e o rancho para se alimentar e por dois novos pares de luvas de trabalho para ele e Ben. O cowboy envelhecido era seu único empregado, e entre os dois, eles haviam feito tanto conserto de cerca desde o outono, cada par de luvas que possuíam tinham buracos nelas.

A opção não tão inteligente seria sair da caminhonete e entrar. Ele podia respirar fundo o ar perfumado de canela, café e fumaça de madeira e encontrar alguma maneira de perguntar se alguém tinha visto Rory. Ele sabia que não estava lá, ele já tinha checado o Jeep dela no estacionamento do lado de fora, mas alguém tinha que saber onde ela estava.

Era normal, ele disse a si mesmo, que não estivesse no trabalho. Fazia apenas uma semana desde o incêndio que destruiu tudo o que possuía. Ela precisaria de tempo para se recuperar, tempo para pensar no que precisava ser feito. Mas ele não conseguia abalar a compulsão de ter certeza de que ela e os meninos estavam bem, e que eles haviam sobrevivido emocional e fisicamente.



E não era como se ele pudesse ir falar com ela.

Aurora Ellis tinha todos os motivos no mundo para odiá-lo.

Ele passou oito anos acreditando que nunca mais a veria - que ela nunca voltaria a Echo Creek. Aqueles últimos dias foram muito dolorosos e as memórias quase pesadas demais para suportar. Mas nos quatro anos desde que ela voltou, ela de alguma forma conseguiu fingir que os dois não tinham um passado. Que ela estava feliz em vê-lo toda vez que ele tinha coragem de entrar em sua loja.

Ela perguntaria sobre os seus pais. Dizer a ele para chamá-la de Rory. Ele perguntava sobre os garotos, depois se via completamente sem palavras que não traziam coisas que nenhum deles queriam se lembrar. Eventualmente, ele pegava seu café e saía, chutando-se por ser incapaz de superar uma mulher que só o tolerava porque ela era gentil demais para dizer a ele que se perdesse.

Se havia uma coisa em que Rory se destacava, era bondade, embora não fosse um adjetivo que ele teria aplicado a ela quando ela veio pela primeira vez a Echo Creek. Ela tinha doze anos, uma criança adotiva sendo dada uma última chance antes de ir para uma casa. Naquela época, Aurora Mason tinha sido imprevisível com cabelos ruivos e uma determinação feroz para se proteger da decepção. Ela mudou muito durante os primeiros seis anos, mas ele ainda não pôde deixar de imaginar o que havia acontecido com ela enquanto ela estava fora...

Uma batida na janela da caminhonete interrompeu os pensamentos dele. Jake olhou para cima e viu Cale Matthews de pé na rua, vestindo o uniforme e um olhar muito conhecedor.

O delegado do xerife local, Cale, era paciente, inteligente e se dava bem com quase todos, mesmo em uma cidadezinha cheia de moradores locais e turistas descuidados. Jake tinha certeza de que o homem não



parou de sorrir desde que começou a namorar Willow, uma linda novata loira que trabalhava na loja de Rory.

Jake rolou pela janela.

— Você está chegando ou indo? – perguntou Cale, colocando as mãos nos bolsos do casaco de inverno do departamento.

— Indo. – Jake disse, desejando agora que ele tivesse tomado a opção número um.

— Rory não está aqui. – disse Cale com um sorriso. — Mas tenho certeza que Willow ou Isaac terão ouvido falar dela.

Jake gemeu em resposta. De jeito nenhum ele estava dando munição para alimentar a suposição de que havia algo acontecendo entre ele e Rory. Especialmente não desde que ele e Cale foram os únicos a salvar seus meninos do fogo que destruiu sua casa.

Sean e Trey estavam em casa com sua babá, Kinley, quando o fogo começou. Depois que a inalação de fumaça quase ceifou a vida de Kinley, foi Cale quem enfrentou as chamas para levar os meninos a salvo através de uma janela no andar de cima.

Jake tinha acabado de ser o único a pegá-los, mas ele não achava que jamais esqueceria o terror que sentira por aqueles poucos momentos enquanto procurava sinais da vida no exterior da casa.

Nem ele seria capaz de esquecer o olhar no rosto de Rory quando ela viu que eles estavam seguros.

— Você está bem? – ele perguntou a Cale enquanto se moviam pela calçada em direção ao grande edifício de madeira que abrigava o café. Eles se esquivaram de um grupo de snowboarders e um par de senhoras mais velhas tagarelando em botas de neve antes de Jake se



lembrar de por que havia tantas pessoas na cidade. Era o dia depois do Natal, um tempo tradicionalmente lotado tanto para as lojas do centro como para as pistas de esqui mais próximas, e se ele tivesse algum bom senso, teria esperado alguns dias para chegar à cidade.

Mas onde Rory estava preocupada, ele nunca teve qualquer sentido.

Estou me curando. Cale abriu a porta e ficou de lado para um casal que estava ocupado demais de mãos dadas e olhando nos olhos um do outro para poupar muita atenção para qualquer outra pessoa. — Algumas dores de cabeça persistentes, dor de garganta, mas nada sério. Como estão as coisas no rancho?

— Ocupado.

Cale riu. — Nunca é assim?

— Não no inverno. — Jake esquecia com frequência o quanto da sua vida era um completo mistério para as pessoas que passavam a maior parte do tempo na cidade, mas pelo menos Cale sabia como era o inverno para um fazendeiro. Ele cresceu em um rancho perto de Pendleton, Oregon, e tinha muita experiência com as infindáveis rotinas de alimentação, quebra de gelo e patrulha de cercas.

Enquanto entravam em Creekside, Jake procurou Rory de costume, mas o cabelo vermelho brilhante dela não estava em lugar algum. Provavelmente era Isaac quem administrava o lugar em sua ausência. Jake não era um bom conhecedor para saber se as habilidades de fazer café do jovem estavam acima ou abaixo da média, mas o balconista de cabelo loiro estava em Creekside desde o dia em que abriu. Embora não tivesse o calor de Rory com os clientes, ele era calmo, eficiente e parecia equilibrado o suficiente para lidar com o dia-a-dia dos negócios.



Cale foi direto para o balcão e cumprimentou a minúscula mulher loira por trás com um olhar que dizia que ele a teria beijado bem ali na frente de todos, se ele pudesse ter se safado. Willow corou e perguntou sobre seus pedidos, mas Jake viu o brilho de calor e felicidade em seus olhos. Ela estava quase tão apaixonada por seu assistente quanto ele estava por ela.

Willow passara por uma terrível provação e chegara a Echo Creek enquanto fugia de seu irmão abusivo. Fazia apenas uma semana desde a prisão de seu irmão, então Cale ainda era compreensivelmente protetor com ela. Ou talvez ele sempre sentisse a necessidade de ter certeza de que a mulher que amava estivesse segura e bem cuidada.

Se apenas Rory deixasse Jake - ou qualquer outra pessoa - fazer isso por ela. Mas enquanto Aurora Ellis chegava em casa claramente determinada a ajudar e cuidar de todos os outros habitantes de sua pequena cidade, ela teve dificuldade em aceitar qualquer coisa em troca. Isso, pelo menos, não havia mudado.

— Jake? Você vai pedir alguma coisa? – Cale estava olhando para ele intrigado.

— Apenas um café. – disse ele bruscamente.

Willow disse, dando um olhar para ele pelo canto do olho. Ela ainda parecia intimidada por ele sempre que ele entrava, o que ele supunha ser compreensível. Ela foi ferida por mais de um dos homens em sua vida, e ele era maior que a maioria. Além disso, ele nunca havia desenvolvido o jeito descontraído de Cale com estranhos. As palavras certas nunca estavam lá quando precisava delas, então era mais fácil ficar em silêncio. E não era como se ele tivesse muito a dizer que não tivesse a ver com o rancho dele.

— Ah, oi, Jake! – Darcy saiu correndo da cozinha com seu típico



nível de energia e entusiasmo, dando-lhe um sorriso brilhante e uma piscada quando ela se inclinou sobre o balcão.

Ele estremeceu internamente. Darcy tinha dezenove anos e trabalhara na cafeteria há vários anos. Ela aparentemente considerava flertar e fazer combinações como dois dos seus principais talentos, e os praticou prontamente com qualquer um e com todos que vieram para Creekside. Infelizmente, o seu tamanho e comportamento sombrio não pareciam intimidá-la.

— Rory não está aqui. — informou-lhe brilhantemente, enquanto girava o rabo de cavalo em torno de seu dedo. — Mas ela vem mais tarde para se certificar de que todos nós estamos realmente trabalhando. — Seus olhos azuis brilhavam com malícia. — Posso lhe dar um recado se você quiser.

— Não. — Ao redor de Darcy, as respostas com uma palavra eram mais seguras.

Willow entregou a Jake seu café, e ele pensou ter visto simpatia em sua expressão. — Obrigada por ter vindo. — ela disse suavemente.

Ele lhe deu um aceno de cabeça, indicou a Cale que estava indo embora e saiu pela porta, evitando intencionalmente o contato visual com qualquer um que tentasse falar com ele. Se Rory realmente estava vindo, a última coisa que ele queria era ser pego ao redor de sua cafeteria como um adolescente apaixonado. Além disso, se ela estava vindo para o trabalho, ela provavelmente estava bem.

Ou pelo menos era o que ela queria que todos pensassem. Ela sempre foi boa em esconder o que realmente estava sentindo. E por não parecer vulnerável. Quando se conheceram, ela estava ocupada tentando ser expulsa de seu nono lar adotivo, investindo cada centímetro de sua energia para provar que não precisava ser amada. Felizmente para todos,



sua mãe adotiva, Victoria Ellis, tinha visto diretamente através dela.

* * *

Depois de voltar para a caminhonete, Jake foi até Cascade Farm e Ranch Supply para pedir ração, comprar luvas e comprar comida extra para seu coelhinho de fronteira, Kestrel. Seus filhotes nasceram dentro de uma semana, e ele não podia se dar ao luxo de ficar sem comida suficiente para ela enquanto ela mamava.

Enquanto caminhava para os fundos da loja, ele foi saudado por uma voz familiar.

— Jake Cunningham, você é exatamente a pessoa que eu queria ver!
— Marcia Dillon, alta, de cabelos brancos e mal-humorada, aproximou-se e deu-lhe um abraço.

Jake sabia melhor do que ficar alarmado - Marcia abraçava todos.

— Como você está? — ela se afastou e olhou para ele como se tivesse feito algo terrível. — Você viu Rory?

— Estou bem. O que te traz aqui?

Ela sorriu para ele de um jeito que sugeria que ela percebeu que ele só respondia a uma de suas perguntas, mas preferiu não apontar.

— Os meninos de Ellis. — ela disse conspiratoriamente. Então ela não tinha ignorado sua evasão, ela apenas encontrou uma maneira diferente de atacar o assunto. — Eles compraram este velho celeiro de brinquedo para o Natal, mas não havia animais para acompanhar, então eu tive que vir aqui e pegar algumas coisas. Você sabe que a Cascade tem a mais fofa seleção de animais de fazenda de brinquedo. Você



gostaria de me ajudar a escolhê-los? Vou precisar de cavalos, claro, vacas e cães, e... bem, o que você sugeriria?

— Um de cada? — ele encolheu os ombros. — Desculpa. Não posso ficar. Eu tenho que voltar para o rancho para as tarefas da noite.

Ela deu um tapinha no braço dele. — Isso é verdade. Bem, não vou te segurar então. Diga olá a Benjamin por mim! E pare na casa de Tess para dizer olá a Rory e aos garotos. Tenho certeza que adorariam ver você. Os meninos não conseguem parar de falar sobre você e Cale desde...

Ela parou. Marcia tinha excelente visão para uma garota de setenta e cinco anos e provavelmente notou a expressão desconfortável no rosto dele.

— Jake Cunningham.

O olhar “*você está com muitos problemas*” estava de volta.

— Não se atreva a me dizer que vocês dois não resolveram as coisas desde que ela está em casa.

Ele não disse nada. O que havia para dizer?

— Bem. — Marcia cruzou os braços e olhou para ele por cima dos óculos de aros dourados. — Eu não direi mais nada se é assim que você quer, mas se me perguntar isso, o não falar já dura o suficiente. Faz *doze anos*. No caso de você ter esquecido, vocês dois costumavam ser amigos, e você deveria ser adulto o suficiente agora para se sentar e lidar com o passado antes de roubar qualquer outra coisa de suas vidas. Nada de bom veio de fingir que coisas ruins não aconteceram.

Nada de bom veio de cutucar velhas feridas.



— Vou lembrar. — disse ele, e se afastou, porque não conseguia pensar em mais nada para dizer a ela.

Marcia Dillon era implacavelmente gentil e determinada a amar a todos e a todos ao seu alcance. Efetivamente uma avó para todo o Echo Creek, ela dispensava chá, biscoitos e sabedoria com uma mão liberal. Ela também perdera o marido e a filha muito mais jovens do que se poderia esperar, por isso era feroz quando se tratava de encorajar a reconciliação.

Mas ela não tinha ideia do que estava falando. Não faço ideia do que ela estava perguntando. A história entre ele e Rory não era algo que pudesse ser resolvido, ou mesmo superado. Só podia ser enterrado tão profundamente que ele não precisava mais sentir isso. Ele não tinha ideia do que Rory sabia ou como ela lidou com isso, só que ela parecia estar fingindo que nada disso havia acontecido.

E isso estava bem com ele. Se ele fosse esperto, ele ficaria longe dela e deixaria tudo ficar enterrado. Pelo bem de ambos.

Mas ele não era inteligente, e desistiu de tentar anos atrás. Ele ficava a certa distância, mas não parava de se certificar de que ela estava bem, de que os meninos dela estavam bem e de que ela tinha tudo de que precisava. Era uma compulsão tão profunda quanto respirar.

No começo, ele disse a si mesmo que era por Drew. Era isso que Drew queria, apesar de como as coisas terminavam entre eles. Mas em algum momento Jake finalmente parou de mentir para si mesmo e reconheceu que ele fez isso por sua própria causa. Porque ele queria.

Ele nunca parou de amar Aurora Ellis, e a menos que o inferno congelasse, provavelmente nunca o faria.



Capítulo 2

Rory estacionou seu Jeep atrás da cafeteria, apoiou a testa no volante, e respirou fundo, se firmando. Ela poderia fazer isso. Ela poderia lidar com todas as perguntas e as garantias e as expressões de condolências, e ela poderia fazê-lo sem chorar. Ela sorria e parecia normal e perguntava a todos sobre o Natal deles quando, na verdade, ela só queria ir para casa e voltar para a cama.

Mas ela tinha ido embora tempo suficiente, não importava o que Tess dissesse. Fazia mais de uma semana desde que ela trabalhara e o dia seguinte ao Natal era sempre cheio. Ela precisava estar presente para tranquilizar seus funcionários de que tudo ficaria bem.

Ah, quem ela estava enganando? Ela estava apenas em Creekside porque era mais fácil do que ela começou a fazer. Depois de deixar os meninos com Tess - que alegou que cinco garotos não eram muito diferentes de três, Rory pretendia ir até o rancho, mas se acovardou. Ela não poderia enfrentar Jake Cunningham agora. Talvez depois que ela voltasse em seu escritório, de volta às suas rotinas normais, ela começasse a se sentir como se fosse velha e confiante. Como uma mulher que pudesse expressar sinceramente seus agradecimentos sem cair em pedaços diante do último homem do mundo, que ela queria vê-la chorar.

Checando o cabelo e a maquiagem no espelho retrovisor uma última vez, Rory saiu do Jeep e quase desmaiou quando percebeu que alguém estava bem ao lado do veículo.

— Willow! — ela engasgou, e agarrou a frente de seu casaco. —



Você me assustou. Como você está? Você está saindo?

— Sim. — A mulher loira e quieta observava-a cautelosamente e com um pouco de empatia. — Pelo menos eu estarei assim que Marcia terminar de conversar com metade da cidade lá dentro. — ela apontou a cabeça de volta para a cafeteria.

Willow viveu com Marcia Dillon, que amava a todos a seu alcance sem restrições ou preconceitos, e era amada por toda a cidade em troca. A mulher mais velha tinha setenta e cinco anos, mas ainda tinha mais energia e entusiasmo do que Rory conseguia em seus melhores dias. Marcia também acreditava na linguagem clara, que Rory apreciava na maioria dos dias. Hoje ela não tinha certeza se estava pronta para lidar com isso, então talvez fosse melhor se esconder em seu escritório até que Marcia fosse embora.

— Você não tinha que vir hoje. — Willow disse, interrompendo seus pensamentos. — Tudo está indo bem, e Isaac está lidando com todos os pedidos de fornecimento.

— Eu sei. — Rory deu seu mais novo funcionário o que ela esperava que fosse um sorriso confiante. — Tenho fé absoluta em todos, mas acho que só precisava de um pouco de normalidade hoje. Eu me convenci de que, se entrasse e sentasse na minha mesa, seria capaz de pensar com mais clareza e tomar decisões mais inteligentes. Provavelmente não, mas parecia mais importante do que vagar pela casa de pijama por mais uma tarde.

Willow deu-lhe um olhar triste. — Bem, espero que ajude. E você sabe que pode me ligar a qualquer hora, para qualquer coisa, certo?

— Eu sei. — disse Rory, dando à jovem um abraço impulsivo. — Obrigada.



De todos que trabalhavam para ela, Willow tinha a melhor chance de entender como Rory estava se sentindo. A mulher mais jovem passara por muitas coisas - lidara com seus problemas sozinha a maior parte de sua vida - e não deixara que isso a abatesse. Mas agora ela tinha Marcia e Cale, qualquer um dos dois andaria pelo fogo para protegê-la. Depois de ouvir Willow falar abertamente sobre as cicatrizes de seu passado, Rory amava saber que estava curada e feliz.

Mas não importava o quão bem Willow estivesse, Rory não achava que ela estava pronta para sobrecarregar alguém com seus problemas.

— Eu realmente aprecio isso. — Rory continuou. — E sou muito grata pela forma como todos se empenharam para cuidar das coisas enquanto estava fora. Eu sei que não há nada para se preocupar, e se eu precisar de um ouvido eu prometo que ligarei.

Os olhos de Willow disseram que ela sabia que era mentira, mas talvez porque ela entendesse, não ligou para Rory. Ela apenas balançou a cabeça e caminhou silenciosamente ao lado dela enquanto passavam pela porta dos fundos e na cafeteria.

Enquanto Willow voltava para frente para esperar por Marcia, Rory entrou em seu escritório e fechou a porta. Assim que ouviu o clique do trinco, recostou-se contra a parede e fechou os olhos. Isso ajudou. Ela se sentiu mais no controle das coisas aqui. Como se ela fosse genuinamente a empresária forte e confiante que muitas vezes fingia ser.

Ela teve tempo suficiente para tirar o casaco, sentar na cadeira e abrir o notebook antes que alguém batesse à sua porta.

— Entre. — ela chamou, esperando Isaac ou Greta. Ela deveria ter sabido melhor. Marcia Dillon entrou, fechou a porta atrás de si, contornou a mesa e puxou Rory para um caloroso abraço de avó.



— Como vai você, minha querida? – ela perguntou, e Rory começou a chorar.

Puxa! O plano não havia chorar no trabalho. Não chorar mais até que ela estivesse de volta em casa e os meninos estivessem em segurança na cama.

— Eu não quero mais chorar. – disse ela instável, quando Marcia se afastou e pegou um lenço de sua bolsa enorme como se por magia.

— Eu tenho certeza que você não quer. – Os olhos azuis de Marcia estavam molhados também. — Mas as lágrimas são apenas uma parte do processo, receio. — Ela sabia. Ela perdeu muito mais do que Rory tinha.

— Não é que eu me importo de chorar. – esclareceu Rory. — Eu só não quero estar chorando por *tudo*. O tempo todo. Costumava ter algum controle sobre minhas emoções. Agora estou um desastre. E nada aconteceu. Eu estou bem. Os garotos estão bem. Por que não posso simplesmente deixar ir e reconstruir?

— Porque algo aconteceu. – Marcia disse severamente, secando uma lágrima do queixo de Rory e a empurrando para uma cadeira. — Você perdeu alguma coisa. Mais que uma coisa. Você perdeu sua casa - o primeiro e único lugar em que você sentiu que pertencia e era amada. E então, você perdeu seu senso de segurança - aquela voz que nos diz que tudo ficará bem e que as crianças sempre crescerão para ser adultos.

Ela estava certa. Marcia geralmente estava.

— Esse sentimento vai embora? Será que vou conseguir viver a minha vida sem pensar no pior? – Rory perguntou.

— Eu gostaria de dizer que vai embora. – respondeu Marcia,



pegando a outra cadeira e colocando uma mão gentil no joelho de Rory. — Mas eu sei que isso não acontece. Não inteiramente. Depois de Stanley, fiquei apavorada por Olivia e agora não posso deixar de me preocupar com Willow. Eu sei que ela está nas mãos de Deus, assim como o resto de nós, mas eu ainda me preocupo.

Rory olhou para o lenço na mão e amassou com força. — Por que a casa me incomoda tanto, Marcia? É só uma casa.

— E muito mais que uma casa, querida Rory. Era a casa da sua mãe e ela adorava. Amava você. Qualquer lugar que tenha visto tanto amor é difícil de abandonar.

Victoria Ellis realmente amara aquela casa. E então, foi abandonada naquela casa. Rory não conseguiu falar de todos aqueles anos que Victoria passara sozinha, esperando que a filha adotiva dela voltasse para casa. Acreditando, até o fim, que ela faria.

— Você acha que eu deveria reconstruir? — Rory precisava afastar a conversa da única mãe que ela conhecera. Agora não era hora de pensar nesses arrependimentos.

— Acho que você deveria levar o tempo que for necessário para considerá-lo. — Marcia disse a ela. — O lugar antigo não vai a lugar nenhum. Você pode esperar até que você ouça do seguro, então decida o que você quer para os meninos. E se Tess precisar de sua casa de volta e você ainda não tiver certeza, apenas venha morar comigo. Você sabe que há muito espaço!

Rory quase riu com o pensamento. A mulher mais velha vivia em uma enorme casa em estilo vitoriano que certamente teria espaço suficiente para ela e os meninos, mas ela não podia imaginar pisotear a paz de Marcia e Willow tão dramaticamente. Qualquer pessoa que não tivesse experiência com garotos jovens tinha muito pouca ideia de



quanto barulho e caos, mesmo que apenas dois deles pudessem gerar.

— Eu agradeço a oferta. — ela disse honestamente. — E eu vou deixar você saber se isso se tornar um problema.

— Então, meu trabalho aqui está feito. — disse Marcia com um sorriso radiante. — Ah, exceto por duas outras pequenas coisas. — ela puxou duas sacolas daquela bolsa cavernosa.

— Esta é para você. — ela entregou a Rory uma pequena sacola de estilo padaria com um laço em volta dela. — Eu sei que é um pouco estúpido dar biscoitos para a dona de uma padaria, mas estes são alguns dos meus melhores ainda e eu queria que você experimentasse.

Marcia era famosa pelo que ela chamava de “bolinhos misteriosos”. Eles raramente eram o mesmo duas vezes, e ela nunca contou a ninguém o que havia neles, mas eles eram sempre, *sempre*, deliciosos.

— Obrigada. — Rory disse, aceitando a sacola enquanto ela enxugava os olhos, esperando que não tivesse manchado sua sombra. Pelo menos, ela se lembrou de comprar rímel à prova d'água durante sua viagem apressada à farmácia para substituir seus cosméticos.

— E isso é para os meninos. — Marcia anunciou, entregando-lhe um pequeno saco plástico com o logotipo da fazenda local e loja de fazenda. — Não tive tempo para embrulhá-lo ainda, mas eu queria que eles tivessem estes para usar com seu celeiro.

A sacola continha uma variedade de animais de brinquedo, o tamanho perfeito para ser usado com o celeiro de madeira de brinquedo que eles tinham ganhado no Natal. Rory apertou com tanta força que as unhas se enterraram nas palmas das mãos, esperando que a dor a distraísse da vontade crescente de chorar mais uma vez.

— Obrigada. — ela murmurou baixinho. — Eles são perfeitos. Os



meninos vão amá-los tanto.

— Eu vi Jake Cunningham. — Marcia acrescentou, em um tom de fato que, no entanto, fez o coração de Rory falhar irritantemente. — Eu não tinha ideia por que vocês dois não conversaram desde que você voltou. Ele sabe sobre o Chris?

E havia aquela conversa clara que Rory esperava evitar.

— Eu não tenho ideia do que ele sabe. — disse Rory categoricamente, recuando da beira das lágrimas pelos primeiros sinais de pânico. Ela não podia lidar com mais um problema agora, e a última coisa que ela precisava era de pessoas bem intencionadas se intrometendo em seu relacionamento com Jake. — Eu não falo muito sobre o pai dos garotos, e há muitas razões pelas quais Jake e eu raramente nos vemos. Nem todas as mágoas podem ser resolvidas, e esta é grande demais para ser consertada por uma conversa simples. Decidi deixar isso em paz e espero que todos respeitem meus desejos.

Marcia não pareceu dissuadir-se. — Victoria me contou a verdade sobre o que aconteceu naquela noite.

Isso foi uma surpresa. Quando a culpa finalmente se tornara insuportável, Rory contara tudo à mãe - ofegou entre os soluços logo antes de entrar no carro e fugiu de Echo Creek para escapar da dor e do sofrimento. Mas ela implorou à mãe que não contasse a mais ninguém, e ela certamente não a imaginara contando a Marcia.

— Você falou com mais alguém sobre isso? — ela perguntou com firmeza, segurando as sacolas no colo até quase esmagar os bolinhos.

— Não era minha história para contar. — Os olhos de Marcia eram gentis e tristes. — Mas eu queria que você soubesse que você não é a única pessoa na cidade que entende por que você desapareceu.



Se Victoria tivesse contado a Marcia, em quem mais ela poderia ter confiado? Que variações na verdade poderiam circular pela fábrica de fofocas de Echo Creek nos anos seguintes?

O relatório oficial deixou Rory completamente de fora. Não havia nenhuma razão legal para ela ser incluída, e apenas um pouco de pessoas sabia que ela estava envolvida. Quando ela retornou pela primeira vez há quatro anos, ninguém a havia evitado, ou mesmo evocado aquela tragédia há muito tempo. A aceitação deles levou-a a acreditar que a presença dela naquela noite tinha sido completamente silenciada, e todos presumiram que ela tinha ido em um esforço para esquecer sua dor.

É verdade que, quando ela reapareceu, eles tinham outras coisas para julgá-la. Mas mesmo depois que o escândalo de sua herança acabou, Rory nunca foi capaz de esquecer que a aprovação de seus amigos e vizinhos se baseava - pelo menos parcialmente - em uma mentira.

— Obrigada por me dizer. — ela juntou sua dignidade esfarrapada e tentou projetar serena autoconfiança. — Isso não muda nada, mas obrigada. Espero que você continue mantendo em segredo. Nada viria se revelá-lo, mas machucaria.

— Ou talvez a curaria. — Marcia se inclinou para frente. — Eu não vou contar a ninguém a sua história, Aurora, mas acho que você deveria.

Seu significado era claro. Marcia queria que ela contasse a Jake. Mas essa foi a última coisa que Rory faria.

— Obrigada pelos bolinhos. — ela disse calmamente. — E eu aprecio você pensando em meus meninos.

A mulher mais velha foi sábia o suficiente para se retirar. — Você é sempre bem-vinda, minha querida.



Depois que a porta se fechou atrás de Marcia, Rory respirou fundo e colocou os dois presentes cuidadosamente em sua mesa. Ela não queria nada mais do que fugir novamente, mas ela estava correndo. Ela teve que se recompor, conversar com seus funcionários e sorrir como se nada estivesse errado.

Mas então ela faria o que deveria ter feito antes. Ela encontraria Jake e agradeceria por salvar seus meninos. Nada mais. Obrigada e sair. Talvez então ela pudesse parar de pensar no passado e continuar colocando sua vida de volta.

* * *

Quando Jake parou no celeiro e viu o familiar Jeep estacionado do lado de fora, seu coração começou a bater e ele sentiu um calafrio que nem mesmo seu casaco de inverno poderia banir. O que Rory estava fazendo aqui? Algo estava errado?

Não. Ela nunca iria até ele, não importava o que ela precisasse.

Ele saiu da caminhonete devagar, imaginando se ela teria ido ver Ben em seu lugar. Ele não podia imaginar por que ela teria negócios com o seu braço direito de seu rancho, mas ele não podia imaginá-la vindo por qualquer outro motivo também.

Alguns passos no celeiro, ele a viu. Rory estava agachada no chão de terra em seus jeans de grife e botas de salto alto, deixando seu rosto completamente lambido por um Kestrel entusiasta.

Rory não o viu, então ele levou um momento apenas para olhar para ela e lembrar da última vez que esteve aqui, alguns dias antes da formatura do colegial. Ela tinha dezoito anos e acabara de convencer Drew a deixá-la montar um potro. Tyrant, eles o chamavam, com um



couro lindo e velocidade inacreditável, mas com apenas quatro anos de idade e não totalmente treinado.

Drew nunca tinha sido bom em dizer a ela que não - ele estava mais propenso a pressioná-la para desafiar seus próprios limites - então era provavelmente o melhor que Jake tinha entrado no momento em que eles estavam se aproximando. Ela sorriu quando Jake selou Mist para ela em vez disso, e deixou-o saber com seus olhos radiantes que ela não tinha desistido.

Desistir simplesmente não estava na natureza de Rory. Pelo menos não até duas semanas depois daquele último passeio, quando ela fugiu de Echo Creek e não foi vista novamente por oito anos.

— Jake?

Ele tirou o chapéu e encontrou os olhos dela, escondendo cada sentimento por trás da indiferença que não poderia estar mais longe da verdade.

— Aurora.

— Sinto muito, não quis me intrometer. – disse ela, levantando-se e jogando o cabelo para trás por cima do ombro. Seus olhos permaneceram nos seus por apenas um breve momento, então pousaram no chão em algum lugar entre eles.

— É um celeiro de cavalos. – disse ele, como um idiota. Claro que era um celeiro de cavalos. — Você não está se intrometendo. – ela não estava, mas ela se destacou. Rory era polida, bonita e serena, pelo menos do lado de fora, e desde o seu retorno. Era apenas de vez em quando que ele vislumbrava a vulnerabilidade de que se lembrava. O que ela uma vez escondeu por trás de uma determinação feroz de manter o mundo à distância, ela agora se escondia atrás de uma máscara indecifrável de



autoconfiança calma.

Ou talvez fosse realmente ela. Ele não teve nenhuma conversa real com Rory em doze anos.

— Sinto muito. — ela disse novamente. — Eu não deveria ter vindo aqui e interrompido o seu trabalho, mas eu... — ela ficou em silêncio, e o olhar em seu rosto era quase dolorosamente incerto.

Isso foi tudo que levou para quebrar o coração de Jake em pedaços. Algo estava terrivelmente errado.

— Está frio aqui fora. Você quer entrar? — ele apontou para a casa da fazenda.

— Não. — ela disse apressadamente. — Sei que você tem muito o que fazer e eu não quero ocupar muito do seu tempo. O que eu estava tentando dizer é que me lembrei que no caos da outra noite nunca disse obrigada.

Ela finalmente levantou os olhos verdes para ele, e havia lágrimas brilhando nos cantos.

— Obrigada por ajudar a salvar meus meninos. Eles são tudo o que importa na minha vida e não posso nem pensar em pensar no que poderia ter acontecido se você não estivesse lá.

O chapéu de Jake se encolheu com a força de seu aperto. — Você não tem que me agradecer por isso, Aurora.

— Mas, agradeço. — ela respondeu, com o queixo tremendo, mas ainda levantado. — Não queria que você pensasse que eu era o tipo de pessoa que não percebia, ou não se importava. Você estava lá quando importava e eu precisava te dizer o quanto isso significava para mim.



Ele não conseguia descobrir o que dizer sobre isso. Ele teria andado pelo fogo mil vezes por ela, então o que fez pareceu sem valor em comparação.

Mas agora Rory estava chorando e ela nunca chorou. Ele duvidava que tivesse planejado chorar na frente dele, então ele mudou de assunto.

— Existe alguma coisa que você precisa? Os meninos estão bem?

Ela encolheu os ombros e enxugou o rosto com a manga do casaco. — Nós vamos ficar bem. — ela disse a ele, respirando fundo e convocando um sorriso que era mais parecido com o seu eu habitual. — Estamos ficando na Tess Beckett por enquanto, até que o seguro seja resolvido. Os garotos acham que é apenas uma férias prolongada e divertida. Acho que Sean entende pelo menos um pouco - que a casa acabou, que seus brinquedos sumiram e que teremos que começar de novo -, mas Trey está animada porque é Natal.

Uma pausa desajeitada se seguiu, até que Rory falou novamente.

— Sua família está bem? Eu sei que você disse que não ia conseguir ver muito deles neste Natal.

— Eles estão bem. — ele não tinha certeza do que era seguro dizer a ela sem despertar velhas lembranças. — Jeremiah disse que ele e Sarah podem vir em poucos meses para que mamãe e papai possam conhecer o bebê.

Rory sorriu um pouco mais naturalmente. — Tenho certeza que eles estão animados para vê-la... ou é ele?

— Menino. — disse Jake. — O primeiro deles foi uma menina.

— Sua mãe estava feliz por finalmente ter uma menina na família?



— Mamãe diria que esta é a segunda garota, depois de Sarah. Ela sempre queria mais filhos.

Foi a coisa errada a dizer. Rory respirou fundo e de repente tudo o que Jake podia ver era o rosto de Drew. Podia ouvir os soluços angustiantes de sua mãe.

— Eu deveria ir. — disse Rory, envolvendo os braços em volta de si e olhando para o chão de terra, onde Kestrel ainda estava, olhando para ela com adoração. — Eu só precisava dizer obrigada.

— Por quê? — A pergunta escapou dele antes que ele sequer soubesse que ele ia perguntar.

— Por quê? — Rory repetiu, dando um pequeno passo para trás em sua surpresa. Seus ombros se curvaram incertos e ela mordeu o lábio. — Porque é a coisa certa a fazer. Eu não queria que você pensasse que eu era ingrata. Que eu era...

— Que você era o que?

— Ainda a pessoa que eu costumava ser. — ela disse, tão suavemente que ele quase perdeu as palavras.

— E por que isso seria uma coisa ruim?

Sua cabeça se ergueu em choque. — Não se atreva a fingir que não sabe, Jake Cunningham! — Seus lábios tremeram quando ela olhou para ele. — Mesmo que eu mereça, nunca imaginei que você poderia ser tão cruel. Você não acha que eu me torturo o suficiente sem precisar da sua ajuda?

Ela apertou a mandíbula e passou por ele, de volta para o Jeep, e levou um momento para interromper o choque e andar atrás dela.



Torturar a si mesma?

— O que é que isso quer dizer? — ele perguntou, caminhando mesmo depois de alguns passos largos. — Merecer o que? Eu não estava tentando te machucar. Foi uma pergunta sincera.

Ela deu-lhe um olhar de desprezo. — Você pode jogar esse jogo o quanto quiser, Jake, mas não sou tola o suficiente para acreditar em você. Deixei Chris jogar esse jogo por cinco anos e você está longe de ser tão bom quanto ele.

Chris. Seu ex-marido. Jake não sabia muito sobre o homem além de seu primeiro nome, e que ele havia morrido logo antes de Rory voltar para Echo Creek, quatro anos atrás, com um bebê e um recém-nascido. Agora, Jake também sabia, sem dúvida, que ele tinha sido um bastardo abusivo e manipulador.

De alguma forma, graças aos jogos mentais de seu falecido marido, Rory achava que ela merecia a raiva de Jake. Acreditava que ele estava tratando-a da mesma forma que Chris. É pior do que qualquer golpe físico.

— Aurora.

Ela parou, com a porta do carro já aberta.

— Sei que as coisas nunca deverão ser as mesmas. — ele disse baixinho. — Mas eu pensei que você me conhecia melhor do que isso.

Seus olhos verdes encontraram os dele. — Eu pensei que eu também.

Ela entrou no Jeep, bateu a porta e foi embora.



Capítulo 3

Rory chorou todo o caminho de volta para a casa de Finn, onde ela foi devido a pegar os meninos de Tess. Ela não conseguia nem parar de chorar o tempo suficiente para pensar no que Jake realmente dissera, não até que ela estivesse sentada na calçada se preparando para comer todos os quatro bolinhos que Marcia lhe dera. Parecia razoável supor que, quando as terminasse, ninguém seria capaz de dizer que ela estava chorando.

Eles cheiravam maravilhosamente - como cítricos e chocolate branco. E ela deveria guardar alguns para os meninos, mas ficariam felizes com um bolinho. Ou um pacote de cookies comprados em lojas. Doeu a alma de Rory, mas eles ainda preferiam Oreos a qualquer coisa do caso da padaria Creekside.

Jake provavelmente não quis dizer suas palavras do jeito que ela as ouviu. Ele era muitas coisas - incluindo o silêncio a ponto de ser enlouquecedor, mas ele nunca foi cruel. Ele frequentemente confrontou Drew por sua negligência ou imaturidade, mas não de uma maneira condescendente. E hoje seu tom não tinha sido sarcástico nem frio.

Era só que ela estava esperando o ressentimento dele. Ela passou os últimos quatro anos esperando que ele lhe dissesse o que realmente pensava. Esperando que sua raiva e dor entrassem em erupção para que ela finalmente soubesse o quanto ele a odiava pelo que ela fizera a Drew. Então, ela tirou conclusões precipitadas. Assumindo que ele estava finalmente sendo honesto sobre como se sentia.



Ela sabia que lhe devia um pedido de desculpas, mas até mesmo o pensamento de voltar e encará-lo novamente fez as suas bochechas queimarem. Por que não poderia simplesmente ter agradecido e deixado isso?

Um impacto repentino em sua janela a fez gritar e soltar o que restava de seu bolinho. Quando os restos gelados de uma bola de neve acabaram escorrendo pelo vidro, ela pôde distinguir os rostos sorridentes de seus filhos do lado de fora, claramente aproveitando os últimos resquícios da neve da semana anterior. Suas bochechas estavam vermelhas e suas luvas estavam encharcadas, mas eles estavam pulando de alegria, então o que importava?

Rory enxugou apressadamente as lágrimas das bochechas e as migalhas da boca e saiu do Jeep, no momento em que Tess deu a volta ao lado da casa com os sobrinhos a tiracolo.

— Eu sinto muito. — Tess disse antes que Rory pudesse dizer uma palavra. — Nós estávamos indo brincar um pouco na neve, mas acabamos entrando em uma guerra de bolas de neve bem antes de você chegar aqui. Eles provavelmente estão encharcados, mas eu juro que eles se divertiram muito!

Rory poderia dizer que eles tiveram uma tarde divertida pelo jeito que Sean e Trey conversavam cada vez mais alto, tentando impressioná-la com sua proeza de arremessar bolas de neve.

— Se você vai se desculpar por cuidar dos meus meninos e ajudá-los a ter uma tarde fabulosa, vou começar a colocar os pagamentos de aluguel em sua caixa de correio. — Rory ameaçou severamente.

Tess estava sorrindo, mas quando se aproximou e deu uma olhada nos olhos inchados de lágrimas de Rory, seu sorriso desapareceu.



— Meninos, por que não entram e tiram as suas coisas molhadas? Que tal se todos nós tivermos chocolate quente antes que Sean e Trey voltem para casa?

A sugestão foi recebida por um grito de ânimo, e todos os cinco garotos foram para a porta dos fundos para tirar suas jaquetas molhadas e luvas, empurrando e tropeçando enquanto iam.

— Ei. — Os olhos escuros de Tess eram simpáticos quando ela deu a Rory um abraço levemente úmido. — O que aconteceu? Pensei que você estava indo para o escritório. Está tudo bem?

Ela podia contar tudo a Tess. A tentação, por um momento, era forte - compartilhar o fardo que carregava há tanto tempo e explicar a alguém por que ela ficara longe, e por que as coisas eram tão estranhas entre ela e Jake Cunningham. Mas Tess era uma das poucas pessoas em Echo Creek que não tinha lembranças de Rory antes de seu retorno.

A família Beckett havia se mudado para cuidar dos avós de Tess pouco antes de Rory vir morar com Victoria, e Tess só voltava há seis anos. Ela se juntou a Finn e sua esposa em Echo Creek depois de receber o seu diploma de ensino, e conheceu Rory enquanto passava horas intermináveis classificando os papéis em Creekside.

Rory não podia imaginar manchar sua amizade com a fealdade de seu passado, então quando ela abriu a boca, tudo o que saiu foi negação. — Eu fui ao escritório e isso foi bom. Todo mundo está fazendo um ótimo trabalho na minha folga. Marcia chegou e me deu bolinhos e outro presente para os garotos... Foi demais, sabe? Todo mundo tem sido tão gentil, eu não sinto que posso agradecer o suficiente para pagá-los.

— Para pagá-los? — repetiu Tess, com uma sobrancelha desaparecendo sob o chapéu de inverno. — Você não pode pagar isso,



Rory. Não é essa a ideia.

Rory sorriu fracamente. — Eu sei. Mas obrigada novamente de qualquer forma. — ela se virou para a casa. — É melhor irmos encontrar esses garotos antes que eles corram livremente ou coloquem lama por todo o chão.

* * *

Felizmente, eles não tinham feito nenhum dos dois, mas estavam todos lutando na cozinha quando Rory e Tess entraram. Finn Beckett estava sentado no bar do café da manhã, observando suas travessuras.

Finn estava com trinta e poucos anos, um loiro bonito que de alguma forma parecia uma versão masculina de Tess, com um físico bem construído e olhos castanhos ilegíveis. Tanto quanto Rory sabia, ele não sorria desde que sua esposa morreu há pouco mais de um ano, e lutou para permanecer presente nas vidas de seus filhos. Às de onze, nove e oito, eles estavam chegando a uma idade em que eram muito frequentes para Tess, mas ela nunca dissera uma queixa que Rory já ouvira. Não importa o quão frustrada Tess possa se tornar em uma ocasião, ela estava comprometida em dar a seu irmão tempo para se curar.

— Rory. — Finn cumprimentou-a com um aceno de cabeça. — Você resolveu tudo com a casa?

— Trabalhando nisso. — disse ela com o máximo de sorriso que conseguiu. — Esperando ir até lá para investigar as coisas no final desta semana, e esperando para saber do seguro.

— Você está planejando reconstruir?



Essa pergunta novamente. — Eu sinceramente não sei. — ela disse a ele. — Vou esperar até descobrirmos se o seguro vai cobri-lo e depois decidir.

Finn encolheu os ombros. — Eles deviam.

— Era uma casa antiga. — lembrou Rory. — E o relatório inicial dizia que a fiação defeituosa pode ter iniciado o incêndio. Eu não tive que fazer nenhuma reclamação antes, então eu não sei se a companhia de seguros da minha mãe é do tipo que procura por brechas.

— Você já olhou para o seu contrato?

Rory fez uma careta. — Tenho certeza que ele queimou. — disse ela. — Eu preciso ligar para eles e perguntar onde minha reivindicação está no processo, mas eu simplesmente não... — ela não sabia como terminar a frase. Ligar para sua companhia de seguros era uma das muitas coisas que ela ainda não tinha conseguido fazer.

— Mamãe? — Um puxão em sua manga a lembrou da razão pela qual ela estava na cozinha em primeiro lugar. — Podemos ter marshmallows? — O rosto virado de Sean implorou para ela, enquanto ela contemplava as prováveis consequências de permitir-lhes chocolate quente e marshmallows no final do dia.

— Por que não? — ela disse com um encolher de ombros. Alguns dias você só precisava de alguns marshmallows extras.

Ela se virou para Finn. — Acho que amanhã estarei indo à casa para saber o que sobrou e ver o que posso salvar, se for seguro olhar em volta. Espero encontrar alguns dos meus documentos intactos.

Finn olhou para Tess, que parecia mais do que um pouco culpada.

— Na verdade. — ela disse, colocando o cabelo atrás da orelha



enquanto colocava marshmallows na fila de canecas no balcão. — Uma equipe de rapazes saiu esta manhã e tirou tudo que poderia ser recuperado. Já foi transferido para a unidade de armazenamento do Pete para você passar sempre que estiver pronto.

O queixo de Rory caiu. — Como você... — ela fechou a boca em seu protesto instintivo. Ela pretendia estar lá para fazer a maior parte do trabalho sozinha, mas parecia que não podia deixar de subestimar o cuidado e a boa vontade de seus vizinhos de cidade pequena. — Eu acho que tudo que posso dizer é obrigada, novamente. Espero que você me dê uma lista de quem ajudou, para que eu possa agradecê-los também.

Tess se virou e colocou as mãos nos quadris, com os olhos escuros arregalados. — Isso não é o que você queria dizer, é? Você queria protestar, porque agora se sente em dívida com mais pessoas do que antes.

Rory não negou isso.

— Fizemos isso porque queríamos, Rory Ellis. Porque você precisava disso, quer você admita ou não. Somos parte de uma comunidade e isso significa que nos ajudamos mutuamente. Não porque esperamos nada, então, não, eu não vou te dar uma lista. Apenas considere uma lição de aceitar a mesma bondade que você dá aos outros todos os dias da sua vida!

Houve uma diferença. Rory deu aos outros porque ela tinha que - ela devia mais gentileza do que ela poderia retribuir, então ela passava todos os dias tentando devolver até mesmo uma pequena parte do que tinha sido dado a ela.

Mas não podia explicar isso, não quando Tess já estava chateada. Até os meninos pararam de falar e se retiraram para o outro lado da cozinha, olhando de Tess para Rory com rostos pálidos e



confusos.

O silêncio que se seguiu tornou-se estranho, até que Finn o quebrou inesperadamente. — Não é fácil. — ele disse baixinho. — Não sendo tão forte quanto você quer ser. Tão forte quanto você quer que todos pensem que você é.

— Tão forte quanto eu *preciso* ser. — Rory respondeu com firmeza.

— Às vezes, o que realmente precisamos é reconhecer nossos limites. — Finn respondeu. — Mesmo quando não são o que achamos que deveriam ser.

Rory não respondeu. Ela sempre tentou acreditar que Finn estava fazendo o melhor que podia, mesmo quando seu coração doía por Tess, cuja vida estava em suspenso até que seu irmão pudesse se encontrar novamente. Mas ela podia admitir que às vezes duvidava. Perguntou se ele simplesmente não estava disposto a fazer o esforço para viver novamente.

Ele não deveria ser capaz de superar sua mágoa se ele amava seus meninos o suficiente?

Ela não deveria ser capaz de cuidar de seus próprios problemas se ela fosse forte o suficiente?

Mas ela não sabia as respostas, então ela observou Tess despejar água quente em oito canecas e bebeu seu chocolate quente enquanto os meninos riam e comiam seus marshmallows com colheres e pingavam metade do chocolate na frente de suas camisas. Valeu a pena vê-los felizes.

Depois, ela conseguiu encontrar Tess e Pete na instalação do armazém na quarta-feira e levou os meninos para casa, onde ela prontamente empurrou os dois para um banho quente.



Uma vez que eles estavam em segurança na cama, ela tirou o resto de seus biscoitos e um caderno. Tess prometera ajudá-la a fazer listas, mas Rory não podia se permitir sair sozinha. Ela precisava sentir como se tivesse feito algum progresso. Como se ainda fosse capaz de fazer essas coisas sozinha.

Então, ela anotou todas as pessoas para as quais precisava ligar, reuniões que precisava ter e documentos que precisariam ser localizados ou substituídos. Começou a fazer uma lista de prioridades de itens domésticos que ela precisaria comprar mais cedo ou mais tarde.

Quando ela preencheu quatro páginas do caderno, se sentiu um pouco melhor. Olhando para todas as linhas ordenadamente organizadas, parecia que ela realmente havia realizado alguma coisa. Não muito, talvez, mas parecia um bom passo.

Foi também uma distração muito necessária. Pensar em listas significava que ela não precisava pensar no que iria encontrar - ou não encontrar – no armazém. Ou sobre como ela iria se desculpar com Jake.

Ela não conseguia voltar para o rancho novamente. Havia muitas lembranças lá fora, e ela provavelmente acabaria dizendo algo a mais que iria se arrepender. Ela teria que arranjar para encontrá-lo em outro lugar. Mas não na cafeteria. Seu pedido de desculpas não era algo que ela pudesse dizer com uma plateia, e se pedisse no seu escritório, ela nunca ouviria o final.

Talvez uma oportunidade aparecesse. E se isso não acontecesse... Ela poderia simplesmente adicionar "*pedir desculpas*" à sua lista. Para ser feito "um dia". De alguma forma, Rory não achava que isso seria bom o suficiente.



Na madrugada de quarta-feira, Rory deixou os meninos com Marcia Dillon, que pedira a ajuda de Willow para mantê-los longe dos problemas do dia. Ela também alegou que estava planejando ensiná-los a assar, o que fez Rory estremecer ao imaginar a bagunça.

Talvez um deles descobrisse um novo talento para a culinária, mas ela duvidava disso. Se os mantinha fora de problemas e impedia a destruição do resto da adorável casa vitoriana de Márcia? Ela só podia esperar.

Tess e Pete já estavam esperando no armazém quando ela chegou, vasculhando uma coleção deprimente de pequenos objetos pessoais de Rory.

Quando Rory entregou a ambos com um café quente de Creekside, ela tentou não deixar seu desânimo aparecer em seu rosto. — Alguma coisa genuinamente aproveitável? – perguntou ela. — Ou estou olhando para uma perda total?

— O primeiro andar foi completamente destruído. – disse Pete, aceitando seu café com um aceno de agradecimento. O viúvo de setenta anos era ligeiramente corpulento e seu cabelo escuro estava mais inclinado para o branco, mas ainda era ativo e um dos membros mais envolvidos da comunidade de Echo Creek. Rory suspeitava que ele estivesse meio apaixonado por Marcia Dillon, mas dado que eles se conheciam há mais de trinta anos e nenhum dos dois dissera uma palavra, ela não tinha certeza de que algo ocorreria.

— Eles conseguiram pegar algumas coisas no segundo andar. – disse Tess. — Não muito, porque tudo era tão instável. Mas o sótão da garagem estava quase completamente intacto, então eles tiraram tudo.



— O sótão sobre a garagem? – Rory ecoou. Ela se lembrava agora do pouco de vezes que ela subiu lá quando uma menina. Não estava completamente terminado, mas tinha chão e paredes, e sua mãe o usara como depósito. Na maior parte do tempo, estava muito quente ou muito frio, mas Rory havia encontrado um esconderijo eficaz durante o seu primeiro ano em Echo Creek, quando estivera zangada demais com o mundo para querer enfrentar alguém.

Infelizmente, ela não estava lá desde seu retorno, então nada resgatado daquele espaço seria dela.

Entre os itens espalhados pelo chão do armazém, Rory avistou a bicicleta de Sean e o cavalo de Trey. Eles ficariam animados em vê-los novamente, junto com o vagão vermelho vintage que havia sido guardado no canto da garagem. Com sorte, haveria mais itens desse tipo - minúsculos pedaços de suas vidas para dar a Rory esperança de que a reconstrução não fosse um objetivo tão inatingível quanto parecia naquele momento.

— Acho que o que mais preciso é ver se algum documento se salvou. – disse Rory, levantando o queixo e esperando que ela parecesse confiante. — Eu posso olhar os itens pessoais mais tarde e decidir o que manter.

Os três se espalharam entre as pilhas, depois que Pete fechou a porta quase todo o caminho para impedir a entrada do vento. Ainda havia cheiro de fumaça suficiente para que não pudessem fechá-lo completamente, mas foi o suficiente para ajudar o espaço a ficar mais quente. Pete tinha sido atencioso o suficiente para trazer algumas lanternas para iluminar o interior, o que tornava quase confortável, embora Rory estivesse agradecida por ter se lembrado de usar suas botas forradas de pele e jaqueta de esqui.

Depois da primeira hora, Pete os abandonou para assistir a uma



reunião na prefeitura e, no final da manhã, Tess teve que sair para pegar os sobrinhos da babá depois que um deles acabou doente.

Rory continuou trabalhando. No momento em que Tess partiu, ela já havia vasculhado todos os seus pertences que haviam sobrevivido e negara a si mesma a chance de lamentar suas perdas. As roupas e os móveis não importavam, mas havia apenas um punhado de fotos dos meninos de quando eram bebês, e nenhuma das lindas colchas de sua mãe. A rosa de oitenta anos pintada de porcelana que sua mãe amava tanto se foi, junto com as lindas aquarelas que Victoria havia pintado ao longo de sua vida.

Para manter a sensação oca de perda, Rory decidiu atacar as pilhas de caixas e baús que haviam sido recuperadas do sótão. Talvez houvesse algo de sua mãe lá em cima que a fizesse se sentir menos desconectada de seu passado. Talvez até algo de Rory que sua mãe tenha mantido.

As primeiras caixas mostraram ser roupas - a maioria das vezes ultrapassadas - então Rory as colocou de lado para doar, mesmo quando ela riu um pouco com a moda estranha. Para sua alegria, havia também uma caixa cheia de telas cuidadosamente embrulhadas, provavelmente primeiros exemplos das pinturas de sua mãe. Frascos de conserva foram responsáveis por mais três caixas, seguidas por uma coleção de bonecas de porcelana, que fez Rory sorrir. Victoria era uma mulher que gostava de babados e se vestia, e ficou um pouco desapontada ao descobrir que sua filha adotiva detestava vestidos, bonecas e todas as outras coisas que podiam ser percebidas como “femininas”.

Mas ela nunca deixara Rory sentir sua decepção e, em vez disso, abraçara o adolescente furiosa com tudo o que tinha, mesmo quando Rory a afastava repetidas vezes.

A pilha final continha várias caixas em tamanhos e formas ímpares, e a de cima quase imediatamente trouxe lágrimas aos olhos de Rory. Era



uma variedade de papéis e documentos legais, e no topo havia uma pasta contendo seus próprios documentos de adoção. Rory traçou a assinatura de sua mãe, lembrando-se daquele momento como se estivesse marcado em seu próprio DNA. Foi a primeira vez que ela realmente acreditou que Victoria não iria eventualmente deixá-la de lado ou desistir dela. Que não importava o que Rory fizesse, ela tinha uma casa e alguém que a amava.

Aquela caixa ela reservou para levar para casa com ela, imaginando que outros tesouros ela poderia descobrir. Logo abaixo havia uma caixa de frutas coberta por uma camada de poeira. Quando Rory tirou a tampa, soltou um pequeno suspiro - estava cheio de fotos. Os antigos, alguns deles - fotos em preto e branco de pessoas que Rory nunca conheceu. Depois havia outras que ela lembrava muito bem, como o primeiro dia de aula em Echo Creek. A menina de doze anos de idade na foto vestia-se desafiadoramente com as roupas esfarrapadas e mal ajustadas que tinham vindo de seu lar adotivo anterior. Seu cabelo vermelho estava trançado e seu rosto estava com raiva.

Victoria sorriu e levou-a para a escola, apenas para buscá-la algumas horas depois, depois que Rory conseguiu entrar em uma briga durante o almoço. Esse processo se repetiu durante a primeira semana, quando Victoria se sentou e calmamente anunciou suas intenções de educar em casa Rory se ela fosse expulsa.

Na época, ficar presa na casa com sua nova mãe adotiva sufocante e agradável parecia um destino muito pior do que qualquer outra que pudesse imaginar, então Rory tinha feito um esforço maior para se dar bem com as outras crianças.

Mas a sétima série de uma cidade nova não era ideia de um bom tempo, mesmo para uma criança com pais estáveis e amorosos. Aquele primeiro ano tinha sido difícil para todos, pelo menos até ela conhecer Drew.



Algumas fotos depois, seu sorriso arrogante e travesso irradiava para ela e Rory bateu a tampa de volta na caixa. Ela não estava pronta para enfrentar isso ainda.

A última caixa era larga e plana, e quando Rory abriu as abas, quase não acreditou no que estava vendo. Uma bolsa de plástico com zíper, amarelada pela idade, preencheu toda a caixa e, assim que a pegou, soube o que tinha de ser nela - ela simplesmente não entendia. Abrindo a bolsa revelou um vestido de noiva de renda cara, com mangas compridas, um decote V profundo e estreito e uma saia completa sem trem. O tecido provavelmente era branco, mas parecia ter se tornado marfim com a idade, e Rory não conseguiu encontrar nenhuma evidência de que o vestido tivesse sido usado.

Victoria Ellis nunca se casou. Tanto quanto Rory sabia, ela nunca tinha estado noiva ou tinha um relacionamento sério.

Então, de quem foi o vestido? E por que tinha estado no sótão de sua mãe?



Capítulo 4

A carta chegou uma semana depois, no primeiro dia dos meninos na escola. Rory acordou com um renovado senso de propósito, fez o cabelo e a maquiagem cuidadosamente e se preparou para encarar o primeiro dia normal de novo. De volta ao café, de volta a suas rotinas regulares.

Ela se sentiu determinada, energizada e decidida. Até que ela abriu a carta da companhia de seguros que estava esperando em sua mesa.

Eles estavam negando a alegação. A falha na fiação foi considerada culpada no incêndio, depois que o inspetor aparentemente determinou que o trabalho nunca fora elaborado. Um reparo havia sido feito em algum momento no passado, provavelmente por um amigo ou vizinho, e sua mãe provavelmente não tinha ideia de que tal decisão poderia ser devastadora.

Rory deixou cair a carta de volta na escrivaninha e apoiou a testa nas mãos, resistindo de alguma forma, ao desejo de chorar pelo notícia. Ela o apelaria, é claro, mas conhecia muito bem a mãe para duvidar que as descobertas se revelassem verdadeiras. Victoria tinha sido a pessoa mais gentil, mais generosa, e seus amigos e vizinhos sempre devolveram o favor. Ela poderia facilmente imaginar alguém se oferecendo para consertar um problema elétrico sem nenhum custo, e sua mãe fazendo-lhes várias semanas de lasanha caseira em troca.

Mas onde isso a deixou agora? Sem teto. E sem ideia de como ela poderia pagar por um novo lugar. Seu orçamento no negócio baseava-se



no fato de ela não ter casa ou pagamento de carro. Ela não podia imaginar onde encontraria tanto dinheiro sem cortar sua equipe, mas também não podia imaginar demitir ninguém.

Uma batida na porta interrompeu seus pensamentos cada vez mais em pânico, então ela colocou a carta fora de vista antes de responder. — Entre.

Isaac espiou pela porta. — Você está ocupada?

— Só tentando lembrar onde eu deixei a minha cabeça. — disse ela com um sorriso. — Não é em casa, então devo ter perdido em algum lugar por aqui. — ele sorriu de volta.

— Você pode vir aqui por um minuto? Há algo que eu preciso mostrar a você. Rory o seguiu para frente, onde ela ficou surpresa ao ver todos os seus funcionários reunidos na área principal da loja. Até mesmo Howard estava lá - tendo, de alguma forma, sido atraído a deixar a cozinha e a assadeira -, embora suas mãos estivessem atrás das costas e seu rosto barbudo estivesse com a costumeira carranca.

— O que é isso tudo? — Um sentimento súbito de apreensão tomou conta dela. Eles descobriram que ela poderia ter que deixar alguém ir? Eles tiveram algum tipo de notícia horrível?

— *Surpresa!* — Todo mundo começou a gritar e aplaudir enquanto Howard tirava um glorioso bolo de chocolate atrás das costas. Escrito sobre ele em glacê branco estavam as palavras “Bem-vinda de volta!” Seguidas de “A nossa chefe favorita”.

Rory podia sentir-se começar a ficar levemente vermelha com a atenção, mas ela sorriu e abraçou cada um de seus funcionários. — Sua *única* chefe. — brincou ela, e agradeceu-lhes pelo gesto pensativo, mesmo quando sentiu uma crescente sensação de culpa por seus



pensamentos anteriores. Essas pessoas não eram apenas seus empregados, eram seus amigos e vizinhos. Ela não poderia considerar deixar qualquer um deles ir.

Não, se ela fosse reconstruir, teria que haver outra maneira de encontrar o dinheiro.

Ela passou a hora seguinte conversando com clientes, e foi um enorme alívio se envolver mais uma vez nas vidas e preocupações de seus vizinhos, em vez de se concentrar em seus próprios problemas. Cada vez que a conversa tocava em sua situação pessoal, Rory se esquivava da pergunta e retornava o foco para alguém ou outra coisa. Foi eficaz, na maior parte do tempo - ela descobriu há muito tempo que a maioria das pessoas se sentia amada quando você expressava interesse em suas vidas ou se lembrava dos detalhes das conversas, e ela sempre tivera um talento para isso.

A única pessoa que se recusou a ser desviada foi Marcia.

— Você já ouviu falar sobre a casa? — Foi a primeira pergunta da boca da mulher mais velha, e Rory não estava pronta para discutir isso, então ela soltou a primeira coisa que veio à mente.

— Sim, mas eu estava querendo te perguntar uma coisa... minha mãe já foi casada?

Marcia deu-lhe um olhar estranho. — Não. Pelo menos não que eu saiba. Por que você perguntou isso?

— Estava passando pelos itens que sobreviveram ao fogo e encontrei um vestido de noiva antigo. Não parecia ter sido usado, então eu estava imaginando de quem poderia ter sido e por que mamãe o teria no sótão.

Marcia ficou em silêncio por alguns instantes. — Por que você não



vem em algum momento quando tiver uma chance. — ela disse finalmente. — Podemos conversar mais sobre isso. Não sabia que Victoria nunca te disse, mas tenho certeza que ela teria se... — ela não terminou a frase.

Ela teria, se Rory tivesse voltado para Echo Creek antes de sua mãe morrer.

* * *

Rory passou o resto da manhã e parte da tarde enterrada em seu escritório, atualizando os e-mails sem resposta enquanto fingia que não tinha decisões pessoais importantes a tomar. Quando finalmente retornou a caixa de entrada para um estado administrável, ainda não era hora de pegar os meninos, então ela pegou as chaves e resolveu fazer uma visita que estava adiando desde o Natal.

Kinley - a universitária amável e vivaz que cuidava dos meninos durante as férias de Natal e de verão - estava fora do hospital havia quase duas semanas. Dizia-se que ela estava a caminho de uma recuperação completa, mas Rory ainda tinha que parar e vê-la na casa de seus pais.

Ela ainda não havia decidido se era culpa ou falta de jeito mantê-la longe. Durante suas visitas ao hospital, ela tinha sido tranquilizada por Kinley e seus pais que eles não culpavam Rory pelo incêndio, mas ela ainda se sentia responsável, especialmente quando soube que Kinley não havia retornado à escola para a primavera. Se alguém a culpou ou não, Rory precisava ver por si mesma que tudo estava bem.

Os pais de Kinley viviam em uma charmosa casa de dois andares na periferia da cidade. O terreno deles ficava no pinhal, onde os meninos



brincavam e exploravam com a babá enquanto Rory estava ocupada no trabalho. Eles provavelmente sentiam falta de Kinley, embora a excitação do Natal e dos brinquedos novos tivesse sido suficiente para distraí-los até agora.

— Rory! — A mãe de Kinley, Tamara, abriu a porta com um sorriso amplo e um abraço. Ela era uma loira alta e escultural que fez Rory parecer muito pequena em comparação. — Kinley ficará tão feliz em ver você! Acho que ela está preocupada. Eu disse a ela que você estava apenas preocupada, mas... ah, não importa. Deixe-me dizer a ela que você está aqui.

Kinley estava preocupada? Sobre o que? Certamente ela não se culpou.

Com certeza, quando a jovem loira desceu, ela parecia pálida e moderada, e ela aceitou o abraço de Rory rigidamente.

— Como você está se sentindo? — Rory perguntou, tão alegremente quanto podia sem soar insensível. — Seus pulmões estão melhor? — Kinley provavelmente estava cansada de falar sobre isso, mas Rory precisava da confirmação de que a adolescente não havia sofrido nenhum efeito colateral em sua provação.

— Eu vou ficar bem. — Kinley afastou a preocupação de Rory. — Os médicos disseram que preciso descansar bastante e meus pulmões vão se curar. Mamãe e papai estão me obrigando a tirar o semestre para que eu possa ter comido o suficiente e dormir.

Kinley revirou os olhos um pouco, mas Rory sentiu um alívio sobre ela como uma onda. Pelo menos não haveria efeitos físicos a longo prazo. Os efeitos emocionais, sem dúvida, durariam mais, mas Kinley tinha pais amorosos que davam a ela todo o tempo e apoio de que ela precisava.



— Eu queria dizer de novo como sinto muito. — Rory começou, mas Kinley cruzou os braços e balançou a cabeça com firmeza.

— Você não tem nada para se desculpar. — disse ela, soando um pouco irritada. — Se alguma coisa foi... — ela mordeu o lábio e deixou cair o queixo até que o cabelo cobrisse metade do rosto, escondendo sua expressão. — Eu deveria ter...

Se ela não estivesse lidando com sua própria culpa, Rory poderia não ter ouvido a autocensura no tom de Kinley, mas de repente parecia óbvio. E ela só conseguia pensar em uma maneira de garantir que a mulher mais jovem entendesse como se sentia a respeito.

— Kinley. — Rory disse, em seu tom mais rápido e profissional. — Eu vim para ver você e ter certeza de que está se sentindo melhor, e eu quero que você tenha todo o tempo que precisa para se recuperar. Mas também queria te dizer pessoalmente que, quando você se sentir preparada para trabalhar, e se não trouxesse muitas lembranças ruins para você, eu adoraria que você cuidasse dos meninos novamente.

O queixo de Kinley se ergueu. Ela pareceu surpresa, e uma mancha vermelha apareceu em suas bochechas. — Senhora. Ellis, não achei que fosse me querer mais. Quero dizer, deveria ter sido mais responsável. Eu deveria ter tirado os meninos e não deixá-los ficarem presos lá. — Seus dedos apertaram onde eles agarraram seus braços e ela olhou para o chão, sacudindo a cabeça em frustração. — Deveria ter me lembrado do que sabia sobre segurança contra incêndios e não me colocar na posição que eu estava. Foi minha culpa, tudo isso, e estou me sentindo muito mal, mas não sei como ir e falar com você.

Rory estendeu a mão com as duas mãos, agarrou os ombros de Kinley e apertou-os suavemente, sentindo como se ela tivesse de alguma forma falhado novamente. Ela nunca imaginou que a jovem mulher estivesse sentindo tanta culpa, ou ela teria falado com ela semanas atrás.



— Não. — Rory disse com firmeza. — Absolutamente não. Você pode simplesmente parar aí, porque eu não vou ter você se culpando por nada. —ela deu a Kinley uma sacudida suave. — O incêndio não foi algo que você poderia ter parado ou mudado - foi causado por falhas na fiação. Não havia razão para você saber. Nenhuma razão para você ter feito outra coisa senão o que você fez. Eu sei o quanto você ama Sean e Trey, e não importa o que aconteceu durante o incêndio, sou grata que todos vocês estão seguros. Não consigo pensar em mais ninguém a quem prefiro confiar do que você.

Lágrimas começaram nos olhos de Kinley e ela jogou os braços ao redor do pescoço de Rory. — Obrigada, Senhorita Ellis. Muito obrigada! Estou mal há semanas, imaginando se a culpa pode ter sido minha.

Rory envolveu seus braços ao redor de sua jovem amiga, que começou a tremer com soluços de alívio.

Quando Kinley finalmente conseguiu falar de novo, ela recuou, enxugou as bochechas com a manga e sorriu chorosa: — Obrigada. Obrigada por me dar outra chance. — disse ela. — Você não sabe como tenho me torturado, imaginando o que poderia ter acontecido. — disse ela.

Ah, pensou Rory. Acho que posso ter uma ideia de como você está se sentindo, mas ela não disse nada sobre suas próprias lutas. Era suficiente que Kinley não suportasse o peso da culpa que deveria pertencer a Rory sozinha.

— Eu nunca culpei você por um momento. — Rory assegurou a ela. — Se qualquer coisa, me culpo por não saber sobre a fiação. Estou aliviada em saber que você está bem, e espero que me ligue assim que se sentir novamente como babá.



— A qualquer hora, Senhora Ellis. — Kinley disse ansiosamente. — Eu tenho enlouquecido apenas sentada em casa e adoraria ver os meninos novamente.

— Considere-se contratada. — disse Rory com um sorriso. — Vou te mandar uma mensagem de quando precisar de você e você pode me dizer quais datas você está disponível e se isso funciona para você?

— Perfeito! — Kinley abraçou-a novamente. — Posso ver os meninos hoje?

— Claro, por que não. — disse Rory, rindo apesar de si mesma. — Venha hoje à noite depois do jantar e vocês três podem se divertir juntos enquanto eu aprendo alguma papelada e tento não sentir inveja.

Ela saiu com a lembrança do sorriso brilhante de Kinley e se perguntou se já fora fácil para ela sair de situações traumáticas. E por que não poderia ser tão fácil agora?

Rory sabia que ela não era tecnicamente culpada pelo incêndio. Sabia que as circunstâncias estavam além de seu controle. Mas isso não fazia diferença alguma em seus sentimentos de culpa e, ao contrário de Kinley, ela não tinha ninguém para conceder sua absolvição.

* * *

Nas duas noites seguintes, Rory estava atormentada por pesadelos. Em seus sonhos, ela reviveu o fogo, sua última conversa com Drew e seu confronto final com Chris. Momentos que ela nunca foi capaz de se perdoar. Momentos que provavelmente sempre a fazem se perguntar se ela poderia ter feito algo diferente - algo que poderia ter mudado o resultado.



Em um esforço para superar as lembranças, ela se lançou em seu trabalho, enquanto também procurava uma casa para alugar e fazia mil versões diferentes de seu orçamento em busca de brechas. Quando ela estava em casa, limpou todas as superfícies da pequena casa, revisou suas listas várias vezes e sentou-se no chão com os meninos, muitas vezes deixando de realmente ouvir ou ver seus jogos.

Na sexta-feira, ela era um desastre sem sono e cansada. Em desespero, Rory decidiu que realmente precisava de uma mudança de cenário. Ela ainda não tinha substituído a maioria de suas roupas, e as lojas locais não tinham uma grande variedade de tamanhos de crianças. Talvez ela pudesse dirigir até Bend depois que ela deixasse os meninos na escola, fosse às compras e voltasse a tempo de buscá-los.

O céu nublado combinava com seu humor na viagem de uma hora, e nem mesmo os vislumbres de montanhas cobertas de neve poderiam aliviar a mente de Rory como costumavam fazer. Fazia muito tempo, ela percebeu, desde que permitiu que a paz e a majestade do cenário central de Oregon realmente afundassem. Ela adorou uma vez, e até mesmo caminhou pelo deserto ao redor com Drew e alguns outros amigos durante os longos e quentes verões. Sentada em um prado alpino sob um céu azul com os pés pendurados em um lago frio, já se sentira como a coisa mais próxima do céu.

Quando ela perdera a capacidade de viver o momento assim? Teria sido quando Drew morreu? Quando ela percebeu que seu casamento com Chris estava drenando cada pouco de alegria de sua vida? Ou quando ela recebeu o telefonema para informá-la de que Victoria tinha morrido, junto com a última chance de Rory de contar à mãe que a amava?

Nas próximas horas, Rory se perdeu nas compras. Ela substituiu alguns itens de seu próprio guarda-roupa e pegou jeans e camisas de mangas compridas suficientes para manter os garotos agasalhados até



que o tempo esquentasse. Eles, sem dúvida, teriam mudado de tamanho seis vezes até então, então não havia sentido em comprar demais.

Depois de conversar com ela pelo menos cinco vezes, ela também parou em uma loja de sapatos e substituiu suas botas favoritas. Mesmo em seu pior dia, Rory podia admitir que as botas eram sua fraqueza, e não era como se ela fosse substituir todos os pares que possuía. Apenas um. Pelo menos por agora.

Um almoço tardio completou a viagem, e Rory embarcou no retorno sentindo-se muito melhor. Ela realizou algo, mesmo que não fosse tão significativo, e sua mente parecia mais clara. Menos confuso. Quando chegasse em casa, ela se sentaria com seu orçamento e tomaria as decisões difíceis que precisavam ser tomadas. Ela não poderia morar na casa de Tess para sempre, e não havia sentido em arrastá-lo para fora.

Logo após o último desvio para Echo Creek, no trecho mais longo e menos viajado da estrada rural, seu jipe cambaleou e começou a crepitar. Um surto de pânico fez o coração de Rory disparar, mas ela permaneceu calma o bastante para olhar a temperatura do motor e o medidor de combustível. Tudo parecia normal. Checando carros atrás dela, ela parou ao lado da estrada e estacionou por um momento, se perguntando se deveria apenas dirigir e esperar poder chegar até em casa, ou parar antes de danificar alguma coisa.

Arriscando um breve acelerar do motor, Rory estremeceu quando resmungou, engasgou de novo e finalmente morreu completamente. Ela desligou. Tentou ligar de novo, sem sucesso. Ela estava presa.

Rory passou os próximos minutos resolutamente *sem* entrar em pânico. Eram apenas duas horas. Os meninos não saíam da escola até as três e quinze, e eram apenas mais vinte minutos para a cidade. Ela pegou o telefone para ligar para Tess, apenas para lembrar que nunca havia nenhum serviço naquele trecho da estrada.



Depois de bater a cabeça contra o volante algumas vezes, considerou as suas opções. Ela não tinha habilidade com carros, então descobrir o que estava errado sozinha estava fora de questão. Ela não podia ligar para ninguém, e não se sentia segura em sinalizar um motorista que passava para pedir uma carona. As chances eram boas, seria alguém que ela conhecia, mas de uma forma certa.

Ficar no carro dela ou andar?

Resmungando baixinho, Rory tirou o agasalho de inverno da parte de trás do jipe e vestiu o casaco de esqui, junto com o chapéu e as luvas mais desfavoráveis. Colocando a bolsa no corpo e o cachecol enrolado no nariz, ela trancou o jipe e começou a longa jornada de volta à cidade. Ou pelo menos até a borda da recepção com o celular, que não deveria ser mais do que algumas milhas.

Tudo bem, ela disse a si mesma. Se ela não aparecesse na escola, eles saberiam para quem ligar. E alguém provavelmente passaria a qualquer momento. Mesmo se não, não deve demorar mais de trinta minutos antes que ela pudesse fazer uma ligação.

Além disso, o Jeep estaria bem e definitivamente não precisaria de reparos caros.

Ela ouviu o veículo antes que pudesse vê-lo - o rugido de uma caminhonete a diesel da fazenda era inconfundível -, mas não se virou para ver quem estava vindo atrás dela. Se ela não os conhecesse, não queria que o motorista parasse, e quem a conhecesse teria reconhecido seu jipe abandonado.

Com certeza, a caminhonete desacelerou quando se aproximou e parou ao seu lado. Rory viu a cor e a forma pelo canto do olho e prontamente xingou os seus antepassados, sua sorte e todo o ano horrível. Silenciosamente. Porque Jake Cunningham era possivelmente a



última pessoa no planeta que ela queria ver naquele momento, xingar-se perto dele não era susceptível de melhorar sua opinião sobre ela.

Eles se olharam em silêncio por um momento pela janela aberta.

— O motor morreu? – ele perguntou.

Ela assentiu. — Sem serviço.

— Deixe-me levá-la para casa?

Ela assentiu novamente. Que escolha ela teve?

Uma vez, esse momento teria enchido seu coração adolescente de prazer. Ser resgatada por Jake de vários perigos tinha sido objeto de muitas fantasias de adolescentes, mas como adulta, era simplesmente embaraçoso.

— Obrigada. – ela disse baixinho, abrindo a porta e entrando na cabine sem encontrar os olhos dele novamente.

— Você está bem?

Ela assentiu enquanto ele seguia na estrada. — Apenas preocupada que eu não conseguiria voltar a tempo de pegar os meninos. Obrigada por parar.

Ele realmente pisou no freio no meio da estrada e se virou para olhar para ela. — Sei que você não pensa muito em mim, mas pelo menos você poderia me dar crédito pela decência humana básica?

Ela estremeceu. Tinha sido a coisa errada a dizer, e ela sabia disso assim que saiu de sua boca. — Sinto muito, Jake. Juro que não quis dizer isso assim.

Ele retomou o caminho, concentrando-se na estrada à frente com



uma intensidade unilateral. — Você ainda está brava comigo?

Rory olhou para o rosto dele. Sua mandíbula estava tão séria que ela podia ver a tensão mesmo sob vários dias de barba por fazer. — Não. — ela admitiu. — Sabia que tinha te julgado mal na época em que fui embora, mas não sabia como voltar e me desculpar. Eu sei que você não é uma pessoa cruel, eu só... — ela não sabia como dizer o resto. Não sabia admitir que não tinha ideia de como lidar com o passado.

— Você não precisa se desculpar.

Ela o olhou com desconfiança. — Se vou ensinar meus garotos a dizer que eles estão arrependidos quando eles enganaram alguém, você não acha que eu deveria começar a modelar isso?

— Você não me fez mal, Aurora. — Suas palavras eram silenciosas, verdadeiras, como sempre, mas Rory não podia começar a dizer como ele as queria dizer. Ele estava falando sobre a última conversa deles? Ou ele estava falando antes?

Seu celular exibia vários compassos para indicar que haviam entrado novamente em uma área de serviço, então Rory aproveitou a oportunidade para se distrair da tensão no caminhão. Ela ligou para Tess, explicou a situação e pediu que ela pegasse os meninos.

— Sinto muito. — disse ela, provavelmente pela quinta vez. — Eu preciso encontrar Marty e ver se ele pode ir pegar meu jipe, e eu não tenho como levá-los para casa.

— Rory, você precisa de mim para te pegar? Onde está você?

— Eu... Hum... Não.

Tess fez uma pausa. — Rory, alguém já te pegou?



— Jake está me dando uma carona de volta para a cidade.

Tess ficou em silêncio novamente por duas ou três respirações. —
Você está bem?

— Estou bem, Tess. — Rory tentou soar como ela quis dizer isso. —
Vou ligar assim que eu providenciar para que o jipe seja rebocado e
depois descobrir onde te encontrar.

— Não se preocupe com nada, ouviu? — Tess disse com firmeza. —
Você cuida do seu carro e eu pego os meninos.

Rory agradeceu e desligou, o que significou um retorno ao
desconfortável silêncio enquanto ela procurava o número do guincho.

A esposa de Marty atendeu. — Sinto muito, Rory, mas Marty esteve
doente nos últimos dias. Espero que ele esteja se sentindo melhor até
amanhã, mas não será capaz de rebocar seu jipe até a manhã, no mais
curto espaço de tempo.

Rory desligou imaginando se o universo estava conspirando contra
ela. Talvez ela devesse simplesmente admitir a derrota.

— Eu tenho um trailer. — disse Jake no silêncio.

— Um trailer? — ela repetiu.

— Uma carroceria. Com rampas. Eu posso levar seu carro para uma
garagem e você não terá que esperar por Marty.

A última coisa que ela precisava era se sentir mais em dívida com
Jake Cunningham.

— Não vai nem ligar. — ela disse. — Então, você não conseguiria
colocá-lo no trailer. Mas obrigada pela oferta.



— Ainda podemos levá-lo no trailer. — ele assegurou a ela pacientemente. — Eu tenho um guincho para retirar veículos da lama e da neve, então isso não será um problema. Está tudo bem se eu trocar com você?

Seus olhos ainda estavam na estrada, então ela se virou para observá-lo, imaginando se sua confusão estava escrita em seu rosto. — Como você pode ser gentil comigo? — ela deixou escapar.

A caminhonete desacelerou um pouco quando ele deu-lhe um olhar incrédulo. — O que mais eu seria?

Quando ela não respondeu, ele continuou. — Desde o incêndio, sinto que você está esperando que eu te acuse de algo. Quase esperando que eu morda sua cabeça. Você pode muito bem parar de esperar, porque isso não vai acontecer.

O que ele estava tentando dizer a ela? Ela tinha dificuldade em acreditar que ele simplesmente fizera as pazes com o passado e estava tentando pedir a ela que fizesse o mesmo. Não quando ele ainda estava estranhamente distante. Se ele tivesse seguido em frente, por que sempre teve tanto cuidado em mantê-la à distância?

— Então por que age como se não pudesse me ver por mais de três minutos a cada vez?

Ele não disse nada.

— Tem sido assim desde que voltei. Você entra na cafeteria e depois age como se não pudesse esperar para sair.

— Eu não achei que você iria me querer lá.

— O que? — Rory cruzou os braços e sentiu o rosto se transformar em sua expressão de “mãe”, mas ela não pôde evitar. — Essa é a coisa



mais ridícula que eu já ouvi e tenho dois garotinhos com excelentes imaginações. Ainda ontem, Trey me informou que estava se escondendo debaixo da cama porque o macaco voador com olhos de laser o perseguiu pelo corredor.

— Como você sabe que não foi?

Desde quando Jake faz piadas?

— O macaco voador era o irmão dele em uma capa do batman carregando uma lanterna.

Jake encolheu os ombros. — Então não foi tão ridículo.

— Por que você achou que eu não iria querer você lá?

Antes que ele pudesse responder, o celular dela tocou. Era Greta - sua cozinheira, sanduicheira e gerente de cozinha.

— Todo mundo está bem. — foi a primeira coisa que Rory ouviu, e seu coração apertou.

— É bom saber. — disse ela, fechando os olhos e apertando a ponta do nariz contra o súbito estremecimento de uma dor de cabeça. — O que aconteceu?

— E a cafeteria também está bem. Devemos ser capazes de reabrir até amanhã.

O que foi agora? Sua cabeça latejou mais forte. — Greta, apenas me diga o que aconteceu.

— Havia fogo.

O estômago de Rory revirou. — Pare a caminhonete.



Jake parou quando ela puxou freneticamente o cinto de segurança.

— Calma, espere. — disse ele, com sua voz baixa e calma. Ele estendeu a mão e apertou o botão, liberando-a do cinto.

Ela saiu correndo pela porta e entrou nos arbustos perto da estrada a tempo de vomitar todo o almoço.

O celular ainda estava em sua mão e podia ouvir Greta chamando seu nome, mas seu estômago ainda estava revirando e ela não tinha certeza se poderia falar ainda.

A porta de Jake se abriu e fechou, e ela o ouviu subir atrás dela. Sem dizer uma palavra, ele entregou-lhe uma garrafa de água. Ela entregou-lhe o celular.

— Greta?

— Quem é esse? — Rory ouviu sua cozinheira dizer.

— Este é Jake Cunningham. Posso dar uma mensagem a Rory?

Rory estava enxaguando a boca e não conseguiu entender o que Greta disse em seguida.

— Ela não está se sentindo bem... Não, ela teve algum problema no carro... eu vou dizer a ela... Ela precisa falar com alguém? — A pausa foi mais longa desta vez, então segurou o celular longe de sua orelha. — Ela precisa de seus documentos de seguro.

Naquele momento, o seguro parecia o pior palavrão que Rory podia pensar.

— No armário de arquivos no meu escritório. Gaveta superior, seção intermediária. As pastas são datadas por ano.



Jake retransmitiu a informação para Greta antes de desligar.

— Eles estão bem. — ele assegurou. — Havia uma pequena fogueira na cozinha. Eles o apagaram antes de fazer muito mais do que assustar a equipe. Ela disse que cheira um pouco, mas eles estão saindo.

— Obrigada. — Rory estendeu a mão para o celular, mas ele não devolveu imediatamente.

— Ela disse para se cuidar porque eles têm tudo sob controle.

— Eu sei. — disse Rory, impaciente. — Mas é meu negócio e meu trabalho. Eles não deveriam ter que lidar com esse tipo de coisas.

— Mas eles podem, e você tem muitas outras coisas no seu prato agora.

Rory ficou muito humilhada para ouvir. — Não me diga como fazer o meu trabalho, Jake. Eu sei o que preciso fazer.

Ele entregou-lhe o telefone e cruzou os braços sobre o peito. — Você precisa se anular um pouco. Você está lidando com um trauma e, se não diminuir, isso vai piorar.

— Como diminuo a velocidade? — ela perguntou ferozmente, enfiando o celular no bolso do casaco. — Tenho muitas pessoas dependendo de mim. Sou responsável pelos contracheques de meus funcionários e pela sensação de estabilidade e segurança de meus filhos. Eu tenho que ser forte para eles, mesmo que eu não tenha ideia do que estou fazendo, e agora esse seguro não vai pagar... — ela fechou a boca rápido. Ela não pretendia contar a ninguém, e ela especialmente não pretendia contar a Jake.

Seu queixo caiu para o peito e ela colocou os braços ao redor de si mesma. — Você pode esquecer que eu disse isso? Por favor? Eu não



quero que ninguém mais saiba ainda.

— Você vai apelar? — Jake teve a gentileza de se ater aos fatos.

— Sim, mas não acho que ajudará. Eles disseram que a fiação não estava à altura do código. Provavelmente feita por um amigo como um favor para a mãe, mas nunca foi verificada por um eletricista licenciado. —ela estremeceu quando o vento pareceu cortar através de seu casaco.

Uma leve pressão no braço a fez olhar para cima. Jake deu um passo mais perto e estava olhando para ela, com os olhos cinzas intensos e quase preocupados. — Você está congelando. Se sente bem o suficiente para voltar ao caminhão? Vou levá-la para casa e depois voltar para o seu jipe. Podemos falar sobre o seguro mais tarde.

Suas pernas tremiam tanto que ela nem se incomodou em discutir, apenas deixou que ele a conduzisse de volta ao caminhão e abrisse a porta para ela. Uma vez que ela estava dentro, ela não falou, apenas afivelou o cinto de segurança e ligou o aquecedor o máximo possível. Então ela se encolheu na frente por todo o caminho de volta para a cidade, imaginando o que o universo iria lançar em seguida.

Era apenas a cereja no bolo sem fim de que ela iria acabar se sentindo mais em dívida com Jake Cunningham, que não era nada além de paciente e gentil, assim como ela se lembrava dele. Onde aquele Jake estava se escondendo todos esses anos? Ele só estava se escondendo *dela*? E se sim, esse novo comportamento significa que ela ousou esperar que algo tivesse mudado? Que apesar de tudo, ele decidiu perdoá-la?

Parecia pedir muito, seja de Jake ou de sua própria sorte podre. Ela simplesmente teria que ser cuidadosa para não ler muito sobre isso, ou começar a esperar por algo que sempre foi inútil.



Ela nem sempre acreditou que era impossível. Mas a adulta Rory sabia que não deveria arriscar seu coração machucado ao desejar que sonhos antigos se tornassem realidade. Jake estava apenas sendo um bom vizinho, e os seus pais o criaram para ajudar os necessitados. Agora ela era simplesmente uma donzela em perigo, e assim que ele a salvasse, desapareceria novamente.

E quanto mais cedo ela se lembrou de que o desaparecimento de sua vida era uma coisa boa, melhor para todos os envolvidos.



Capítulo 5

Não me dói olhar para ela - vê-la carregando tanto, enquanto ela ainda não estava disposta a deixá-lo ajudar. Jake se sentiu sortudo por ela ter permitido que ele fizesse o mesmo que ela, mesmo que não fosse mais do que levá-la para casa e rebocar seu carro. Isso foi melhor que nada.

Mas ele queria mais, mesmo que não merecesse. Ele queria ser aquele em quem ela se apoiava, aquele que a seguraria quando o mundo parecia estar conspirando contra ela. Especialmente agora que ela deixou escapar a verdade - que ela não tinha como reconstruir a casa destruída pelo fogo.

Rory era forte, sem dúvida - ela tinha que ser para ter sobrevivido ao que a vida tinha lhe jogado -, mas também era mais frágil do que permitia a qualquer um ver, e o que queimava não era simplesmente uma casa para ela. Fora o primeiro e único lar que conhecera, o lugar onde tantas feridas tinham começado a cicatrizar. Mesmo quando ela estava no rancho com ele e Drew, montando cercas ou ajudando a consertá-las, provocando os dois impiedosamente e fazendo o mundo inteiro ressoar com sua risada, havia um senso de temor em sua voz sempre que ela olhava para seu relógio e percebia que era hora de ir para casa. Não fora nada menos do que um milagre para ela que tivesse um lugar para ir, e alguém que estivesse esperando por ela - alguém que se importasse o suficiente para perceber quando não estivesse em casa a tempo.



Uma parte dele invejava Drew naquele mesmo instante - invejava sua estreita amizade com Rory e a camaradagem fácil que fluía entre eles. Ela tinha sido amiga de Jake também, mas a diferença de seis anos entre eles tinha sido uma barreira muito maior na época. No começo, ela parecia tímida em torno dele, depois frustrada, quando ganhou confiança e começou a procurar desafios. Ela lutou constantemente contra a sua insistência em cautela, regras e paciência, enquanto aprendia a andar a cavalo, criar gado, dirigir um trator e consertar a irrigação. Eventualmente, ela se sentiu confortável o suficiente para provocá-lo, até mesmo zombou de quão quieto e sério ele era, e tentou o seu melhor para fazê-lo rir ou enfurecê-lo.

Em algum momento durante sua transformação de uma adolescente raivosa e de coração partido a uma mulher bonita e de espírito livre, ele se apaixonara por ela. E nos doze anos desde que, apesar das tragédias que ocorreram entre eles, ele nunca descobriu como se apaixonar de novo.

Quando eles entraram na entrada da pequena casa de Tess, Rory não abriu a porta imediatamente. Ela estava olhando para o colo e continuava torcendo as luvas entre as mãos.

— Sinto muito por te colocar em tanta dificuldade. — ela começou. — Por tirar um tempo do seu dia, e fazer você dirigir por aí cuidando dos meus problemas. Eu gostaria...

Ela ficou em silêncio quando ele se inclinou e pousou a mão em cima da dela.

— Pare. — Seus olhos se encontraram, e os dela abaixaram primeiro. — Não estou chateado. Deixe-me fazer isso e prometo que não vai se preocupar, pelo menos, com essas coisas. Você tem muitos outros problemas em mente agora.



Ela assentiu com a cabeça, parecendo que ia chorar, e pulou do caminhão antes que ele pudesse dizer qualquer outra coisa. Depois de um breve aceno, ela desapareceu na casa.

* * *

Levou a maior parte da tarde para pegar o trailer, carregar o jipe de Rory e levá-lo de volta ao rancho, onde ele ajudou Ben a empurrá-lo para a cafeteria e verificar os problemas mais óbvios que poderiam tê-lo atrasado. No momento em que ele terminou e parou na frente de Rory novamente, foi depois do jantar e a luz da varanda estava acesa.

Rory abriu a porta antes que ele tivesse tempo de bater. — Jake, o que aconteceu? Eu estava ficando tão preocupada, fui escrever uma mensagem de texto para você antes de perceber que eu não tinha o seu número. — ela acenou para ele e fechou a porta atrás dele.

Ele estendeu as chaves. — Eu levei de volta para a cafeteria e troquei um fusível. Tudo corre bem agora.

Seu queixo caiu. — Você está falando sério? Foi assim tão fácil? Eu não tenho que levá-lo para um mecânico?

Sua expressão era tão comicamente surpresa que ele quase riu. — Não, está tudo bem. Embora, você possa querer verificá-lo. Não parece que teve muita manutenção regular.

— Obrigada. — ela sussurrou, aceitando as chaves e mordendo o lábio. — Eu tenho sentado aqui agonizando sobre como levaria os meninos para a escola... — De repente ela pareceu lembrar com quem estava falando. — Obrigada. — ela repetiu. — Eu...

Ele não tinha ideia do que ela estava prestes a dizer e provavelmente



nunca iria descobrir, porque Sean e Trey escolheram aquele momento para correr para a sala, caindo um sobre o outro em uma competição para ver quem poderia chegar até ele primeiro.

— Oi! Você se lembra de mim? Os olhos de Sean estavam arregalados e ele estava praticamente pulando na ponta dos pés com excitação.

— Lembro. — Jake respondeu, agachando-se até que ele estava no nível dos olhos com os meninos. — Como vai você, Sean?

E então eles saíram, conversando por cima um do outro com volume e velocidade cada vez maiores. A maioria do que eles disseram parecia girar em torno da excitação da noite em que eles tinham conseguido pular de um telhado e tinham visto um caminhão de bombeiros de verdade. Em suas mentes jovens, aquela noite tinha sido elevada ao status de uma aventura sublime, completa com bombeiros, sirenes e permanecendo acordados após a hora de dormir.

— Eu nem estava com medo. — anunciou Sean, levantando o queixo alto, apenas para ser contrariado pelo irmão.

— Foi *muito* assustador. — disse Trey em voz baixa. — Eu pensei que íamos morrer.

Jake olhou para Rory. Seus olhos estavam brilhando com lágrimas e seus lábios tremiam, mas antes que ele pudesse dizer qualquer coisa, ela virou e saiu correndo da sala, com uma mão cobrindo sua boca.

Amaldiçoando sua própria inépcia, Jake revirou os DVDs no chão em frente à TV até encontrar um de desenhos animados sobre caminhões. Pelo menos ele esperava que fosse sobre caminhões, porque as ilustrações dos desenhos animados pareciam absolutamente arrepiantes. Assim que conseguiu que Sean e Trey comesçassem a assisti-



lo, ele se dirigiu cautelosamente para os fundos da casa, onde Rory estava em frente à pia da cozinha, os braços em volta de si, olhando cegamente pela janela para a escuridão.

— Você acha que vou parar de revivê-lo? — Sua pergunta surpreendeu-o com a sua vulnerabilidade. Ele esperava que ela fingisse que estava bem, negar o medo ou simplesmente afastá-lo. — Haverá um momento em que não vou me perguntar o que fiz de errado, ou se aquela noite poderia ter sido diferente?

Uma memória apunhalou através dele, afiada e dolorosa. Para ele, a resposta era não. Ele nunca parou de aliviar cada momento da noite em que seu irmão morreu. Nunca parou de imaginar o que ele poderia ter feito diferente. Mas queria melhor para Rory, então ele mentiu sem hesitação.

— Eventualmente. Faz apenas algumas semanas. Algum dia vai parecer confuso e distante, como se aconteceu com outra pessoa.

— Quando, Jake? — ela virou para enfrentá-lo, com lágrimas brilhando em suas bochechas. — Quanto tempo ficarei paralisada com esse medo de que minha próxima decisão será a errada? Da próxima vez, e se eu os deixar entrarem naquele carro? E se ninguém chamar no fogo? Algum dia eu vou cometer outro erro e pode não haver ninguém lá para resgatá-los.

Ele tinha ouvido alguma coisa lá, algo que não soava aleatório, e ele não podia simplesmente deixar passar. — Que carro?

— Nada. — ela balançou a cabeça. — Foi antes de Trey nascer. Mas isso é agora, e não sei como fazer isso. Não sei como mantê-los seguros. Como ser forte e fazer as escolhas certas *todas às vezes*.

Lágrimas novas surgiram e Jake perdeu a mente temporariamente



com a visão. Sem pensar no que ele estava fazendo ou se era uma boa ideia, ele deu dois passos à frente, passou um braço em volta dos ombros dela e a puxou gentilmente contra o peito dele.

* * *

Por um momento, Rory decidiu não se deixar pensar. Sem dúvidas, sem duvidar. Jake estava quente e firme. Sua jaqueta cheirava a feno, cavalos e inverno, e ela sonhara com seus braços ao redor dela por tantos anos que ela apenas fechou os olhos, apoiou-se em sua força e deixou que ele a segurasse enquanto ela chorava.

Ela podia ouvir o murmúrio da TV no fundo e percebeu que ele deveria ter colocado um programa para os garotos para que não entrassem e vissem suas lágrimas. Ele sempre foi silenciosamente pensativo assim. Nunca houve qualquer fanfarra em seus gestos, ele sempre parecia saber o que precisava ser feito.

Quando a mãe dela foi internada pela primeira vez com a insuficiência cardíaca que acabou por reclamar a sua vida, Drew fez o que Rory fez, mas foi Jake quem levou-a até Bend depois da escola, enquanto Drew estava no treino. Jake se certificou de que ela se sentisse confortável em um cavalo antes de deixá-la andar no sertão. E Jake, que conheceu com paciência cada uma de suas explosões de raiva, em vez de desistir dela.

Então, por um momento perfeito, ela se permitiu imaginar que não havia nada de trágico entre eles e estava livre para amá-lo. Que ele a manteve fora de alguma emoção diferente de dever.

Mas um momento durou apenas um tempo e depois acabou. Rory se forçou a se afastar antes que ela pudesse ficar perigosamente apegada à



sensação de calor e segurança, porque não importava o quanto ela desejasse poder se apoiar em alguém, agora a realidade era que ela não tinha ninguém em quem confiar além de si mesma.

— Sinto muito. — ela murmurou, com os olhos no chão enquanto enxugava as bochechas. — Não queria perdê-lo por algo tão pequeno. Ou tentar afogar você em lágrimas. Eu juro que vou me acalmar agora, então você não precisa se sentir obrigado a ficar.

Mas ele não se afastou. — Você nem sempre tem que manter-se calma. — ele disse baixinho. — Tudo bem precisar de alguém. Tudo bem, admitir que você não pode ser perfeita.

Ela riu, mas o som foi inutilizado e inseguro na pequena cozinha. — E como você sabe alguma coisa sobre isso, Jake? Como o perfeito irmão Cunningham sabe o que é precisar de alguém? Ou cometer erros? Sabe quantas vezes me perguntei se você era capaz de estragar tudo?

Seu rosto ficou sério e perigoso e ele deu um passo para trás. — Isso é realmente o que você acredita?

— É a verdade! — protestou ela, sabendo muito bem que tinha ido longe demais, mas incapaz de se conter. — Todo mundo disse isso. Mesmo quando você era adolescente, você era tão sério e responsável que às vezes me perguntava se você era real. Drew costumava... — Sua voz sumiu quando ela percebeu o que quase dissera.

— Drew costumava com o quê? — ele disse, e havia uma firmeza em sua voz que ela nunca ouvira antes. — Meu irmão é aquele que colocou essa ideia na sua cabeça? Eu não sei onde ele conseguiu, ou como você pode fingir que acredita nisso, mas você não poderia estar mais longe da verdade.

— Ah, é mesmo? — O constrangimento a fez disparar para ele. —



Diga-me que tipo de erros horríveis você tem escondido. De onde estou, você ainda parece o mesmo homem para mim.

Ele era exatamente o mesmo homem, e ela ansiava por olhar para ele. Ela dissera uma vez a Willow que queria um homem com cicatrizes que combinasse com o dela, mas era mentira. Ela pretendia se convencer de que Jake Cunningham não era para ela. Que um homem tão perfeito como ele nunca a desejaria.

— O mesmo? — ele disse com voz rouca, com os punhos fechados e os olhos brilhando. — Sim, sou o mesmo homem que você conheceu. O mesmo cujos pais se mudaram para outra cidade para não terem que ver seu rosto. O mesmo homem que vive todos os dias com a culpa de saber que ele causou a morte de seu irmão e não há nada que o traga de volta.

Um horrível sentimento doentio atingiu Rory no estômago enquanto ela olhava para o olhar torturado de Jake. O que ele estava dizendo? Como ele não sabia?

— Jake, não. — ela gaguejou, estendendo a mão como se para pará-lo, incapaz de processar a ideia de que, esse tempo todo, ele acreditava que o que aconteceu naquela noite era sua própria culpa. — Você não teve nada a ver com aquilo. Você nem estava lá! Aquilo foi...

— Não faça isso. — ele interrompeu friamente. — Talvez você possa fingir que não aconteceu, mas eu não posso. Eu tenho que viver com isso todos os dias. Então, *nunca* pense que eu não sei o que significa viver com meus erros.

Ela só podia assistir quando ele se virou e saiu da cozinha, cruzou a sala e saiu pela porta da frente, deixando-a bater atrás dele com um clique silencioso.

E então não havia nada a fazer senão começar a chorar de novo.



Ele não sabia. Todo esse tempo, ele não sabia o que aconteceu na noite em que Drew morreu. E ela teria que ser a única a contar a ele.

* * *

Naquela noite, depois que os meninos estavam em segurança na cama, Rory tirou a caixa de fotos que encontrara no armazém. Se ela se sentia pronta ou não, ela precisava revisitar seu passado. Precisava se lembrar de como tudo começou e como tudo terminou. Havia pelo menos uma foto de Drew naquela caixa e provavelmente mais.

Em vez de fechar a tampa em suas memórias, ela tirou a foto de seu rosto risonho, de olhos brilhantes e deixou o passado inundar de novo. Ela sabia quando essa foto foi tirada. Depois do treino de futebol, em uma noite fria de outono, quando Victoria veio buscá-la, e ela e Drew estavam sentados no capô de sua caminhonete, fazendo previsões ridículas sobre o futuro. Um momento ele queria jogar pela NFL, outro momento ele iria para a faculdade em Nova York e, eventualmente, jogar na bolsa de valores. Não importa qual o sonho dele no momento, ele estava sempre planejando deixar Echo Creek para trás.

Eles costumavam falar sobre deixar a cidade juntos um dia depois de se formarem. Drew até brincou sobre eles se casarem, mas nunca foi mais do que uma brincadeira. Eles tinham sido melhores amigos desde o dia em que se conheceram na sétima série, e ambos se conheciam muito bem para acreditar que um relacionamento romântico teria dado certo. Mesmo que Drew nunca suspeitasse que ela estava apaixonada por seu irmão, ambos eram muito loucos e muito impulsivos. Ele precisava de alguém que o firmasse, não encorajasse todas as suas ideias malucas.

Como aquela última noite se provou muito bem.



Abaixo daquela foto havia outra que fez a respiração de Rory ficar presa no peito. Era dela, parecendo pálida e aterrorizada, com o cabelo ruivo trançado enquanto se empoleirava na sela de uma égua baia gorda e de aparência plácida.

Essa foi sua primeira vez em um cavalo. Na época, Rory não estava exatamente eufórica sobre isso. O animal era enorme e imprevisível, com patas do tamanho de seu rosto. Como essas duas cordas de couro supostamente controlavam um animal que pesava mais de mil quilos?

Olhando agora, ela sabia que a fera debaixo dela provavelmente estava prestes a cair no sono, mas a garota na foto não sabia o suficiente sobre cavalos para contar. Ela estava petrificada, e seus olhos estavam colados em Jake, que estava em pé ao lado da cabeça do cavalo, segurando as rédeas. Estava sem seu chapéu, e os seus olhos nunca saíram dos dela enquanto ele lhe dizia como segurar as rédeas, como ajustar os pés nos estribos e como se manter equilibrada na sela. Drew deve ter tirado a foto - ele estava pendurado de cabeça para baixo no parapeito da cerca, rindo histericamente pela expressão dela.

Ela tinha treze anos, e foi a primeira vez que percebeu que tinha uma queda enorme pelo irmão mais velho de seu melhor amigo.

Deixando isso de lado, Rory pegou a próxima foto e sorriu um pouco ao ver-se em um vestido azul brilhante, posando desajeitadamente ao lado de Drew sob um arco coberto de balões. O seu baile da oitava série. Vários outros garotos lhe convidaram, mas se sentia estranha ao redor de todos, exceto do Drew. Depois disso, sempre dançariam juntos. Provavelmente ninguém mais pensou em convidar, porque muitos de seus colegas de classe assumiram que eles estavam namorando.

Rory respirou repentinamente. Eles nunca confirmaram os rumores, mas também nunca se preocuparam em negá-los com veemência. Não



havia mais ninguém em quem nenhum dos dois estivesse interessado.

Bem, no caso de Rory, ela simplesmente não estava disposta a *admitir* isso.

Mas poderiam ter enganado mais do que apenas seus colegas? Jake também acreditava nisso? E seus pais?

A foto seguinte era dela e da mãe, que uma vez elas haviam passado pelas montanhas para ver o oceano. Foi logo após sua adoção, antes da primeira hospitalização de Victoria. Pediram a um estranho que tirasse uma foto deles em frente a Yaquina Head Lighthouse¹. O vento chicoteou os cabelos em uma massa voadora de vermelho e cinza, mas eles sorriam como se não conseguissem imaginar que qualquer tragédia poderia estar esperando para arrancar a felicidade que encontraram.

Vasculhando mais fundo na caixa, Rory se perguntou mais uma vez sobre o vestido de noiva, agora escondido em um canto de seu armário. Poderia haver uma imagem em algum lugar indicando quem era a dona? Quem poderia ter usado? Ou porque a mãe dela havia escondido no sótão.

Marcia foi evasiva no assunto e ela nunca foi. Rory provavelmente deveria aceitar a oferta da mulher mais velha e fazer uma visita.

Havia uma série de fotos em preto e branco de pessoas que Rory nunca conheceu. Uma mulher sorridente em um vestido florido segurando um bebê. Um homem alto, de aparência severa, de terno, em pé na frente de uma casa de tijolos. O pano de fundo em todas as fotos parecia ser ruas da cidade - algumas com prédios altos e antiquados, diferente de tudo que Rory já vira no Oregon. Poderiam ser membros da família ou parentes distantes da mãe dela?

Victoria nunca mencionou sua família, e as poucas perguntas de



Rory foram recebidas com um silêncio teimoso que a convenceu a não perguntar mais. Se sua mãe tinha família em algum lugar, deve ter havido alguma razão convincente para ela esconder tal coisa de sua filha adotiva.

Abaixo das fotos mais antigas havia outra foto colorida, uma que levava a outra mão de Rory à boca para cobrir os lábios trêmulos. Três rostos familiares preenchiam o centro da imagem - a dela, a de Drew e a de Jake. Eles estavam sentados em cima do muro no rancho, Rory entre os dois meninos. Sua cabeça foi jogada para trás e ela estava rindo com o tipo de alegria inconsciente que não sentia há anos. Drew estava observando-a, e era estranho ver seu rosto agora, tantos anos afastados, e se perguntar sobre o calor em seu sorriso.

Se ela tivesse visto aquele olhar no rosto de um homem agora, teria pelo menos considerado que ele poderia ser atraído por ela. Mas era Drew. E eles eram apenas amigos.

Jake estava olhando para seu irmão, e ela podia ver o amor e orgulho escritos até mesmo na ligeira curva de seus lábios. Ele sempre foi cuidadoso e protetor com Jeremiah e Drew, o que deixou o mais novo Cunningham louco e o inspirou a provar que ele não precisava de seu irmão mais velho cuidando dele.

E Jake de alguma forma acreditou ser responsável pela morte do irmão mais novo que ele amava.

Acreditou que seus pais se afastaram para evitar vê-lo.

Acreditava que o peso da culpa pertencia por direito a ele.

Como ele poderia ter vivido com isso por tantos anos e nunca ter contado a ninguém?

Como ela poderia deixá-lo continuar sem dizer a verdade?



1. Yaquina Head Lighthouse: é um farol construído em 1873, localizado em Newport, Oregon, Estados Unidos.



Capítulo 6

As próximas semanas foram as piores que Rory pôde lembrar. Ela passou pelos movimentos de retornar às suas rotinas normais. Ela levou os meninos para a escola, foi trabalhar, conversou com seus clientes, pediu suprimentos, planejou eventos e sorriu como se tudo estivesse certo em seu mundo. Ela frequentava a igreja com os meninos, lia para eles todas as noites e os abraçava com força antes de dormir. Quando tinha tempo - entre as exigências normais de seus dias, procurava novos lugares para a família morar e pesquisava possibilidades de reconstrução no local de sua casa de infância.

Do lado de fora, ela era serena, confiante, polida, enquanto no interior suas dúvidas e ansiedades roíam seu autocontrole e erodiam sua confiança até parecer que estava pendurada em sua sanidade por suas unhas. Todas as noites, depois que os meninos iam para a cama, ela passava as próximas horas lutando com seus próprios medos, lutando para controlar sua ansiedade, procurando a coragem de fazer tudo o que precisava ser feito.

Toda vez que ela pensava que ela tinha coragem de contar a verdade a Jake, ela se acovardou antes do amanhecer. E Jake, compreensivelmente, parecia estar evitando entrar na cidade. Evitando-a.

Na última semana de janeiro, Rory estava em seu escritório, lutando contra uma dor de cabeça enquanto examinava uma pilha de faturas pela quarta vez, quando Willow enfiou a cabeça pela porta.



— Você tem um segundo?

— Claro. — Rory deu a sua mais nova funcionária um sorriso. — Como vai você, Willow?

— Nunca estive melhor. — Willow respondeu com sinceridade, entrando e fechando a porta atrás dela. — Eu estou com medo de ter que testemunhar contra o meu irmão, mas Cale prometeu ir comigo, e eu estou esperando que não vai demorar muitos meses antes que eu possa deixar isso tudo para trás.

— Você está feliz com suas horas, ou eu tenho te dado muitas?

— De jeito algum! — Willow parecia ansiosa para tranquilizá-la. — Eu amo trabalhar aqui.

Rory tentou imaginar o que mais a jovem tímida e hesitante poderia precisar falar com ela. — Todos estão te tratando bem?

— Eu estou bem, na verdade. — Willow respondeu, juntando as mãos na frente dela e baixando o olhar para os dedos firmemente atados. — Eu, hum... eu realmente queria perguntar sobre você.

— Sobre mim? — Rory ecoou.

— Sim. — Willow não parecia ser capaz de olhá-la nos olhos. — Eu sei que sou apenas sua funcionária e não a conheço muito bem, mas sinto que algo está errado. Você não parece muito com você mesma, e eu queria ter certeza de ter alguém com quem você possa conversar. Se você precisar.

A boca de Rory se abriu quando olhou para a mulher loira e quieta. Por alguma razão, ela não esperava que Willow se aproximasse dela novamente, mas deveria tê-lo feito. Alguém como Willow - que lidou com sua própria parcela de medo e ansiedade - provavelmente



seria rápida em reconhecer sinais de angústia nos outros.

— Obrigada, Willow. — ela disse com sinceridade. — Eu aprecio sua preocupação. Isso *tem* sido uma tarefa difícil algumas semanas, mas eu tenho certeza que as coisas vão se acalmar eventualmente. Tem havido muita coisa acontecendo, acho que perdi muito sono e não tive a chance de processar tudo ainda.

Era um discurso destinado a tranquilizar seu público de que tudo estava bem - *nada para se ver aqui* - e Rory esperava que Willow aceitasse o valor nominal.

A mulher mais jovem parecia ficar um pouco mais pálida do que o habitual, mas ela não se moveu. — Eu realmente acho que é mais do que isso. — disse ela, e sua voz realmente tremeu, como se estivesse apavorada, mas determinada a falar de qualquer maneira. — Eu sei que não tenho o direito de dizer isso, mas não tenho certeza se alguém mais vai, então aqui está - por favor, fale com alguém. Não faça isso sozinha. Você já passou por muita coisa e não precisa estar carregando tudo sozinha. Acredite, eu fiz e é horrível.

Rory piscou de volta as lágrimas repentinas. Como ela teve tanta sorte? Havia tantas pessoas em sua vida que se importavam com ela - que a amavam o suficiente para ser honesta. Pena que todos acreditavam que ela era alguém que ela não era - alguém que era honesta com eles em troca. Alguém que tomava decisões sábias e nunca machucaria as pessoas com quem ela se importava.

— Eu prometo que vou falar com alguém. — disse ela, e desta vez, ela quis dizer cada palavra. — E eu agradeço que você se importe o suficiente para dizer isso. Eu sei que não pode ter sido fácil, mas você está certa. Nós precisamos um do outro.

Willow ficou corada e foi até a porta. — Ok, era isso. É melhor eu



voltar ao trabalho.

— Obrigada de novo. — disse Rory, mas a porta já estava se fechando.

Ela apoiou o rosto nas mãos e gemeu. Até Willow poderia dizer que ela não estava realmente mantendo a calma. Quem mais poderia ver? E o que ela ia fazer sobre isso?

Com um repentino choque de percepção, Rory se levantou, pegou sua bolsa e saiu do escritório. Ela enfiou a cabeça na frente da cafeteria e chamou a atenção de Kristal. — Estou saindo um pouco cedo. — ela disse. — Então, me ligue se precisar de alguma coisa.

A balconista assentiu, mas o olhar dela foi para o balcão, onde Alicia Alverson estava no meio de fazer um pedido.

Rory às vezes pensava em Alicia como a ruína de sua existência, mas, na verdade, a mulher não dava a Rory nenhuma má vontade especial. Ela era simplesmente uma daquelas pessoas que eram extraordinariamente difíceis de serem educadas regularmente.

No momento, estava em seu melhor condescendente, pronunciando cada palavra de seu pedido de forma lenta e exagerada. Willow estava ouvindo sem o menor indício de expressão.

As duas tinham tido vários encontros no passado, e Alicia tinha saído um pouco pior do último. Rory a informara educadamente de que poderia parar de espalhar fofocas maliciosas sobre a mais nova funcionária de Creekside ou encontrar algum outro lugar para comprar café. Dado que Creekside estava mais ou menos se tornando o centro social da cidade, Alicia não queria arriscar ter seus privilégios revogados, então ela decidiu fingir que seu pedido estava errado toda vez que Willow anotava.



— E tente acertar desta vez, querida.

Rory segurou a maçaneta da porta e, provavelmente pela centésima vez nos últimos quatro anos, resistiu à vontade juvenil de jogar café por cima do cabelo loiro perfeitamente arrumado de Alicia. Algum dia, ela não seria capaz de resistir. Era só uma questão de tempo e, quando acontecesse, seria glorioso, mas por hoje, era uma bênção que Willow possuísse muito mais autocontrole do que Rory já tivera.

Willow entregou a Alicia um copo de papel vazio que ela anotou.

— Esta é a bebida que você quer? – perguntou ela.

Alicia olhou para o copo. — Eu suponho que sim, mas porque...

Willow a interrompeu. — Eu escrevi tudo em pequenas palavras para que não haja qualquer erro. – disse ela calmamente. — Essa é a bebida que você quer, e agora você sabe que eu fiz o seu pedido corretamente.

Os lábios de Alicia se afinaram, mas não havia muito que ela pudesse dizer depois disso, então ela se afastou do balcão para abrir espaço para o próximo cliente.

Rory riu e saiu pela porta dos fundos. Willow podia parecer quieta e despretensiosa, mas a vida em Echo Creek estava mudando-a. Sob aquele exterior tímido havia uma determinação de aço e um senso de humor malicioso. Mais uma grande percepção.

Ou talvez, isso não fosse uma mudança depois de tudo. Talvez, Willow tivesse descoberto que estar entre pessoas que a amavam incondicionalmente permitia que sua verdadeira personalidade emergisse.

Rory sentiu como se nunca tivesse se entendido até ser amada pela



primeira vez. Ela nunca tinha percebido o quanto ansiava por fazer parte de algo maior até ver a assinatura de sua mãe em seus documentos de adoção e saber que finalmente tinha uma família. Ela nunca experimentou seu próprio desejo de ser necessária até que a doença de sua mãe lhe desse a oportunidade de cuidar de outra pessoa. E ela nunca considerou sua necessidade de amizade até que permitiu que Drew se aproximasse o suficiente para curar as feridas de seu passado.

Assim que parou de afastar todo mundo, Rory descobriu tudo o que a tornava única, escondendo-se sob todas as suas mágoas e formigamentos, e ousou sonhar que Aurora Ellis pudesse ser alguém que valesse a pena conhecer.

O que aconteceu com ela nos últimos doze anos? Quando ela se enterrou novamente atrás de espinhos, moitas e paredes tão altas que ninguém teve um vislumbre de seu verdadeiro eu? Quando Drew morreu? Quando Chris a traiu? Ou quando ela voltou para Echo Creek, sabendo que nunca poderia apagar a dívida que devia às pessoas que mais a amavam?

Qualquer que fosse o caso, Willow estava certa. Rory precisava falar com alguém e a melhor pessoa para falar nesta cidade era Marcia Dillon. Com sorte, ela também seria a melhor pessoa para dar respostas.

* * *

Dois biscoitos e uma caneca gigante de chá depois, Rory finalmente teve coragem de fazer uma de suas perguntas. Não foi uma das mais importantes. Ela ainda não sabia como perguntar se um coração partido nunca cura, ou se ela poderia ser perdoada por seus erros, então começou com algo mais fácil.



— Marcia, você disse que eu deveria vir falar com você, então aqui estou eu. Por que minha mãe nunca me contou sobre o vestido de noiva no sótão?

Marcia abaixou o chá e deu um olhar a Rory. — Acho que provavelmente houve muito que Victoria nunca lhe contou. Não porque ela não confiasse em você, mas porque ela não queria sobrecarregá-la com sua própria dor e segredos quando você já estava lidando com tanta coisa.

— Ela falou com você sobre isso?

— De vez em quando. — admitiu Marcia. — Ela nunca permitiu que alguém realmente se aproximasse dela, enquanto ela dava muito, também era muito reservada em muitos aspectos, então havia muitas coisas que ela apenas insinuava. Mas se você quiser saber sobre o vestido de casamento eu posso te dizer. Eu só pediria para não deixar isso fazer você pensar mal dela.

— Como eu poderia pensar mal dela? — Rory perguntou, um pouco chocada por Marcia sugerir isso. — Ela me deu uma casa e me amou quando ninguém mais me aturou. Realmente não me importo se ela estava pintando murais para a turba.

Marcia riu. — O vestido era de sua mãe antes que fosse dela. — explicou ela, recostando-se no sofá e cruzando as pernas. — Victoria foi prometida uma vez, por um jovem que teve a aprovação de seu pai. Ele era filho de outra família rica e seus respectivos pais planejavam combinar alguns de seus interesses comerciais através do casamento.

— Minha mãe não gostou dele. — Rory adivinhou.

— Ela sempre sonhou em ser uma artista. — Marcia tirou os óculos e limpou-os no suéter. — O pai dela achou que era um sonho tolo. Ele



queria que ela se estabelecesse e criasse uma família, fosse uma esposa da sociedade. Ela ia acompanhá-lo até o último minuto. Literalmente. Ela mudou de ideia no caminho para a igreja, pegou um táxi para a estação de trem e saiu da cidade.

O queixo de Rory caiu. Sua doce, calma e paciente mãe uma vez deixou um homem no altar?

— Onde ela foi?

— Bem, seus pais moravam em Boston. Ela viajou de trem para Nova York antes de tentar ligar para os pais e explicar, mas o pai exigiu que ela voltasse e terminasse o casamento. Ela recusou, desligou e voltou ao trem. Fui até o Oregon antes que seu pai cancelasse seu cartão de crédito.

— Ela voltou?

Marcia sacudiu a cabeça. — Adoraria dizer que eles se reconciliaram, mas nunca o fizeram. Victoria fez uma última ligação para dizer onde estava e que esperava que eles a perdoassem o suficiente para visitá-la um dia e depois nunca mais falaria com eles.

— Eles nunca vieram. — disse Rory suavemente. — O vestido de noiva era a única coisa que ela deixara de seus pais. — Pelo menos isso explicava por que sua mãe nunca quisera falar sobre sua família.

— Não é tudo. — disse Marcia. — Depois que Victoria se instalou aqui, sua irmã mais nova enviou algumas fotos de família antigas, junto com uma carta ocasional, mas uma vez que a irmã se casou com o ex-noivo de sua mãe, elas nunca mais conversaram novamente.

Essas teriam sido as fotos que Rory encontrou. Fotos de família que ela nunca conheceu existiam, morando longe em Boston. Eles poderiam ter sido suas tias, tios, primos. Até os avós. Ela poderia realmente ter



avós?

— Algum deles ainda está vivo?

Marcia encolheu os ombros. — Eu não tenho certeza se Victoria nem sabia a resposta para isso. No final, ela se recusou a deixar alguém entrar em contato com eles. Disse que se eles não puderam se importar com ela enquanto ela estava viva, ela não poderia imaginar por que eles iriam querer vê-la depois que estivesse morta.

Rory podia imaginar alguns milhões de razões, mesmo quando lutava com as emoções conflitantes de choque, culpa e uma nova sensação de pesar. Sua mãe morreu sozinha. Ela recusou-se a ser colocada na lista de transplantes quando sua insuficiência cardíaca piorou, e no final ninguém estava lá para segurar sua mão e dizer que ela era amada.

Primeiro sua família biológica falhou, e então Rory falhou com ela.

— Ela não a culpou. — disse Marcia, parecendo ainda mais do que o normal, como se pudesse ler a mente de Rory. — Por não vir. Ela sabia do acidente, e tudo o que queria era que você e Sean ficassem bem. Lembro-me dela dizendo que esperava que você não se culpasse. Que nada disso foi sua culpa.

Claro que ela teria dito isso. Rory sabia, sem dúvida, que sua mãe a amaria até o fim e queria que ela fosse feliz. Mas Rory também não conseguia se livrar da convicção de que Victoria poderia ter se sentido traída. Ela deu tudo o que tinha para uma filha adotiva que ninguém mais queria, e tudo o que ela ganhou foi uma morte solitária.

Além disso, Victoria não estava lá para a troca de palavras que veio antes do acidente de carro. Ou o primeiro acidente ou o segundo. A culpa nunca era simples, nunca era fácil de indicar, mas Rory sabia que



ela tinha uma parte da culpa por ambos os momentos que tinham feito muito para moldar o curso de sua vida.

Teria sido tão fácil, nesse momento, cair no profundo poço da culpa e da auto-culpa que sempre esperavam em algum lugar no fundo de sua mente. Mas com o chá na mão e as lembranças de um terror mais recente ainda recente, Rory não estava pronta para sentir aquela antiga dor de novo, então voltou a um pensamento mais feliz.

— Você está dizendo que é possível que eu tenha família em algum lugar.

Marcia não parecia muito encorajadora. — Eles provavelmente não sabem que você existe e, se sabem, não posso imaginá-los recebendo-os de braços abertos. Nada a ver com você, querida. — acrescentou ela tranquilizadamente. — Não sendo pessimista, mas eles não soam como uma família muito amorosa, mesmo antes do fiasco do casamento.

Mas Sean e Trey podem ter bisavós. Talvez até primos. Não valeria a pena o risco de descobrir? Se não o fizesse, ninguém jamais saberia se a família Ellis se arrependeu da violação com Victoria. Se desejavam reconciliação, ou se perguntavam sobre memórias perdidas. Rory sabia que ela se arrependia de cada momento que sentia falta com sua mãe. Ela só podia imaginar o que sua avó poderia estar sentindo, sabendo que sua filha estava perdida para ela junto com qualquer chance de absolvição.

— Marcia, me diga a verdade. — disse ela de repente. — Minha mãe lhe contou como entrar em contato com sua família antes de morrer?

A mulher mais velha deu-lhe um olhar pensativo por cima dos óculos de aro dourado antes de se levantar abruptamente. — Espere aqui. — disse ela.



Vários minutos depois, ela voltou para a sala carregando uma pequena caixa de sapatos amarrada com barbante. — Eu acredito que está aqui com todas as minhas antigas listas de endereços. — disse ela, sentando-se e desamarrando o barbante. — Pouco antes de ela ir ao hospital pela última vez, Victoria me deu as informações mais recentes que ela tinha sobre sua família. Ela disse que eu deveria dar a você quando o tempo parecia certo, mas poderia dizer que ela não tinha certeza se aquela hora chegaria. Não queria que eles tivessem a chance de machucá-la da mesma forma que a machucaram.

Os olhos de Rory se encheram de lágrimas e ela as sentiu começarem a escorrer por suas bochechas quando Marcia abriu a caixa. — Então ela deve ter acreditado que eu voltaria. Ela morreu acreditando. — Era apenas mais uma lembrança do quanto ela não merecia o amor inabalável e a confiança de sua mãe.

— E ela estava certa. — Marcia disse a ela, tirando um cartão amarelo da caixa e colocando no colo de Rory. — Eu não sei se alguém já disse a você... — ela continuou com cuidado. — Mas Victoria estipulou que você não fosse informada sobre sua herança até que você voltasse para morar aqui.

— O que? — As mãos de Rory ficaram moles com o choque. — Não. Quer dizer, eu nunca soube. Viemos aqui o mais depressa possível. Eu arrumei as malas enquanto Trey ainda estava no hospital, e nos mudamos de volta assim que ele pôde viajar. Foi você quem me viu no centro e disse que eu precisava falar com o advogado dela.

Na época, Rory não sabia nada disso. Ela não sabia sobre nenhuma estipulação, ou que sua mãe havia deixado para ela uma casa totalmente paga e o prédio de toras que agora abrigava Creekside, graças a um fundo fiduciário irrevogável estabelecido por seu avô.

— Ela não fez isso para punir você. — disse Marcia, como se



pudesse ver a onda de culpa subindo por trás dos olhos de Rory. — Ou para manipular você. Ela queria que soubesse que voltaria para Echo Creek por amor, em vez de ganância. Ela fez isso para que você pudesse aceitar sua herança sem passar o resto da sua vida sentindo que não merecia isso.

— Eu não mereço. — Rory sussurrou, segurando o cartão em seu colo com tanta força que os nós dos dedos ficaram brancos.

Ela deveria saber que sua mãe a amaria o suficiente para fazer algo assim. Para fazer uma escolha difícil porque ela sabia que Rory precisaria salvar de si mesma.

Mas, ironicamente, isso não fez Rory se sentir melhor. Victoria a conhecia muito bem. Amava-a tão bem, mesmo quando ela estava morrendo. Não importa quanto tempo ela tentasse, Rory nunca seria capaz de retribuir o suficiente para recompensá-la. Nunca seria capaz de dar o suficiente de si mesma para as pessoas ao seu redor para pagar a dívida.

Mércia pareceu sentir que estava se sentindo sobrecarregada, então colocou a tampa de volta na caixa e falou rapidamente: — Eu deveria avisá-lo que não tenho ideia do que você encontrará se tentar usar os endereços nesse cartão, eles podem até não ser atuais. Você deve se sentir à vontade para usá-los ou não usá-los da maneira que desejar.

Então, ela colocou uma mão gentil no joelho de Rory. — Muito mais importante, minha querida, eu sei como é difícil não se culpar pela dor que seus entes queridos sofrem. Mas deve saber que Victoria *nunca* culpou você por nada disso. Ela tinha tanta fé em você, ela confiava que você encontraria seu próprio caminho, e sempre acreditou que eventualmente isso a traria de volta aqui.

— Por quê? — Rory perguntou, a pergunta se sentindo como se



tivesse sido arrancada das profundezas de seu coração. — Por que ela acreditou nisso? Como ela *poderia* depois de tudo que eu fiz?

Marcia sorriu. — Porque ela sabia que seu coração estava aqui.

Rory deixou isso entrar por um momento.

Era verdade?

Foi por isso que ela nunca se sentiu estabelecida em outro lugar? Ela havia deixado seu coração em Echo Creek por todos esses anos?

Se assim for, ela não se sentiu mais perto de encontrá-lo. Ela estava contente, na maior parte, desde o seu retorno. Mesmo feliz de vez em quando. Ela encontrou satisfação em seu trabalho, em seus meninos e em retribuir à sua comunidade, mas sempre havia um vazio em seu centro para lembrá-la de que a verdade era muito mais complicada do que a maioria das pessoas suspeitava quando olhavam para seu exterior polido e sereno.

E o que significava que ela deixou seu coração aqui?

— Obrigada. — disse ela, segurando o cartão com as duas mãos. — Eu... — ela olhou para o relógio. — Eu preciso ir buscar os meninos, mas vou... pensar mais sobre isso em casa. Agradeço você ter tido tempo para falar comigo.

Marcia deu uma gargalhada e deu-lhe um olhar escandalizado. — Como se houvesse alguma dúvida que eu prefiro sentar e conversar a tarde toda do que fazer algo produtivo por aqui. — ela piscou enquanto se levantava do sofá. — Eu gosto de fingir que meus ossos são muito velhos para limpeza, mas a verdade é que estou me tornando um morcego preguiçoso.



Rory sorriu com seu sorriso habitual, aceitou o abraço de Marcia e partiu para se juntar à loucura da fila dos carros da tarde na escola primária.

* * *

No caminho para a escola, Rory voltou a pensar em Kinley e ficou imaginando qual seria a resiliência da jovem diante da tragédia. Desde a conversa delas, Kinley parecia ter passado pelo trauma do incêndio e pela sua própria culpa imaginada, e claramente não encontrou nada além de alegria no tempo que passava com os garotos a cada semana.

Então, por que Rory não poderia fazer o mesmo? Não só com o fogo, mas com as memórias da morte de Drew e os meses finais de seu casamento com Chris.

Por que ela não podia se perdoar? Por que ela não aceitou a dor do passado e seguiu em frente? Porque ela sentiu como se houvesse um preço a ser pago e ela ainda não pagou totalmente? Ou porque ela não se sentia como se merecesse ser feliz? Que ela cometeu muitos erros e sua culpa foi justamente merecida.

Parecia tão fácil entender que os outros não eram culpados pelas tragédias em suas vidas. E mesmo quando estavam, ressentimentos não continham nada além de amargura e dor, enquanto perdão trazia apenas alegria.

Então, por que isso se aplica a todos, exceto ela?

De repente, Rory se perguntou se Finn Beckett se esforçava para perdoar a si mesmo também. Se ele odiava o que estava fazendo com sua família, e sentia como se viver cada dia com sua dor fosse um



castigo que deveria suportar pacientemente, porque ele mereceu isso de alguma forma.

Pena que ela não podia perguntar a ele. Ela prometeu a Willow que ela falaria com alguém, e ela pretendia manter essa promessa com Marcia, mas como alguém realmente falava sobre o tipo de batalha que ela estava passando? Como alguém escolheu em quem confiar com o que parecia ser os lugares mais profundos e sombrios de seu coração?

Uma sensação esmagadora de perda a inundou, deixando-a dolorida e sem fôlego quando percebeu que a pessoa com quem ela realmente queria falar era sua mãe. Victoria teria escutado. Ofereceria amor, aceitação, chocolate quente e uma total falta de julgamento. Ela nunca pressionou sua filha adotiva para confiar nela, simplesmente esperava pacificamente até que Rory confiasse nela o suficiente para começar a abrir as áreas bloqueadas e trancadas de seu passado feio e aterrorizante.

Victoria tinha sido boa em fazer as perguntas certas. Ao fazer Rory se confrontar ao invés de procurar por mais uma razão pela qual sua raiva e tristeza estavam além de seu controle. E isso era exatamente o que Rory precisava agora, mas Victoria não estava lá para ajudá-la. Ninguém estava. De todos os modos que importava, Rory sentia como se estivesse tão perdida e sozinha como estivera em seu primeiro dia em Echo Creek - cercada por pessoas amáveis e bem intencionadas que não tinham ideia do tipo de caos que ela escondia sob a superfície.

Quando criança, ela lidou com o caos se rebelando e afastando todo mundo, lutando furiosamente contra qualquer coisa que parecesse que isso pudesse inibir sua capacidade de controlar seu próprio futuro. Agora, porém, ela tinha os meninos. Ela tinha que manter as coisas calmas e não dar a elas qualquer indício de quão fora de controle ela se sentia. Eles precisavam de segurança, e ela ia dar isso a eles, assim como Victoria havia dado a ela.



Mas se ela fosse honesta, teria sido incrivelmente gratificante entrar em apenas alguns momentos de gritar e jogar coisas. De preferência, coisas quebráveis que ela não teria que limpar depois.

Soltando um suspiro que ela sabia que soava petulante, Rory entrou no estacionamento da escola e resignou-se a mecanismos de enfrentamento socialmente aceitáveis - como usar pijamas o dia todo e comer um lote inteiro dos deliciosos bolinhos de Marcia. E se isso falhar? Sempre havia sorvete.



Capítulo 7

A noite seguinte foi a noite de Pinochle², e Rory foi porque ela sempre foi e todos esperavam vê-la lá. Mas a partir do momento em que ela entrou pela porta, foi uma luta manter uma postura relaxada e um sorriso fácil. Ela tinha certeza de que todos no Centro Comunitário seriam capazes de olhar para ela e saber exatamente o que ela estava pensando naquela longa tarde.

Deixar Echo Creek.

A ideia chegara a ela depois que ela sorria, conversava e lidava com clientes a manhã toda, apenas para se esconder em seu escritório durante o almoço para se dar um tempo do fingimento. *Ah sim, claro que estou bem. Os meninos estão bem. Estamos dormindo bem. Tenho certeza que tudo acabará com o seguro. Não, nosso freezer está cheio, mas obrigada por se oferecer para trazer uma caçarola. Obrigada, fico feliz em saber que minha mãe ficaria orgulhosa de mim...*

Essa última sempre foi o que mais doeu, porque Rory nunca conseguia parar de acreditar que isso poderia muito bem ser uma mentira.

Depois de tudo isso, ela só queria fugir e passara as próximas horas imaginando se deveria vender Creekside e se mudar para outro lugar. Em qualquer lugar, na verdade. Um lugar que ninguém conhecia sua história e não havia necessidade de fingir. Não haveria necessidade de olhar para os pedaços quebrados de sua alma e se perguntar se ela



poderia ser inteira novamente.

Se afastar teria a vantagem adicional de nunca ter que correr para Jake Cunningham. Ela nunca mais teria que sentir aquela velha e familiar dor de desejar algo que nunca poderia ser dela.

Ela até checou os preços dos imóveis em várias cidades da costa leste - o mais longe possível de Echo Creek - e depois apagou o histórico do navegador, caso um de seus funcionários precisasse usar o computador.

Por baixo de tudo, Rory ainda amava Echo Creek. Sua mãe tinha razão em muitos aspectos - seu coração ainda pertencia a essa cidade, às pessoas que a tinham feito e à maravilhosa paisagem da região central de Oregon. Foi o primeiro e único lugar que ela já sentiu como se ela pertencesse, e fugir novamente deixaria parte dela vazia e dolorida.

Mas havia um buraco em seu coração agora, se alargando a cada dia - um lugar escuro e vazio, imaginando se ela alguma vez encontraria a serenidade e confiança que conseguiu projetar externamente. Ela não queria que essa confiança fosse nada mais do que o rosto que mostrava ao mundo todos os dias - ela queria que fosse real.

Mas como poderia ser real quando tudo o que ela parecia fazer era estragar tudo? Com Drew, com Victoria, com Chris. E então com os meninos dela e Kinley. Se ela ficasse muito tempo, quem mais poderia arruinar a vida dela?

Depois de uma tarde enfrentando a vontade de fugir de tudo, Rory saiu do trabalho cedo e foi para casa, trancou-se em seu quarto e tirou o cartão que Marcia lhe dera.

Ele tinha três nomes.

Marcus e Elizabeth Ellis, com endereço em Boston, Massachusetts.



E Beatrice Ellis Hanover, com um endereço em Baltimore, Maryland.

Beatrice deve ser a irmã de sua mãe. Aquela que se casou com o ex-noivo de Victoria. De repente, dominada pela curiosidade, Rory abriu o computador e investigou na internet que só lhe dava algumas pequenas informações - o nome da companhia do marido de sua tia e um pequeno número de fotos postadas nas contas de rede social raramente atualizadas da tia.

Antes que ela pudesse pensar melhor, ela enviou uma mensagem. Ela disse a Beatrice quem ela era, onde morava, e que estaria interessada em se conectar com qualquer família de sua mãe que pudesse gostar de conhecê-la.

Então, ela desligou o computador e foi buscar os meninos na escola. Várias vezes entre pegá-los e chegar ao Centro Comunitário, ela se perguntou nervosamente se fizera a coisa certa.

E se os Ellis a culpassem pela morte da mãe? E se eles pudessem vir atrás dela para reivindicar a sua herança? Pior de tudo, e se simplesmente não se importassem? Afinal, eles não eram parentes de sangue dela, e se eles não se importaram o suficiente para se reconciliar com Victoria depois da separação, o que eles poderiam ter a dizer para uma filha adotiva?

Mas já era tarde demais para mudar de ideia, e enquanto conversava com os vizinhos na noite de Pinochle e tentava acompanhar Sean e Trey no salão lotado, Rory disse a si mesma que a sua tia nunca veria a mensagem. Considerando o quanto raramente as páginas de rede social foram atualizadas, poderia levar anos até que ela voltasse para elas.

Depois de perseguir os garotos por meia hora, Rory estava exausta e pronta para ir para casa. A atmosfera era festiva - metade do salão era



dedicada a mesas com alfinetes e a outra metade a uma dança de celeiro. Havia uma banda ao vivo entusiasmada e um número de casais que pareciam contentes em passar dois passos à noite, mas Rory não conseguia se lembrar de ter esse tipo de energia no final do dia.

Ela pegou os garotos pela mão uma última vez, determinada a dar desculpas e sair, mas então Marcia se aproximou com um amplo sorriso.

— Estou feliz em ver você aqui, minha querida. — disse ela calorosamente.

— Não perderia isso. — Rory murmurou, sentindo seu sorriso se transformar em algo mais perto de uma careta.

Marcia se inclinou um pouco mais. — Você parece que poderia tomar algo um pouco mais forte do que o chocolate quente. — disse ela com uma piscada.

Rory estremeceu, mas ela não pôde evitar uma breve risada. — Talvez. — ela admitiu. — Acho que posso ir para casa mais cedo. Os meninos já tiveram açúcar suficiente para mantê-los até a meia-noite

E então ela percebeu que a mão de Sean não estava mais na dela.

Uma sensação de medo cresceu em sua garganta, e ela chamou o nome dele enquanto se virava para procurá-lo, sabendo que seria fútil em uma multidão daquele tamanho... mas não havia necessidade.

Ele estava a poucos metros de distância, com uma expressão de admiração enquanto olhava para Jake Cunningham.

Quem não deveria estar lá. Jake nunca foi a eventos comunitários como a noite de Pinochle, mas ocorreu-lhe tardiamente que ele era provavelmente a fonte dos fardos de feno necessários para dar ao salão uma aparência autêntica de “dança de celeiro”.



Ele parecia ter acabado de chegar de um longo dia de trabalho - botas empoeiradas, feno em seu casaco, cabelos bagunçados e barba de alguns dias sombreando sua mandíbula. Até mesmo seu rosto parecia ceder de exaustão, e seus olhos estavam cautelosos quando se levantaram de Sean para procurar seu rosto.

Ela não podia culpá-lo por não querer vê-la - ele ainda achava que ela acreditava que ele era responsável pela morte de Drew, porque ela não tinha sido corajosa o suficiente para lhe dizer a verdade.

* * *

Jake estava exausto e mais do que um pouco irritado consigo mesmo quando chegou ao Centro Comunitário de Echo Creek com seu segundo carregamento de fardos de feno.

Ele não podia, pela vida dele, se lembrar do por que ele tinha dito sim quando Pete Parrish pediu a ele para fornecer fardos de feno para uma Noite do Pinochle com tema de dança do celeiro. Ele nunca participou de eventos comunitários e, além disso, no inverno estava ocupado o suficiente sem acrescentar uma responsabilidade extra.

Era difícil dizer não para Pete. E o que começara quando um único carregamento de fardos tinha dobrado quando eles perceberam que muito mais da cidade havia saído do que o normal. Alguns dos turistas já haviam aparecido para a promessa de uma dança, o que significava que precisavam de mais lugares.

Felizmente, Pete era tão bom em organizar o trabalho quanto em conseguir que as pessoas dissessem que sim, então havia meia dúzia de homens esperando na porta dos fundos do centro comunitário para ajudar com o feno. Com tantas mãos, demorou apenas alguns minutos



para descarregar os fardos e levá-los para dentro, o que rapidamente deixou Jake com um trailer vazio e uma sensação de alívio. Depois de um longo dia de reconstrução de cercas, encurralando seis vacas que haviam escapado e se dirigido para a floresta nacional, e medicado um touro que havia saído de sua alimentação, ele estava mais do que pronto para desistir do dia.

Quando Jake se preparava para voltar para o rancho, Pete saiu e deu um tapinha no ombro dele.

— Vai ser um dos melhores eventos do ano. — disse ele com entusiasmo. — Graças a você! Venha para dentro antes de ir, dê uma olhada no lugar e coma alguns biscoitos e cidra. Ou café e torta. Ou chocolate quente e bolo - os padeiros de Echo Creek realmente se superaram desta vez.

Jake quase disse que não, obrigado, mas estava frio e uma xícara de café soava como o paraíso. Além disso, ele não tinha visto Rory desde aquela noite que ele deixou escapar a verdade...

Mesmo se ela estivesse lá, ele não tinha ideia se ela iria querer vê-lo novamente. Ele estava errado sobre ela todos esses anos - ela não estava apenas fingindo que as coisas estavam bem entre eles. Ela simplesmente não tinha ideia do que havia acontecido entre ele e Drew antes de aparecer no rancho naquela noite. E agora que ela sabia que Jake era culpado pela tragédia que se seguiu... Bem, talvez agora ela reagisse do jeito que ele sempre esperara que ela fizesse antes. Ou, sendo Rory, ela seria gentil, paciente e amigável por fora, e nunca diria a ele o quanto ela o odiava por mandar o garoto que ela amava para a morte dele.

Não havia como saber até que ele a viu, então talvez esse fosse o melhor lugar para testar essas águas. Ele não tinha certeza de quanto tempo demoraria antes de encontrar coragem para aparecer em Creekside novamente, e havia poucas chances de que ela jogasse o



passado em seu rosto na frente de toda a cidade.

— Obrigado. — disse ele, jogando o chapéu no caminhão e limpando o pior da lama de suas botas. — Vou tentar manter a sujeira longe de vista, mas eu adoraria um pouco de café antes de pegar a estrada de volta.

Ele seguiu Pete para o Centro Comunitário, cruzou o depósito lotado e entrou na sala de reuniões, metade da qual fora transformada em uma pista de dança festiva com tema campestre. Uma banda local subiu ao palco para fornecer música animada, enquanto as mesas de pinochle habituais tinham sido confinadas em um lado da sala.

Cerca de uma dúzia de casais mais velhos jogavam cartas e conversavam sobre pratos de torta caseira e copos de cidra, enquanto cinquenta ou mais pessoas davam duas voltas no chão com mais energia do que Jake se lembrava de ter, mesmo quando era mais jovem.

Ele não compareceu à Noite de Pinochle desde que era um menino, mas na maior parte parecia o mesmo. Sentiu o mesmo também. Seus pais haviam jogado e gostavam de passar a noite ocasional conversando com seus muitos amigos na cidade. Jake nunca tinha chegado ao jeito do jogo e normalmente passava aquelas noites sentindo-se desajeitado, sem ninguém para conversar.

Assim como ele estava fazendo agora. Ele se sentia completamente desligado da energia e do movimento ao seu redor, enquanto o resto da cidade se movimentava, apreciando a comida e a música, e se atualizando com as últimas fofocas.

Jake não conseguia decidir se deveria se sentir desapontado ou aliviado que o tamanho da multidão o impedisse de ver Rory, mesmo que estivesse lá. Ainda assim, ele não pôde deixar de olhar ao redor enquanto seguia Pete pela borda do lugar até onde a mesa de café estava



arrumada.

Para seu desânimo, estava sendo dirigida por ninguém menos que Darcy - seu inimigo de Creekside - e a namorada de Cale, Willow.

— Jake! – A exclamação de Darcy era duas ou três vezes mais alta que o necessário, e seu sorriso era um pouco calculista. — Não esperava ver você esta noite.

Ele conseguiu paciência suficiente para responder com calma. — Trouxe os fardos de feno. Basta pegar um café antes de sair.

Darcy manteve uma conversa rapidamente sussurrada com Willow, que assentiu e então correu para a multidão. — Desculpe. – Darcy disse claramente. — Mas isso acabou, então Willow vai correr e pegar outro. Você quer ir pegar uma torta ou biscoitos enquanto espera?

Jake não tinha dúvidas de que estavam tramando algo que acabaria envergonhando alguém - provavelmente ele -, mas esperava ter dignidade suficiente para não fugir das maquinações de um adolescente super-entusiasta.

— Acho que vou. – disse ele, e se virou para abrir caminho através da multidão, esperando que não parecesse muito desesperado para fugir. Mas assim que chegou à lanchonete, a multidão se separou para revelar uma ruiva muito familiar, em profunda conversa com Marcia Dillon.

Ele fez um valente esforço para escapar. A incerteza de ser visto por Rory não era nada para a catástrofe potencial de ser pego por Marcia enquanto Rory estava em qualquer lugar na vizinhança. Mas havia desvantagens em ser uma das maiores pessoas no lugar - ele foi quase imediatamente avistado por Trey e Sean, que se agarravam às mãos da mãe e examinavam o lugar com interesse em alerta.



— Oi! — Sean se afastou do aperto de Rory e correu para olhar para Jake com uma expressão desconfortavelmente parecida com um culto ao herói. — Você consertou o carro da mamãe!

— Consertei. — ele admitiu, resistindo à vontade de bagunçar o cabelo do menino. — Você está feliz por estar de volta à escola?

Sean fez uma careta. — Estou, eu acho. Eu gostaria de poder ficar em casa e brincar com meus novos brinquedos.

— Sean?

A cabeça de Jake disparou quando ele ouviu o início do pânico na voz de Rory, e ele viu o alívio em seus olhos quando ela viu o garoto quase imediatamente.

Enquanto se dirigia para eles, ele procurou seu rosto intensamente por qualquer indício de seus sentimentos e decidiu que ela não parecia zangada. Apenas bonita. E exausta. Já voltando a aquela expressão de serenidade serena que ela usava como uma armadura.

— Aí está você. — ela parou ao lado de seu filho mais velho, Trey ainda no reboque, e pegou a mão de Sean novamente. — Você me assustou, garoto. Você precisa pedir antes de correr para a multidão, ok?

Sean assentiu vigorosamente, mas não tirou os olhos de Jake. — Você parece um cowboy. — observou ele. — Exceto que não tem um chapéu.

— Deixei meu chapéu no caminhão. — Jake disse a ele, desacostumado a conversar com crianças, mas esperando que não estragasse completamente a tentativa. — Ainda posso ser um verdadeiro cowboy, ou isso significa que eu estou demitido?

— Demitido? — Sean perguntou curiosamente. Rory riu e o coração



de Jake se aqueceu com o som. Ela não poderia estar muito brava se estivesse rindo de sua piada estúpida. Ela ainda tinha que encontrar seus olhos, mas pelo menos ela não estava fugindo ou se recusando a deixar os meninos falarem com ele.

— Demitido significa que você não tem mais um emprego. — ela informou ao Sean. — Mas eu acho que ele é um cowboy, quer ele esteja de chapéu ou não, não é?

— Eu ainda tenho botas de cowboy. — disse Jake, apontando para os pés. — E feno. — ele pegou alguns do casaco e segurou-os para a inspeção de Sean.

O garoto olhou para ele pensativo e assentiu. — Tudo bem. — disse ele. — Você ainda é um cowboy. Se você tem vacas. E cavalos. Eu acho que você tem que ter cavalos também.

— Eu tenho. — Jake disse solenemente. — Eu tenho vacas, cavalos e, há cerca de uma semana, filhotes de cachorro.

Assim como ele esperava, isso teve uma reação de todos os três. Os olhos de Sean e Trey ficaram enormes e redondos, enquanto Rory olhava para ele, com seus lábios sérios com o que parecia quase uma traição.

Pensando bem, talvez não devesse ter mencionado cachorrinhos. Pelo menos não na frente de dois menininhos, que provavelmente tinham quase a idade que ele tinha quando começou a implorar por um cachorro próprio.

— Cachorrinhos? — Trey perguntou em um sussurro abafado. — Filhotes de cachorro de verdade?

— De verdade. — ele confirmou, concluindo que o dano já estava feito, então ele poderia também fazer o melhor possível. — Seis



deles. Eles têm apenas alguns dias, então os olhos deles ainda estão fechados.

— Mamãe. — implorou Sean. — Podemos ver os filhotes? Por favor? Sempre quis ver cachorrinhos de verdade. Prometo que seremos bons e não os assustaremos. Por favor?

Trey estava balançando a cabecinha, enquanto ainda se agarrava firmemente à mão de Rory.

Para surpresa de Jake, Rory ficou um pouco vermelha antes de se agachar ao nível dos meninos. — Meninos, lembram do que eu disse sobre ir às casas dos nossos amigos? Perguntamos se podemos ir ou esperamos por um convite?

O rosto de Sean abaixou. — Esperamos. — disse ele tristemente. Ele olhou para Jake. — Desculpe. — disse ele.

Mas Jake tinha visto o tremor de seu pequeno queixo e decidiu que não importava o quanto desajeitadas as coisas fossem entre ele e Rory, os garotos deveriam ter a chance de ver um cachorrinho de verdade antes que ficassem mais velhos.

— Na verdade, estava esperando que vocês dois pudessem me ajudar com alguma coisa. — ele mentiu descaradamente. — Os filhotes precisam ficar socializados, precisam se acostumar a estar perto de pessoas de diferentes idades. Se estiver tudo bem com sua mãe, talvez vocês possam ir e passar algum tempo com eles assim que os olhos deles estiverem abertos.

Rory se levantou, parecendo surpresa e ainda um pouco envergonhada. — Você não precisa fazer isso. — ela disse baixinho. — Eles são um pouco novos para se acalmar em torno de animais, e eu não quero colocá-lo em qualquer problema.



— Não é problema para mim. – disse ele uniformemente, observando-a de perto. — Eu entendo se você não os quer no rancho, ou se prefere não me ver, mas o convite é sincero. Eu gostaria de tê-los para me visitar.

Ela procurou seu rosto, mordendo o canto do lábio inferior de uma maneira incrivelmente perturbadora. — Eu não tenho problema em ver você, Jake. – disse ela finalmente. — Há tanta coisa... – ela apontou entre eles. — Nós realmente não conversamos sobre o que você disse da última vez e eu não sei quando teremos uma chance.

O lugar pareceu um pouco mais frio depois de sua hesitação. Ela estava chateada, não importava o que seu rosto mostrasse, e Jake sabia que não era a hora nem o lugar para discutir como ela estava se sentindo. — Está tudo bem. – ele disse brevemente. Ele sabia que parecia frio e retraído, mas seus medos haviam sido confirmados e ele estava cansado demais para fingir que estava se livrando disso. — Não precisa explicar. Desculpe ter mencionado os... – ele não ia dizer “cachorrinhos” novamente na frente dos meninos.

— Não! – ela estendeu a mão, mas deve ter sido mais impulso do que intenção, porque encolheu a mão antes de tocá-lo. — Jake, por favor entenda, não estou brava com você. E sou grata pelo convite. Nós adoráramos ver os filhotes. Talvez no próximo final de semana, quando os meninos estiverem fora da escola?

Ele assentiu, não confiando muito em sua voz. O que ela quis dizer com ela não estava zangada? Ela já o havia perdoado? Ou será que Rory estava fazendo o que Rory fazia melhor desde o seu retorno - transpirando amor e aceitação pelos outros enquanto mantinha seus verdadeiros sentimentos enterrados profundamente?

— Vamos combinar no sábado, se isso funcionar para você. – ela continuou.



Ele assentiu novamente.

— Só me mande uma mensagem de texto.

O surpreendeu quando falou. — Eu não tenho o seu número. — Assim que as palavras saíram de sua boca, Jake se perguntou se era possível corar com a idade dele, porque ele tinha certeza que seu rosto estava ficando corado. Ele realmente havia pedido apenas o número dela? Ele deveria ter perguntado a Marcia, ou até mesmo a Ben. Considerando quantos amigos Rory tinha, ele provavelmente era a única pessoa na cidade que não tinha seu número de telefone, e ele a conhecia desde que ela estava no ensino médio.

— Ah, certo! — ela parecia tão assustada quanto ele se sentia. — Você tem seu celular?

Ele entregou a ela, e ela rapidamente digitou suas informações. Jake olhou para a tela quando ela entregou de volta, e viu que ela se nomeou simplesmente como "Rory".

Foi Drew quem começou a chamá-la assim. Ele alegou que "Aurora" era muito sem graça e deu o apelido carinhoso que ficaria com ela para sempre, pelo menos entre a maioria de seus amigos. Jake tinha usado quando eram mais jovens, mas desde que ela voltou, ele não se sentia como se tivesse o direito de fazê-lo.

— Obrigado. — ele disse sem jeito. — Eu vou deixar você saber se os olhos dos filhotes se abrem antes do próximo sábado.

Ela sorriu e colocou uma mecha solta de cabelo atrás da orelha. — Obrigada. — ela disse com sinceridade. — Eu realmente gostei disso.

De repente, Jake não achou que poderia aguentar mais. Não as multidões, a incerteza, ou os sorrisos de Rory que ele não merecia. Estar perto dela e ser incapaz de admitir qualquer um dos seus sentimentos era



tortura, e ele tinha tudo o que podia suportar por uma noite.

Ele estava prestes a dar suas desculpas quando Darcy subiu, com seus olhos um pouco brilhantes demais e seu rabo de cavalo balançando com o que ele juraria ser uma alegria conspiratória.

— Ei Jake, o café está pronto agora. — ela disse alegremente, então fingiu que tinha acabado de ver Rory parada lá.

— Ah, oi! Sinto muito por interromper! Devem estar se recuperando, então que tal se eu correr de volta e pegar uma xícara para vocês? — então, ela se agachou na frente dos meninos. — Eu aposto que vocês nunca vão adivinhar quem apareceu para o café agora!

Eles balançaram a cabeça.

— Deputado Cale! Vocês querem vir dizer oi?

Eles começaram a pular para cima e para baixo com entusiasmo, com suas admirações pelo Deputado Cale sendo ainda maiores do que a pelo Cowboy Jake.

— Vamos. — disse Darcy, estendendo as mãos. — Eu vou levá-los. — ela sorriu para Rory. — Eu vou ficar apenas um minuto, então vocês dois se divertem.

Então ela desapareceu na multidão com os meninos. Rory colocou a cabeça entre as mãos e gemeu.

— Há dias que eu penso em demiti-la. — ela murmurou.

— Há dias que você não pensa? — Jake perguntou sem pensar, e foi recompensado por outro som de riso.

— Estranhamente, sim. — admitiu Rory. — Ela é muito eficiente,



apesar de sua tendência infeliz de se intrometer. E todo mundo gosta dela. Exceto, talvez, Alicia, o que parece ser um ponto a favor de Darcy, se eu for honesta. — Seus olhos encontraram os de Jake, brilhando com humor reprimido. — E imagino que ela também não seja uma grande favorita para você no momento.

Jake não conseguiu mais que um gemido de concordância antes de ser golpeado com força pelas costas por uma firme mão masculina.

— Jake, eu não sabia que você vinha para a Noite Pinochle. — Sam Harrington era alguns anos mais moço do que Jake, mas eles se conheciam muito bem quando eram mais jovens. Sam também crescera em um rancho e planejava passar o resto de sua vida até que seus pais vendesse e se mudassem para Salem. Agora Sam trabalhava para a Prefeitura, cuidando de toda a sua presença online e comunicações por computador. Ele era bom nisso, mas Jake sabia que sonhava em retornar ao trabalho que amava e esperava algum dia comprar o mesmo rancho que seus pais haviam perdido.

— Ele não vinha. — disse Rory, quando Jake demorou em responder. — Geralmente não, de qualquer maneira.

— Escolheu um bom momento para mudar isso, no entanto. — Sam olhou a multidão com seu habitual bom humor imperturbável. — Primeira vez que nós dançamos em mais de um ano. Pete tem falado sobre tentar algo novo para atrair o público mais jovem e parece que seus esforços foram um sucesso.

— Todo mundo parece estar se divertindo. — Rory concordou.

— Bem, foi bom ver você, Jake. — disse Sam, olhando por cima do ombro para a multidão com o que parecia ser a intensidade do foco. — Você deve parar na prefeitura em algum momento quando estiver na cidade. — ele olhou para trás e sorriu ironicamente. — Eu ficaria e



conversaria, mas acho que eu vou ver se consigo convencer Tess Beckett de que sou o dançarino mais incrível do mundo. Se tudo correr bem, talvez vocês dois possam nos fazer companhia? – ele piscou para Jake e então ele se foi, deixando Jake e Rory se encarando sobre o que parecia ser um oceano inteiro de estranheza.

A sugestão de Sam pairou no ar entre eles, e de repente Jake não conseguia parar de lembrar como foi sentir o conforto de Rory enquanto ela chorava. Era como se ela estivesse destinada a caber ali no círculo de seus braços, com a suavidade de seus cabelos sob sua bochecha e o calor de todo o seu ser pressionado contra a frieza em seu coração.

Segurá-la dessa maneira pela duração de uma música seria uma tortura requintada, e Jake entrou em pânico como um garoto de dezesseis anos em seu primeiro baile de escola. — Eu não posso. – disse ele abruptamente, dando um passo para trás. — Eu tenho que voltar para o rancho.

Rory ficou vermelha e deu seu próprio passo para longe dele. — Não, é claro... – ela gaguejou. — Quero dizer, eu nunca pensei... – ela respirou fundo e deu a ele seu sorriso público - o que ela dava a seus clientes, o que dizia que ela estava feliz e confiante e estava tudo bem. — Eu tenho que ir, e... de qualquer forma, foi bom te ver. Eu vou... quero dizer , *nos* vemos no próximo sábado?

Ele assentiu bruscamente.

— Certifique-se de pegar seu café antes de ir. – ela adicionou, mas Jake já tinha ido para a porta mais próxima, e ele não estava parando por nada - nem café, nem torta, ou qualquer outra coisa.

Ele já havia feito um acidente de trem da noite, e se ele ficasse mais tempo, ele seria obrigado a encontrar uma maneira de tornar isso pior.



2. Pinochle: é um jogo de carta.



Capítulo 8

Rory o observou ir, como um tornado mudo com uma mistura efervescente de dor e embaraço. Bem, então ela poderia ter assassinado alegremente Sam Harrington, que era um cara legal o suficiente, mas claramente não tinha a sensação de que Deus daria a mínima.

Não que Sam tivesse algum motivo para saber o quanto estranho as coisas realmente eram entre ela e Jake. Mas por que ele tinha que dizer alguma coisa? Ela poderia bater nele por fazer com que ela se perguntasse - mesmo que por um instante - como seria ter apenas uma dança com o homem que ela amava por mais da metade de sua vida.

De alguma forma, no fundo, ela não precisava se perguntar. Ela sabia.

Seria perfeito. Graças a esse abraço em sua cozinha, ela pôde recordar o ajuste exato de sua bochecha contra o peito de Jake, a textura áspera de sua mandíbula contra sua têmpora e o círculo protetor de seus braços ao redor de seus ombros. Rory sabia instintivamente que ela se sentiria quente, segura e completamente em paz.

Mas ela também sabia que isso nunca aconteceria.

Ela desejou poder chamá-lo de volta, apagar os últimos cinco minutos, e encontrar uma maneira de tornar a coisa toda menos estranha, para que ele não sentisse a necessidade de fugir dela. Ela queria uma chance para explicar, mas ele provavelmente não iria ouvir, mesmo se ela tentasse. Não enquanto ele pensasse que ela estava brava com ele



sobre o que revelou em sua última reunião.

Não, ele colocaria tanta distância entre eles quanto pudesse, porque achava que era a coisa certa a fazer - protegê-la das terríveis lembranças das quais ele achava que ela estaria sofrendo.

O senso de responsabilidade quase sufocante de Jake era uma das coisas que ela costumava provocá-lo. Uma das coisas que levaram muitos dos desentendimentos entre ele e Drew. E foi também uma das coisas que a fez se sentir incrivelmente segura quando estava com ele e desde o primeiro encontro.

Foi na primavera do seu sétimo ano. Ela mal havia se recuperado socialmente do começo desastroso no ano, e embarcou em uma amizade improvável e descontroladamente improvável com o popular e carismático Drew Cunningham. Rory nunca tinha sido capaz de entender por que ele fez amizade com ela rebelde e selvagem, e de temperamento explosivo que ela era, mas eles já se tornaram objeto de ciúmes e fofocas, o que levou a uma brincadeira mesquinha por um punhado de outras meninas da sétima série.

Todos os dias, durante uma semana, várias delas sentavam-se com ela no almoço e, todos os dias, uma delas derramava sua bebida em toda a bandeja do almoço antes de poder comer qualquer coisa. Aparentemente, elas ganhavam pontos de bônus por colocá-la no lugar dela, depois do qual elas faziam comentários maliciosos sobre suas roupas molhadas e riam por trás das mãos delas pelo resto da tarde.

Rory ficou envergonhada demais para contar a Drew até que a situação chegasse à segunda semana, e ele só descobriu porque passava por um grupo de garotas enquanto discutiam de quem era a bebida.

Em vez de confrontá-las, ou mesmo dizer a Rory que ele sabia, Drew havia inventado um plano vil - e pediu a seu irmão mais velho que



ajudasse.

Jake era um veterano e um membro das duas equipes de futebol e luta livre - o equivalente a um deus para um bando de garotas do ensino fundamental. Ele quase começou um tumulto quando ele veio almoçar no dia seguinte e parou para falar com seu irmão, que estava sentado ao lado de Rory.

Antes que Iris Michelson pudesse aproveitar a oportunidade para fazer um respingo ainda maior do que o habitual, derramando sua bebida em toda a Rory em frente a um dos garotos mais populares da escola, Jake de alguma forma perdeu o controle de sua própria bandeja. Ele fez um malabarismo desajeitado por um momento antes que sua xícara de ponche de frutas voasse pelo ar e aterrisse bem no meio do almoço de Iris.

Rory se lembrou da expressão da outra garota com perfeita clareza - rios de ponche de frutas escorrendo pelo rosto dela enquanto ela olhava com horror boquiaberta para a cena da carnificina. E não foi apenas Iris. Quase todas as co-conspiradoras foram respingadas e começaram a gritar ao mesmo tempo antes de pularem da mesa e saírem correndo do refeitório.

Jake olhou para Rory e encolheu os ombros. — Oops. – disse ele.

Ele sempre pareceu tão focado, imponente e sério (e, claro, bonito), mas naquele momento havia apenas um pequeno indício de humor em seus olhos cinza, e Rory começou a se perguntar se havia mais nele do que a maioria das pessoas perceberam.

Claro, então ele viu que a camisa de Rory tinha ficado liberalmente vermelha e insistiu que Drew lhe desse sua jaqueta. Quando Drew protestou, Jake não levantou a voz, apenas lembrou a seu irmão que eles eram responsáveis pelo acidente e, portanto, era seu trabalho consertar o



dano.

Drew tinha sorrido bem-humorado e entregou o moletom de capuz, apesar dos protestos de Rory, mas ela aprendeu muito sobre os dois meninos naquele dia.

Ela provavelmente teve o início de uma paixão, mesmo assim, apesar de não admitir isso para si mesma por quase mais um ano. Dezenove anos depois, ela ainda não tinha conseguido superar isso.

— Rory? – Uma voz familiar a sacudiu fora de suas recordações.

— Tess! – Resistindo à vontade de olhar ao redor e ver como Sam Harrington estava lidando com a rejeição, Rory deu um abraço em sua hospedeira e cumprimentou os três garotos Beckett, que já haviam conseguido coletar um punhado de biscoitos cada um. — É bom te ver. Finn está aqui?

— Ele está! – Tess irradiou quando apontou para o seu irmão, que estava com um círculo de outros homens, com as mãos nos bolsos, parecendo severamente determinado, apesar da atmosfera de festa.

— Eu sei, eu sei. – Tess admitiu. — Ele parece que alguém o ameaçou de morte, a fim de trazê-lo aqui, mas pelo menos está fora de casa. Com pessoas.

Rory manteve os olhos em Finn enquanto conversava com Tess. Ela viu quando ele tentou entrar em conversação, apenas para ficar em silêncio e ir mais longe em direção às margens do grupo, dando olhares para seus garotos enquanto ele fazia isso.

Havia derrota em sua expressão - derrota e outra emoção que de repente pareceu muito familiar. Rory poderia nem mesmo ter reconhecido se ela não tivesse visto isso olhando para ela do seu próprio espelho todas as manhãs desde o Natal.



Vergonha.

Assim como ela, ele podia ver o que se tornou, e odiava isso. Odiava o que estava fazendo com sua família. E ele provavelmente se sentia tão sozinho e desesperado quanto ela.

A percepção bateu nela como um golpe de corpo, seguido pelo horror quando ela se lembrou de seu próprio julgamento apressado do que ela tinha visto como suas falhas.

Ele não queria ficar para trás, reduzido a um espectador de sua própria vida. Ele não queria ser um fardo para sua irmã ou ser um pai ausente para seus filhos. Mas ele ainda estava com dor profundamente e incapaz de encontrar esperança no que provavelmente parecia uma escuridão impenetrável.

Quando ela pensou de novo, Finn tinha essencialmente descoberto sua alma para ela naquele dia que ela pegou os meninos, mas ela não tinha estado em nenhum lugar para reconhecê-lo. *“Não é fácil”*, ele disse, *“Não ser tão forte quanto você quer ser”*.

Ele estava certo - isso era tudo menos fácil. E ainda assim ele estava aqui. Eu ainda estou lutando.

Talvez, ela *devesse* falar com ele. Talvez ele se sentisse, como ela, que, apesar de todas as pessoas que lhe disseram que não estava sozinha, havia partes de sua dor e ansiedade que pareciam impossíveis de compartilhar. Talvez, ele só precisasse ouvir que sua luta silenciosa na escuridão não passara despercebida.

E talvez ele pensasse que ela era presunçosa por mencionar isso, mas Rory decidiu que não se importava. Ela pelo menos ia dizer a ele que finalmente entendeu o que estava tentando dizer a ela.

Só não esta noite. Ela teve conversas emocionais suficientes para



uma noite.

Rory pôs a mão no braço de Tess. — Com licença. — ela disse baixinho. — Mas eu preciso levar os meninos para casa. Espero que você aproveite a noite.

* * *

Jake mandou uma mensagem na sexta-feira seguinte, apenas algumas breves palavras para dizer que os olhos dos filhotes estavam abertos e que Rory e os meninos eram bem-vindos no rancho a qualquer hora no sábado à tarde.

Rory digitou sua resposta pelo menos dez vezes, hesitando entre um tratado de seis sentenças indicando gratidão e excitação educada, e uma resposta concisa que usou todas as oito palavras. Ela acabou em algum lugar no meio, deixando-o saber que os meninos estavam emocionados e que ele poderia esperar por volta das três. Então ela jogou o celular na mesa e passou a próxima hora se perguntando se ele levaria pelo caminho errado.

Ela estava nervosa, ela percebeu, enquanto preparava os garotos na tarde seguinte. Nervosa em ver Jake e em levar seus filhos ao rancho pela primeira vez. Muitas de suas felizes lembranças da adolescência foram feitas lá - ela queria que elas desfrutassem, sem que sua própria estranheza atrapalhasse. Mas não queria que gostassem muito, porque provavelmente nunca voltariam.

Sua primeira vez no rancho estava sob circunstâncias menos que ideais, agora que pensava sobre isso. Ainda outra brincadeira de vingança deu errado...



Depois do incidente com o ponche de frutas, as outras garotas a deixaram em paz até quase o final do ano, quando a turma do sétimo ano fez seu projeto anual de trabalho. Naquele ano, os alunos da sétima série estavam embelezando o parque da cidade, que envolvia um dia inteiro ao sol, limpando o lixo, plantando flores, pintando o gazebo e arrancando ervas daninhas.

Tinha sido um dia excepcionalmente quente, e a maioria das garotas usava tops e shorts. Rory não era exceção, embora, ao contrário da maioria das outras garotas, ela sempre tivesse uma pele extremamente pálida, então veio preparada com um tubo de protetor solar, que aplicou religiosamente a cada duas horas.

Ela começou a se sentir desconfortável na hora do almoço, mas não tinha percebido até muito tarde que alguém havia substituído o protetor solar com loção normal.

Levou três dias para que ela pudesse vestir uma camisa sem querer chorar. Calças compridas estavam fora de questão, e a maior parte do rosto dela tinha se transformado na sombra de uma framboesa madura. Tudo isso apenas uma semana antes do banquete do colégio, o que significava que ela estaria descascando no momento em que quisesse parecer melhor.

Humilhada, Rory passara o resto da semana trancando-se no quarto depois da escola e recusando-se a falar com Drew. Isso durou até sexta-feira, um dia antes do banquete, quando ele combinou com Victoria e o Jake encontrar os dois depois da escola na fazenda. Mandíbulas femininas tinham caído quando ela e Drew entraram na caminhonete e saíram da cidade, não para a casa de Rory, mas para o rancho.

Era um fato bem conhecido na Echo Creek School que as garotas *nunca* foram convidadas para o rancho. Não por falta de tentativas, mas Jake não era conhecido por namorar alguém seriamente,



e ninguém conseguia se lembrar de uma única garota que ele já levara para casa com ele. Drew, é claro, era jovem demais para namorar, mas ele nunca teve uma garota também.

Até Rory.

Ela estava nervosa e envergonhada e pronta para afundar no banco do caminhão, mas os garotos de alguma forma conseguiram animá-la, e quando chegaram ao rancho, ela tinha se resignado ao seu destino.

Um destino que ela alegremente abraçou pelos próximos cinco anos...

— Mamãe, vaca! — A voz de Trey a tirou de suas lembranças.

— Tem certeza de que não é um cavalo?

— Não, mamãe. Vaca!

— Ok, eu acho que você está certo. É uma vaca. — ela sorriu no espelho retrovisor diante da expressão do filho. Qualquer pessoa não familiarizada com garotos de quatro anos provavelmente teria presumido de seu entusiasmo que nunca tinha visto tal animal antes.

O restante da viagem foi ocupado com o reconhecimento de Trey toda vez que ele avistou uma vaca, que, considerando que havia fazendas em ambos os lados da estrada, era de aproximadamente a cada três segundos.

* * *

Desta vez, quando ela parou na casa da fazenda, Rory demorou um pouco mais para olhar em volta enquanto tirava os meninos do



carro. Quando ela foi embora logo depois do Natal, estava distraída demais para perceber o quanto havia mudado, mas agora parecia óbvio.

O quintal não era tão bem cuidado como quando os pais de Jake moravam lá. Os canteiros de flores pareciam cobertos de ervas daninhas e o alpendre era uma confusão de botas, ferramentas e o que pareciam vários projetos de marcenaria ainda não concluídos.

Mas o celeiro de cavalos era tão limpo e arrumado quanto Rory se lembrava, os currais estavam em bom estado, e o celeiro de feno estava nitidamente recheado de fardos para ração de inverno. Talvez todos precisassem de uma boa camada de tinta, mas o rancho era muito para dois homens sozinhos. Pintar provavelmente não estava na linha de frente da mente de Jake.

Antes que ela pudesse subir os degraus da varanda e bater na bela porta vermelha da casa da fazenda, Jake saiu do celeiro e acenou para eles.

— Aqui! — ele chamou, e os meninos prontamente abandonaram Rory para correr gritando pelo quintal em sua direção. Ela quase gritou quando Trey chegou a poucos passos de Jake e se jogou, com os braços estendidos, como esperasse simplesmente que Jake o pegasse. Felizmente, Jake estava vendo. Ele pegou o menino no ar, como se ele fizesse isso todos os dias, e o coração de Rory acelerou ao ver seu filhinho nos braços do fazendeiro.

Chris nunca quis segurar Sean. Na verdade, ele passou mais e mais tempo longe de casa depois que o seu filho nasceu, e evitou o balbúcio infantil de Sean, trancando-se no quarto quando *estava em casa*.

Rory sabia que seus meninos precisavam de modelos masculinos positivos em suas vidas, mas sempre hesitou em apresentá-los a qualquer um que não estivesse interessado em fazer parte de suas vidas a



longo prazo. E Jake, apesar do culto ao herói, provavelmente não seria mais do que uma presença ocasional em seu mundo. Ela só esperava que eles não ficassem muito apegados e então se sentissem arrasados quando ele nunca mais aparecesse.

— Oi. – disse ela sem fôlego, depois de correr pelo jardim para alcançar os seus filhos entusiasmados. — Me desculpe por isso. Não esperava que ele interpretasse o super-homem sem qualquer aviso, ou eu o teria parado.

— Está tudo bem. – disse Jake suavemente, enquanto Trey pegava seu chapéu de cowboy e o tirava, apenas para colocá-lo em sua própria cabeça, bem acima do topo de seu gorro. O menino começou a rir quando a aba do chapéu caiu do queixo e riu ainda mais quando Jake levantou a ponta e piscou para ele.

— Provavelmente não cheira bem aqui. – observou ele, mas Rory apenas deu de ombros.

— Tenho certeza que ele não vai notar. Ele é obcecado por chapéus ultimamente, e decidi escolher sua futura profissão com base em quanto de chapéu legal ele pode usar.

— E o que você vai ser quando crescer? – Jake perguntou, inclinando o chapéu mais uma vez.

— Um bombeiro. – Trey anunciou orgulhosamente.

— Boa escolha. – Jake disse. — Esses são ótimos chapéus, embora eu seja parcial para de cowboy.

— Vou ser um cowboy. – disse Sean, pulando para acompanhar enquanto todos caminhavam para o celeiro.

— Então, acho que você precisa de um chapéu também. – Jake se



abaixou no lugar de tacos para recuperar um chapéu de cowboy ainda mais ousado que ele deixou cair na cabeça de Sean.

Rory teve que fechar os olhos e o coração por um momento para aceitar a fofura que era Jake e seus filhos. Se apenas...

Não. Ela não podia se permitir pensar assim.

— Aqui estão eles. — Jake estava debruçado sobre a meia porta de uma das barracas, e pelos sons saindo da boca de Trey, ela assumiu que eles encontraram os filhotes. Rory ficou para trás e viu Jake instruir os meninos sobre como lidar com os filhotes com cuidado, depois sentou-os com uma bola de pelos em cada um de seus colos. Um momento depois, Kestrel saiu da tenda, cheirou os meninos e correu até Rory para enfiar o nariz sob a mão dela.

Rory precisava desesperadamente de alguma coisa para esconder suas emoções, então se agachou para acariciar o pelo preto e branco macio de border collie³, desejando poder enterrar seu rosto nele.

— Você está bem? — De repente, a voz de Jake estava bem acima de sua cabeça, e ela se levantou tão rápido que quase deu uma cabeçada nele no queixo.

— Desculpe! — ela se afastou a tempo de evitá-lo, mas perdeu o equilíbrio e quase caiu na parede atrás dela. Jake, claro, pegou-a pelo braço antes que ela pudesse cair e puxou-a para frente. Por um momento, o rosto dela estava pressionado contra o casaco, e ela captou os aromas de feno, cavalo e fumaça de madeira, junto com os pinheiros e o cheiro de couro que sempre associara ao próprio Jake - desde a primeira vez em que esteve perto o suficiente para saber como ele cheirava.

Desde o dia em que conheceu Mist.



* * *

Aos quatorze anos, sua improvável amizade com Drew havia sido completamente concretizada nas mentes de todos em Echo Creek como um fato inescapável. Eles tinham sido inseparáveis por mais de um ano e meio, e apesar de nunca terem saído, a maioria das pessoas considerava certo que eles secretamente estavam, ou estariam em algum momento.

Naquele dia, quando ela entrou no ônibus e sentou no banco ao lado de Drew, ele estava estranhamente hiper - sorrindo pela janela como se ele tivesse um enorme segredo, mas se recusando a dizer qualquer coisa.

Quando chegaram ao rancho, ele a puxou para o celeiro de cavalos e a apresentou a uma linda égua meio árabe, com uma juba comprida e exuberante e enormes olhos escuros. Depois que Drew a selou, ele foi evasivo, quase secreto, mas sugeriu que Rory levasse a nova égua para o curral e a experimentasse.

Ela cavalgara algumas vezes em sua primeira aula de equitação, mas essa era a primeira vez que ela tentava uma montaria diferente, e Rory ficara encantada com a chance de experimentar um pouco mais de um desafio. Drew estava no meio de lhe entregar as rédeas quando Jake entrou no celeiro e perguntou o que ele achava que estava fazendo.

A conversa que se seguiu revelou que Drew havia convencido seus pais a comprar a égua para ele, então decidiu entregá-la a Rory. Ela ficou chocada, mas incrivelmente tocada. Ninguém nunca havia feito nada parecido por ela antes.

Jake estava furioso, insistindo que Mist era demais para ela e que



alguém iria se machucar - o que levou a uma discussão acalorada, com Rory sendo pega no meio.

Um pouco ofendida pela falta de confiança de Jake e desesperada para impedi-los de brigar, Rory afirmou que ficaria bem e agarrou as rédeas, conduzindo Mist para o curral e montando enquanto tentava esconder o súbito ataque de nervos.

Tudo correu bem nos primeiros minutos. Jake a seguiu até o curral, parecendo sombrio e ficando perto enquanto ela abaixava a cabeça da égua e a instigava a uma corrida coletiva.

Drew estava furioso do lado de fora do curral, insistindo que ela poderia lidar com isso, quando o destino intervinha na forma de cinco jovens border collies. O verão estava muito ocupado para muito treinamento, então a última ninhada tinha crescido em um bando de encenqueiros, que escolheram o momento exato para correr para o curral logo atrás de um dos gatos do celeiro.

Mist, que se comportava perfeitamente bem em circunstâncias normais, tinha objeções árduas a um monte de caninos latindo ao redor de suas patas. Ela reagiu com extremo preconceito - recuando violentamente e saltando várias vezes antes de parar.

Foi preciso apenas o primeiro salto para enviar a aterrorizada Rory para fora da sela, certa de que ela estava prestes a ser pisoteada. Mas ela não foi pisoteada nem machucada - em vez disso, foi arrancada do ar antes que uma bota pudesse tocar o chão.

Foi pura sorte, é claro, que irritada égua a tivesse jogado diretamente em Jake, que reagiu rápido o suficiente para pegá-la. Mas para uma garota de quatorze anos, que havia ficado um pouco tempo demais nos olhos cinza de seu salvador, a sorte não tinha nada a ver com isso. Jake tinha se tornado duplamente um herói em seus olhos, e,



como ele era alto, forte e inegavelmente bonito, ela decidiu então que seus sentimentos eram mais do que apenas uma paixão - ela ia se casar com ele algum dia. A diferença de idade de seis anos entre eles poderia ser um pouco barulhenta, mas uma vez que ela completasse dezoito anos, não pareceria tão ruim assim.

Ela nunca contou a Drew, é claro. Ninguém dizia ao seu melhor amigo que estava apaixonada por seu irmão mais velho, mas ela nunca deixou de acreditar que, algum dia, Jake a veria mais do que apenas a sombra de seu irmãozinho.

Pelo menos não até a noite em que Drew morreu e todos os seus sonhos morreram com ele.

— Rory, o que há de errado?

Ela se afastou do aperto da mão de Jake em seu braço, envergonhada por sua queda próxima e a distração daquela memória particular.

— Estou bem. Desculpe. Ela afastou uma mecha de cabelo para atrás da orelha. — Acho que eu não estava muito firme em meus pés.

Os garotos ainda acariciavam alegremente os filhotes, que tinham descido do colo e cambaleavam em uma poça movediça de pelo preto e branco.

— Quanta dificuldade estou em mencionar cachorrinhos em primeiro lugar? – Jake perguntou em voz baixa.

Rory forçou uma risada. — Mais do que você pode imaginar. – ela o informou. — Eu vou estar suportando semanas de imploração para voltar e vê-los, seguido por meses de tentativas para me convencer de



que eles seriam completamente e totalmente responsáveis se eu conseguisse um filhote para eles.

— Sinto muito se causei um problema. — ele disse com tristeza. — Eu lembro de implorar por um filhote quando tinha a idade deles. Não pensei em quanto isso poderia te incomodar.

— Não se desculpe. — Rory o repreendeu. — Foi um pensamento gentil, e estou tão feliz que você tenha dito alguma coisa. Esta será uma experiência maravilhosa para eles.

Os dois ficaram em silêncio, observando os meninos e os cachorrinhos brincarem, e uma espécie de paz se instalou em Rory enquanto ela estava lá, respirando memórias junto com o cheiro familiar de cavalo.

O rancho sempre parecera um refúgio para ela. Ela passara tantas horas felizes nesse mesmo celeiro, ou passeando pelas pastagens, ou andando na traseira da picape enquanto percorriam as estradas secundárias fixando as cercas. Foi lá que ela descobriu seu amor pela aventura e a alegria que encontrou em aceitar desafios e construir coisas que durariam. Rory tinha amado mais do que qualquer outra coisa no mundo além de sua própria casa, e perdeu desesperadamente depois que ela foi embora.

Ela ansiava por essas lembranças e temia-as, porque estavam contaminadas agora. Toda a alegria há muito tinha sido ofuscada pelo conhecimento de tudo o que havia acontecido entre ela e Drew, e pelos segredos que ainda existiam entre ela e Jake.

Precisava dizer a ele. Precisava revelar a verdade para que pudessem seguir em frente e eventualmente - espero - começar a se curar.



Mas como ela poderia dizer ao homem que ela estava apaixonada pela metade de sua vida que não era culpa dele que seu irmão estivesse morto?

Era dela.

3. border collie: é uma raça de cachorro.



Capítulo 9

Jake sentiu-se quase tão desajeitado como no seu primeiro encontro, quando Chrissy Worth anunciou que queria que ele a beijasse bem quando eles pisaram na varanda dos pais no final da noite.

Não que Rory quisesse que ele a beijasse. Mas ele não teve a primeira ideia do que dizer ou o que fazer com as mãos. De algum modo, ele se arrependeu de ter dado seu chapéu para Trey - um chapéu sempre foi útil para ocupar suas mãos em momentos como este.

Ele apenas desejou ter alguma maneira de saber o que Rory estava pensando ou sentindo sobre estar no rancho novamente. Ele sabia que ela adorava ali - ela passara praticamente todos os momentos de seus verões com eles, especialmente depois que eles compraram Mist e ela foi capaz de andar junto quando eles saíram checando o gado.

Aquele relacionamento não tinha começado fabulosamente, agora que ele pensava sobre isso, mas Rory e Mist acabaram se tornando um time, e mesmo depois que Rory foi embora, Jake nunca tinha sido capaz de vendê-la.

— Você sabia que eu ainda tenho Mist? – ele deixou escapar.

Rory parecia chocada, mas de alguma forma esperançosa. — Eu... eu nem sequer pensei em perguntar sobre ela. – ela admitiu. — Eu assumi que ela estaria muito longe.

— Ela é velha. – admitiu Jake. — Mas eu a entreguei com alguns



dos cavalos do intervalo. Teve seu último filhote alguns anos atrás e depois se aposentou.

— Adoraria vê-la. — Rory confessou. — Eu... sinto falta de cavalgar.

Jake observou-a atentamente, imaginando se até mesmo essa reminiscência poderia ser demais à luz de quão profundamente suas memórias estavam ligadas a Drew, mas enquanto ela ainda parecia envergonhada, não parecia aflita. Ela simplesmente parecia com Rory - vulnerável, mas feroz e absolutamente linda, com olhos verdes que ele poderia se afogar pelo resto de sua vida. Para ele, nunca houve um momento em que ela não fosse bonita.

Antes que pudesse forçar-se a pensar em outra coisa inofensiva para dizer, Ben entrou no celeiro, batendo o chapéu empoeirado contra a perna.

— Senhorita Rory. — O braço direito do rancho cumprimentou-a, com um amplo sorriso cruzando seu rosto de barba grisalha.

— Oi, Ben. — disse ela, a tensão no rosto dando lugar a um genuíno sorriso de boas-vindas. — Que bom que você está se sentindo melhor.

— Eu também acho. — ele disse com uma piscada, antes de se agachar na frente dos meninos. — Ben, agora, quem são vocês dois bons homens?

Trey riu, mas Sean tentou se sentar um pouco mais ereto. — Eu sou Sean Ellis, e este é Trey. — ele anunciou seriamente.

— É muito bom conhecer você, Sean, e você, Trey. — Ben estendeu a mão e com muito cuidado balançou dos dois meninos. — Agora eu posso ver que vocês estão muito ocupados, mas eu me perguntei se vocês dois poderiam estar interessados em me ajudar com outra pequena tarefa de fazenda?



— Tarefa? — perguntou Sean com cuidado. Ele já estava familiarizado com a palavra e menos gostava disso.

— Bem. — Ben disse, sorrindo um pouco. — Parece que eu tenho um bezerro órfão que precisa de alguém para alimentá-lo. Eu sou um cara ocupado, e com certeza me ajudaria se houvesse um par de rapazes que estaria interessado em lhe dar sua mamadeira.

Os olhos de Sean instantaneamente se voltaram. — Mãe! — ele disse sem fôlego. — Nós podemos?

Rory riu. — Se não é muito problema para você, Ben, está tudo bem para mim.

— Sem problemas. — O homem mais velho disse com um brilho nos olhos. — Eles estariam me fazendo um favor e isso é um fato.

Ela acenou para os meninos. — É seguro para vocês irem com o Sr. Ben.

Eles rapidamente se separaram dos filhotes e seguiram Ben para fora do celeiro, conversando entusiasmamente enquanto iam, com enormes chapéus de cowboy balançando na parte de trás de suas cabeças.

Rory pegou o celular e tirou uma foto.

— Não posso acreditar o quão grande estão ficando. — ela confessou melancolicamente enquanto olhava para a foto antes de guardar o celular no bolso da calça jeans. — Parece que eles eram bebês ontem. Agora estão velhos o suficiente para ir embora sem olhar para trás. E implorar por um cachorrinho.

— Você sabe que eles são bem-vindos para voltar. — disse Jake, sem saber exatamente como seguir o que ele realmente queria dizer. — Eu



estava dizendo a verdade sobre a socialização dos filhotes. Eles podem usar muita interação com as crianças enquanto estão crescendo

Ela se virou para ele, com a testa enrugada e enfiou as mãos nos bolsos do casaco. — Isso é... típico de você, Jake, mas... — ela encolheu os ombros.

— Mas o que?

— Mas não acho que seja uma boa ideia. — ela disse finalmente. — Isso não pode ser fácil para você nos ter aqui, e não quero que os garotos o tratem como um playground. Você sabe que esse lugar é como um sonho que se tornou realidade para uma criança, e não quero que eles se apeguem demais a algo que não podem manter.

Algo escuro entrou em seu olhar depois disso, e Jake decidiu ir atrás dele. De alguma forma ele não conseguia se segurar em sua determinação de manter distância quando ela estava aqui, onde ele havia se apaixonado pela primeira vez por ela.

— Sua objeção é realmente sobre os meninos? Ou isso é sobre Drew?

Ela deu uma respiração rápida e dolorosa que soou como se ele tivesse batido nela. — Jake, é... é complicado. E é ambos. Como você poderia esperar que Drew não fizesse parte disso?

— Então por que você continua dizendo que é difícil para mim ter você aqui? Eu convidei você. Deixei claro que você é bem-vinda, então, se tiver alguma coisa, isso deve ser doloroso para você. E seus sentimentos?

— E sobre eles? — ela perguntou teimosamente, levantando o queixo.



Ela realmente queria que ele soletrasse?

— Você deve ter esperado que você faria parte de tudo isso um dia.
— disse ele sem rodeios. — É por isso que você age como se não pudesse esperar para ir embora?

Ela ficou branca e por um momento ele pensou que ela estava prestes a desmaiar.

— Jake, do que você está falando? Eu nunca esperei isso. Nem por um momento. Por que eu deveria?

— Por que você deveria? Por *que* você *não* deveria? Ou vocês dois estavam realmente planejando deixar a cidade e nunca mais voltar? — A pergunta saiu um pouco mais sarcástica do que ele pretendia.

— Nós não estávamos planejando *nada* .- Rory estava começando a parecer frustrada, e Jake se viu ficando irritado. Por que ela estava fingindo não entender? Ela tinha que saber que não ia funcionar. Não com ele. Não quando ambos sabiam a verdade.

— Então o que vocês *estavam* fazendo? — ele replicou. — Eu sei que meu irmão tinha suas falhas, mas ele não era um jogador, e eu nunca levei você para o tipo para fazer um jogo com seus sentimentos.

Suas palavras a atingiram como um golpe e Jake instantaneamente desejou que ele pudesse levá-las de volta. Ele tinha sido um idiota em abrir a boca, e sem pensar em jogar o passado na sua cara daquele jeito. Não havia como ela querer estar em qualquer lugar perto dele depois disso, e seria culpa dele se comportar como um idiota.

Mas ela não correu.

Parecia que Drew morrera de novo, mas ela não se afastou. Sua cabeça começou a balançar como se não pudesse acreditar no que



ouvira.

— Jake. — ela disse impotente. — Não é verdade. Eu pensei que você sabia que não era verdade! Ninguém estava jogando porque não havia jogo. Nós nunca namoramos! Drew e eu... — ela levantou as mãos e deu meia-volta pelo corredor do celeiro. — Depois que os rumores começaram, deixamos todos na escola pensar que estávamos juntos porque sabíamos o que aconteceria se negássemos isso! Ninguém teria acreditado. Mas pensei que ele teria contado a você, contado a seus pais. — ela se virou para encará-lo e seus olhos imploraram que ele acreditasse nela. — Nunca sonhei que ele teria deixado você pensando que estávamos juntos. Nós não estávamos! Ele era meu amigo mais próximo, mas nunca pensei em me casar com ele e ele se sentia da mesma maneira!

Desta vez, foi Jake quem se sentiu fraco e um pouco enjoado.

Ela realmente não sabia como Drew se sentia? Mas como ela poderia ter perdido isso? Drew passou todos os momentos possíveis com ela, contou todos os seus segredos e se envolveu em todos os detalhes de sua vida que ela estava disposta a compartilhar. Ele a convidou para todas as danças e a para as partes mais profundas e sagradas de seu coração. Jake sabia que seu irmão só teria se aberto tão completamente para a mulher com quem ele pretendia compartilhar o resto de sua vida.

Jake sabia. Mas de alguma forma Rory não. Talvez nunca tivesse visto relacionamentos românticos estáveis e não tivesse como interpretar o interesse de um homem por ela. Talvez ela estivesse tão desesperada por amizade, que ela resistiu à ideia de que poderia haver mais.

Mas esse não era o problema. Ele não estava prestes a culpar Rory por não saber sobre os sentimentos de seu irmão, quando estava rapidamente se tornando claro que a culpa era de Drew. Ela não sabia como ele se sentia, porque ele nunca lhe contara.



Mas por quê? O silêncio de Drew deixou Jake em completa derrota. Por que seu irmão escondera seus sentimentos da pessoa que mais amava no mundo? Será que ele, como Jake, sabia que ela não os compartilhava e queria manter os pequenos pedaços da amizade de Rory que ela estava disposta a conceder a ele?

— Sinto muito. — disse Jake, deixando cair o queixo e desejando que nunca tivesse aberto a boca em primeiro lugar. Isso ainda parecia ter sido um erro terrível, mas ele sabia que Rory não mentiria sobre Drew. — Rory, sinto muito. Eu pensei... Sempre acreditei que você sabia. Eu pensei que vocês dois estavam apenas mantendo isso em segredo. Eu não fazia ideia de que ele nunca lhe contou.

— Me disse o que? — ela colocou os braços em volta de si mesma, e ele podia vê-la tremendo.

— Rory, Drew estava apaixonado por você desde a oitava série.

* * *

Ela não conseguia respirar.

Drew estava apaixonado por ela?

Registrou vagamente que Jake finalmente a chamara de Rory, mas não conseguia sentir o triunfo - apenas a descrença horrorizada.

Seus joelhos quase se dobraram, mas como sempre fazia, Jake a segurou, segurando-a com um aperto suave em seus braços. Ele parecia confuso. Quase... perdido.

— Não é verdade, Jake. — ela sussurrou. — Não pode ser.



— Por que não? — Seus olhos cinzas perfuraram os dela. — Por que não pode ser verdade? Por que ele não teria amado você?

Ela balançou a cabeça. — Não. Você tem que estar errado. *Eu* era toda errada. Toda errada para ele. Nós éramos amigos, isso é tudo.

— Sinto muito, Rory. — ele realmente parecia arrependido. — Mas você foi a única mulher que meu irmão amou.

Ela não conseguia lidar com isso. Agora não. Não quando já estava lutando para aceitar sua culpa pela morte de Drew. Não quando se lembrava de todas as palavras que tinha dito a ele antes de ele ir embora naquela noite.

Desta vez, seus joelhos se recusaram completamente a cooperar e ela caiu de seu aperto enquanto o mundo parecia inclinar-se loucamente para os lados.

Jake disse algo, logo antes de pegá-la, tão facilmente quanto levantou Trey, com um braço sob os joelhos e um em volta dos ombros. Ela não entendia as palavras dele, mas sabia pelo tom que estava preocupado. Ela simplesmente não conseguia pensar.

Ele carregou-lhe cerca de uma dúzia de passos e colocou-a sobre um fardo de feno, firmando-a com as mãos nos ombros enquanto se ajoelhava na frente dela.

— Rory, apenas respire por um minuto, ok?

— Eu não posso. — disse ela, e um soluço escapou de seu peito. — Dói demais.

— Porque você estava apaixonada por ele. — disse Jake pacientemente.



Ele ainda não entendia. Todos esses anos, ele acreditava que ela estava apaixonada por Drew, e todos esses anos ele se sentia responsável pela morte de seu irmão. Não era de admirar que ele mal pudesse olhá-la nos olhos na maioria dos dias.

Como sua vida poderia ter se tornado um desastre estupidamente trágico de mal-entendidos e oportunidades perdidas?

— Eu não estava. — disse ela desesperadamente, lutando para conter os soluços que ameaçavam rasgar o caminho para fora dela. — Você tem que acreditar em mim, Jake. Eu o amava, mas nunca fui por amor com ele. Achei que ele sentia o mesmo por mim e juro que nunca lhe dei motivos para pensar o contrário.

Sua mente correu freneticamente pelos muitos momentos memoráveis de sua amizade, em busca de pistas. Procurando por respostas.

E agora que ela sabia procurá-las, elas estavam lá. Ela passou tantos anos evitando todas as lembranças de Drew que nunca olhou para aquelas lembranças através dos olhos de uma mulher madura.

O amor dele tinha estado lá em todas as escolhas que ele fez, cada comentário casual sobre o futuro, cada presente que ele fez soar como uma decisão imprudente, irrelevante do momento, quando ele provavelmente levou semanas para que parecesse assim.

Mist. “Sua” égua que ele deu a ela, provavelmente nunca foi para ele para começar. Ele simplesmente criou a situação para parecer assim, para que seus pais não soubessem o que estava planejando e Rory não ficaria desconfortável em aceitá-la.

Mas ela tinha sido cega, porque já estava meio apaixonada por outra pessoa.



Mesmo que ela não tivesse estado, Drew nunca foi o homem certo para ela. Ela sabia mesmo assim que isso nunca funcionaria, e ficou aliviada por nunca ter explicado isso a Drew. Eles nunca realmente discutiram o relacionamento deles, não em tantas palavras.

E isso, ela percebeu, que era o problema - eles nunca conversaram sobre as coisas profundas, e ela se contentou em evitar o constrangimento e deixar tudo por dizer, enquanto ele assumiu que eles entendiam um ao outro. Mas não entendiam, e essa falta de comunicação acabou prejudicando tantas pessoas.

Ela não podia nem imaginar o que seus pais devem ter sentido. Como devem tê-la odiado - a mulher que havia quebrado o coração do filho antes de mandá-lo para a morte.

E Jake? O que ele deve ter pensado quando ela saiu da cidade depois de nem sequer comparecer ao funeral?

De repente, ela não suportou olhar para ele. Ela tirou as mãos firmes, afastou-se e passou por ele. — Eu tenho que ir.

— Rory, espere. — ele a seguiu, com suas pernas mais longas mantendo-se sem esforço. — Você não pode ir agora, não está em condições para dirigir.

— Não me diga o que fazer, Jake. — ela retrucou, desesperada para ficar longe de tudo que ele revelou e tudo o que ele representava. — Eu preciso encontrar meus meninos e levá-los para casa.

— Eles estão no celeiro de vacas. — disse ele pacientemente. — Com Ben. Olha, me desculpe por ter te chateado, mas precisamos conversar sobre isso.

— Nós *não* estamos falando na frente dos meninos. — eles não precisam vê-la assim. Ela teve que se acalmar. Tinha que estar focada o



suficiente para dirigir.

— Então deixe-os ficar no celeiro com Ben. Podemos voltar para casa e conversar.

— Não. — ela não podia ficar. Não quando estava tão perto de quebrar completamente. — Eu tenho que chegar em casa.

— Então, pelo menos, deixe-me levá-la.

Ela correu para o celeiro e viu Sean e Trey em uma pequeno curral, acariciando o pescoço de um bezerro que não poderia ter mais do que um dia ou dois de idade.

— Meninos, temos que ir. Por favor, diga obrigado e adeus ao Sr. Ben.

Eles imediatamente protestaram, mas Rory os tirou do curral, agradeceu a Ben e entregou-lhe dois chapéus de cowboy antes que o braço direito assustado do rancho pudesse fazer muito mais do que murmurar “de nada” para os meninos.

Claro, então eles viram Jake e tiveram que dizer adeus a ele também, enquanto Rory rangeu os dentes e desejou que suas lágrimas não caíssem.

Ela não desmoronaria novamente na frente de Jake.

— Meninos, para o jipe. — ela ordenou, e eles estavam familiarizados o suficiente com sua voz sem sentido para não discutir.

Jake a seguiu até o carro dela. — Rory, por favor, não dirija para longe assim. — disse ele em voz baixa. — Você deve pensar melhor do que dirigir quando está tão chateada.



Ah, como isso apunhalou. Ele não tinha ideia de quão profundamente, mas ela sentiu a ferida de sua advertência em todos os cantos de seu coração e custou-lhe muito fingir o contrário.

— Não estou chateada, Jake. — disse ela, levantando o queixo, orgulhosa de nem sequer tremer. — Estou confusa. Estou devastada. E agora não quero gastar mais um minuto sendo lembrada de algo precioso que acabou sendo uma mentira.

E tão facilmente, ela virou a faca de volta para ele.

Ele ficou para trás, pálido e silencioso, quando ela entrou no jipe, afivelou o cinto e levantou o cascalho em seu caminho de volta para a estrada.



Capítulo 10

De alguma forma, ela levou os meninos para casa e se comportou como se tudo estivesse normal até a hora de irem dormir, porque quando você era uma mãe solteira, era o que você fazia.

Depois que eles estavam na cama - e dormindo em segurança - ela se permitiu o luxo de rastejar em sua própria cama, pressionando o rosto contra o travesseiro, e chorando até sentir como se não houvesse lágrimas no universo.

Além de Victoria, Drew foi a parte mais brilhante de sua adolescência - um amigo leal e inabalável que nunca a havia julgado ou desistido dela. Rory não podia explicar, mas de alguma forma, a amizade dele a fez se sentir valiosa de um jeito que até o amor de Victoria não podia.

Ela nunca teve um amigo antes de Drew. Não conseguia se lembrar de ficar em um lugar o tempo suficiente para fazer qualquer. Até onde ela sabia, ela havia sido levada para longe de sua mãe aos quatro anos, embora não tivesse lembranças para corroborar isso de um jeito ou de outro. Sua mãe aparentemente a deixara sozinha por dias seguidos enquanto se envolvia em um vício do jogo, e cerca de um ano depois que Rory entrou no sistema de adoção, a mulher morreu de overdose.

Como uma adulta, Rory sabia que as famílias adotivas vieram em todas as formas e tamanhos, e muitos eram paraísos calorosos e amorosos para as crianças muitas vezes traumatizadas que vieram para



ficar com eles. Ela nunca experimentara isso sozinha até chegar a Echo Creek.

Dos quatro aos doze anos, ela havia sido adotada nove vezes. A primeira durou quase dois anos, até que o casal decidiu adotar e ela era muito velha. Ela se ligara a eles com toda a força de seu coração solitário, e quando eles a rejeitaram, ela suspeitou que alguma parte dela havia quebrado. Mesmo aos seis, ela deve ter decidido que não queria se machucar tanto assim novamente e se recusou a permitir-se amar ou ser amada.

Havia uma família em que os pais eram abusivos e duas eram simplesmente negligentes, mas as outras acabaram solicitando uma nova adoção para ela por causa de sua própria sabotagem deliberada da situação. Levou vários anos de aconselhamento para Rory lidar com isso e entender o que a levou a rejeitar foi a mesma coisa que ela mais desejava. Agora ela podia olhar para aquela garota feroz e triste e sentir pena por ela, em vez de qualquer forma de culpa, mas até mesmo o aconselhamento não a ajudara a sentir-se como se merecesse ser amada.

Victoria tinha sido a primeira a rachar seu escudo protetor, amando como ela fez tão simples e completamente que Rory não teve escolha a não ser acreditar. Victoria a acolhera sem saber nada sobre ela - era um tipo de amor maternal e altruísta que escolheu abraçar qualquer criança que recebesse o máximo que pudesse.

Mas ter um amigo era diferente. Drew a escolheu. Tinha-a visto, conheceu-a e escolheu-a para ser sua amiga, com todos os seus espinhos e cicatrizes. E Rory não achava que poderia ter explicado a ninguém como a beleza daquilo havia sido arruinada pela percepção de que ele estava apaixonado por ela.

Sem dúvida, ela teria se sentido diferente se estivesse apaixonada por ele em troca. Ela sempre pensou que seria uma coisa linda ser casada



com um amigo. Mas ela nunca amou Drew desse jeito, e ela suspeitava que sua relutância em perder sua amizade fosse pelo menos em parte responsável por sua cegueira em relação aos sentimentos dele. Ela deliberadamente os ignorou, para que ela pudesse continuar sendo amiga dele.

E essa cegueira egoísta pode ter contribuído para sua morte.

Ele foi mais imprudente do que o habitual naquela noite. Um pouco selvagem antes mesmo de chegarem à festa. Em um ponto, ele sugeriu que eles fugissem juntos após o término da festa, e não contassem a ninguém o que estavam planejando.

Ela riu dele. Perguntou se ele já tinha bebido. Ele ficou quieto por alguns quilômetros e começou a perguntar sobre o futuro. Eles sempre faziam planos grandiosos juntos, mas desta vez ele quase parecia sério. E ela respondeu com brincadeiras despreocupadas, eventualmente assegurando-lhe que não tinha planos de deixar Echo Creek.

Deve ter parecido rejeição. Como se ela estivesse dizendo que não queria que qualquer um dos sonhos que eles tinham discutido, e, portanto, não queria *ele*. E depois de tudo o que aconteceu mais tarde naquela noite, Rory não pôde deixar de se perguntar o que ele deveria estar sentindo, e se foram essas palavras, e não as que se seguiram, que levaram às ações que encerraram sua vida.

Mas de qualquer forma, ela não podia escapar da culpa. De qualquer forma, ela ainda não tinha dito a Jake que não era culpa dele que seu irmão estivesse morto, e agora seria dez vezes mais difícil encará-lo com a verdade.

* * *



Seus sonhos pioraram depois disso. Ela sempre sonhara com Drew ocasionalmente, mas ele parecia assombrá-la nas semanas seguintes, até que ela ficava acordada até tarde e levantava cedo demais na esperança de não ver o rosto dele.

Ela passou pelos acontecimentos da vida normal. Foi trabalhar, fez um apelo com a companhia de seguros dela, e foi tagarela e serena na frente dos clientes, mas por dentro ela mal passava pelos dias. Ela tentou não se sentir desapontada por sua tia não ter respondido a sua mensagem, e escondeu o fato de que ela raramente estava com fome trabalhando horas extras e rejeitando todos os convites que recebia.

Ninguém viu Jake na cidade durante aquelas semanas, um fato que Darcy relatou meticulosamente a ela em numerosas ocasiões. Toda a compra do rancho foi de repente feita por Ben, que nunca chegou a Creekside, então era impossível para qualquer um dos intrometidos de Echo Creek perguntar a ele o que havia acontecido com seu chefe.

Então Howard queimou uma bandeja inteira de pãezinhos de canela em um momento não característico de distração, e Rory entrou na cozinha para encontrá-la cheia de fumaça e com cheiro de pão queimado.

Ela mal conseguiu voltar ao seu escritório a tempo de fechar a porta, encostar-se à parede, deslizar para o chão e lutar por respirar no meio do pânico.

Ela não tinha ideia de quanto tempo ficou ali sentada. Sua luta pelo controle acabou sendo interrompida quando um de seus empregados bateu à sua porta, o que quase a levou a uma nova espiral de aflição. Ela deveria ser a chefe deles - aquela que era forte e decisiva no meio de uma crise - e, em vez disso, estava sentada no chão, mal conseguindo respirar, enquanto outros cuidavam de suas responsabilidades.



— Só um minuto. — ela tentou dizer, mas ela ainda se sentia tonta e duvidava que ela pudesse ser ouvida.

A porta se abriu. Willow entrou e fechou atrás dela.

— Tudo bem. — ela disse baixinho, sentada de pernas cruzadas no chão ao lado de Rory. — Pegue a minha mão e se concentre em respirar devagar. Vou continuar falando, então deixe-se ouvir enquanto respira. Howard queimou os rolinhos de canela porque estava ao telefone com a esposa. Ela está fora da cidade visitando sua filha, Maggie, que estava esperando um bebê qualquer dia desses, e a esposa de Howard ligou para anunciar que ele se tornou um avô pela primeira vez. Howard queria falar com Maggie, e então eles lhe enviaram fotos, e acho que ele pode ter sorrido algumas vezes. Seu neto é corado e enrugado e parece um macaco sem pelos, como a maioria dos recém-nascidos, mas Howard está convencido do contrário. Agora está mostrando as fotos para os clientes e alegando que vai fazer o maior bolo que sua loja já viu para comemorar.

Isso ajudou. Rory deu seu terceiro suspiro antes de conseguir erguer a cabeça e sorrir sem entusiasmo. — Como você sabia? — ela perguntou.

Willow apertou a mão dela. — Porque ainda tenho ataques de pânico. Sei que Elliot está na cadeia e ele não pode me machucar, mas meu corpo nem sempre acredita no meu cérebro. Há certas coisas que podem defini-las, como bater portas ou vozes iradas. Eu pensei que a fumaça poderia ser esse tipo de problema para você.

Rory fechou os olhos e sentiu as lágrimas escorrerem por suas bochechas. — Sinto muito. — disse ela, impotente. — Não consigo manter as coisas calmas agora.

— Você é a única que espera por isso. — Willow respondeu, um pouco azeda. — Bem, você e Alicia Alverson. Mas você dá graça e



mostra misericórdia a todos - até mesmo a Alicia - não reserva nenhuma para si mesma. Talvez seja hora de repensar isso.

Rory teve que rir, então, uma risada frágil e lacrimejante que, no entanto, aliviou ainda mais o aperto no peito. — Eu ouço você. — ela admitiu. — E eu até concordo. Mas chegar lá é uma montanha que não sei escalar.

— Você não precisa saber como. — disse Willow ferozmente. — É por isso que nós temos um ao outro. Rory, todos nós estamos subindo aquela montanha de um jeito ou de outro. Você me deu uma mão quando eu não sabia como dar o próximo passo, e agora é a minha vez de fazer isso por você. Você tem dado aos outros a mesma graça por anos, então pare de tentar fazer isso sozinha. Pare de fingir que está bem quando todos nós sabemos que você não está comendo e provavelmente não está dormindo também. Ninguém está enganando mais ninguém. A única maneira de qualquer um de nós passar o dia é um com o outro.

— Ok. — Rory respirou fundo, então soltou lentamente e propositalmente. — Você está certa. Preciso dar uma pausa no trabalho, mas não sei como. — ela odiava admitir, mas precisava ser dito. — Às vezes parece que a familiaridade da rotina e as distrações são tudo o que me prende. Mas no final, tenho certeza de que está me impedindo de me recuperar.

Willow sorriu para ela. — Vê? Você consegue fazer isso.

— Ha, ha. — Rory deu-lhe um olhar enojado. — Isso significa que Isaac estará atuando como gerente e Jess estará no comando do balcão. A menos que você queira esse trabalho?

Willow levantou as duas mãos em sinal de rendição. — Nem mesmo um pouquinho. — ela disse, soando um pouco em pânico. — Jess tem trabalhado nesse balcão dez vezes mais do que eu, e estou



perfeitamente feliz em fazer o meu trabalho e ir para casa.

— Então vou deixar todo mundo saber que estou tirando uma licença, começando agora. Vou atender chamadas de emergência, mas isso é tudo. E talvez, você possa pedir ao Howard para me trazer uma fatia daquele bolo?

Willow se inclinou e a abraçou. — Tudo o que você precisar, chefe.

* * *

Fazia quase três semanas desde que Jake pisara na cidade, mas desta vez ele tinha uma missão que não podia delegar. Ele acordou naquela manhã em um banheiro inundado e descobriu um vazamento embaixo da pia.

Assim que as tarefas essenciais da manhã foram concluídas, ele entrou em sua caminhonete e se dirigiu para a loja de ferragens - querendo estar na estrada antes que Ben pudesse se oferecer para fazê-lo. Nenhum deles estava muito familiarizado com os mistérios de tubos e acessórios, mas Ben estava mais inclinado a improvisar e Jake não estava pronto para deixá-lo usar fita adesiva para um reparo de encanamento. Ele provavelmente deveria apenas contratar um encanador, mas parecia algo que ele deveria ser capaz de consertar.

Então ele estava indo para a cidade, mas não ia parar por Creekside.

Ele teve muito tempo para pensar desde que Rory partiu - muito tempo para pensar sobre o que realmente aconteceu entre ela e seu irmão, e o quanto seu irmão nunca lhe contou.

Drew sempre foi o mais extrovertido dos três irmãos Cunningham, o mais rápido para demonstrar suas emoções e compartilhar os seus



sentimentos. De todas as pessoas, Jake tinha assumido que Drew teria compartilhado esses sentimentos com a garota com quem ele esperava se casar. Mas ele claramente não tinha, e Jake ainda estava tentando entender o porquê.

Não foi até que Rory tinha dezoito anos e quase se formou no colegial que Jake se permitiu admitir que ele a amava também, mas tinha sido cuidadoso para não fazer com que os seus sentimentos fossem descobertos. Ele se importava muito ferozmente com o fato de Drew machucá-lo daquela maneira, ou permitir que qualquer indício de competição entrasse em seu relacionamento com seus irmãos. Eles eram diferentes demais para que a competição fosse um problema antes.

Jake era seis anos mais velho que Drew, quatro mais velhos que Jeremiah e, embora se destacasse nos esportes, geralmente preferia atividades solitárias. Ele ficara feliz em ser o único a ficar em casa e garantir que o rancho prosperasse, permitindo que Jeremiah se concentrasse em seus livros e Drew sonhasse em deixar sua pequena cidade para trás.

Era verdade que ele ocasionalmente desejava que seu irmão mais novo crescesse um pouco mais rápido e mostrasse alguma pista de que ele era capaz de pensar e assumir responsabilidades. A espontaneidade de Drew era tão lendária quanto sua leveza e, embora isso o tornasse divertido estar por perto, não causava dor de cabeça para os que restavam pegando os escombros das ideias e buscas que ele havia tentado, depois abandonara.

Mas Rory tinha sido a única constante em sua vida, a única coisa que Jake tinha certeza de que Drew amava mais do que sua liberdade. E Rory era a pessoa mais leal que ele conhecia. Ela teria defendido qualquer um que ela se permitisse amar até a morte, seja uma pessoa ou um filhote. Ele simplesmente não conseguia entender por que ela e Drew tinham se escondido tanto um do outro, nem ele poderia se impedir de



pensar como suas vidas teriam sido diferentes se todos fossem honestos.

E se Drew dissesse a Rory que a amava? E se ela dissesse a ele que só queria ser uma amiga? E se Jake tivesse dito a Drew a verdade sobre seus próprios sentimentos, em vez de esperar que ficassem escondidos? Alguma coisa sobre a noite no passado mudaria? Seus pais ainda teriam se afastado para evitar ser lembrado de Drew, e Rory teria fugido em vez de enfrentar a vida sem seu melhor amigo?

Ele ainda não culpou nada sobre aquela noite em Rory, embora tenha começado a se perguntar se ela poderia estar se culpando apesar de sua própria admissão de culpa. E agora ele a machucou ainda mais com sua revelação dos sentimentos de Drew. Ele deveria ter lidado com isso de forma diferente. Melhor. Ele a deixou acreditando que sua amizade com seu irmão tinha sido uma mentira, quando nada poderia estar mais longe da verdade. E agora ele não sabia como consertar isso.

Depois de pegar o que ele precisava na forma de suprimentos de encanamento, Jake parou na farmácia The Old Corner para comprar remédio para tosse para Ben, e não percebeu até tarde demais que Darcy de Creekside estava andando no mesmo corredor com um dedo tocando nos lábios dela.

— Jake! — Seus olhos se iluminaram e ela sorriu com muito mais entusiasmo do que o seu sombrio e poeirento necessário. — Eu não te vejo há séculos! Quem está doente?

Confie em Darcy para perguntar.

— Ben tem uma tosse. — ele disse brevemente, esperando que ela o deixasse assim que sua curiosidade fosse satisfeita.

— Ah, não, isso é horrível! — Sua simpatia era sempre genuína, pelo menos. O coração de Darcy era ainda maior do que sua capacidade de se



intrometer. — Certifique-se de pegar uma canja de galinha e um pouco de mel - o mel é ótimo para uma tosse!

Ele assentiu e deliberadamente voltou sua atenção para a prateleira de xaropes para tosse, mas Darcy não terminou.

— Estou montando uma cesta para Rory. — disse ela, olhando para os dois lados do corredor como se estivesse divulgando um segredo de Estado. — Ela está tirando folga do trabalho e acabou ficando doente há alguns dias. Ela diz que não precisa ir ao médico, mas acho que ela não nos diria se precisasse. Além disso, é sábado e Kinley fez uma viagem para esquiar, então a pobre Rory está em casa sozinha com os garotos!

Rory? Tirando uma folga do trabalho? Ela nunca fez isso, exceto após o incêndio. E ele sabia melhor do que imaginar que ela ligaria para alguém se precisasse de ajuda.

— Tenho certeza que ela vai ficar bem. — ele mentiu.

Darcy encolheu os ombros. — Talvez, mas eu ainda vou levar para ela todas essas coisas depois do trabalho. — ela apontou para sua cesta, que estava transbordando de gatorade, caixas de lenços, latas de sopa e uma variedade de outras coisas que Jake podia lembrar de sua mãe quando ela estava doente. Tudo o que ele geralmente queria era dormir.

Ele selecionou alguns remédios para tosse sem mais comentários e acabou checando logo atrás de Darcy. Quando ele saiu para sua caminhonete, ela estava de pé ao lado de seu carro, conversando com alguém no telefone e parecendo preocupada. Assim que o viu, ela acenou para ele com uma expressão frenética que sugeria que uma legião de filhotes estava se afogando em algum lugar próximo.

Assim que ela desligou, ela assumiu um olhar de olhos arregalados e suplicante que ele não podia imaginar bom presságio para ele.



— Olha, eu odeio te perguntar. — ela disse, o que Jake tinha certeza que era uma mentira. — Mas Jess ligou doente e eu vou ter que cobrir seu turno hoje. Você se importaria de deixar essas coisas na casa de Rory quando estiver fora da cidade? Eu simplesmente não suporto pensar nela não tendo tudo o que ela precisa, e eu não serei capaz de chegar lá até tarde.

Antes que ele pudesse dizer "sim", "não" ou "por que eu", ela entregou-lhe as sacolas, entrou no carro e saiu do estacionamento.

Jake decidiu que as mulheres de Echo Creek acabariam sendo a morte dele.

* * *

Ele debateu em deixar as sacolas na varanda de Rory, tocar a campainha e correr por sua vida, mas ele não tinha mais doze anos e isso parecia um pouco como covardia. Na sua idade, ele deveria ser capaz de lidar com um pouco de constrangimento a serviço de um amigo.

Sua batida inicial, hesitante, no entanto, não conseguiu produzir nenhum resultado, então ele foi forçado a bater mais forte e, finalmente, a gritar através da porta.

— Rory? É o Jake. Você está bem?

A porta se abriu.

Sean e Trey estavam juntos na porta, ainda de pijama, parecendo esperançosos.

— Eu estou com fome. — Trey anunciou, como se a aparência de Jake deveria - em qualquer pessoa razoável - para anunciar a chegada da



comida.

— Onde está sua mãe?

— Ela está doente. – disse Sean solenemente.

— Ela disse que estava tudo bem para você abrir a porta?

O menino começou a parecer evasivo. — Não. – ele admitiu. — Mas não há problema em abrir para amigos.

— E eu estou com fome. – repetiu Trey.

Já passava do meio-dia. — Você já almoçou? – Jake perguntou cuidadosamente.

Sean sacudiu a cabeça. — Mamãe está dormindo e não conseguimos acordá-la.

Isso foi o suficiente para que a armadura cuidadosamente construída em torno do coração de Jake desmoronasse em pedaços. Ele não poderia ter saído depois disso se o rancho estivesse em chamas. — Tudo bem. – disse ele, controlando o desejo de chutar a porta e se certificar de que Rory estava genuinamente apenas dormindo. — Talvez devêssemos ver se podemos encontrar algum almoço para vocês.

Ele entrou, fechou a porta silenciosamente e tirou as botas enlameadas na entrada antes de seguir os meninos até a sala de estar. Rory estava deitada no sofá, sob uma pilha de cobertores, os olhos fechados e o rosto corado de febre.

Ela estava respirando, mesmo que fosse um pouco rápido demais, então ele se forçou a entrar na cozinha e colocar na bancada as sacolas que Darcy mandou.



Não era difícil satisfazer os garotos - bolachas com manteiga de amendoim, cubos de queijo e fatias de maçã eram o suficiente para mantê-los mastigando alegremente enquanto ele voltava para a sala para verificar Rory.

Ele não queria acordá-la - o céu sabia o que ela acharia se acordasse e o encontrasse em sua casa - mas ele achava que alguém deveria checar sua febre, então colocou as costas da mão gentilmente em sua testa, desejando irremediavelmente que ele tinha o direito de ser o único a cuidar dela. Ele queria ser quem ela chamava quando estava em apuros, se ela pudesse encontrar uma maneira de perdoá-lo...

Ele mal teve a chance de registrar o calor ardente de sua pele quando seus olhos se abriram.



Capítulo 11

Ele era o sonho mais querido de Rory e o pior pesadelo, tudo em um - abrindo os olhos para ver o homem que ela amava em pé ao lado da sua cama, observando-a com cuidado e preocupação, quando estivera doente por dias sem tomar banho e não podia possivelmente parecer ou se sentir mais infeliz.

Então ela fechou os olhos novamente e decidiu que era um sonho. Ela não deixaria isso ser real.

— Rory.

Não, essa era a voz de Jake. Sua voz profunda, linda e dolorosamente familiar. E ele ainda estava chamando-a de Rory.

— Há quanto tempo você esteve doente?

O que ele estava fazendo na casa dela?

— Como você entrou? — Sua voz soou como se ela tivesse gargarejado pedras.

— Darcy me pediu para deixar algumas coisas e os meninos abriram a porta. Eles disseram que você estava doente e não acordava.

Os meninos. Ah não. Ela adormeceu quando deveria estar cuidando deles...

Rory tentou se sentar, mas a mão de Jake encontrou seu ombro e a



pressionou de volta na suavidade da almofada do sofá.

— Os garotos estão bem. Eles estão almoçando e, até onde eu sei, eles não fizeram nada muito louco.

A sala girou e seu estômago revirou, então ela não tentou se levantar novamente.

— Rory, preciso que você me diga há quanto tempo você está assim.

— Eu não sei. — ela disse com voz rouca. — Que dia é hoje?

— Sábado.

Como poderia ser sábado? Ela tinha vagas lembranças de pegar os meninos e alimentá-los antes de cambalear de volta para sua cama, mas não conseguia se lembrar do dia e da noite.

— Dois dias, eu acho. — disse ela, depois de fazer uma contagem cuidadosa. — Eu comecei a sentir-me doente em algum momento da noite de quarta-feira, mas não foi tão ruim até depois que peguei os meninos na quinta-feira. Não me preocupei muito porque eles não tiveram aula ontem. — ela tentou engolir, mas acabou tossindo porque sua garganta estava seca demais.

Jake saiu da sala abruptamente, mas retornou apenas alguns instantes depois com água.

— Você provavelmente está desidratada. — ele disse baixinho. — Beba o máximo que puder.

— Isso não dará certo. — ela informou secamente. — A menos que você queira me ver marcar um ponto de jato de vomito à distância.



Será que ela tinha acabado de dizer “jato de vômito” na frente de Jake? Se a febre não a matasse, o constrangimento provavelmente teria.

Mas ele não reagiu, apenas segurou o copo e a ajudou a sentar até que ela pudesse tomar alguns goles. — Chega. — disse ela finalmente, e recostou-se no travesseiro, imaginando se o cabelo ou o rosto dela era um desastre maior.

— Darcy enviou sopa. — ele disse a ela. — Bolachas, gatorade e um monte de outras coisas. Está com fome? Você tomou alguma coisa pela febre?

— Eu não acho que vou ficar com fome pelo resto da minha vida. — admitiu fracamente. — A única coisa que eu tive para a febre foi Tylenol infantil e não pareceu ajudar.

Sua expressão escureceu. — E você não ligou para ninguém?

— Eu não tinha certeza para quem ligar. — disse ela, cansada demais para discutir com ele. — E acho que já estava muito doente para tomar decisões racionais.

Ele estava com raiva, ela pensou, embora isso pudesse ser a febre que obscurecia sua já duvidosa habilidade de ler seu humor. Ele parecia perfeitamente controlado quando tirou o telefone da mesa de café e tocou-o algumas vezes.

— Aqui. — disse ele, mostrando-lhe a tela antes de encontrar seus olhos com os seus cinzas de aço. — Esse é meu número. Nós dois sabemos que você o tem. Quando você não conseguir pensar em ninguém para ligar, você poderia pelo menos *me* ligar? Mande-me uma mensagem, qualquer coisa. Eu não quero nunca mais descobrir que você esteve deitada aqui por dois dias, doente e sozinha, sem ninguém para ajudá-la.



Rory fechou os olhos e tentou processar o que ele estava dizendo. Quase parecia que ele se importava, mas ela não conseguia encaixar, e ela estava com muito sono para descobrir.

— Estou cansada, Jake. — ela sussurrou. — Eu só quero dormir mais um pouco.

— Então você pode. — Sua voz ficou gentil novamente e ele se sentou sobre um joelho no sofá. Ela estava quase dormindo, mas pensou que ele tirou o cabelo do rosto dela com dedos cuidadosos. — Mas não vai dormir até você tomar algum Tylenol.

Ela caiu enquanto ele pegava o remédio, então conseguiu ficar acordada o tempo suficiente para ele ajudá-la a se sentar enquanto ela engolia os comprimidos.

— Você vai dormir melhor em sua própria cama. — ele disse brevemente. — Onde está o seu quarto?

— Eu não posso. — ela disse a ele baixo. — Os meninos. Tenho que vê-los.

— A única coisa que você estará vendo é a parte de trás de suas pálpebras. — disse ele, parecendo divertido. — Vou me certificar de que os meninos sejam cuidados.

E então ele simplesmente pegou-a e levou-a para o quarto.

Ela tinha certeza de que ele perguntou a Sean qual era o quarto dela, depois a deitou na cama e a cobriu com a colcha.

E ela estava ainda mais certa de que nada nunca se sentira tão reconfortante quanto ter alguém para se apoiar naquele momento em que não tinha força própria. Ela sentia falta da mãe. Sentia falta de saber que, mesmo quando estivesse doente, tudo ficaria bem.



Mas Jake estava lá, e ele não deixaria nada acontecer com os meninos. Ele disse isso, e mais do que qualquer outra pessoa no mundo, ela confiava nele com suas vidas. E ela própria.

Ela caiu no sono imaginando se tinha imaginado apenas o roçar de seus lábios em sua testa antes que ele apagasse a luz e a deixasse em seus sonhos.

* * *

Era segunda-feira antes que ela tivesse energia para sair da cama e dar a volta, e na terça-feira antes que ela pensasse em saber o que exatamente acontecera enquanto estava doente. Ela estava certa de que Jake não tinha sido um produto de seu delírio, mas não podia imaginar por que ele estaria em sua casa. E ela não sabia a quem perguntar. Os meninos passaram o domingo com Kinley, que também os levou para a escola, e Tess foi quem ficou com ela enquanto se recuperava, mas nenhum deles dissera nada sobre Jake.

Então ela decidiu interrogar as únicas pessoas que poderia ter certeza de que não faria nenhuma suposição sobre suas perguntas.

— Sean. — ela perguntou cuidadosamente depois que eles se sentaram para jantar na terça à noite. — O Sr. Jake estava aqui enquanto eu estava doente?

Ele assentiu vigorosamente, com a boca cheia de queijo e macarrão.

— Quando ele esteve aqui?

Sean encolheu os ombros. — Eu não sei em que dia. — disse ele. — Mas ele nos fez cachorros-quentes e nos deixou assistir a um filme.



— Quanto tempo ele ficou?

Os garotos se entreolharam. — Ele nos colocou na cama. — disse Trey. — E leu para nós uma história.

O processo de raciocínio de Rory quase parou - tinha que ter sido a coisa mais fofa da história de todos os tempos.

— Mas Kinley estava aqui de manhã?

— Ela fez panquecas. — anunciou Sean alegremente. Panquecas eram suas favoritas.

Então Jake cuidou dos meninos por uma parte do dia, então ligou para Kinley. Ou ele ficou a noite? De qualquer forma, Kinley sabia que ele estava lá.

— Ele disse por que ele veio?

Sean sacudiu a cabeça. — Não, mas nos mostrou fotos dos filhotes!

Os dois meninos se concentraram em sua comida por um momento antes de Trey inesperadamente se manifestar. — Ele estava com medo, mamãe.

Rory fez uma pausa, com uma garfada de macarrão no meio da boca. — O que você quer dizer?

— Ele estava segurando a sua mão enquanto você dormia e eu perguntei o porquê e ele disse que até mesmo pessoas grandes ficam com medo às vezes.

Seus pensamentos pararam.

Jake?



Jake tinha feito isso? Ele segurou a mão dela e disse aquelas palavras para o filho dela?

Se ele tivesse medo por ela, isso significava que não estava zangado com a última conversa? Ela ousou acreditar que suas ações significavam que ele ainda se importava?

Isso derrubou todas as fundações debaixo dela, arruinou suas defesas cuidadosamente construídas e quase a subjugou com esperança.

Mas o desespero se elevou novamente, e a esperança teve uma morte súbita e dolorosa quando se lembrou do que havia entre eles.

Não importava o que ele fizesse, não importava o que ela esperava, ela não podia avançar até que lhe contasse a verdade.

Assim que o jantar terminou e os meninos foram para a cama, ela pegou o diário e começou a escrever uma carta para Jake.

Ela não achava que poderia dizer o que precisava pessoalmente. Ela tinha estado à beira várias vezes, e cada vez foi incapaz de dizer as palavras. Seria melhor se ela colocasse no papel - assim ela poderia ter certeza de que contaria tudo plenamente e claramente. Então ela poderia entregá-lo a ele, ir embora, e não ter que ver o olhar em seus olhos quando ele o lesse.

Provavelmente foi uma solução covarde, mas onde Jake Cunningham era preocupado, Rory era inegavelmente uma covarde.

Ela não foi longe com sua história naquela primeira noite. Era muito doloroso reviver o último dia da vida de Drew - o que eles tinham feito e o que ela dissera. Ela sabia que Jake não queria que eles fossem para a festa, porque Drew disse isso a ela. E eles fizeram isso de qualquer maneira, porque ela tolamente acreditava que eles eram invencíveis. O ensino médio havia acabado, toda a sua vida estava à frente deles, e nada



poderia tocá-los ou seus sonhos.

Ela escreveu sobre isso - sobre o último momento em que se lembrava de onde tudo parecia brilhante, perfeito, cheio de alegria e possibilidade. Sobre dirigir pela estrada com o vento nos cabelos, o rádio ligou, e a risada contagiante de Drew preenchendo o carro.

Antes que pudesse começar a escrever sobre a festa, Rory percebeu que estava cansada demais e quebrada para continuar. O resto da história teria que ser escrita outro dia, mas agora que começou, ela sabia que terminaria.

Jake finalmente saberia a verdade. E embora ela mal pudesse admitir para si mesma, Rory tinha começado a esperar que talvez - apenas talvez - a verdade pudesse libertar os dois.

* * *

Na tarde de quarta-feira, Tess levou os meninos para a casa dela depois da escola, então Rory aproveitou a oportunidade para limpar a pequena cabana de cima a baixo. Esfregou os banheiros e o piso de ladrilhos, limpou as janelas, sacudiu os tapetes e até aspirou por baixo das almofadas do sofá - uma necessidade absoluta quando se lida com garotos jovens. O número de biscoitos e lápis de cor que encontrou provavelmente poderia ter fornecido uma pequena pré-escola por pelo menos um semestre.

Ela estava no meio do polimento das bancadas de granito quando Tess ligou.

— Rory, odeio te preocupar, mas Trey não está se sentindo bem. Acho que ele pode estar adoecendo.



— Tess, eu sinto muito. — ela deveria ter percebido que um ou os dois garotos provavelmente iriam ter o que ela teve. Um sentimento de culpa a assaltou, mas ela sufocou e pegou sua bolsa. — Estarei aí logo para pegá-los.

Com certeza, no momento em que ela chegou no Becketts, Trey estava parecendo corado e letárgico e tinha desenvolvido uma leve tosse. Rory levou os garotos para casa, fez gelatina e deixou-os assistir aos seus desenhos favoritos, mas na hora de dormir, Trey estava com febre de mais de trinta e oito graus.

Ela deu a ele um analgésico e colocou-o na cama em seu quarto, onde se instalou por uma longa noite. Dos dois meninos, Trey tendia a ser mais exigente e irritável quando não estava se sentindo bem, e geralmente exigia sua atenção constante. Até agora, porém, ele estava quieto e quase apático, o que a fez se preocupar ainda mais do que o normal.

Durante toda a noite, apesar de seus esforços, sua febre se recusou a abaixar. Ele dormiu irregularmente, choramingou durante o sono e disse que sua cabeça doía.

De manhã, Rory foi um completo desastre de exaustão e preocupação. Sabia que provavelmente não era nada - todos os sintomas dele eram os mesmos que os dela e só tinham que passar por isso, mas ele era o bebê dela, então ela se preocupava de qualquer maneira. Seu apetite havia sumido, então ela fez um enorme bule de café e bebeu a maior parte do tempo entre dar banhos de esponja de Trey e ter certeza que ele bebeu muita água.

As últimas horas da manhã não trouxeram alívio - ele ainda não conseguia descansar bem e finalmente começou a vomitar. No meio da tarde, ele estava ficando cada vez mais agitado e sua tosse parecia estar piorando. Sua febre recusava-se a responder por muito tempo ao Tylenol



ou ao ibuprofeno, e ele não conseguia diminuir nem mesmo as pequenas quantidades de água que dava a cada quinze minutos.

Quando ela não estava segurando o corpo quente do filho, acariciando suas costas ou tentando acalmar suas lágrimas, Rory andava pelo chão, os braços em volta do peito, mal se segurando o suficiente para alimentar Sean e encontrar-lhe novos desenhos para assistir.

Foi depois que Trey começou a chorar que seu peito doía, que ela decidiu que era hora de levá-lo ao médico. Ela tinha dito antes quando se preocupava muito, que ela precisava parar de levar seus meninos para cada pequena coisa, mas como poderia? E se ela perdesse algo importante ou assumisse que tudo ficaria bem quando não fosse? E se assumiu errado?

Depois de guardar alguns brinquedos e lanches com os dedos trêmulos, Rory colocou os sapatos de Sean e pegou o telefone para ligar para a clínica antes de perceber que já passava das nove da noite.

O médico já tinha ido embora e ela agora não tinha escolha a não ser levar Trey para a sala de emergência em Bend.

Os olhos de Rory começaram a arder com lágrimas frustradas, e um pedaço pesado de medo preencheu seu estômago. O seguro dela nunca tinha sido bom e o custo do pronto-socorro ia engolir uma grande parte de suas economias, mas ela realmente não tinha escolha.

Ela ligou para Tess. — Oi. — disse ela, quando Tess atendeu, tentando manter a voz firme e não deixar sua amiga saber como ela estava chateada. — Tess, Trey está muito doente. Vou precisar levá-lo ao pronto-socorro. Existe alguma maneira que você poderia...

Tess nem sequer a deixou terminar. — Estamos a caminho. — disse Tess instantaneamente. — Vou arrumar Sean e levá-lo para casa comigo



e os meninos, e Finn vai levá-la para Bend.

Rory nem discutiu. Seu bebê estava muito doente, e naquele momento ela teria aceitado alegremente a ajuda de Alicia Alverson. Ela passou os próximos minutos guardando o que achava que poderia precisar em uma mochila, trocando o pijama da Trey e pegando seu cobertor e brinquedos favoritos. Sua total falta de interesse pelos procedimentos fez com que seu coração batesse dolorosamente de medo, e ela só podia rezar para que não fosse tarde demais.

* * *

Rory não se lembrava de ter demorado tanto para chegar a Bend. Enquanto Trey cochilava, sua respiração entrecortada dentro e fora de seu peito, Finn mantinha um fluxo obstinado de conversas. Rory respondeu mecanicamente enquanto ela se sentou ao lado da cadeirinha de Trey, segurando a mão dele e tentando manter a cabeça dele balançando ao redor. Sua mente, porém, estava correndo através de uma variedade de possibilidades para o que poderia estar errado com ele.

Ele havia nascido cinco semanas antes e diagnosticado com síndrome do desconforto respiratório. As duas primeiras semanas de sua vida foram gastas na UTI Neonatal, com oxigênio, enquanto esperavam que seus pulmões se estabilizassem. E embora, estivesse bem desde então, os médicos avisaram-na de que seus pulmões poderiam estar sempre propensos a infecções.

Ela deveria tê-lo levado ao médico mais cedo. Deveria tê-lo observado com mais cuidado desde que ficou doente. Não deveria ter sido tão focada em seus próprios problemas que ela não tinha percebido o quanto seus meninos precisavam dela...



— Estamos aqui. — disse Finn, e Rory olhou para cima com um sobressalto. Com certeza, a brilhante placa de "emergência" estava bem do lado de fora da janela, então ela soltou o cinto de Trey, pegou sua mochila e carregou-o através das portas de vidro deslizantes.

Ela pensou que Finn disse algo sobre estacionar o carro, mas Trey começou a chorar quando se aproximou da recepção, e de repente ela se lembrou de que ainda estava vestindo o pijama que ela dormiu na noite anterior e não tinha penteado o cabelo desde... quem sabe mesmo quando. Mas ela estava no pronto-socorro com o filho, então por que ela se importava com o que ela parecia?

A mulher atrás da mesa parecia cansada e irritada, mas aceitou o cartão de identificação e seguro de Rory e entregou-lhe um formulário para preencher depois de fazer algumas perguntas básicas. Ela parecia satisfeita que a situação de Trey não era urgente e mandou Rory levar seus formulários preenchidos para outra mesa quando ela terminou.

Não havia realmente nenhum lugar para ela se sentar enquanto ela terminava os formulários, então ela foi até a sala de espera e colocou Trey em um trio de cadeiras vazias, enquanto preenchia os espaços em branco o mais rápido possível, incluindo seu histórico de saúde. Enquanto ela estava rabiscando freneticamente, Finn entrou e sentou ao lado de Trey, alisando o cabelo e fazendo barulhos sempre que ele choramingava suavemente.

— Você pode... — Rory ficou com a papelada pronta na mão e olhou interrogativamente para Finn.

Ele levantou uma sobrancelha. — Eu tenho três meninos, Rory. Acho que posso lidar com isso enquanto você entrega os documentos.

Rory sentiu as lágrimas ameaçarem novamente, por pura exaustão,



mas conseguiu segurá-las quando retornou ao balcão da recepção, deu-lhes sua identidade e seguro novamente, e esperou enquanto um segundo par de olhos examinava sua informação.

— Nós chamaremos de volta em breve. — disse a mulher, sorrindo e parecendo muito mais simpática do que o primeiro rosto que Rory tinha visto. — É uma noite bem calma, então não deve demorar muito.

Não deve demorar muito tempo? O que isso significa em um pronto-socorro? Menos de uma hora? Menos de duas? Rory queria implorar, queria explicar todas as razões pelas quais eles deveriam ver seu bebê imediatamente, mas ela não queria ser uma Alicia, e ela entendeu - em algum lugar abaixo de sua ansiedade - que todos na emergência naquela noite eram bebês de alguém.

Trey ia ficar bem. Talvez ele estivesse gripado, mas isso foi tudo.

Ela voltou para a sala de espera.

— Eu acho que ele adormeceu. — Finn disse suavemente, olhando para a cabeça escura de seu filho. — Existe alguma coisa que eu possa conseguir para você enquanto estamos esperando?

Rory se permitiu sentar em uma cadeira, mas relaxar era impossível. Ela permaneceu pronta para saltar sempre que o nome de Trey pudesse ser chamado, mesmo enquanto ela considerava a pergunta de Finn. — Um banho? — ela brincou, acariciando a bagunça indisciplinada de seu cabelo. — Ou mesmo apenas uma escova. Meu reino por uma escova de cabelo!

— Está com fome?

Rory quase se engasgou só de pensar em comida. Ela se lembrava agora que não tinha comido o dia todo, mas como podia se sentir engasgada desde a noite anterior?



— Não, mas eu poderia tomar um pouco de café.

Finn parecia que podia ver através dela. — Você precisa comer alguma coisa. Você não teve nada além de café o dia todo.

— Não. – ela admitiu. — Eu não tenho, mas como você sabia?

Finn encolheu os ombros. — Talvez apenas saiba como é a ansiedade de virar o estômago. O tipo que diz que você vai ficar doente se comer, mesmo quando não for verdade.

Rory fez uma careta e pensou em comida. Ela só... não podia. — Talvez mais tarde. – disse ela fracamente. — Depois de vermos o médico. Podemos pegar alguma coisa no caminho de volta.

Finn assentiu, assim que uma enfermeira entrou na porta da sala de espera.

— Trey Ellis? – ela chamou.

* * *

Uma vez que eles foram levados de volta, a enfermeira verificou a pressão sanguínea, a temperatura e os níveis de oxigênio de Trey e perguntou a Rory uma série de perguntas sobre quanto tempo ele estava doente e quais eram seus sintomas. Uma vez que ela percebeu que ele tinha sido um prematuro, ela fez mais uma dúzia de perguntas, então saiu da sala abruptamente.

Felizmente, a espera não foi longa. A enfermeira voltou e levou-os para uma sala diferente, que era um pouco maior e tinha uma cama de hospital, em vez de uma mesa de exames.



— Vamos atendê-lo o mais rápido que pudermos. — explicou ela a Rory. — Sua febre é mais de trinta e oito, e seus níveis de oxigênio estão baixos. Vamos checar sua contagem de células brancas, fazer uma hemocultura e fazer um tratamento respiratório, mas, dada a idade e o histórico de saúde dele, o médico provavelmente vai querer fazer uma radiografia de tórax.

O medo de Rory aumentou, deixando uma dor aguda no peito. Ele só estava com gripe, não estava?

A enfermeira saiu e foi substituída logo por um médico alto e sorridente, que ouviu os pulmões de Trey e, exatamente como a enfermeira sugeriu, ordenou imediatamente uma radiografia de tórax.

— Pode não ser nada sério. — o médico disse calmamente. — Mas, sob as circunstâncias, precisamos suspeitar de pneumonia bacteriana. Os exames de sangue e o raio-X nos dirão com certeza, mas essa temporada de gripe tem sido difícil, especialmente para crianças pequenas. Eu odiaria mandá-lo para casa se isso vai se instalar em seus pulmões.

— Mas você pode tratar, certo? — Rory não pôde deixar de perguntar.

— Se for bacteriana, há antibióticos que devem passar dentro de uma semana. — assegurou o médico. — Mas, considerando o que sabemos sobre sua história e o fato de que ele está vomitando com frequência, podemos mantê-lo aqui por alguns dias, apenas para ter certeza de que ele não ficará desidratado ou desenvolver mais complicações.

— Você vai interná-lo? — ela disse fracamente, segurando o pequeno corpo super quente de Trey em seu peito. — Por alguns dias?

— Nós realmente não sabemos como vai responder aos antibióticos.



— o médico disse a ela. — Vamos começar com ele em amplo espectro imediatamente, mas não quero que você o leve para casa apenas para piorar a condição dele. Com bebês prematuros, é difícil saber exatamente como seus pulmões vão reagir à medida que crescem, mas acho que é sempre mais seguro estar alerta para os sinais de infecção respiratória.

Assim como os médicos da UTI Neonatal a avisaram. De alguma forma, apesar de suas terríveis previsões, ela sempre conseguiu permanecer otimista. Especialmente quando ele parecia tão saudável. Quando bebê, Trey nunca teve bronquite e raramente ficava com tosse quando estava resfriado.

Mas todo esse otimismo finalmente a alcançou, e ela só podia continuar a segurar a mão de Trey e rezar enquanto ele sofria com o sangue retirado e eles esperavam pelo raio-x. Ela teve que tranquilizá-lo várias vezes que a máquina assustadora não ia machucá-lo, então segurou a mão dele novamente enquanto ele foi levado de volta para a sala para esperar pelos resultados.

Foi só então que se lembrou de mandar uma mensagem para Finn, que permanecera na sala de espera do pronto-socorro. Ela explicou brevemente as suspeitas do médico e mencionou que eles podiam ter que permanecer em Bend durante a noite.

— Eu estou bem. — ele mandou uma mensagem de volta. — Eu ainda estarei aqui sempre que eles decidirem.

Trey estava gemendo baixinho e começou a jogar a cabeça para frente e para trás, o que Rory sabia que pressagiava uma crise de vômito. Felizmente a enfermeira havia deixado uma bacia para ela, então ela conseguiu segurar a cabeça dele enquanto ele vomitava o pouco que ela o induziu a engolir nas últimas horas.



Quando o médico voltou - o que pareceu vários anos depois, ele não estava sorrindo tanto quanto da primeira vez.

— É definitivamente pneumonia. — ele disse com pesar. — E com sua febre alta e incapacidade de segurar líquidos, vamos precisar interná-lo, pelo menos por um tempo. Só queremos evitar complicações adicionais que poderiam ser muito mais difíceis de tratar.

Rory assentiu mecanicamente enquanto o médico terminava de explicar o plano para o tratamento de Trey. Então uma enfermeira entrou e Rory a ajudou a trocar o filho para um minúsculo avental hospitalar antes de ser transferido para uma maca.

Eles estavam mantendo-o durante a noite. Foi isso. Foi apenas uma precaução. Apenas certificando-se de que tudo ficaria bem. Eles estavam lhe dando antibióticos, e ele estaria melhor de manhã.

Trey começou a chorar, mas, como antes, não havia nada que Rory pudesse fazer além de segurar sua mão, acariciar sua testa e murmurar palavras tranquilizadoras que podiam ou não ter sido a verdade.

Assim que o levaram para uma sala na unidade pediátrica, uma enfermeira ligou-o ao oxigênio e a um soro, que então embrulhou completamente com gaze.

— Normalmente, isso os impede de puxar a agulha. — informou Rory alegremente. — Mas teremos que esperar para ver como vai ser. Vamos dar-lhe um antibiótico, um pouco de Tylenol para a febre e Zofran para tentar parar o vômito.

Rory assentiu. Ela nunca tinha ouvido falar de Zofran. Ela só sabia que seu filho estava doente e ela não tinha ideia do que fazer agora que ele estava no hospital.

— O que eu faço agora? — ela deixou escapar para a enfermeira, que



parecia surpresa antes de sorrir e apontou para a grande cadeira no canto da sala.

— Bem, são as noites que costumam ser as mais longas. — ela disse.
— Mas muitos pais dormem nessas cadeiras. Nós estaremos observando os sinais vitais do Trey aqui durante toda a noite e mantê-lo confortável enquanto o medicamento faz o seu trabalho, então o seu trabalho é apenas para mantê-lo calmo, entretido e incentivá-lo a dormir.

Ela poderia fazer isso. Exceto... Finn.

Ela mandou uma mensagem para ele novamente. — Fomos internados. — ela disse a ele, e deu a ele o número do quarto.

Finn apareceu alguns minutos depois, parecendo amarrotado, como se tivesse adormecido enquanto esperava por eles.

— O que eu posso fazer por você? — ele perguntou. — Livros? Lanches? Um cobertor?

— Obrigada, Finn, mas acho que você fez tudo o que pode. Nós vamos ficar aqui por um tempo, então você deve ir para casa e dormir um pouco.

Ele começou a abrir a boca, e Rory imaginou que ele estava prestes a ser teimoso, então ela o interrompeu.

— Finn, você não pode dormir aqui. Sei perfeitamente bem que você tem trabalho amanhã. Vá para casa e diga a Tess que ligarei para ela de manhã, a menos que ela precise de mim antes. Ela pode ligar a qualquer momento, mesmo que Sean só precise falar comigo, ou se ele quiser saber como o irmão está. Nós ficaremos bem. Não vamos a lugar algum. Se estiver com fome, há máquinas de lanches e de café.

Finn deu-lhe um olhar sério. — Eu posso não te conhecer muito



bem... — ele disse baixinho. — Então isso provavelmente soará presunçoso, mas você está mentindo sobre estar bem.

Ela piscou para ele, momentaneamente atordoada.

— Imagino que você pode enganar muita gente a acreditar em você, mas é um pouco mais difícil enganar alguém que passou por suas próprias perdas e sabe como é esse tipo de dor. — ele não desviou o olhar, mas a prendeu com um olhar direto. — Não tente mentir sobre estar bem, Rory. Não vai ajudar, e não vai enganar as pessoas mais próximas a você. Sei que você está lutando, e você é uma das pessoas mais fortes que eu conheço, mas você não vai ficar bem. Lutar não é suficiente. Tentando o mais difícil não vai consertar. Esta é uma estrada difícil em que você está, mas é ainda pior se você está tentando fazer isso sozinha.

Rory sentiu as lágrimas começarem e balançou a cabeça enquanto ela mordida os lábios e seu queixo tremia.

Ele sabia. Assim como sabia quando o viu na Noite de Pinochle. De alguma forma, ele olhou para ela e viu a verdade de toda a dor e sofrimento que ela estava se esforçando para esconder.

Mas havia outras coisas que ele não poderia entender.

— Como eu *não* posso fazer isso sozinha? Eu sou uma mãe solteira, Finn, e não apenas desde que meu marido morreu. Mesmo quando ele ainda estava vivo eu era uma mãe solteira, o que significa que sozinha é a *única maneira que eu sei*.

Ela não disse a ele que sozinha era como merecia ser. Ela decepcionou as duas pessoas que mais se importavam com ela, exatamente quando mais precisavam dela. Ela tinha muito para pagar, muito para pagar já. Como poderia aceitar mais quando desperdiçou o



que já tinha sido dado? Como deixar as pessoas sempre facilitarem sua culpa?

— Eu entendo. — Finn disse a ela, colocando as mãos nos bolsos e olhando para o chão. — Entendo que você se sente sozinha. E você pode dizer que eu não poderia entender porque Laura e eu sempre fomos uma equipe. Mas espero que um dia você veja que tem muitas pessoas em sua vida que já estão lá, por você. Você só está verdadeiramente sozinha, se não estiver pronta para se abrir e deixar que eles a vejam como você é.

Sua boca se abriu uma fração, mas ela não confiava em sua voz. Não conseguia pensar em nada para dizer. Ele estava errado. Não estava?

Ela passou os últimos quatro anos distanciando-se do seu passado - construindo um negócio e sua reputação como um forte e inabalável apoio à comunidade, ao mesmo tempo que estabelecia relacionamentos baseados no desejo dela de ajudar os outros. A Rory que sua comunidade conhecia e amava era imperturbável, gentil e generosa. Ela nunca perdia a paciência, nunca teve um momento grosseiro, nunca precisou ser ajudada.

Mas ela sempre, em algum nível, se sentia isolada, apesar de ser amiga de metade da cidade. Ela sempre foi separada - como mãe, chefe e construtora de comunidades - e nunca fez parte de nada disso.

Agora tudo o que ela construíra estava sob ameaça por causa de sua própria fraqueza. Não conseguia manter a fachada, mas não podia arriscar deixar ninguém entrar. Ninguém podia ver como era derrotada e sem esperança por trás do rosto corajoso que mostrava ao mundo. Ninguém precisava saber que a velha Rory - a garota frágil, desesperada e de coração partido - ainda era parte dela. Mesmo sem a carga esmagadora de culpa que lhe dizia que merecia ficar sozinha, Rory não tinha certeza de que seu orgulho lhe permitiria ser tão vulnerável.



E, no entanto, ela não estava se apoiando em seus amigos nas últimas semanas? De pequenas maneiras, sim, e nunca por escolha, mas ela tinha sido forçada a confiar na força dos outros - Marcia, Tess, Willow e até mesmo Jake - para sobreviver nos dias.

Isso a deixara mais fraca? Será que os amigos dela a trataram com desprezo? Ou teria feito o contrário?

Marcia lutou para entrar na vida de Rory e compartilhou coisas sobre o passado que Rory desejava que ela conhecesse anos atrás. A determinação feroz de Tess em pôr Rory em pé fez com que passassem mais tempo juntos do que nunca. Willow se abriu de um jeito que Rory nunca teria esperado - mostrando o quanto de aço ela possuía, apesar de sua timidez, e arriscando a rejeição para mostrar a Rory que ela não estava sozinha. E Jake? De repente, Rory lembrou que ele a levou para a cama, cobrindo-a gentilmente com uma colcha e roçando os lábios na testa.

Finn estava certo? Ela estava mentindo para si mesma esse tempo todo? Convencendo-se de que estava sozinha, tentando provar o quanto ela era forte e fingindo estar bem, ignorando o amor e a aceitação das pessoas que lhe possibilitavam fingir?

— Sinto muito. — disse ela de repente. — Você provavelmente está certo. Acho que não fui honesta comigo mesma ou com nenhuma das pessoas que tentaram me ajudar. E eu tenho sido totalmente injusta com você.

Quando ele não respondeu imediatamente, ela esclareceu.

— Eu julguei você, Finn. Eu me perguntei se você poderia superar sua dor e ficar melhor se você quisesse o suficiente... mas eu estava errada.



Estranhamente, quando ele desviou o olhar para o dela, Rory viu que não doía, mas esperava.

— Eu sei que você está tentando. — ela continuou. — E eu também estou. Mas tudo que você disse é verdade. Não estamos verdadeiramente sozinhos, não importa o que sentimos, e tentar não é suficiente, não importa o quanto nos digamos que seja.

— Se houvesse uma maneira de sair desse buraco com minhas unhas, eu pegaria. — disse Finn com a voz rouca, quase desesperadamente. — Pelos meus meninos, por Tess, eu rastejaria até os confins da terra, mas não faz diferença. É como se afogar em um rio onde você pode ver a costa - você pode lembrar quem costumava ser, mas você nunca pode chegar lá.

— Sim. — admitiu Rory. — E o tempo todo, podemos ver o quanto estamos machucando-os e isso só faz piorar. — ela parou para enxugar as lágrimas de suas bochechas, lágrimas que ela não sentiu vindo. — Eu sei que tenho um timing podre, e talvez eu não devesse ter trazido nada disso, mas eu queria que você soubesse que sinto muito.

Como se uma cortina estivesse sendo puxada, os olhos de Finn clarearam até que Rory teve um vislumbre do homem que ela conhecera antes de sua Laura morrer. Ela não tinha reconhecido até aquele momento o quanto dele estava faltando, enterrado sob sua dor. E culpa, pensou de repente. Talvez ele entendesse mais sobre a culpa do que ela acreditava.

— Obrigado. — disse ele, com seu queixo tremendo ligeiramente com alguma emoção reprimida de sua autoria. — Obrigado por ser honesta. Você não sabe o que isso significa para mim.

— Acho que poderia. — disse ela, tentando sorrir através das lágrimas, mas a expressão parecia torcida. — Mesmo cercado por



aqueles que amamos, é uma batalha solitária, não é?

Ele assentiu, então deu um rápido passo à frente e a abraçou brevemente. — Você é uma mulher incrivelmente corajosa, Rory. — disse ele. — Espero que você saiba que sempre pode me ligar. Você não vai. — ele ofereceu a ela um sorriso torcido próprio. — Mas acredite que estarei esperando por nós dois.

— Igualmente. — disse ela com um aceno de cabeça, enxugando as lágrimas com a manga. — Você é um bom amigo, Finn.

Ele deu de ombros, afastou-se dela e enfiou as mãos nos bolsos. — Se não há mais nada que eu possa conseguir para você, eu acho que vou ir. — disse ele finalmente. — Tess enviará uma mensagem de texto amanhã e nós enviaremos o que você precisar. Não hesite em ligar se alguma coisa piorar.

Rory assentiu novamente. — Obrigada, Finn. Eu aprecio isso - muito.

Ele deu a ela o menor e mais triste dos sorrisos, e então ele se foi.

Sozinha no hospital com seu filho, sua confiança em frangalhos e seu coração em completa confusão, Rory desmoronou mais uma vez em lágrimas aterrorizadas e exaustas.



Capítulo 12

Por volta das quatro da manhã, começou a parecer que Trey ia dormir por mais de alguns minutos seguidos, e a sua febre diminuiu alguns graus. Antes de se encolher na cadeira impressionantemente desconfortável, Rory olhou pela janela e percebeu, desanimada, que estava nevando. Pegando seu celular, ela checkou seu aplicativo meteorológico e descobriu que uma tempestade de inverno tinha se movido para a área, prometendo cair até quatro centímetros de neve. A neve tardia era rara em Bend, então ela só podia esperar que não fosse tão ruim quanto alegavam.

Um enorme bocejo a lembrou de que ela não tinha dormido em algo como quarenta e cinco horas, então ela vestiu um moletom e se deitou na poltrona com os olhos fechados, fazendo todos os esforços possíveis para desligar o cérebro.

O que provou ser impossível.

O último dia e meio continuava a percorrer seu cérebro, cada pequena mudança na condição de Trey era um ponto crítico no qual ela se perguntava o que deveria ter feito diferente. De lá, sua mente vagou para Sean. Ela temia que ele não tivesse tudo o que precisava e estivesse com muito medo de dormir bem sem ela. Ela pensou em ligar para Finn para ter certeza de que ele chegara em casa em segurança na neve, então fechou a questão se ela havia trancado todas as portas da casa de Tess.

Como um hamster bêbado, sua mente girava em círculos



intermináveis, fazendo a retornar a cada vez a uma pergunta que vinha se formando no fundo de sua mente durante semanas, e foi posta em foco pelas afirmações surpreendentes de Finn.

Quem era Aurora Ellis?

Uma vez ela pensou que sabia - nos últimos quatro anos, ela se considerava uma empresária confiante e bem-sucedida, pelo menos na superfície. Ela amava o que fazia - adorava administrar seus negócios e criar um espaço onde a comunidade de Echo Creek pudesse crescer e prosperar. Ela considerou um privilégio ser capaz de oferecer doces, café e segundas chances para quem precisava deles.

Suas prioridades não mudaram, mas em algum momento durante os últimos dois meses, ela finalmente reconheceu que era menos a empresária confiante e bem-sucedida e mais uma tentativa de desorganização, escondendo suas inseguranças por trás de uma superfície serena e polida.

Mas o que mudou? Ela era a mesma pessoa que ela tinha sido há dois meses. Ela morava na mesma cidade, com os mesmos amigos e tinha as mesmas perspectivas para o futuro. É verdade que ela aprendera alguns fatos inquietantes sobre o passado dela, mas eles haviam passado. Sua casa havia queimado, mas por mais que ela tivesse amado aquela casa, tudo o que importava para ela ainda estava seguro.

Então, por que essas perdas a afetaram tão profundamente? Por que essa circunstância trouxe de volta tanto a fealdade e a incerteza de sua adolescência? Suas perdas eram apenas coisas, e sua mãe teria dito que o amor não poderia estar contido nas coisas, apenas nas pessoas. Rory sempre teria concordado, mas talvez ela não tivesse sido realmente honesta consigo mesma sobre isso, mais do que tinha sido honesta com seus amigos sobre suas necessidades emocionais. Talvez esse auto-engano fosse uma grande parte de onde ela tinha errado.



Era verdade que ela amava seu trabalho. Mas só recentemente parou para se perguntar por quê. O que foi sobre Creekside que ela achou tão gratificante? Tão necessário? Era realmente sobre ajudar a comunidade, ou era mais sobre por que ela escolheu começar seu negócio em primeiro lugar?

Quando ela descobriu que Victoria tinha deixado tudo para ela, ela chorou, e não por alívio. Não, o que ela sentiu foi culpa pura e simples. A revelação de Marcia das instruções de sua mãe a respeito de sua vontade pouco fizera para aliviar essa culpa - Rory ainda sentia que havia traído a todos que a amavam e nunca pagara o preço.

Ela construiu Creekside, pelo menos parcialmente, com a mesma culpa - fora da necessidade de reparar todos os seus erros e como uma desculpa silenciosa para todas as pessoas que foram feridas por eles. Talvez se ela desse de volta o suficiente, encheria o lugar vazio que insistia que ela não merecia mais ser amada.

No processo, ela se refez em uma mulher madura e confiante, e em pouco tempo começou a acreditar em suas próprias mentiras. Ela permitiu que sua confiança fosse construída sobre o respeito dos outros, ao ponto de não se arriscar a perder o respeito deles por ser sincera sobre suas circunstâncias. E quanto mais mentia para os outros, mais mentia para si mesma, fingindo ser forte, convencendo-se de que suas feridas eram apenas cicatrizes e acreditando que o respeito de seus vizinhos se baseava em seu sucesso em superar seu passado.

Mas Finn estava certo, no meio de todo esse fingimento, nunca tinha realmente dado a ninguém a chance de conhecê-la completamente. Muitas das pessoas da cidade se lembravam de como ela era quando era menina, então pareceu criticamente importante que elas nunca descobrissem que a adolescente machucada e perdida ainda estava lá, enterrando sua culpa e insegurança sob as aparências em vez da demoníaca rebelião.



E talvez isso fosse parte do motivo pelo qual ela nunca realmente tentou restabelecer um relacionamento com Jake. Por que ela o afastou enquanto dizia a si mesma que desejava estar mais perto. Porque ele a conhecia. Lembrou exatamente quem ela tinha sido e quantas feridas ela carregava. Ele tinha o poder de expor cada pedaço de seu medo, culpa, fraqueza e incerteza - todas as coisas sobre si mesma que ela tentou desesperadamente mudar ou esconder.

Ela tinha sido um pouco bem-sucedida na parte oculta. E agora ela estava descobrindo que tudo o que tinha escondido, tudo que ela esperava que tivesse crescido, estava apenas esperando para se libertar, esperando para surpreendê-la em um momento de fraqueza.

Antes que ela pudesse lidar com suas perdas, Rory teria que lidar com ela mesma. Ela precisava aceitar que ainda era a mesma pessoa que a criança adotiva rejeitada e abandonada que temia ficar perto demais de alguém. A mesma pessoa cujos erros custaram a vida de um amigo e a oportunidade de dizer adeus a uma mãe.

Mas ela também era a mesma pessoa que a sonhadora de olhos arregalados que ansiava por aventura e explorou o mundo ao seu redor com um entusiasmo apaixonado pela descoberta. E apesar de suas motivações menos do que louváveis, ela também era a empresária experiente, que realmente amava, sabendo que estava contribuindo para sua comunidade - oferecendo ajuda e um refúgio pacífico para quem precisava.

Mas o que isso tudo significava e como ela avançou?

Em algum lugar no meio de suas reflexões, ela finalmente adormeceu.



Acordar no hospital trouxe de volta memórias que Rory não queria particularmente. Memórias de se sentir assustada e indefesa, vendo a mãe ainda pálida, com o rosto pálido contra o travesseiro, e se perguntando se voltariam para casa juntos no final.

Ela se sentou e olhou para a cama onde Trey descansava, com os olhos fechados, longos cílios escuros encostando nas suas bochechas pálidas. Uma enfermeira estava ao lado da cama, com o termômetro na mão, enquanto checava seus fios com soro e tubos de oxigênio.

— Ele está bem? — Rory perguntou, ainda com a falta de sono. Uma rápida olhada no relógio mostrou que eram apenas sete e meia. Se ela tivesse sorte, ela dormiu por duas ou três horas.

— Estável. — disse a enfermeira alegremente. — A febre abaixou, e sua respiração soa um pouco melhor. Os níveis de oxigênio ainda não estão exatamente onde queremos, mas ele é um lutador e estamos fazendo tudo que podemos. Ajuda que ele não está mais vomitando.

Rory assentiu, forçou-se a ficar de pé e caminhou para acariciar a testa de Trey. Ela não estava muito preocupada que ele não tivesse acordado. Trey sempre foi um dorminhoco, e depois de ontem ele tinha que estar exausto.

Movendo-se para a janela, ela se espreguiçou, bocejou, respirou profundamente, e percebeu que ela fedia.

Eca. E ela nem tinha trazido desodorante ou escova de dente. Ela estava preparada para uma longa noite, mas não para uma estadia prolongada.

Quando ela tirou o laço de cabelo e tentou pentear os embaraçados espetaculares, olhou através das persianas, depois ofegou e deu outra



olhada.

Havia pelo menos quatro centímetros de neve nos carros no estacionamento e ainda estava caindo. Na fraca luz da manhã, Rory podia ver flocos espessos caindo grossos e rápidos, enterrando tudo sob uma manta fria e fofa de branco.

Ela estava presa. Mesmo se Trey tivesse uma recuperação notável, ela não poderia pedir a Tess ou Finn ou a qualquer outra pessoa para ir buscá-la em uma tempestade como essa. Eles teriam que esperar até que a tempestade diminuísse e as ruas fossem aradas. Pegando o telefone - notando que ela tinha se esquecido de ligá-lo e a bateria estava quase morta - ela checkou o tempo e seu coração partiu quando leu o relatório. A tempestade deveria continuar por pelo menos mais um dia. Havia o potencial para outros dois a quatro centímetros, quase inédito para março.

Rory sentou na cadeira da janela e decidiu que ela era incrivelmente superficial - seu primeiro arrependimento foi que ela não tinha como conseguir roupas limpas ou sua escova de dente. No futuro previsível, ela estava condenada a cheirar - e parecer - como se tivesse rastejado debaixo de uma rocha.

Ela voltou-se para a cama, mas sua atenção foi atraída para vozes do lado de fora no corredor. Uma delas parecia familiar, tão familiar que ela quase disse seu nome, mesmo sabendo que não poderia ser ele - era apenas o desejo melancólico de seu coração confuso que a fez ouvir a voz dele em lugares que ele não poderia estar.

E ainda...

Ele estava. Quando a forma alta e de ombros largos de Jake apareceu na porta do quarto de Trey, Rory respirou fundo, não completamente pronta para acreditar que não estava tendo



alucinações. Mas ele era real e sólido, seu cabelo loiro levemente coberto de cristais gelados e suas botas molhadas de caminhar através da neve.

E em seus preocupados olhos cinza ela viu o mesmo desespero que sentiu, uma profundidade de preocupação que ele não podia esconder ou fingir.

— Rory. – disse ele ansiosamente. — Ele está... você está...

Ela balançou a cabeça, incapaz de formar palavras.

Ele deu dois passos à frente, abriu os braços e ela entrou direto neles.

Por cerca de dez segundos, ela se deixou absorver sua força sólida e imóvel, quase insuportavelmente aliviada por não estar mais sozinha.

Ela poderia até ter começado a chorar de novo se não se lembrasse abruptamente do que parecia e cheirava como se mal tivesse sobrevivido a um apocalipse zumbi.

— Fabuloso. – ela murmurou, recuando e sentindo-se ficar vermelha. — Sinto muito. Estou de pijama há dois dias e provavelmente tenho um cheiro pior do que o celeiro agora.

Jake deu-lhe uma mochila que ele carregava por cima do ombro. — Consegui isso com Tess. – ele disse a ela baixinho, com um rápido olhar para Trey. — Ela disse que tem todos os elementos essenciais, mas eu não me incomodei em perguntar o que isso significava.

Rory olhou para fora e depois para Jake. — Quando você viu Tess? E como você chegou aqui? As ruas devem estar um desastre!

Ele apenas deu de ombros, como se fosse normal passar por longas



viagens no meio de uma nevasca. — Tenho um limpa neve na caminhonete. — disse ele. — E não foi tão ruim assim. As ruas foram aradas pelo menos uma vez durante a noite.

— Mas... — ela não estava pronta para deixar passar. — E quanto a Tess?

— Ela me ligou ontem à noite. Fui à casa dela antes de vir para cá.

Ele largou tudo no meio de uma tempestade de neve para trazer roupas limpas e se certificar de que ela estava bem.

— Jake, eu... — Não havia realmente nenhuma palavra para esse tipo de sacrifício - para o tipo de homem que dava silenciosamente, sem pedir nada em troca. E isso depois de ter tido tempo para cuidar dela e de seus filhos enquanto ela estava doente... Como ela poderia continuar fingindo que não havia nada mais entre eles do que tragédia e lembranças?

— Está tudo bem. — disse ele. — Se você quiser... — ele apontou para a mochila. — Eu posso ficar com Trey um pouco.

Ele não precisou perguntar duas vezes. Rory pegou, entrou no banheiro e fechou a porta firmemente atrás dela.

* * *

Ele pode não ter irmãs, mas Jake sabia o suficiente sobre as mulheres para adivinhar que Rory provavelmente se sentiu envergonhada com o jeito que ela parecia. Ela ficaria muito mais confortável de verdade com ele assim que tivesse a chance de trocar de roupa, fazer algo exigente com o cabelo e usar o que mais Tess tivesse mandado naquela mochila.



Mas mesmo em seu pijama e moletom de capuz, com o cabelo amarrado em nós e os olhos inchados de lágrimas e falta de sono, Rory Ellis ainda era a coisa mais linda que ele já tinha visto.

E ela o deixou abraçá-la. Permitiu-se apoiar-se em sua força e compartilhar os fardos que a estavam sobrecarregando. Só por um momento, foi verdade, mas foi um começo. Talvez houvesse esperança de que algum dia poderia perdôá-lo por sua participação na morte de Drew e por todos os seus muitos erros desde então. Talvez ela até venha a confiar nele.

Mas se o perdoou ou não, sua culpa não poderia ajudá-la agora. Desde que ela permitisse que ele ficasse, seu bem-estar - e Trey - importava muito mais do que sua necessidade de absolvição.

Sentando-se ao lado da cama, Jake levou um momento para examinar a forma adormecida de Trey e encontrou um par de olhos verdes exatamente como Rory olhando para ele.

— Oi, Sr. Jake. — o garotinho disse sonolento. Seu rosto estava um pouco mais pálido do que o habitual, mas ele não parecia estar com dor.

— Oi, Trey. — disse Jake, mantendo a voz suave na esperança de que Rory não o ouvisse. Ele queria que ela demorasse e não se preocupasse com o filho pelo menos por alguns minutos. — Como você está se sentindo?

— Doente. — Trey murmurou. — Com sede.

Jake pegou o copo de água da mesa ao lado da cama e segurou-o enquanto tomava alguns goles.

— Mamãe? — Trey perguntou.

— Ela está aqui. Ela está apenas arrumando o cabelo. — ele



informou o menino solenemente.

Trey realmente sorriu. — Eu gosto do cabelo da mamãe.

— Eu também. — disse Jake, sorrindo de volta, cativado pela voz adoravelmente sonolenta de Trey. Ele colocou uma mão gentil na testa do menino. — Você deveria tentar descansar. — ele disse baixinho.

— Ok. — Os olhos de Trey fecharam novamente, apenas para abrir de volta. — Vai segurar minha mão enquanto durmo? — ele perguntou. — Isso é o que a mamãe faz.

Se Jake não tivesse perdido seu coração para os garotos Ellis, isso teria selado o acordo para sempre, e ele sentiu uma pontada suspeita em seus olhos enquanto segurava a pequena mão de Trey na sua. — Sim. — ele disse simplesmente. — Estarei aqui.

Quando Rory saiu do banheiro, Trey pareceu estar dormindo de novo e sua mão ficou mole. Ela parou quando viu Jake sentado ao lado da cama, e ele tentou não se sentir autoconsciente.

— Ele me pediu para segurar a mão dele até adormecer. — explicou ele, e observou a mão de Rory se levantar para cobrir a boca.

Ela assentiu rapidamente e foi até a cama, com seus dedos tremendo levemente contra os lábios enquanto olhava para o menino adormecido.

— Então ele estava acordado.

— Só por um minuto. Ele tomou um pouco de água.

— Boa.

Houve um momento de silêncio constrangedor enquanto ambos observavam Trey. Era frustrante, essa estranha sensação de falta de



conexão, e Jake sentiu de repente que daria quase tudo para poder falar tão facilmente quanto antes.

— Pneumonia? – ele perguntou.

— Sim. – ela deu um suspiro, moveu-se ao redor da cama para a poltrona que ela provavelmente dormiu, e sentou-se no limite. — Trey nasceu com trinta e cinco semanas, mais ou menos alguns dias. Não muito prematuro, mas apenas o suficiente para que ele tivesse alguma dificuldade com seus pulmões. Eles me disseram então que ele provavelmente estaria sempre propenso a fraqueza e problemas respiratórios, mas nós passamos tanto tempo sem nenhum problema sério. Eu deveria ter pensado em tê-lo verificado mais cedo, no minuto em que ele começou a tossir, mas eu realmente esperava que não seria nada mais do que o habitual. Eu deveria ter ... – ela baixou o rosto em suas mãos e descansou lá por um momento.

— Não sabia que ele tinha nascido prematuro. – disse Jake cautelosamente. Na verdade, ele ouvira muito pouco sobre o tempo que ela passara longe de Echo Creek. Ele sabia que o marido havia morrido e que Trey era uma criança pequena quando ela se mudou para a antiga casa de Victoria.

Alguns residentes de longa data murmuraram por trás de suas mãos que ela não passava de uma oportunista - voltando para sua herança apenas seis semanas após a morte de Victoria, embora não tivesse se incomodado em comparecer ao funeral.

Jake sabia bem disso, mas tinha sido Marcia e alguns dos outros amigos de Rory que tinham rapidamente acabado com a fofoca, deixando claro que Rory não sabia sobre o legado. Os rumores haviam morrido rapidamente, especialmente depois que a cidade percebeu que estava amamentando uma criança e lamentando um marido recentemente falecido.



— Eu nunca falei muito sobre esses anos. — disse Rory, sentando-se e olhando-o diretamente nos olhos. — Estava muito envergonhada e queria colocá-los atrás de mim. Voltar para todas as lembranças - boas e ruins - era difícil, mas naquele momento não parecia tão difícil quanto ficar onde eu estava.

— Seu marido teve a chance de conhecer Trey?

Rory riu, com um som áspero e amargo que contou a Jake mais do que qualquer palavra poderia ter feito. — Não. — disse ela. — Chris era...

Ela fechou os olhos, respirou fundo e recostou-se na cadeira, cruzando as pernas e apertando as mãos com força suficiente para que Jake percebesse que ela estava nervosa. Assustada mesmo.

— Chris era egocêntrico, preguiçoso e superficialmente charmoso. — ela disse, com os olhos verdes sombreados por lembranças claramente desagradáveis. — Ele se especializou em promessas que nunca teve a intenção de manter, divertir-se e afastar a responsabilidade sempre que possível. — Como se ela precisasse de algo para manter as mãos ocupadas enquanto falava, Rory puxou o cabelo por cima do ombro e começou a trançar. — Conheci-o quando tinha vinte e dois anos e, durante alguns meses, ele ajudou-me a esquecer a minha raiva, a minha culpa, as minhas lágrimas - tudo aquilo que me tinha tirado uma parte. Ele era rico, bonito e carismático, e como uma jovem perdida, envergonhada e ingênua, achava que ele era perfeito.

Jake queria quebrar o bastardo ao meio, apesar de se lembrar de que era um pouco absurdo ter ciúmes de um homem morto.

— Nós fugimos três meses depois de nos conhecermos - e sim, fizemos a coisa incrivelmente clichê e fugimos para Vegas juntos. O primeiro ano de nosso casamento foi exatamente o que eu achava que



precisava - viver em ritmo acelerado, viajar para locais exóticos, divertir-se o tempo todo. Eu estava ocupada fingindo que meu passado nunca havia acontecido, vivendo o momento, livre de tudo que pudesse me lembrar de infelicidade ou responsabilidade. Chris não era fã de nada desagradável - nem emoções nem obrigações.

Jake se forçou a não se mexer ou reagir. Apesar do tumulto de sentimentos provocados por sua revelação do caráter de seu falecido marido, ele tentou permanecer relaxado e apenas ouvir, esperando convencer Rory de que não havia nada em seu passado que ele pudesse julgá-la. Ele queria saber o que ela tinha passado, queria entender os momentos e as memórias que a tornaram quem ela se tornou. De alguma forma, apesar de seu desconforto anterior com ele, ela estava disposta a se abrir sobre coisas que ela pode não ter contado a ninguém desde o retorno a Echo Creek. Ele não pôde deixar de sentir-se profundamente grato por ela ter escolhido compartilhá-los com ele.

— Então, é claro... - disse Rory secamente. — Descobri que estava grávida de Sean e todo esse estilo de vida descontrolado desabou. Eu também descobri que Chris nunca contou a seus pais extraordinariamente ricos que ele tinha se casado. Eles estavam ocupados planejando que ele se casasse com a filha de alguns amigos ricos, e quando descobriram sobre mim, cortaram seu dinheiro. Então lá estava ele, mimado, preguiçoso e totalmente sem renda, sobrecarregado com uma esposa grávida e sem meios de arcar com o padrão de vida a que estava acostumado.

No segundo pensamento, quebrá-lo ao meio seria muito fácil. Tinha que haver maneiras mais dolorosas de fazer um homem se arrepender de suas escolhas.

— Não sou orgulhosa de nada que aconteceu enquanto estava casada com Chris. - disse Rory abruptamente. — Ele continuou jogando e acumulou uma enorme quantidade de dívidas de cartão de crédito



enquanto eu arrumava um emprego em um café local. Não era muito boa com café, ou comida, mas eu era boa com os clientes e eu trabalhei meu caminho até gerente no momento em que Sean nasceu. Eu poderia ter feito uma vida decente para nós, se não fosse Chris gastando dinheiro como se ele ainda tivesse acesso às contas de seu pai.

— Você fez tudo o que podia. — disse Jake, se sentindo desconfortavelmente impotente para fazer qualquer coisa sobre o que ela passou. Ela essencialmente conseguiu sobreviver sozinha, com nada além da coragem e determinação que Aurora Ellis sempre foi conhecida.

— Alguns diriam que eu deveria ter feito mais. — ela admitiu. — Como Sean era um deles, a mãe de Chris veio até a minha casa e anunciou que estaria disposta a pagar todas as dívidas e estabelecer um fundo fiduciário para Sean se eu me divorciasse de Chris, desaparecesse de sua vida e não fizesse mais reivindicações com o pai de Sean.

— Eu posso imaginar como isso poderia ter sido. — disse Jake, quase querendo sorrir.

— Tenho certeza que você pode. — disse Rory, com um olhar irônico e um encolher de ombros. — Mas honestamente, houve momentos em que eu não sabia por que a rejeitei. Chris era um pai terrível. Ele ignorou, mesmo ativamente evitou Sean. Ele quase nunca estava em casa quando estávamos e estava encontrando outras mulheres regularmente. Eu não descobri sobre as outras mulheres até depois que eu estava grávida de Trey, quando eu o mandei embora.

Ela tinha sido mãe solteira por seis anos, Jake percebeu, lutando contra as amarguras enquanto ele se perguntava que tipo de tolo Chris deveria ter sido - receber o amor de Rory e o presente de dois meninos preciosos, apenas para jogar tudo fora?

— Ele ainda não tinha um emprego e precisava de dinheiro apenas



para manter as aparências, então o subornei para que ele passasse tempo com Sean. Isso foi um erro. — disse Rory, com uma voz monótona. — Mas Sean adorava o pai e sempre ficava desapontado quando passava outro dia sem vê-lo.

— Por que você não se divorciou dele?

— Eu estava considerando isso. — Rory continuou a trançar e depois refazer o cabelo. — Mas eu sabia que se o fizesse, Sean nunca mais veria seu pai. — Seus olhos pareciam grudados em seu colo. — Em retrospecto, eu posso ver que isso teria sido uma bênção, mas eu estava apenas focando em manter as coisas bem e dando a Sean a melhor vida que eu poderia administrar.

— Ele teve uma vida incrível. — Jake disse a ela, esperando que pudesse ouvir sua sinceridade. — Por favor, não duvide disso.

Ela balançou a cabeça. — Ele quase não viveu, Jake. Ele quase não tinha vida alguma. Quando Sean tinha dois anos e eu estava grávida de trinta e quatro semanas, Chris deveria passar a tarde com ele. Ele não apareceu. Eu liguei, ele não atendeu. Ele finalmente apareceu, duas horas atrasado, a caminho de uma festa com alguma loira bonita ao seu lado. A única razão pela qual ele passou por lá? Para pedir dinheiro. — As mãos de Rory se apertaram ao redor da trança. — Tenho certeza de que o perdi - devo ter parecido uma harpia gestante louca. Disse a ele se ele não poderia ser um pai melhor para Sean, ele não estava recebendo mais dinheiro de mim, então ele disse que levaria Sean com ele. Naquele exato minuto, ele levaria Sean para um passeio no pequeno conversível daquela mulher, e então eu deveria dar-lhe o dinheiro e deixá-lo em paz.

Suas mãos caíram juntas no colo. — Jake, por meio segundo, pensei nisso. Pensei em deixá-lo ir para um passeio, só para que ele pudesse passar o tempo com Chris, e então eu não teria que ver o homem por mais uma semana. Mas Chris estava louco, então eu disse que não. Disse



que teria que voltar mais tarde, sem a namorada. Ele parou, ameaçou e implorou e então eles foram embora.

Ela não disse nada pelos próximos momentos.

— Essa foi a última vez que você o viu. — Jake adivinhou. — Naquele dia em sua cozinha, quando você disse algo sobre deixar seus garotos entrarem em um carro... é disso que você estava falando.

Rory assentiu. — Ele já estava bebendo. Cerca de trinta minutos depois, ele perdeu uma curva e envolveu aquele conversível ao redor de uma árvore. Matou ele e sua namorada instantaneamente.

E Rory estava vivendo com aquele momento desde então. Com o momento que ela quase perdeu seu filho.

— Eu entrei em trabalho de parto prematuro logo depois que eles me disseram. — Rory começou a torcer os cordões de seu moletom entre os dedos. — Todo mundo achava que era porque eu estava tão chateada, mas Jake... — ela olhou para ele, com seus olhos assombrados. — Fiquei aliviada. Eu me senti culpada desde aquele dia porque eu não estava de luto. Fiquei *aliviada* porque Sean estava vivo, que Chris estava morto e que eu não precisava mais lidar com ele.

— Não consigo pensar em um único ser humano decente que poderia culpá-la. — Jake disse honestamente. — Parece que o Chris te fez sofrer mais do que o suficiente enquanto ele estava vivo.

Ele sabia que ela não acreditava nele. Apenas balançou a cabeça e continuou a história. — Eu fiquei no hospital depois disso, em repouso na cama, tentando durar mais algumas semanas, quando finalmente chegou a mensagem de que minha mãe estava no hospital novamente.

Jake viu as lágrimas começarem em seus olhos e não tinha ideia do que fazer. Ele sabia, sem sombra de dúvida, que ela precisava contar



toda a história, mas odiava vê-la sentada ali, parecendo tão perdida e sozinha quanto no primeiro momento em que entrou na Echo Creek School.

— Trey nasceu um dia depois, e eu só... — ela enxugou os olhos. — Eu esqueci, Jake. Estava tão preocupada em perdê-lo, tão preocupada em garantir que ele saísse da UTI, que eu não liguei para ela. Não chequei para ver o quão ruim estava. E então ela se foi.

De repente, Jake teve um vislumbre da carga extremamente complexa de culpa e arrependimento que Rory estava carregando por todos aqueles anos desde então. Ela se culpou por Sean não ter um pai, por nunca lamentar seu marido, por Trey ter nascido prematuramente e por Victoria morrer sem nunca conhecer seus netos.

— Nada disso foi culpa sua, Rory. — ele disse impotente, mas suas lágrimas começaram a cair mais forte.

— Mas foi, Jake. Parei de me culpar por casar com Chris e por todos os danos que ele causou - a mim e a Sean, mas fui eu que deixei minha mãe morrer sem saber o quanto eu a amava. Eu nunca disse a ela o quanto eu estava grata que ela me salvou, que ela me amava, que ela me ensinou a amar. Sem ela, eu não teria ideia de como ser mãe para meus filhos. E depois de tudo o que ela deu, tudo o que ela sacrificou, eu não estava lá para ela. Ela morreu sozinha.

Ele não podia simplesmente sentar lá mais. Não se importando com quem o via ou o que pensavam, Jake levantou-se da cadeira e se agachou na frente de Rory, pondo uma das mãos sobre os dedos trincados e dobrados.

— Ela sabia, Rory. — Quando ela tentou protestar, ele apertou seus dedos suavemente. — Não, ela sabia. Estive aqui algumas vezes durante as últimas semanas e ela falou sobre você. Ela amava você mais que



tudo, e ela sabia que você voltaria para casa um dia. Tudo o que ela sempre quis foi que você fosse feliz, que fosse amada e que tivesse pessoas para amar.

O rosto de Rory se contorceu de dor, tristeza e perda. — Eu gostaria de poder acreditar. Eu gostaria de ter estado aqui para que eu pudesse ter certeza. Mas não posso nunca mais voltar atrás, e não sei se algum dia eu vou poder confiar em alguém para me contar sobre os seus últimos momentos. Agora sinto que essa culpa com a qual eu vivo é minha punição - por se beneficiar da morte dela, quando eu nunca a amei do jeito que deveria ter enquanto ela estava viva.



Capítulo 13

Os sentimentos que assaltaram Rory naquele momento eram quase insuportáveis. Ela podia imaginar sua mãe, naquele mesmo hospital, em um quarto muito parecido com o de Trey, lutando para comer e respirar, sozinha e incapaz de sair de sua cama.

Rory sabia muito bem como poderia ter sido o final. Ela estava lá quando Victoria foi diagnosticada pela primeira vez, quando ambos enfrentaram a realidade do que viria mais cedo ou mais tarde.

Para uma adolescente que acabara de descobrir como era ser amada, a ideia de perder a pessoa que a amava era um medo quase tão grande quanto o que ela sentia agora, observando seu filho dormir rodeado de soro, monitores e tubos de oxigênio.

Mas o medo dela não era a única coisa que era semelhante sobre as duas situações. Naquela época, ela não tinha sido nada para Jake, além da melhor amiga de seu irmão. Ou, na melhor das hipóteses, se o que ele dizia fosse verdade, uma garota que ele achava que poderia algum dia ser sua cunhada. Mas mesmo assim, Jake estava cuidando dela de um jeito quieto e despretensioso. Quando Drew praticava futebol, Jake a pegava na escola e a levava ao hospital - todos os dias, durante semanas. Ele tinha certeza que ela se lembrava de comer e tentou o seu melhor para manter sua mente longe de seus medos.

Agora ele estava aqui novamente, e ela precisava saber o porquê. O que ela era para ele depois de tudo que passaram? Por que ele estava



constantemente colocando sua própria vida de lado para entrar na dela quando ela precisava dele?

Ela era mais sábia do que tinha sido todos aqueles anos atrás, quando fizera tantas suposições erradas sobre Drew, e não podia se dar ao luxo de cometer os mesmos erros novamente. Um homem que não sentia nada por uma mulher iria tão longe quanto Jake tinha a serviço de uma amiga? Especialmente quando ambos eram solteiros e havia suposições que poderiam ser feitas? Ela tinha que acreditar que Jake era mais cuidadoso, e ele nunca iria brincar com o coração de uma mulher.

Rory queria muito saber o que ele estava pensando, mas por esse caminho havia uma dor incrível ou uma esperança impossível, e ela tinha energia para nenhum dos dois. Ela não podia se dar ao luxo de se distrair do filho. Se o passado lhe ensinara alguma coisa, era que ela era muito capaz de encontrar distrações quando a vida se tornava mais do que ela podia suportar. O que quer que essa coisa estivesse crescendo entre ela e Jake, explorá-la teria que esperar.

— Rory.

Ela trouxe sua atenção de volta ao presente.

— Não sei onde você está com a sua cabeça. — ele disse calmamente. — Mas não há problema em apenas estar aqui. Tudo o mais pode esperar.

— Eu sei. — ela se permitiu encontrar seus olhos, para deixá-lo saber que ela estava bem. — Mas há muito do passado aqui conosco. É muito para lidar com duas horas de sono.

Jake encolheu os ombros. — Mamãe costumava me dizer que o passado está sempre presente quando precisamos, e o futuro não pode nos machucar a menos que deixemos que isso nos impeça de viver



agora.

Rory não pôde deixar de sorrir. — Isso soa exatamente como sua mãe. — ela concordou. — Ela é uma mulher muito sábia.

— Ela também disse que o café da manhã é o que nos permite ser gentil e paciente com a humanidade pelo resto do dia. Eu não estou com pressa para sair, então deixe-me sentar com Trey enquanto você vai comer, ou andar um pouco, ou o que mais quiser fazer.

Duas horas de sono não foram suficientes para lidar com emoções complexas, porque ela teve que parar por um momento para pensar na oferta de Jake. Ele parecia ter vindo por mais razões do que simplesmente entregar uma mochila para Tess, e ele claramente não pretendia apenas dizer algumas palavras vazias e sair. Jake estava oferecendo-lhe seu apoio, dando-lhe a oportunidade de compartilhar o fardo de cuidado e preocupação, e apoiar-se em sua força pelo tempo que ele pudesse ficar.

Rory sabia que ela sobreviveria sozinha. Estava fazendo isso há tempo suficiente, passou por muita coisa, para duvidar que ela *pudesse* fazer isso. A questão nunca foi de habilidade. Mas onde ela estaria quando terminasse? Exausta, desgastada e em perigo de se dirigir ao ponto de ruptura? E onde isso deixaria as pessoas que ela amava... as pessoas que a amavam?

Pegando os pedaços, cansados e pesados com a dor de ser incapaz de ajudar quando alguém com quem eles se importavam estava sofrendo.

Rory sabia dessa dor. Sabia que a mágoa era ver a mãe lutando contra sua própria saúde, observando Finn lutar contra seus demônios e até mesmo observando Jake suportar o peso de sua culpa. Ela tinha sido capaz de não fazer nada por sua mãe, e esse arrependimento estaria com



ela pelo resto de sua vida. Quando ela finalmente chegou a Finn, tinha sido uma coisa tão pequena, mas significou tanto, e aliviou ambos os seus fardos. E Jake? Nunca uma vez pensou em não contar a verdade sobre a morte de Drew - ela faria qualquer coisa em seu poder para aliviar sua dor.

Foi assim que os amigos dela se sentiram sobre ela?

Ela estava machucando-os, afastando-os, insistindo que poderia fazer isso sozinha?

Talvez Finn, Tess, Marcia e Willow estivessem tentando dizer a mesma coisa - ser parte de uma comunidade era mais do que ajudar os outros. Era sobre se permitir ser ajudada. Estar disposta a aceitar o que os outros estavam oferecendo dar. Rory estava afastando seus amigos sem pensar duas vezes, consumida demais pela necessidade de viver com alguma imagem impossível de si mesma para ver o que estava acontecendo.

Seu orgulho vinha ganhando essa batalha por tempo suficiente.

— Obrigada. — ela disse, mas sabia que precisava dizer mais, porque este era Jake, e o que quer que estivesse entre eles ainda era novo e incerto. O que quer que acontecesse no futuro, ela nunca se arriscaria a repetir como Drew.

— Eu vou para o café da manhã. — ela disse a ele. — E sou muito grata por você estar aqui e por ter se esforçado tanto para ter certeza de que estamos bem. Mas preciso dizer isso - preciso que você saiba que até termos falado sobre o passado, não há nada além do passado entre nós. Sem promessas, sem suposições. Recuso-me a deixar que todas as coisas que não dissemos levem a mais mal-entendidos ou arrependimentos.



Jake se levantou, deu-lhe a mão e a levantou. — Sem suposições, Rory. Não estou aqui porque espero algo de você. É onde eu quero estar. Onde eu preciso estar.

Direto e sincero. Ele realmente quis dizer isso. Ele queria estar lá, com eles, embora não houvesse nada para ele, e Rory não sabia como interpretar isso.

— Eu não tenho nada para dar, Jake. — disse ela.

— Eu nunca pedi nada. Mas... — ele a parou antes que ela pudesse dizer a próxima coisa em sua mente, com seus olhos cinza ardendo de propósito. — Não quero que você pense que nenhuma expectativa significa que isso é sobre o passado. Eu não estou aqui por Drew ou sua memória. Estou aqui por mim. E por você e por Trey. Ninguém mais tem nada a ver com isso.

Sua declaração a encheu de calor e ela assentiu, sentindo uma sensação de esperança sem fôlego. — Eu posso viver com isso. — disse ela.

* * *

Demorou mais dois dias para que Trey respondesse aos antibióticos, liberasse seus pulmões e retirasse oxigênio. Felizmente para a saúde e a falta de sono de Rory, ele fazia melhorias constantes a cada dia, então ela podia sentar-se ao lado da cama, assistir a filmes com ele, acariciá-lo e ler para ele com um coração tranquilo. No terceiro dia, Tess trouxe Sean para uma breve visita, o que também aliviou a mente de Rory - ele estava claramente tendo o tempo de sua vida brincando com os três garotos Beckett. Depois que ele falou literalmente sem parar por quase trinta minutos sobre suas experiências, Tess levou-o para fora



novamente com profusas desculpas.

Estava frio o suficiente para a neve não derreter, então ficou mais difícil manter Trey na cama. Assim que sua febre se foi, ele queria olhar pela janela aos impressionantes 20 centímetros, explicando tudo o que planejava fazer quando chegasse em casa.

Rory não pretendia deixá-lo sair para jogar até pelo menos junho, mas ela não disse isso a ele.

Durante toda a provação, Jake foi uma presença paciente e estável. Ele voltava todos os dias para se sentar com Trey, para que Rory pudesse fazer uma pausa ocasional, trazer comida para ela e preencher as horas com conversas. Fazia anos desde que Rory tinha outro adulto para conversar, que sabia tanto sobre seu passado e seu presente. De alguma forma, ela esqueceu de manter suas paredes, e encontrou-se dizendo coisas que ela nunca tinha contado a ninguém - o pouco que ela sabia sobre sua mãe viciada em jogos de azar, detalhes sobre a série de lares adotivos que ela viveu entre cinco e doze anos, e uma lista dos trabalhos em que trabalhara entre sair de casa e conhecer Chris.

Em algum lugar no meio disso, ela percebeu que estava sozinha. Ela tinha mil amigos, mas ninguém em quem confiava nas partes mais profundas de si mesma. Não havia ninguém que a conhecesse como todas as pessoas diferentes que ela se tornou enquanto tentava desesperadamente escapar de seu passado. Exceto Jake. Ele era o único em Echo Creek que conhecia toda a verdade sobre Chris. O único que restou que realmente conheceu Aurora Mason. E agora a única a quem ela admitiu seus medos pelo presente.

Ela até disse a ele que recentemente pensou em ir embora.

Mas a única coisa que eles nunca discutiram foi Drew. Não era a hora certa, e ela estava tão grata que Jake parecia entender isso sem que



ela precisasse contar a ele. Eles passaram os dias simplesmente lembrando como ser amigos, e a renovação dessa amizade trouxe consigo um profundo sentimento de paz e pertencer. Não apenas pertencendo a um lugar, mas pertencendo a uma pessoa, e isso assustou Rory tanto quanto a emocionou. E se ela deixasse Jake entrar, só para perdê-lo novamente quando ela lhe contasse a verdade sobre Drew?

Na terceira noite, Trey foi finalmente liberado, com instruções estritas para limitar seu tempo no ar frio, beber bastante água, descansar o suficiente e chamar seu médico se ele tivesse qualquer recaída ou problemas respiratórios.

O alívio e a exaustão de Rory estavam tão intimamente misturados, que ela sentiu como se estivesse flutuando enquanto o levava para fora do hospital a caminho da caminhonete de Jake, que ele parou em frente à entrada. O minúsculo corpo de Trey estava quase obscurecido por seu casaco gigantesco e fofo, um chapéu curto e um cachecol vermelho grosso, mas ela ainda podia ouvir suas exclamações abafadas e gritinhos de prazer quando ele viu os montes de neve no estacionamento.

Jake saltou do banco do motorista e deu a volta no caminhão, assim que Rory finalmente percebeu que tinha esquecido algo incrivelmente vital e deu um tapa na testa em frustração. — Jake, não podemos ir! Nós não temos o seu carro!

Ele abaixou a cabeça e esfregou a nuca um pouco timidamente. — Nós temos, na verdade. Eu tive comigo nos últimos dois dias. — ele deu de ombros. — Não queria que você ficasse aqui por mais tempo do que precisava.

Ela parou para olhar para ele, boquiaberta, sentindo pelo menos a quinquagésima vez naquele dia, como se estivesse prestes a chorar de puro alívio e felicidade.



— Existe alguma coisa que você não tenha pensado? — ela perguntou, levantando uma sobrancelha em sua direção, e quase parecia que ele corou.

— Na verdade, existe. Eu esqueci de mencionar que partes de Echo Creek estão sem energia desde a primeira noite da tempestade. Não sei ao certo se Tess conseguiu passar para verificar sua casa.

Ela considerou isso. Se eles tivessem sem energia, a casa estaria fria. Tudo na geladeira e no freezer estaria perdido, e os canos poderiam ter sido facilmente congelados.

— Estou cansada demais para me importar. — ela informou a Jake com um encolher de ombros e um leve sorriso. — Eu acho que nós vamos descobrir quando chegarmos lá.

Nós. Quando ela começou a dizer "nós"? Em algum momento nos últimos três dias. Dias que pareciam vidas. De alguma forma, ela havia se reconectado tão profundamente com Jake que tinha esquecido que eles mal estavam falando há apenas três dias atrás.

Como ela iria se controlar agora quando ele a deixasse para voltar para o rancho dele, e ela tinha que encarar a realidade sóbria - que realmente não havia "nós"?

* * *

Jake não tinha percebido o quão isolado ele se tornou até que ele passou três dias compartilhando a vida com Rory e Trey. É verdade que ele passara a maior parte do tempo ouvindo, mas não tinha chorado por um momento. Ele se sentia incrivelmente honrado por ela ter compartilhado tanto do seu passado com ele.



Na verdade, ele ainda estava um pouco chocado por ela ter permitido que ele ficasse. Que ela se permitiu confiar nele e lhe deu a chance de compartilhar o peso de seu fardo de medo, culpa e responsabilidade, mesmo que por um curto período de tempo.

Era um fardo que ele daria para guardar. Qualquer coisa, para ver a luz de seu sorriso sem se importar com o cuidado, a preocupação e a exaustão. Mas esse tipo de cura, ele finalmente percebeu, ia levar muito mais do que perdão, ou exorcizar o passado.

Rory tinha passado pelo inferno e voltou. Ela havia sido abandonada e rejeitada por tantas pessoas que nem conseguia se lembrar de todas elas - sua contagem de famílias adotivas incluía vários cujos primeiros nomes ela nunca aprendera porque não estava com eles há tempo suficiente. Ela suportou a indiferença e a traição de um marido que a abandonara, tanto emocional quanto fisicamente, quando ela mais precisava dele. E, mais recentemente, ela sofreu com a perda de suas memórias mais preciosas, quando ele lhe contou sobre o segredo de Drew.

Depois de ouvir mais de sua história, ele começou a perceber por que ela levava tanto a revelação - para Rory, os relacionamentos românticos sempre tinham expectativas. Mesmo quando ela deu a Jake a esperança de que ela não poderia ser indiferente a ele, ela seguiu alertando que não tinha nada para dar a ele. Em sua experiência, todo presente - até mesmo coisas básicas como tempo e cuidado - tinha linhas.

Mas ela sempre acreditou que tudo entre ela e Drew era baseado em uma amizade mútua, sem expectativa de retorno. Uma vez que ela sabia que Drew esperava se casar com ela, ela tinha visto tudo o que ele já tinha feito na luz o que ele poderia querer dela.

Apesar das muitas falhas de Drew, Jake o conhecia melhor que



isso. Seu irmão amava Rory completamente e queria que ela fosse feliz, sem considerar seu próprio ganho. Alan e Mary Cunningham haviam dado um exemplo para seus filhos de amor sacrificial, e nenhum deles teria se contentado com nada menos.

Mas Rory nunca experimentou estabilidade ou amor sacrificial, não até que ela foi adotada por Victoria Ellis. Ela passou toda a sua vida até aquele ponto, colecionando as cicatrizes deixadas pela indiferença e rejeição - cicatrizes que provavelmente marcaram mais fundo do que ela sabia. Ela então passou cinco anos mais casada com um homem que a usava e manipulava, exigindo dinheiro para passar um tempo com seu próprio filho.

Se Jake tivesse alguma chance de convencê-la a considerar um relacionamento, ele teria que ser paciente e honesto. Ele teria que provar que nunca a abandonaria ou trairia. Ele precisaria sair de seu isolamento e permitir-se ser conhecido, para que ela tivesse tempo de perceber que ele não era Chris, e que podia confiar nele com sua segurança e seu coração.

Olhando para o espelho retrovisor, ele viu que tanto Rory quanto Trey tinham adormecido e se permitiu sonhar que eles eram realmente uma família. Que ele poderia levá-los para o rancho, amá-los, protegê-los e garantir que Rory nunca mais tivesse razão para se sentir abandonada ou sozinha.

Após os últimos três dias, ele pelo menos tinha algum motivo para otimismo. Talvez não fosse um sonho tão impossível quanto ele uma vez temia. *"Até termos conversado sobre o passado, não há nada além do passado entre nós"*, ela disse. Uma cautela e uma admissão de que ela pode querer algo mais. Ela não poderia saber o quanto de esperança ela tinha dado a ele.

Mas antes de qualquer outra coisa, antes que ele pudesse considerar



contar a Rory como ele se sentia, ele teria que contar a ela toda a verdade sobre o que havia passado entre ele e Drew no dia do acidente.

Se ele pudesse descobrir como dizer isso. Ele nunca tinha sido bom em dizer as coisas que ele queria dizer, e se ele alguma vez tentasse ter aquela conversa com ela, ele temia que ele fosse tão mal que acabaria afastando-a. O que ele precisava era de uma maneira de lhe dizer a verdade simples e sem verniz, e permitir que ela o julgasse da maneira que ela escolhesse. Sua própria culpa estaria sempre com ele, mas se Rory estivesse disposta a perdoá-lo, isso seria suficiente.

Uma carta. Ele poderia escrever uma carta para ela. Ele também não era exatamente um escritor épico de cartas, mas seria mais seguro. Ele podia ter tempo para pensar em suas palavras e se certificar de que ele disse exatamente o que ele queria dizer, e apenas o que ele queria dizer.

Levaria algum tempo para descobrir o que dizer e como, mas ela precisava de tempo de qualquer maneira - tempo para se recuperar dessa provação antes de voltarem ao passado.

E, no entanto, pela primeira vez em anos, Jake sentia como se houvesse esperança, e ele iria se agarrar àquela esperança o máximo que pudesse.

* * *

Eles foram primeiro para os Becketts, onde foram recebidos pelo que parecia uma debandada de garotos gritando. Tess anunciou que planejava um jantar comemorativo e, embora Rory parecesse ter cedido um pouco ao pensamento, sorriu e disse que, claro, eles ficariam.

O jantar se transformou em sobremesa, o que se transformou em um



esforço épico para reunir todos os pertences de Sean e acalmar suas lágrimas ao ser forçado a deixar seus novos melhores amigos para trás.

Quando saíram, já eram quase nove horas e Tess estava tentando levar os meninos para a cama, para que pudessem dormir o suficiente antes da escola no dia seguinte. Rory a abraçou e agradeceu várias vezes antes de subir na caminhonete de Jake novamente para ir para casa.

Quando eles entraram na rua de Rory, Jake notou que, das seis casas, apenas uma tinha luzes acesas. Finn relatara que a energia havia sido restaurada para a maior parte da enseada de Echo, mas havia alguns bolsões isolados onde os reparos ainda precisavam ser feitos.

Assim que ele desligou o motor, Jake se virou para olhar para Rory e viu que ela também havia notado.

— Tudo o que podemos fazer é verificar. — disse ela, parecendo impossivelmente cansada.

Ele ajudou a tirar os meninos da caminhonete e esperou enquanto ela abria a porta e acionava o interruptor de luz, apenas para ouvir seu suspiro de desapontamento e ver seus ombros caírem quando as luzes não ligassem.

— Mamãe, o que aconteceu com as luzes?

— Não há eletricidade. — disse ela a Sean calmamente. — Precisamos de eletricidade para acender as luzes, homenzinho.

Pegando o celular, ela ligou a lanterna e todos foram juntos para a cozinha. Jake girou a torneira e foi recompensado por um monte de nada.

— Os canos também? — Rory parecia sombria à luz do celular, seus lábios apertados como se ela estivesse tentando não chorar na frente dos



meninos.

— Tess pode ter desligado a rede de água. — sugeriu Jake, mas percebeu que os dois estavam pensando nas pilhas de neve do lado de fora. Eles teriam que cavar para chegar à válvula de fechamento.

— Eu posso levá-lo de volta para os Becketts. — Jake ofereceu. — Não há como você ficar aqui esta noite.

— Você viu o quanto cansada Tess parecia? — Rory perguntou impotente. — Eu não posso sujeitá-la a todos nós. Talvez eu possa ligar para Marcia. Seria apenas por uma noite, até eu conseguir descobrir algo melhor.

Ela já estava vendo os contatos em seu celular quando ele soltou: — Por que vocês não voltam para o rancho?



Capítulo 14

Rory paralisou, com indecisão e exaustão em guerra com os nervos enquanto ela considerava sua sugestão. Estava quase escuro demais na cozinha para ver o rosto de Jake, mas ela sabia que a oferta tinha sido genuína - ela simplesmente não tinha ideia do que ele pretendia, ou se seria seguro aceitar.

Não que ela pensasse que ele a machucaria ou os meninos. Mas quando a cidade inteira descobrisse que ela se refugiara da queda de energia em sua casa? A fofoca continuaria por meses. Seria...

— Mamãe, podemos ir à casa de Jake? — Sean puxou sua mão.

— Por favor, mamãe? — essa era a outra mão dela.

— Nós não vimos os filhotes mais!

Na realidade, quais eram suas alternativas? Ela não podia abusar da hospitalidade dos Becketts novamente, e já passava das nove horas. Chamar qualquer um de seus outros amigos seria uma enorme imposição, e ela estremeceu ao pensar em tentar evitar que os meninos quebrassem qualquer coisa na adorável casa vitoriana de Marcia.

— A casa é mais do que grande. — disse Jake calmamente. — E eu vou para a cabana com Ben. Nós temos um gerador, então a energia não será um problema.

Todas essas coisas foram ótimas razões para aceitar, mas ela ainda...



— Sem amarras ou expectativas, Rory. — disse ele, como se tivesse lido a mente dela. — Não estou me oferecendo para ajudar porque acho que você me pagará mais tarde. Só quero que você e os meninos estejam seguros e possam se recuperar dos últimos dias.

— E para ver os filhotes. — acrescentou Trey.

— Jake Cunningham. — Rory disse, esperando que ela soasse severa. — Algum dia você vai ter que aprender a não fazer convites extravagantes na frente de meninos pequenos.

Ela pensou que ele sorria, mas estava escuro demais para ter certeza.

— Isso significa que você virá?

— Eu suponho que sim. — ela disse impotente, não tendo certeza se estava tomando a decisão certa, mas cansada demais para pensar nas opções. — Vamos rapazes, vamos pegar o que precisamos e vamos voltar e lidar com essa bagunça amanhã.

Embalar em quase total escuridão não era um piquenique, mas ela conseguiu jogar o essencial em uma mochila, enquanto Jake movia as cadeirinhas dos meninos para seu jipe e tirava bastante da garagem para ela sair. Por volta das dez, eles estavam na estrada novamente, e o coração de Rory começou a acelerar quando ela percebeu o que tinha feito.

Ela estava hospedada no rancho. Com o Jake. Se a oferta tivesse vindo de outro homem, sua resposta teria sido um não imediato. Mas quando ela considerou, ela percebeu que confiava nele o suficiente para dizer sim. Na verdade, ela provavelmente confiava nele mais do que em qualquer outra pessoa em sua vida.

Se ela fosse honesta consigo mesma, sempre confiara nele. Mesmo quando estava ocupada dizendo a si mesma que era melhor esquecer-lo,



nunca deixara de confiar nele. E mesmo que ela se preocupasse com as fofocas de Echo Creek, ela nunca uma vez - nem por um único momento - se preocupava com sua própria segurança. Jake simplesmente não era capaz de traí-la assim.

Mas ela se preocupou com seu coração. Quanto mais perto ela chegava dele - quanto mais ela se deixava se apoiar nele - mais doía se as coisas não saíssem... Mas o que ela estava pensando? Exercite-se? O que havia para se resolver? Ele disse especificamente que não tinha expectativas. Mas ele também disse que não estava fazendo isso por Drew.

Então, por que ele estava fazendo isso? Ele disse que era porque queria, mas o que isso significava? Ela não achava que isso significava que eles eram apenas amigos, mas e se fosse? Ou poderia significar que ele queria algo mais?

Ela não podia nem pensar direito naquele momento. Todos os sentimentos dela eram tão novos - novos e estranhos - e Rory temia que eles pudessem facilmente se tornar necessários. Ela tinha que se impedir de se tornar muito investida ou muito confortável em qualquer coisa que fosse. Assim que chegassem ao rancho e colocassem os meninos na cama, ela teria que se certificar de que Jake sabia que eles precisavam manter distância.

* * *

Depois da desordem que observara na varanda da frente, Rory esperava um desastre de solteiro no interior da casa da fazenda, mas ficou agradavelmente surpreendida ao descobrir que era limpo e obviamente bem cuidado. Além disso, estava quente e havia água corrente, que eram dois pontos enormes a seu favor.



Ela foi capaz de dar um banho rápido em ambos os meninos e levá-los para a cama no antigo quarto de Jeremiah, enquanto Jake desaparecia em suas próprias tarefas. Quando ele ainda estava longe de ser encontrado, ela correu para o banheiro e tomou um banho apressado, imensamente aliviada por sentir como se estivesse lavando o cheiro e a sensação do hospital de sua pele.

Depois de vestir um pijama limpo e um moletom de capuz e pentear o cabelo úmido, Rory foi procurar por Jake novamente. Ela não tinha certeza onde ele queria que ela dormisse, embora estivesse feliz em compartilhar com os meninos. Dormir no antigo quarto de Drew teria despertado muitos fantasmas.

Ela o encontrou na cozinha, vestindo roupas de trabalho e fazendo café.

— Você tem que ir? — ela perguntou com simpatia, sentindo uma pontada de culpa por todas as horas que ele passou longe do rancho nos últimos três dias.

— Um par de vacas decidiu que seria uma ótima hora para ter um bezerro. — disse ele. — Vou ficar com eles por um tempo.

— Sinto muito, nós tomamos muito do seu tempo. Espero que não esteja muito atrasado.

Seus olhos estavam na cafeteira, mas ele sorriu, mais naturalmente do que parecia sorrir em qualquer outro lugar. Ele pertencia a este lugar, percebeu Rory. No rancho, ele era mais completamente ele mesmo do que fora dele.

— Eu te disse que estava feliz por fazer isso, e eu quis dizer isso. Eu sabia que as vacas estariam aqui quando voltasse.

— Bem, se você me disser onde gostaria que eu dormisse, eu vou



sair do seu caminho. – ela disse, tentando não parecer que importava para ela, mas sentindo todos os tipos de desajeitada sobre sua resposta.

— Você pode ter o quarto de mamãe e papai. – disse ele, largando a caneca e liderando o caminho para fora da cozinha.

O quarto dos pais dele? Rory não achava que ela ficasse lá.

— Tem certeza que está tudo bem?

Ele olhou para ela estranhamente. — Por que não estaria? Eles têm seu próprio lugar agora e não voltam com muita frequência. Mamãe pegou tudo o que era importante para ela, então é mais espaço para hóspedes.

— Por que você não usa? – Rory perguntou impulsivamente.

Ele encolheu os ombros. — Nunca me senti confortável tentando dormir lá dentro.

Jake abriu a porta e, de repente, Rory pôde entender o porquê. O quarto era enorme. Mas também era caloroso e acolhedor, com painéis de madeira rústica, tapetes escuros e estampados e uma colcha marrom e verde cobrindo a cama king-size.

— É lindo. – ela disse honestamente, parando na porta.

— Tudo está limpo e você encontrará toalhas no banheiro. A porta do andar de trás deve estar trancada, mas você pode verificar isso para ter certeza.

Rory assentiu, não confiando em si mesma para falar depois disso, e o seguiu de volta para a cozinha. Ela viu quando ele colocou o café em sua caneca e se dirigiu para a porta da frente, eventualmente encontrando sua voz depois que ele encolheu os ombros e vestiu as



botas.

— Jake, obrigada.

Ele voltou-se para ela, ainda parecendo calmo e totalmente à vontade em contraste com os nervos que amarravam seu estômago.

Ela baixou o olhar e se forçou a continuar de qualquer maneira. — Eu não acho que há palavras suficientes para lhe dizer o quanto sou grata por tudo que você fez por nós. Me desculpe por me impor assim, mas...

De repente as palavras simplesmente não estavam mais lá.

Jake voltou a cruzar a sala para ficar na frente dela. Rory estava contente em olhar para a ponta de suas botas até que ela sentiu as pontas de seus dedos acariciarem sua mandíbula, enviando uma sacudida de consciência através de seu corpo inteiro.

— Rory, olhe para mim.

Seu rosto ainda formigava onde ele a tocava, mas ela levantou os olhos lentamente até que eles encontrassem os dele.

— Você e seus filhos sempre são bem-vindos aqui. – disse ele. — Eu me importo muito com todos vocês, e ter vocês aqui não é uma imposição.

Ele se importava. Seu coração bateu dolorosamente e tão alto que ele deveria ter ouvido. Mas quanto ele se importava?

— Jake, eu... – ela engoliu o nó na garganta e tentou novamente. — Não sei o que você está pensando, nem mesmo o que estou pensando. Eu só quero ter cuidado, porque você sempre foi um bom amigo e eu não quero que nada seja estranho entre nós. Mas que é



estranho, isso é. Obviamente já é um pouco estranho... – Rory fechou a boca antes que ela pudesse continuar balbuciando como uma idiota.

Jake baixou a mão e olhou para ela seriamente. — Estamos tendo a conversa 'só amigos'?

— Não! – ela gritou, em seguida, sentiu-se ficar vermelha brilhante em sua própria veemência. — Quero dizer, não é isso que eu pretendia, não exatamente. Eu só queria que você soubesse que não vou interpretar isso como nada além de um gesto gentil de um amigo para uma amiga.

— E você está preocupado sobre como eu vou interpretar isso. — Mais uma vez, ele parecia estranhamente capaz de ler sua mente.

— Você. – ela admitiu, ainda embaraçada. — E o resto da cidade. Assim que isso acontecer, nunca ouviremos o final disso.

— Isso te incomoda?

— Isso *te* incomoda? – ela repetiu, não querendo ser a primeira a responder isso.

— Não.

Ela piscou, um pouco surpresa pela rapidez e determinação com que ele falou.

— Rory, eu não me importo com o que eles dizem sobre nós. Quer afirmem que estamos juntos, não juntos, ou roubando gado todos os sábados, contanto que você e eu fiquemos bem, isso é tudo que importa.

— E nós estamos? – Rory perguntou timidamente. — Estamos bem, quero dizer?

Ele não sorriu, mas seus olhos brilhavam com intensidade. Eles não



estavam se tocando, mas de repente ela podia sentir sua proximidade sobre cada centímetro de sua pele.

— Você está aqui. — ele disse simplesmente. — Seus meninos estão aqui e todos estão seguros. Esta noite, é tudo com o que me importo. Eu não querendo algo de você ou coagi-la em algo que você não quer ou não está pronta.

— E amanhã? — ela disse, ouvindo sua voz tremer, mas incapaz de pará-la.

— Amanhã não será diferente de hoje. — ele disse pacientemente. — Não precisamos apressar nada, Rory. Nós mal começamos a conversar novamente. Você está exausta, está estressada e teve que sair de casa pela segunda vez em três meses. Há tempo para ir devagar, hora de deixar isso ser o que quer que seja.

Ela balançou a cabeça, envolvendo um braço em volta da cintura, como se pudesse conter seus nervos. — Nunca é tão fácil assim, é? Eu não consigo parar de pensar. Não posso parar de me perguntar o que você realmente quer. Você quer que sejamos amigos? Quer um relacionamento romântico? Você quer ser uma influência positiva em meus filhos, ou está apenas sendo gentil com algum senso de culpa fora do lugar?

Ela nunca teve a intenção de exigir respostas, nunca pretendia pressioná-lo tanto, mas as palavras continuavam chegando e agora ela não podia pegá-las de volta.

Parte dela esperava que ele fosse embora, mas ele não o fez.

— Não.

— Não?



— Não, eu não quero apenas que sejamos amigos.

O choque disso foi até as pontas dos dedos e a congelou onde estava.

— E não, eu não quero apenas um relacionamento romântico.

Isso deixou seu coração em algum lugar debaixo das solas dos pés, quebrado no chão frio de madeira.

— Eu também não quero apenas fazer parte da vida de seus filhos.

Seus olhos ardiam com a dor da realidade, expostos onde ela podia ver.

— Eu entendo. — disse ela. — Eu não deveria...

Ele não deu a ela a chance de terminar. — Não, Rory. — ele disse suavemente. — Eu não quero apenas uma dessas coisas. Eu quero todas elas.

* * *

Ele não queria dizer isso. Mas a chance estava ali na frente dele, e quando ela começou a ir para as conclusões erradas, ele não teve escolha a não ser aceitar.

Apesar do constrangimento do momento, ele não conseguia se arrepender de ser honesto. Tudo o que havia corrido mal entre Rory e Drew começara com a incapacidade ou falta de vontade de seu irmão de contar como se sentia.

Jake não estava prestes a cometer o mesmo erro.



Mas agora ele podia ver pela sua expressão atordoada que ele conseguiu dominá-la completamente. Como se ela já não estivesse sobrecarregada o suficiente.

— Você... — ela não conseguia encontrar nenhuma palavra.

— Sim. — disse ele, afastando-se dela e dando-lhe espaço para respirar. — Eu nunca quis dizer isso tão cedo, mas é a verdade. — ele encolheu os ombros impotente. — Eu quero todas elas, e as quero para sempre, mas isso não tem nada a ver com esta noite. Hoje à noite você pode se sentir segura, e amanhã você pode ir embora quando estiver pronta, sem dívidas ou expectativas entre nós. Não importa o que aconteça a seguir, eu sempre serei seu amigo, e se isso é tudo que você quer, não vou questionar sua decisão.

Ela assentiu. Ainda sem palavras.

— Boa noite, Rory.

— Boa noite, Jake. — ela sussurrou, e embora fosse uma das coisas mais difíceis que ele já tinha feito, ele se virou e saiu pela porta na noite fria.

Enquanto se sentava depois da meia-noite, vendo dois lindos Angus bezerros virem ao mundo, ele repetiu a conversa deles em sua mente, imaginando se ele arruinara as coisas entre eles para sempre. Mas ela estava tão preocupada com o que ele poderia querer, que ele pensou que seria melhor se ela soubesse a verdade.

Será que ela o veria agora como um traidor, assim como via Drew - como um homem que só fingira amizade porque queria algo mais? Ou ela ficaria feliz por ele ter sido honesto sobre suas esperanças?

Não havia como saber, não havia como consolar-se, sem trivialidades para reforçar seu otimismo decadente. Ele colocou tudo na



linha, se ele estava pronto ou não.

Mas não era como se ele fosse adivinhar seus sentimentos. O que ele sentia por Rory tinha sido parte de sua vida por um longo tempo e não iria embora tão cedo. Mesmo que ela dissesse a ele que não estava interessada, ele sabia que não achava que seu coração ia mudar.

Jake nunca pensara em si mesmo como sendo particularmente romântico - esse título sempre pertencera a Drew. Mesmo tímido, o autor de livros Jeremias tinha sido mais romântico do que Jake. Mas uma vez que seu coração estava resolvido, nunca se mexeu. Ele sempre amou o rancho e a vida de fazendeiro. Ele amava os animais, o ar livre e a satisfação de um dia de trabalho duro. Essas coisas não tinham mudado desde que ele era grande o suficiente para colocar suas próprias botas e montar seu próprio cavalo.

Se Rory retornou com seus sentimentos ou não, ele continuaria a ser seu amigo de qualquer maneira que ela estivesse confortável. E se implorasse a ele para deixá-la em paz e nunca mais falar com ela, ele faria isso também.

Ele simplesmente nunca seria capaz de parar de amá-la. Se isso fez dele um tolo ou não, se apaixonar tinha estado em sua natureza.

* * *

No momento em que ele voltou de se alimentar na manhã seguinte, Rory e os meninos já tinham ido embora. Ela deixou uma cesta de biscoitos quentes no forno e uma nota na mesa da cozinha, agradecendo-lhe por sua hospitalidade, mas não lhe dando qualquer indicação de seus sentimentos.



Ele a assustou.

Jake comeu os biscoitos, enfiou o bilhete dobrado no bolso e decidiu que já era hora de escrever aquela carta.

Cara Rory, foi fácil de escrever. Foi a próxima parte que o fez suar.

Sinto que devo uma explicação e um pedido de desculpas. Primeiro, nunca quis dizer o que disse sobre meus sentimentos. Eu não deveria ter pedido a você para suportar o peso desse conhecimento, e me desculpar.

Segundo, eu não deveria ter mencionado meus sentimentos por você sem também explicar algo que eu disse há algumas semanas. Sobre ser responsável pela morte de Drew.

Ele nunca falou sobre isso com ninguém. Nem mesmo com seus pais. Depois do funeral, estavam tão quebrados que não suportavam falar de Drew, e o silêncio acabara por se tornar um hábito.

Eu sei que não o forcei a ir àquela festa ou beber. Não pedi a ele para ficar atrás do volante de um carro e não estava dirigindo a caminhonete que o atingiu.

Quando ele fechou os olhos, ele ainda podia ver os destroços do Mustang de Drew. Ainda podia sentir o medo terrível e doentio, e ouvir as negações frenéticas que tinham arranhado sua garganta quando ele pensou que tinha perdido tanto Drew quanto Rory naquele pedaço de metal esmagado.



Mas eu tenho alguma responsabilidade pelo fato de ele ter ido à festa.

Nenhum juiz, nenhum júri, jamais o condenaria. Mas ele se condenou. Ele sabia melhor do que dizer a Drew o que ele achava de suas ações. Sabia melhor do que sair diretamente e criticar suas decisões impulsivas. Mas Jake não estava pensando muito claramente, e, de alguma forma, naquela noite, ele perdeu a paciência.

Ele me disse que planejava dirigir para aquela festa em Bend. Eu sabia que tipo de festa seria, e sabia que provavelmente haveria problemas. Eu disse a ele para não ir.

Ele deveria ter inventado as razões pelas quais Drew tinha que ficar. Encenou uma catástrofe que exigiu a ajuda de Drew. Quebraria seu próprio braço se chegasse a isso. Mas ele não tinha.

Ele me disse que eu sempre fui um velho chato, e se ele queria se divertir para comemorar sua formatura, ele iria.

Mas Drew não tinha sido o único ameaçado pelos seus planos para a noite. Se ele estivesse indo sozinho, Jake poderia ter levantado as mãos e se afastado naquele momento.



Disse a ele se ele ia ser um tolo, isso era uma coisa, mas era melhor ele não arriscar você também.

Jake nunca esqueceria o olhar no rosto do irmão. Ele havia se tornado branco e seus olhos tinham ardido de fúria.

“Você acha que eu não sei que você está apaixonado por ela?” Drew rosnou. “Você acha que eu não sei que você iria levá-la para longe de mim, se você pudesse?”

Mais do que qualquer outra coisa, essas palavras tinham sido um espinho no coração de Jake por doze anos. Porque Drew estava certo sobre uma coisa - Jake finalmente percebeu como ele se sentia sobre a melhor amiga de seu irmão. E naquele momento, ele estava mais preocupado com Rory do que com Drew.

Ele riu de mim. Disse que eu não precisava me preocupar com coisas que não eram da minha conta. Trocamos as palavras mais duras que já dissemos um ao outro e, no final, eu disse a ele para ir para o inferno se ele quisesse.

E então ele ameaçou matar Drew se ele machucasse Rory. E Drew, com um sorriso de deboche zangado, dissera as últimas palavras que



Jake ouvira dele: “Você é apenas um idiota ciumento, Jake. Ela me ama, não você! Sou eu quem a entende, melhor do que você jamais poderia. E eu vou provar isso.”

Ele provou isso. Ele convidou Rory para ir. Disse ao telefone que provavelmente seria um pouco perigoso e muito ilegal, mas ela disse que sim. Ela apareceu no rancho uma hora depois, com cachos vermelhos voando, olhos verdes brilhando de antecipação, e Jake não disse nada quando ela pulou no carro de Drew e os dois foram embora em uma nuvem de poeira.

Você o conhecia, Rory, assim como eu o conhecia. Eu sabia que aquelas palavras o afastariam, e ele partiria para provar que eu não poderia lhe dizer o que fazer ou como viver sua vida. E porque eu sabia disso, também sabia como pará-lo. Como convencê-lo a ficar. Mas eu estava com raiva e nem tentei.

Ele não contou a Rory sobre o resto da discussão deles - se ela soubesse que eles discutiram sobre ela, isso só aumentaria seu fardo de culpa, e isso era uma questão entre irmãos. Era culpa de Jake suportar. Mas ele precisava que ela soubesse o resto.

Depois que ele saiu, eu disse a mamãe e papai para onde ele tinha ido. Eu disse a eles que tinha perdido a paciência e ele tinha fugido com raiva. Eles disseram que ele era um adulto agora e tomou suas próprias decisões, mas eu senti que papai estava desapontado comigo. Ele sempre me disse que eu precisava cuidar dos meus irmãos, mas dessa



vez eu falhei com ele. E foi nessa hora que Drew não voltou.

Ele ainda lutava com a tristeza de vez em quando. Ainda lamentado pela vida, Drew nunca chegou a viver. Mas por trás dessa dor estava a sombra escura de sua culpa, não apenas por suas duras palavras finais, mas pelo que aconteceu depois que receberam a ligação.

Ele dirigiu ao local do acidente, certo de que todo mundo ficaria bem, pronto para atacar seu irmão se estivesse dirigindo bêbado. Mas então ele chegou e viu o terrível acidente e percebeu que ninguém iria embora.

Por um instante repugnante e angustiante, ele acreditou que havia dois corpos no carro. Mas então o policial estadual o informou solenemente que apenas um havia sido encontrado, e naquele momento, quando soube da morte de seu irmão, sentiu o mais breve lampejo de alívio esmagador - porque Rory estava a salvo.

Ele nunca se perdoou por nada disso, então sempre fazia sentido acreditar que seus pais também não tinham. Que Rory, se ele contasse a verdade, o odiaria por isso também.

Mas enquanto estava sentado ali, com a caneta na mão, lembrou-se de Rory dizendo que ela ainda carregava culpa por Chris. Ela não podia se perdoar por sentir-se aliviada após a morte dele - aliviada por ele nunca mais perturbar a vida deles, e aliviada por Sean não ter estado no carro com ele. Jake nem sequer fez uma pausa antes de assegurá-la, com toda a honestidade, que ninguém a culparia. Ela tinha todo o direito de ser aliviada pelas vidas que foram poupadas.

Por que ele não podia dizer o mesmo por si mesmo? E que direito ele teve de pedir a Rory para perdoar a si mesma por nunca ter sofrido o



marido, quando ele não estava disposto a perdoar seu próprio momento de gratidão por sua vida?

Jake terminou a carta e dobrou-a, mas deixou-a sobre a mesa. Ele não tinha certeza de quando seria o melhor momento para dar a ela, ou mesmo se ele tivesse escrito tudo o que precisava ser dito. Ele levaria alguns dias para pensar sobre isso. Talvez reconsidere os fardos que ele carregava todos esses anos e pergunte a si mesmo se era hora de colocá-los de lado.

Ele podia ver agora que, se ele entregasse a Rory esta carta, soaria hipócrita na melhor das hipóteses. Ele nunca seria capaz de permitir que alguém que ele amava continuasse a se culpar por uma morte na qual eles não tinham participado, e nem Rory. Ela lutaria para absolvê-lo de culpa, mesmo quando a culpa só existisse em sua própria mente.

Antes que ele a incomodasse com o passado, antes que ele envolvesse seu coração, talvez ele devesse ter tempo para colocar seu próprio coração em repouso.



Capítulo 15

Rory passou o dia seguinte quase obsessivamente focada em *não* pensar em Jake. Ela definitivamente não se permitiu pensar em sua confissão, porque quando o fez, perdeu completamente a capacidade de pensar em qualquer outra coisa.

Ele a queria. O homem que ela amava para sempre a amava também, mesmo que ele não tivesse dito isso em tantas palavras. Mas agora que o impossível havia acontecido, ela não se sentia feliz tanto quanto se sentia paralisada - incapaz de decidir o que dizer ou o que fazer, e dolorosamente consciente dos fantasmas que ainda permaneciam entre eles.

Ela tinha ficado grata por não ter que falar com ele naquela manhã enquanto arrumava as mochilas e corria de volta para a cidade, silenciando os protestos dos garotos lembrando que a professora de Sean provavelmente não aceitaria "cachorrinhos" como uma desculpa razoável por atraso.

Depois de levar Sean para a escola, ela se distraiu concentrando-se em juntar os pedaços de sua vida. A energia havia sido restaurada na casa de Tess, então ela nervosamente mandou Trey para Kinley com instruções detalhadas sobre seus cuidados, depois voltou para casa para esvaziar sua geladeira e freezer enquanto esperava a casa se aquecer. Felizmente, Tess realmente fechou a água e drenou as torneiras, de modo que, assim que o sol começou a derreter a neve, Rory conseguiu encontrar a caixa e voltar a ligar a água.



Grata que a comida perdida era o pior dos danos, Rory fez uma lista de mantimentos para substituir e foi fazer compras antes de pegar os meninos. Ela estava no carro, a caminho de casa, quando recebeu uma ligação de Creekside.

— Ei, chefe. — disse Isaac. — Nós ouvimos que o rapazinho está fora do hospital, então parabéns! Você está bem?

— Estou, obrigada. — Isaac não teria ligado para perguntar se ela estava bem. Alguma coisa aconteceu com a loja de novo?

— Nada está errado. — ele apressou-se a acrescentar. — E sinto muito incomodá-la, mas há alguém aqui que diz que precisa ver você. Eu não acho que ela é da região, e ela parece muito desesperada.

Rory lutou contra uma sensação de apreensão. Poderia ser alguém ligado a Chris? — Ela deu o nome dela?

— Ela não vai nos dizer. — Isaac parecia mais do que um pouco frustrado. — Apenas diz que ela não pode sair até que fale com você.

Com um desconfortável momento de preocupação no peito, Rory fez meia-volta e voltou para a cidade, estacionando atrás da loja e levando os meninos pelos fundos.

Ela cumprimentou a todos alegremente enquanto entrava na parte principal da loja, depois examinou as mesas para um cliente que não parecia pertencer.

Sua busca não demorou muito. Uma mulher mais velha com cabelo loiro cuidadosamente tingido levantou-se de uma mesa perto da janela no momento em que avistou Rory.

Quando Rory viu que não era a mãe de Chris, ela sentiu um pouco de sua facilidade de tensão. Essa mulher era mais alta e se mantinha com



uma postura perfeita enquanto se afastava um pouco rigidamente da cadeira em resposta à abordagem de Rory.

— Bem-vinda ao Creekside. — disse Rory, sorrindo como se fosse qualquer outro cliente. — Eu sou Rory. Como posso ajudá-la?

Os olhos da mulher dispararam para Sean e Trey. — Estes são seus filhos. — ela perguntou.

Rory resistiu ao impulso de empurrá-los atrás dela. — Eles são. — disse ela agradavelmente, enquanto se preparava mentalmente para um confronto tenso. — Este é Sean e Trey. O que devo pedir para eles te chamarem?

A mulher fixou os olhos nela, e Rory ficou chocada ao perceber que estava chorando. — Você não me reconhece?

Rory não podia imaginar por que ela poderia reconhecer essa estranha rigidamente formal.

— Não, sinto muito. Passei alguns dias difíceis, então peço desculpas se nos conhecemos antes e não me lembro.

— Não, nós não nos conhecemos. Você me enviou uma mensagem. — ela ergueu o queixo, como se por coragem. — Se você é Rory Ellis, eu sou a irmã de sua mãe. Vocês todos podem me chamar de tia Beatrice.

Rory agarrou cegamente a cadeira ao lado dela, com os olhos grudados no rosto da mulher. Esta era de verdade a irmã de sua mãe? Ela tentou se lembrar de fotos de sua pesquisa nas redes sociais, mas não conseguiu.

E, no entanto, havia semelhanças definidas. Seus rostos tinham a mesma forma. E Victoria possuía a mesma postura que sugeria que



passara a infância andando com livros sobre a cabeça, embora tivesse sido menos rígida.

Mas não foi até que Beatrice deu aos garotos um sorriso hesitante que Rory sentiu as lágrimas começarem a encher seus olhos. Era o sorriso da mãe dela.

— É você. — ela sussurrou. — Eu não posso acreditar que você veio. Eu realmente não esperava que nada viesse dessa mensagem, mas eu tive que tentar.

— Obrigada. — disse Beatrice, estendendo a mão timidamente antes de deixar a mão cair de volta para o lado. — Passei anos desejando poder me reaproximar da minha irmã. Eu simplesmente não sabia como. O que eu poderia ter dito? Parecia impossível pedir desculpas por tudo o que aconteceu. — ela fez uma pausa, como se para se corrigir. — Não, por tudo que fizemos com ela. Por fim, é claro, já era tarde demais.

— Como você descobriu? — Rory perguntou. — Quem deixou você saber que ela tinha morrido?

— Eu procurava por ela online de vez em quando. — admitiu Beatrice. — Eu encontrei seu obituário, e eu tentei mostrá-la aos nossos pais, mas eles nem sequer... — ela mordeu os lábios sem terminar a frase.

— Eu sinto muito. — disse Rory, sentindo uma sensação genuína de compaixão. — Essa é uma maneira terrível de saber sobre a morte de alguém que você amava.

A postura perfeitamente reta de Beatrice pareceu ceder. — Eu não acho que posso alegar tê-la amado. — ela respondeu. — Não depois do que fiz. Não depois do que ajudei nossos pais.

Rory de repente se viu na mulher mais velha na frente dela, sobrecarregada e oprimida pela culpa, precisando de alguém para ouvi-



la, alguém para entender. Mas, assim como Rory não podia pedir a sua mãe para perdoá-la, a irmã Beatrice acreditava que ela havia errado, e Rory era a única coisa que as ligava.

— Beatrice, você já tomou café?

Ela balançou a cabeça.

— Vou pegar um café e um bolo para nós, e depois nos sentamos e conversamos.

Ela levou os garotos de volta para a cozinha. — Jess?

A linda morena saiu da geladeira.

— Eu sinto muito, mas vou precisar de um grande favor. Você pode levar os meninos para o meu escritório? Eles podem assistir a um filme no meu computador, há um cliente com quem preciso conversar.

— Claro! – Jess deu aos dois garotos um “toca aqui” e os levou.

Rory serviu duas xícaras de café, pegou o creme e o açúcar e pôs um par de bolinhos. Não que ela pudesse comer, mas era o princípio da coisa. Quando alguém estava chateado, ela lhes dava café e doces, porque isso a fazia feliz, e às vezes isso realmente ajudava.

— Tudo bem, Beatrice. – disse ela enquanto se sentava em frente à sua tia. — Tudo bem se eu te chamar de Beatrice?

— Por favor. – a mulher murmurou.

— Você pode me contar a história da minha mãe? – Rory perguntou cuidadosamente. — Eu não quero ser agressiva, e não tenho vontade de te machucar dizendo isso, mas realmente não sabia até várias semanas atrás se Victoria tinha alguma família viva. Ela sempre se



recusou a falar disso comigo.

Beatrice não pareceu nem um pouco chocada. — Isso não me surpreende. — disse ela, derramando creme em seu café e adicionando uma única colherada de açúcar. — Victoria nunca fez nada pela metade. Ela amava e odiava com ferocidade obstinada e tinha muitas razões para odiar qualquer menção a nós.

— Conte-me.

— Eu suponho que você sabe que ela estava noiva. — Beatrice disse primeiro.

— Sim, mas só depois que encontrei o vestido de noiva dela, logo depois do Natal.

— Estou surpresa que ela guardou. — Beatrice admitiu, tomando um gole de café antes de colocá-lo para baixo e devolver as mãos ao colo. — Nossos pais organizaram o casamento, mas Victoria estava tão absorvida na escola e sua arte que ela mal notou. Eu acredito que ela assumiu que se casar com um estranho era o que se fazia, especialmente em famílias ricas como a nossa, mas à medida que se aproximava, ela parecia pensar duas vezes. Perguntou se eu achava que era a coisa certa para ela se casar com Gregory.

Gregory. Então esse tinha sido o nome de seu noivo.

— E o que você disse a ela?

O sorriso de Beatrice foi distorcido e arrependido. — Eu era a filha mais nova e sabia que era meu dever ser obediente, onde Victoria era obstinada. Então disse a ela que continuar era a única coisa a ser feita. Eu disse a ela que tinha que se casar com ele porque seria uma vergonha para nossa família se ela terminasse, mas por dentro eu estava com raiva. Você vê, eu estava apaixonada por Gregory, e tinha sido por



anos. Mas como ele era o mais velho e Victoria também, eles foram feitos para fundir nossos negócios familiares e nossa fortuna familiar, tornando todos felizes, exceto eles mesmos.

Rory assentiu. — Eu assumi isso. Mas ela não seguiu seu conselho.

Beatrice sacudiu a cabeça e tomou um gole de café. — Não. Pelo menos não no final. No dia do casamento, ela se vestiu e estava no carro a caminho da igreja antes de pensar melhor. Ela ordenou que o motorista se virasse e mandou que ele a levasse para a estação de trem.

— Ela não contou a ninguém? — Rory deu uma mordida em seu bolinho enquanto esperava a resposta, mas não sentiu nada.

— Soubemos o que aconteceu pelo motorista, quando ele chegou atrasado na igreja com um carro vazio.

Rory tentou imaginar a cena, e não foi nada agradável.

— Ela nos ligou quando chegou a Nova York. — continuou Beatrice. — Quando nosso pai parou de gritar, ela disse que queria ser uma artista. Era o que ela sempre quis, mas pensou que poderia se casar com Gregory para fazer a família feliz enquanto ainda perseguia seus sonhos. No final, ela percebeu que o casamento iria sufocá-la e simplesmente não conseguiria passar por isso.

Rory tentou imaginar sua mãe calma e serena fazendo algo tão livre e rebelde e falhou totalmente.

— Entendo que a conversa não foi do jeito que ela esperava.

— Isso dificilmente poderia ter piorado. — disse Beatrice, abaixando o café e acrescentando outro minúsculo monte de açúcar. — Não confiava em papai para me dizer o que ela dizia, então subi para escutar na outra linha. Não que eu precisasse do telefone para ouvir o



final da conversa - ele estava tão zangado e envergonhado que gritava, então imagino que a maioria dos funcionários e metade de nossos vizinhos soubessem o que viria a seguir. Ele disse a Victoria que nenhuma de suas filhas iria humilhar a família assim, e ele a repudiaria a menos que ela voltasse, pedisse desculpas e se casasse.

Victoria não tinha sido barulhenta nem extravagante, mas Rory sempre soubera que ela tinha um núcleo quieto de aço. Ela nunca teria se inclinado a tal ordem, não importava com o que seu pai a ameaçasse.

— Ainda posso ouvir sua resposta. — disse Beatrice em voz baixa. — Ela disse a ele que amava a todos nós, mas se arrependeria pelo resto de sua vida se casasse com Gregory, e não havia ameaças que pudessem fazê-la se submeter a tal exigência. Ela sentia muito, mas nos deixaria saber onde ela foi para que pudéssemos visitá-la um dia se escolhêssemos.

Rory não precisava que sua tia lhe contasse o resto da história para saber que não ficaria mais feliz.

— E você nunca foi?

Beatrice mexeu o café e olhou para as mãos. — Eu nunca fui. — ela disse suavemente. — Meu pai proibiu. E, dois anos depois que ela foi embora, eu era a filha obediente que foi para a igreja e se casou com Gregory. Uma parte de mim estava feliz, você sabe. Eu tinha o homem que queria e tudo ia ser maravilhoso.

— Mas não foi? — Rory adivinhou. Ela estendeu a mão impulsivamente e colocou a mão no pulso da tia. — Você não tem que me dizer.

— Mas eu direi. — Beatrice estava claramente determinada a continuar sua história. — Eu preciso contar a alguém, porque não tive



ninguém para contar todos esses anos. Meus pais ficaram velhos e amargos, nunca permitindo qualquer menção a Victoria, e eu era muito covarde para falar e dizer que a havíamos enganado. Em vez disso, casei com meu Gregory e fiz tudo que a filha obediente deveria fazer, mas ainda era infeliz. Eu tinha conseguido o homem que queria, mas bonito e rico não vale nada quando seu marido é totalmente consumido por dinheiro e negócios e não volta para casa por dias a fio. Não demorou muitos meses de frieza para eu perceber que ele nunca me quis, e nosso relacionamento cresceu ainda mais depois que descobrimos que eu não podia ter filhos. Fui a segunda opção e nunca me permitiram esquecer.

Rory poderia facilmente imaginar a dor disso. Em uma das famílias adotivas em que ela ficou, ela tinha sido lembrada muitas vezes para contar que nunca foi tão boa quanto os filhos "verdadeiros".

— Mas, eventualmente, você descobriu onde minha mãe morava. — ela estimulou sua tia. — Eu vi as fotos que você enviou.

— Isso foi antes de Gregory. — disse Beatrice. — Depois que nos casamos, ele nunca quis saber sobre ela também, então tive que ser muito cuidadosa com minhas buscas na internet e tal. Mas sim, antes disso, colecionei algumas lembranças familiares e as enviei para o endereço que ela nos deu. — ela girou a xícara de café ao redor e entre as mãos. — Eu estava me sentindo culpada, entende? Culpada por eu estar prestes a aceitar o homem com quem ela quase casou, culpada por nunca ter resistido a ela e culpada por ela ter sido forçada a fugir para ser feliz.

Era o pior tipo de culpa - o tipo que nunca poderia ser absolvido, exceto pela própria Beatrice. Rory sofria por sua tia, sofria por anos perdidos, lembranças perdidas e de um amor que nunca poderia ser compartilhado novamente.

Atingiu-a então que a dor que sentia - a dor e a sensação acompanhante de perda - não era apenas por Beatrice. Rory viu em sua



tia o eco de suas próprias chances perdidas e os anseios vazios deixados por seus próprios erros. Quase lhe tirou o fôlego quando olhou para a irmã de sua mãe e se deu conta do que poderia se tornar.

Se ela se recusasse a deixar sua culpa, se passasse a vida atolada no passado, sem vontade de abrir o coração para a possibilidade de perdão, ela só envelheceria da mesma forma que sua tia - perdida em reflexões amargas e arrependida.

— Eu nem mesmo sei porque vim. – continuou Beatrice. — Exceto que meu pai está morto, minha mãe é rancorosa e meu marido mal se lembra de que eu existo. Não tenho outra família e joguei fora meu relacionamento com a única pessoa que teria estado ao meu lado e me amado apesar de tudo. Eu queria conhecê-la e pedir desculpas por... tudo isso. Eu sei que você não é a pessoa que eu ofendi, mas parecia que talvez houvesse uma conexão que eu pudesse encontrar algum tipo de paz.

— Você não precisa de mim para encontrar a paz. – disse Rory tão gentilmente quanto podia. — E eu não acho que a paz seja algo que eu possa conceder a você, tanto quanto eu gostaria de poder. Mas, por favor... – ela inclinou-se para a tia, esperando que sua sinceridade fosse evidente. — Não pense que estou com raiva ou te julgando de alguma forma. Passei os últimos quatro anos lidando com minha própria culpa pela morte da minha mãe. Eu fugi, sabendo que ela estava doente, mas me importando apenas com a minha própria dor. Ela morreu sozinha sem nunca conhecer seus netos e, embora eu saiba que ela me perdoou, isso não é uma coisa fácil de se conviver.

Rory viu as lágrimas começarem a cair no rosto de sua tia.

— Então, se você encontrou o que você está procurando ou não, eu estou feliz que você veio. – Rory disse a ela, deslizando a mão sobre a de sua tia e dando-lhe um aperto suave. — Você me deu um presente



incrível e espero que eu possa fazer o mesmo por você.

— Que presente? — perguntou Beatrice, cética.

— Você me mostrou o quanto é importante que eu me perdoe. — Rory disse simplesmente. — Toda a sua família foi envenenada pela amargura e culpa em torno dessa única circunstância. Se eu deixar minha própria culpa continuar a crescer, acabarei me afogando no mesmo veneno. E não é o que minha mãe gostaria.

Beatrice balançou a cabeça, as lágrimas fazendo marcas em sua maquiagem. — Você está certa. Ela poderia ser infinitamente teimosa, mas ela não tinha ideia de como odiar.

— Sei que ela me perdoou por um longo tempo. — Rory continuou. — Mas você me ajudou a lembrar do quão zangada ela ficaria se descobrisse que eu ainda não aceitei o perdão. Foi ela quem me ensinou não só a amar, mas a ser amada, e eu me perdi tanto que esqueci essa lição.

As lágrimas de sua tia caíram mais rápido. — Sei o que você está dizendo é verdade, eu só não sei se posso me permitir sentir isso. Eu não... — ela parecia tão quebrada e envergonhada que Rory se levantou, deu a volta na mesa, se inclinou e abraçou sua tia.

Depois de um longo momento, Beatrice colocou a mão trêmula no ombro e a abraçou também.

— Eu não acho que sei amar. — ela sussurrou suavemente. — E eu não sei se existe alguém no mundo que me ama.

Rory imaginou que não era algo que sua tia normalmente não teria compartilhado, especialmente com um total estranho, mas este momento não era normal. Estava quebrado pela dor e pela culpa que elas compartilhavam, mas também era bonito, então Rory pressionou a



bochecha no topo da cabeça da mulher mais velha e fechou os olhos.

— As pessoas que deveriam ter te amado mais foram as que te traíram. — ela disse suavemente. — Acredite em mim, sei como é isso.

Beatrice lhe deu um tapinha no ombro, desajeitado, e Rory se afastou para voltar para o seu lado da mesa.

— Mas espero que você ainda não acredite que não tem família. — ela disse firmemente, piscando de volta sua própria vontade de chorar. — Você tem uma sobrinha e dois sobrinhos-netos que ficariam mais do que felizes em reivindicar você.

Beatrice ficou pálida e enxugou as bochechas com um guardanapo. — Não me conhece de modo algum. — ela protestou. — Sou apenas uma velha senhora estranha que apareceu sem ser anunciada, tagarelou sobre a história antiga e depois chorou em seu café.

Rory começou a rir. — Você tem alguma ideia de como soou como a minha mãe agora?

— Ela tinha um maravilhoso senso de humor. — Beatrice concordou com um pequeno sorriso. — Mas eu realmente não quero me intrometer. Essa não era a minha maneira de pedir que você tomasse pena de uma velha. Eu apenas queria que alguém conhecesse toda a história antes de eu morrer.

— Antes de morrer? — Rory ecoou. — Você não é tão velha assim. E se você se lembra, sou a única que te mandou uma mensagem. — ela agarrou a mão da tia novamente, desesperada para fazê-la entender. — Beatrice, eu era uma filha adotiva. Antes de te conhecer, não tinha família alguma que eu conhecesse. Ninguém para se conectar. Sei que não somos parentes de sangue, mas sinto que você é minha família e ficaria muito feliz se concordasse em ficar. Ou pelo



menos prometo visitar de vez em quando para nos conhecermos.

Quando a mulher mais velha ainda hesitou, Rory jogou sua última carta. — Você também deve saber que meu marido está morto e sua família nunca nos aceitou, o que significa que meus filhos não têm tias, tios ou avós. Eu sei que essas são coisas que nem todas as crianças têm, e ficarão bem sem elas, mas mesmo assim, isso significaria o mundo para elas terem você em suas vidas.

Rory não tinha ideia do que os garotos pensariam da tia-avó Beatrice, mas isso não importava. Beatrice precisava de uma família ainda mais do que eles.

— Você realmente quer que eu fique? – perguntou Beatrice com cautela, quase como se não acreditasse ser possível.

— Claro que sim! – Rory insistiu. — Quero que você conheça os meninos e encontre meus amigos aqui em Echo Creek. A casa em que estou morando é pequena, mas você é mais do que bem-vinda para compartilhar conosco.

Sua tia olhou ao redor, tornando-se visivelmente mais relaxada no momento. — Eu acho que gostaria disso. – disse ela com cuidado. — Mas eu não teria nenhum desejo de me impor ou ser um fardo. Você deve concordar em me deixar pagá-la enquanto eu estiver hospedada.

Rory se inclinou sobre a mesa e estreitou os olhos. — Nenhuma família minha está me pagando por um quarto enquanto eu tenho algo a dizer sobre isso. – disse ela severamente. — E se você está se sentindo tão terrível, você pode cozinhar o jantar.

Os olhos de Beatrice se arregalaram. — Eu realmente não sei como. – ela confessou. — Eu sempre tive um cozinheiro para fazer isso.

Rory quase derramou seu café. Ela sabia, pelas histórias de Marcia



e Beatrice, que a família de sua mãe era rica, mas... sua tia nunca aprendera a cozinhar? — Ah, querida. — disse ela, mordendo o lábio e reprimindo um sorriso. — Suponho que você sempre pode por as mesas?

Rory observou sua tia ficar levemente pálida antes de desatar a rir. — Estou apenas brincando, tia Beatrice. Você é uma convidada. Não há necessidade de nada disso.

O queixo de sua tia ergueu-se de repente, e teve a mesma inclinação teimosa que a de Victoria. — Eu não acredito que sou muito velha para aprender. — disse ela ferozmente. — Eu vou cozinhar. E vou por mesas. Tudo o que minha irmã teria feito. Quero descobrir se é tarde demais para mim ou se ainda posso fazer uma vida da qual não me envergonho.

Rory levantou a mão sem pensar e ficou surpresa quando Beatrice deu a ela um fraco, mas determinado, “toca aqui”.

— Você é muito parecida com ela, você sabe. — disse Rory melancolicamente.

— Esse é um objetivo que eu só posso aspirar. — Beatrice respondeu honestamente. — Ela tinha mais coragem do que eu jamais teria e mais amor do que posso imaginar. Se eu ficar, você vai me ajudar?

— Nós vamos ajudar uma a outra. — disse Rory, e ela quis dizer isso.



Capítulo 16

Beatrice Hanover não atacou Rory como o tipo de pessoa que sabia ser espontânea, mas quando ela decidiu ficar, o fez com entusiasmo e determinação. Ela trouxe muito pouca bagagem com ela, mas disse a Rory com firmeza que não havia nada que ela precisasse que ela não pudesse comprar, e nada deixado para trás que ela sentiria falta.

— Eu vou voltar, é claro. — disse ela, quase como uma reflexão tardia. — Não vou abandonar Gregory inteiramente, e minha mãe pode precisar de mim, embora ela nunca iria admitir isso.

Era um pouco estranho, pelo menos no começo, ter outra pessoa morando com eles, especialmente uma tão rígida e formal quanto Beatrice costumava ser às vezes. Ela não tinha nenhuma experiência com crianças, e Rory podia dizer a Sean e Trey era como um choque.

Mas a sua tia não era desistente. Ela fez uma tentativa genuína, embora afetada, de conhecer os meninos e nunca reclamou do caos ou do barulho.

Tão fácil como foi para Rory perdoar Beatrice, trabalhar com a culpa em seu próprio coração ainda era uma batalha difícil, e no terceiro dia depois que sua tia se mudou, ela se viu sentada em seu escritório para completar a tarefa que ela começou de volta antes de Trey ficar doente.

Ela precisava terminar essa carta para Jake.



Ela foi capaz de continuar de onde parou, explicando o que se passara entre ela e Drew enquanto se dirigiam para Bend - uma conversa que agora sabia que havia precipitado o que veio depois.

Descrever a festa era difícil - nunca era fácil reviver a própria insensatez, e o que eles haviam feito naquela noite fora tolo demais. Mas Rory prosseguiu, relatando com firmeza o momento em que ouviram as sirenes e ela ficou cara a cara com a decisão que mudara sua vida para sempre.

Estranhamente, ela não sentiu a mesma sensação de culpa que costumava sentir quando voltava naquela noite em sua memória. Pela primeira vez, ela pensou entender o que Drew estava passando e o desespero que deve ter conduzido suas ações.

E ela sabia que nada disso era culpa dela.

Ela não tinha sido a única a esconder seus sentimentos. Ela não tinha escolhido beber por duas horas quase sem pausa. E ela não tinha sido a única a ficar atrás do volante.

Essas escolhas foram de Drew e só dele.

Assim como foi a escolha de Chris se afastar de seu filho e dirigir o conversível de sua namorada em uma árvore.

Ela não se culpava por Chris, e precisava parar de se culpar por Drew.

Mas, assim como Beatrice, ela sentiu que precisava de alguém para conhecer a história - precisava se sentir perdoada pela pessoa que estivera mais próxima de Drew - antes que ela pudesse finalmente deixar sua culpa para trás.

Então, assim que ela selou a carta, antes que ela pudesse criticar sua



decisão, entrou em seu jipe e foi para o rancho logo depois da hora do almoço.

A parte mais covarde dela estava esperando desesperadamente que seu tempo estivesse certo, e ela não teria que enfrentar Jake com sua confissão. Ele provavelmente estaria em algum lugar com o gado, checando novos bezerros ou entregando fardos de feno.

Mas logo que estacionou o jipe, ele emergiu do celeiro, seguindo em sua direção com passos longos e decididos.

Rory ficou ao lado do carro e esperou. Ela decidiu, que queria ter uma saída rápida, se ele acabasse por abrir a carta imediatamente.

— Está tudo bem? — ele perguntou abruptamente, parando a alguns metros de distância e tirando o chapéu.

— Sim, estamos bem. — disse ela, caminhando e mexendo nas chaves. — Trey está agindo como se nada tivesse acontecido. — ela mordeu o lábio, imaginando se seria rude enfiar a carta nele e sair correndo. — Não sei se você ouviu, mas a irmã da minha mãe está ficando com a gente por um tempo.

— Eu ouvi algo assim. — ele parecia estar procurando a pergunta certa. — Está tudo bem com você?

Rory assentiu com a cabeça e abriu um sorriso que não conseguiu evitar. — Estou tão feliz por ela estar aqui, Jake. Ela me lembra muito da minha mãe e ela precisa de nós. Precisamos dela também, eu acho, então estou bem.

Ele assentiu e colocou o chapéu debaixo do braço enquanto tirava as luvas de trabalho. — Sinto muito. — disse ele finalmente. — Se eu te assustei no outro dia. Eu não deveria ter dito nada daquilo, e gostaria de poder voltar atrás. Espero que você não tenha sentido que precisava



fugir ou me evitar.

— Não. — Rory disse rapidamente. — Nada como isso. Eu só... eu precisava de tempo para pensar sobre o que você disse, e escrever... — ela se virou, entrou no jipe e pegou a carta do banco. — Isso. — ela segurou, esperando que ele não pudesse dizer com a mão dela tremendo.

— Você me escreveu uma carta? — O tom de sua pergunta era estranho, mas ela assentiu quando ele a aceitou.

— Há coisas que você precisa saber antes de decidir sobre mim, ou sobre nós. — disse ela com firmeza. — Coisas que nunca contei a ninguém. Não seria justo com você se avançássemos sem você saber. Além disso... — ela acrescentou. — Eu precisava fazer isso por mim. — ela levantou o olhar para olhá-lo nos olhos. — Não posso viver o resto da minha vida oprimida pela culpa, Jake. Eu tenho escondido isso de todos, mesmo de algumas maneiras, e é hora de parar. O que quer que isso signifique para o nosso relacionamento, posso aceitá-lo. Não significa que eu queira esquecer Drew, ou desonrar sua memória, mas significa que não posso deixar que as partes feias daquela lembrança continuem a envenenar minha vida.

Ele não disse nada. Ela sabia que isso não seria mais fácil para ele ouvir do que era para ela dizer, mas ela não podia parar agora.

— Eu amava Drew. Ele foi uma das melhores partes da minha vida, mas preciso deixar essa parte para trás. Sinto muito se isso te machuca. Sinto muito por todas as formas que te machuquei no passado. Tudo o que eu estou pedindo é que você leia esta carta antes de dizer qualquer coisa, e antes de tomar uma decisão. — ela voltou para o carro e começou a entrar antes de olhar por cima do ombro uma última vez. — Não importa o que aconteça, espero que acredite quando digo que sou incrivelmente grata por sua amizade. Você é o melhor homem que eu já conheci, Jake. Tem sido um privilégio ter você como parte da



minha vida.

Ela não lhe deu uma chance de responder, porque se tivesse, ele poderia ter visto que ela estava chorando. Mas enquanto se afastava, olhou pelo espelho retrovisor e viu até mesmo através das lágrimas que ele estava de pé e observou até chegar à estrada, e então ela estava chorando muito para ver mais.

Caro, Jake.

Eu sabia há algum tempo que precisaria lhe contar isso, e adiei porque não sabia como. Mas quando você me disse que se culpava pela morte de Drew, eu sabia que tinha que encontrar uma maneira de esclarecer as coisas. Parece que nós dois passamos os últimos doze anos nos culpando, e assumindo que o resto do mundo nos culpa por algo que foi, em muitos aspectos, simplesmente trágico.

Até algumas semanas atrás, havia uma informação vital sobre esse dia que eu não tinha, e agora que eu tenho, tudo parece estar muito mais claro. Espero que, ao ler isso, você possa ver as coisas com mais clareza também, e finalmente conseguir se libertar da culpa que o prende à memória de Drew.

Eu não estou pedindo para você esquecer ele. Nunca. Mas eu acho que ele faz um desserviço a ele que aqueles de nós que estavam mais próximos de Drew só podem se lembrar dele em conexão com nossos próprios arrependimentos e uma noite quando ele estava agindo completamente fora do feitio. Ele merece mais do que isso. E assim, eu acho, que nós merecemos.

Às vezes gostaria de poder simplesmente lhe dar as minhas lembranças daquele dia. Houve tanta coisa boa, muita alegria que foi



destruída para sempre pelo que veio depois. Mas Drew estava feliz. Nós tínhamos dezoito anos e a vida estava cheia de possibilidades.

Quando ele perguntou sobre a festa, eu quase disse que não. Eu sabia que não era uma boa decisão. Eu tinha ouvido falar das festas que aconteceram na casa de Smithfield - sobre as drogas, a bebedeira, menores de idade e as outras coisas que aconteciam a portas fechadas, mas Drew disse que só queria aparecer e ver como era, e me implorou para ir. Disse que só ficaríamos alguns minutos, depois comeríamos e assistiríamos a um filme. Parecia inofensivo.

Nenhum de nós tinha bebido, mas, de certa forma, já estávamos bêbados a caminho de Bend - bêbados de vida, de dezoito anos, de ter acabado de se formar e de sentir que todos nossos sonhos estavam bem na ponta dos dedos. Estávamos tão felizes. Tão despreocupados. Nós ligamos o rádio e rimos de tudo enquanto corríamos pela estrada com o vento em nossos cabelos.

Drew continuou falando sobre seus planos para depois do verão - para o que faria depois de sair de casa. Ele estava fazendo perguntas sobre onde eu mais queria viver, quais eram minhas férias dos sonhos, e mais, e eu pensei que era tudo apenas sonhos. Então eu ainda estava rindo quando respondi, mas quando ele disse que talvez devêssemos pensar em viajar pela Europa antes de nos estabelecermos em qualquer lugar em particular, eu apenas sorri e disse que ele sabia que eu não poderia deixar Echo Creek tão cedo.

Ele já sabia a maioria das minhas razões. Nem todas, mas ele sabia a mais importante. Eu nunca pretendi deixar minha mãe sozinha para lidar com sua saúde em declínio. Mas a reação dele não foi o que eu esperava. Ele parecia chocado e quase zangado. Então ele perguntou por que eu estava realmente ficando, e queria saber por que eu estava desistindo de nossos sonhos tão facilmente.



Eu disse a ele que não estava desistindo dos meus sonhos - apenas deixando-os de lado por um tempo, e não havia razão para ele não ir e fazer todas as coisas sobre as quais já conversamos. Ele ficou tenso e quieto depois disso, e quando perguntei o que estava errado, ele fingiu que não era nada.

Sei agora que deveria ter ficado de coração partido. Se ele realmente me amava e esperava algo mais que amizade, minhas respostas devem ter parecido a prova de que eu não sentia o mesmo. Que eu nunca senti o mesmo. Ele deve ter acreditado que eu estava tentando deixá-lo saber que nada nunca iria acontecer entre nós.

Não há como saber com certeza, mas sei que a noite ficou mais escura depois disso. Ele tentou alegar que estava bem, mas eu sabia bem. Tentei convencê-lo a falar, mas ele me dispensou, riu um pouco alto demais e se dirigiu para a festa com um olhar selvagem em seus olhos.

Eu esperava que fosse ruim, mas eu não tinha ideia do quão ruim. A maioria das pessoas de lá era menor de idade e já estavam bêbadas quando chegamos. Eu me perdi de Drew quase imediatamente, e passei quase uma hora vagando, dizendo oi para algumas pessoas que eu conhecia, e procurando por ele para que pudéssemos sair como planejamos. Quando o encontrei, já era tarde demais.

Ele estava bêbado, Jake. Nós dois prometemos um ao outro que não beberíamos antes dos vinte e um anos, apenas em parte porque sabíamos que nossos respectivos pais nos matariam. Mas, tanto quanto eu poderia dizer, ele já tinha mais do que suficiente e estava bebendo mais. Ele tinha em cada braço uma garota que eu nunca tinha visto antes e ele olhou para mim como se tivesse algo a provar.

Eu não entendi então. Eu estava ferida, porque ele prometeu que sairíamos para comemorar nossa formatura juntos, mas eu não tinha



como saber o que ele estava tentando fazer. Então tentei fazer com que ele fosse embora, mas ele continuava querendo saber por que eu queria ir tão cedo e se eu estava com ciúmes.

Eu não estava com ciúmes, estava preocupada e frustrada, então me afastei quando não pude argumentar com ele. Eu saí e me sentei na grama e pensei em ligar para mamãe, mas eu realmente não queria aborrecê-la, deixando-a saber o quão estúpida eu tinha sido. E é claro que eu não poderia ligar para você - desapontar você teria sido quase pior. Então eu sentei e esperei, até ouvir alguém gritar que os vizinhos haviam chamado a polícia e eles estavam prestes a terminar com a festa.

Era óbvio que qualquer um no local iria parecer culpado. Eu fui procurar por Drew e o encontrei vomitando em um dos canteiros de flores. Eu disse a ele que tínhamos que sair dali e que ele não seria capaz de esconder nada de seus pais se ele fosse preso. Ele parecia concordar, e tentamos chegar ao seu carro, mas isso demorou muito e ele mal conseguia andar. Pedi-lhe as chaves, mas ele não as entregou para mim. Eu implorei, e tentei pegá-las, mas ele me empurrou para longe com tanta força que eu caí.

Eu estava tão brava. Ele estava bêbado demais para saber o que estava fazendo, mas arruinou a noite inteira para mim e depois me machucou quando eu estava apenas tentando salvá-lo.

Então eu disse, tudo bem. Se ele queria ser o tipo de idiota que dirigia bêbado e machucava as pessoas, então eu acabava de tentar ajudá-lo. Mas eu não ia entrar no carro. Eu não ia a lugar nenhum com ele a menos que estivesse dirigindo.

Ele disse que já sabia que eu não iria a lugar algum com ele - é por isso que estava bebendo. Foi quando os carros da polícia apareceram, e foi quando ele se recompôs por tempo suficiente para correr até o



carro, entrar e sair correndo, bem na frente da polícia de Bend.

Lembro-me de gritar para ele parar. Eu nem sequer achei que ele conseguiria sair da rua da Smithfield sem bater em alguma coisa, mas de alguma forma ele conseguiu. Dois dos carros da polícia o seguiram e foi a última coisa que vi.

Não acabei sendo acusada de nada, porque passei pelo bafômetro e eles não podiam provar que eu estava em qualquer lugar perto das drogas. Nunca tive problemas com a mamãe, porque quando consegui ligar para ela e ela veio me buscar, ela já tinha ouvido falar de Drew.

Eu acho que você sabe o resto. Tanto quanto eu poderia dizer, a cidade não me culpou, porque eles não tinham ideia de que eu estava na festa com Drew. Mas me culpei tanto que não estava dormindo nem comendo. Eu não suportaria comparecer ao funeral dele porque você, Jeremiah e seus pais estariam lá, e eu não poderia encarar você. Fui embora não muito tempo depois, e me perdi na tentativa de esquecer o que tinha feito - permiti a alguém que amava ficar bêbado e fugir da polícia.

Então agora você sabe a verdade. É uma história feia e eu não estou pedindo para você me perdoar. Mas talvez eu esteja pedindo para você entender minha necessidade de me perdoar. Eu me castiguei por tempo suficiente pelas decisões de Drew - sua decisão de não me dizer como ele se sentia, sua decisão de afogar sua raiva em álcool e sua decisão de deixar seu orgulho afastar minha ajuda. Depois de todos esses anos, acho que finalmente aceitei que isso não era culpa minha. Mas eu deveria ter tentado mais. Eu não deveria ter desistido de pará-lo tão facilmente. Eu desisti porque estava com raiva e magoada, e foi o que decidi que precisava descansar. Eu gostaria de poder desfazer o que foi feito, mas não posso, e finalmente me convenci de que continuar se afundando nesses arrependimentos não ajuda ninguém.



O que quer que essa revelação signifique para o nosso futuro, saiba que eu me importo com você. Eu sempre me importei, e espero que você possa se libertar do seu fardo algum dia. Quero que possamos nos ver sem o fantasma de Drew entre nós. Se isso não for possível, eu entendo.

Com esperança,

Rory



Capítulo 17

Ele não ligou, e não veio para vê-la. Durante toda aquela noite, Rory andou de um lado para o outro e se angustiou se ela tomara a decisão certa, mas nenhum passo a levou até a porta. Nem mudou de ideia - ela sabia que a carta tinha sido necessária, mesmo que isso fizesse Jake repensar seus sentimentos por ela.

Rory se jogou em seu trabalho no dia seguinte com intensidade obstinada, determinada a não passar o dia imaginando o que ele ia dizer ou o que ele faria. Mas foi um esforço sem esperança. Jake era a única coisa que ela podia pensar, e de alguma forma, sentia falta dele. Perdeu sua força de propósito, sua paciência constante, seus modos silenciosos de se importar e o seu raro sorriso caloroso. Ela até perdeu a sensação de seus braços ao redor dela, apesar de ter experimentado apenas duas vezes.

Ela ainda o queria, queria-o tão desesperadamente, que doía, mas não se atrevia a acreditar que com a carta não mudara de ideia nem o coração dele. Mesmo que ele pudesse perdoá-la, levaria tempo.

Quando ela caminhou pela frente da cafeteria em mais um pretexto frágil, esperando que alguém falasse com ela, viu Marcia e Beatrice sentadas juntas, se conhecendo com um bule de chá. Ela apresentou as duas, esperando que elas se desse bem, e seus esforços pareciam ser um sucesso. Marcia sempre adorava ter alguém novo para atrair o círculo caloroso de seus amigos e vizinhos, e Beatrice parecia disposta a ser atraída - um pouco alarmada pela natureza sufocante de uma recepção de



cidade pequena.

Tess estava no balcão conversando com Willow, as duas estavam rindo de algo que um dos garotos tinha feito, enquanto Pete Parrish estava sentado ao lado do fogo, fingindo ler um livro enquanto tomava um gole de café e mantinha um olho em Marcia.

De repente, Rory não aguentou mais. Ela se aproximou, sentou-se na frente de Pete e cruzou os braços.

— Por que você não a convida para sair? — ela disse sem rodeios.

Ela nunca tinha visto Pete tão assustado com nada. Ele tentou parecer inocente, mas falhou tanto quanto os meninos de Rory costumavam fazer.

— Quem? — ele perguntou, depois que ele terminou de engasgar com o café.

— Marcia. — ela disse pacientemente. — Você é apaixonado por ela desde que eu era jovem e cega, mas não tão cega para perceber seus sentimentos. O que você está esperando?

Sua boca se abriu e ele piscou para ela por cima dos óculos, depois pôs o livro de lado e a olhou seriamente. — Eu não sei. — ele admitiu. — Você acha que eu deveria pedir a ela?

— Eu acho que você deveria ter a chance. — ela insistiu. — Vocês dois estão sozinhos há muito tempo e eu sei que vocês dois estão felizes e que têm uma vida plena, mas se você a ama, por que não descobre como ela se sente?

— E se ela ainda estiver apaixonada por Stanley? — perguntou Pete, parecendo tão vulnerável quanto Rory já o vira.



— Então ela dirá a você, e então você saberá. Mas Pete... — ela se inclinou para frente, esperando que ele pudesse ouvir sua sinceridade. — Por favor, não deixe isso ao acaso. Não assuma que ela sabe como você se sente, e não pense que ela diria que não, ou que há algum outro amor entre vocês. E não espere tanto tempo que sua chance se vá e você passará o resto da sua vida se perguntando.

Ele balançou a cabeça lentamente, olhando para ela naquele olhar paciente, sempre vendo o caminho que ele sempre teve. — Você acredita que você esperou muito tempo.

— Eu não sei. — ela disse honestamente. — Não sei se esperei muito tempo ou se nunca haveria um momento certo. Mas finalmente percebi que, embora eu não possa ignorar as partes feias do meu passado, eu também não posso continuar deixando que elas determinem meu futuro. Meu passado não me define, mas eu tenho que aceitar que isso é uma parte de mim, o que significa que eu tenho que dar às pessoas que eu amo uma chance de aceitá-las também. Eu acho que ser honesta com as pessoas com quem nos importamos - dar a elas a chance de nos amar como somos - é a coisa mais corajosa que podemos fazer por elas, e talvez a mais importante.

Pete assentiu. — Por que vale a pena. — disse ele com um sorriso de lado. — Se você finalmente disser a esse cara a verdade, eu não acho que você vai ficar desapontada.

Rory encolheu os ombros. — De qualquer forma, está feito. E não posso deixar de pensar que um pouco de verdade seria bom para você e Marcia também.

— Ela é a amiga mais sincera que eu tenho. — disse Pete. — Mas eu não sei se estou disposto a arriscar perder isso.

— Eu não estou fazendo nenhuma promessa. — Rory sabia que isso



tinha que ser sua decisão e só dele, mas ela também não achava que Marcia fosse completamente indiferente à ideia. E mesmo se ela fosse, Rory estava dolorosamente ciente das consequências de sentimentos ocultos, e não queria ver ninguém passar por isso. — Basta pensar sobre isso, ok?

— Vou considerar. — disse Pete, e Rory não fazia ideia se estava dizendo a verdade. Ela só sabia que precisava dizer isso - o que ele faria com isso depois era com ele.

— Rory, eu acho que eu ouço o seu celular. — Jess disse quando ela saiu de trás do balcão.

Ela deixou o celular no escritório. Rory deu um pulo com pressa quase embaraçosa e seguiu o caminho o mais depressa possível sem abandonar completamente sua dignidade. Mas no momento em que ela chegou lá, era tarde demais, e não tinha sido Jake de qualquer maneira.

Ela caiu na cadeira, colocou o queixo na mão e se perguntou se aquele seria o dia mais longo da história.

Um sinal sonoro anunciou que ela tinha uma mensagem de voz, então a colocou no viva-voz, imaginando que provavelmente era apenas outra chamada de spam com uma mensagem sobre seguro de saúde ou de veículos ou férias grátis.

Não foi.

— Telefonei para informá-la que nosso Departamento de Apelações considerou seu caso e, levando em conta a idade e a condição de sua casa, decidiu anular a determinação inicial e conceder a sua queixa. Estaremos enviando um especialista em ajustes para se encontrar com você e avaliar o valor total da substituição de sua casa e seu conteúdo, após o qual um acordo pode ser feito. Se você tiver quaisquer



perguntas...

Rory não ouviu nada que a mensagem dizia depois disso. Ela estava muito ocupada chorando de felicidade e alívio.

Enfiando a cabeça na cozinha, pediu a Jess para ficar de olho nas coisas, assegurando-a de que estava tudo bem e correu para o jipe.

* * *

Os restos da casa de sua mãe já haviam sido limpos, mas os alicerces permaneceram, varridos de todas as lembranças visíveis da tragédia que quase havia ocorrido. Rory andou devagar, imaginando a placa das paredes a bordo, janela a janela, tão impecável como quando ela era menina, não mais envolvida em chamas, mesmo em sua memória.

Imediatamente após o incêndio, quando se imaginou reconstruindo, fora uma réplica exata da casa que ela chamara de lar. Ela não podia imaginar construir qualquer outra coisa. Teria sido um tapa na memória da mãe dela.

Agora ela sabia que era hora de começar de novo. Victoria não queria que ela segurasse com tanta força as coisas que nunca poderiam trazer cura ou conforto. A cura não podia ser encontrada nas coisas - apenas na verdade, perdão e tempo.

Ela teria a base tirada e construiria algo inteiramente novo. Um lugar onde seus filhos pudessem crescer sabendo como era o amor e a segurança, com uma cidade inteira cheia de tias e tios e avós que se importavam com eles. Como ela poderia ter pensado em ir? Sua mãe estava certa o tempo todo. O coração dela sempre estivera em Echo Creek, e sempre estaria, não importava o que acontecesse com o homem



que atualmente dirigia uma caminhonete prateada pelo caminho de cascalho e o estacionava ao lado de seu jipe.

Seu primeiro pensamento foi se perguntar se ele era real. Mas quanto mais perto ele ficava, mais difícil se tornava a negação de que ele não era apenas real, que ele parecia muito sério e decidido. Quando ele finalmente ficou na frente dela, Rory teve que entrelaçar as mãos atrás das costas para evitar que elas tremessem.

— Fui ver você em Creekside. — Jake disse, um pouco casualmente.
— Mas Jess disse que você saiu de lá em uma missão.

Ele tinha ido a Creekside? E perguntou por ela? O lugar inteiro provavelmente explodiu com especulação no momento em que ele saiu.

— Como você sabia que iria me achar aqui?

— Eu não sabia. — ele disse com um encolher de ombros. — Mas eu estava a caminho de Kinley quando vi o seu jipe.

E ele não poderia simplesmente ligar para ela? — Tem alguma coisa errada?

Ele balançou sua cabeça. — Eu precisava falar com você. Você está bem?

— Melhor do que bem. — ela disse a ele honestamente. — Meu apelo foi aprovado! Eles vão me dar o dinheiro para reconstruir.

Ele assentiu, não parecendo feliz ou infeliz com a notícia. — Isso é fantástico. Eu esperava que eles o fizessem.

Então ele estava feliz por ela? Isso significava que não esperava que eles tivessem futuro? Ou ele estava apenas tentando ser solidário? Rory não aguentava mais.



— Você me odeia agora? — ela deixou escapar, e seu olhar de choque a tranquilizou naquele ponto, pelo menos.

Em vez de dizer qualquer coisa, porém, ele tirou papéis dobrados do bolso - papéis que ela reconheceu como sua carta. Então ele tirou outro par de papéis do outro bolso.

— Assim que você deixou o rancho com os meninos depois que você ficou a noite, eu escrevi isso para você. — disse ele. — Achei que você merecesse saber o que aconteceu entre eu e Drew e por que lhe disse que a morte dele foi minha culpa. Mas depois que terminei de escrever isso, percebi que não poderia dar a você. Porque acabou sendo uma hipocrisia.

Ele havia escrito uma carta para ela? De repente, Rory ansiava por saber o que ela dissera - para entender os fardos que ele compartilhara com ela naquelas páginas, para que ela pudesse ajudá-lo a separá-los.

Mas ele não entregou a ela. — Eu lhe disse que ninguém na terra te julgaria pelo seu alívio quando Chris morresse. Mas eu passei doze anos me julgando pelo que equivale à mesma coisa.

Rory sabia que ela devia parecer confusa, porque ele se apressou em continuar. — Não que eu me sentisse aliviado com a morte de Drew. Eu nunca parei de lamentar por ele. Mas minha primeira reação *foi* de alívio - assim que soube que ele não tinha levado você com ele.

* * *

Ler a carta de Rory foi uma das melhores e piores experiências da vida de Jake. Reviver o último dia de Drew foi doloroso - muito mais do que ele imaginara, dado quantos anos haviam se passado. Mas a história dela também lhe trouxe mais esperança do que ele jamais se permitiu



sentir - as barreiras entre eles não eram tão intransponíveis como ele sempre acreditara.

Mais do que qualquer outra coisa, no entanto, ele estava com raiva de seu irmão mais uma vez pelo que ele havia colocado em Rory.

— Não vou dar-lhe esta carta, Rory. — disse ele finalmente, mudando-o para a outra mão, então segurou as duas cartas juntas. — Não porque eu não quero que você saiba o que há nela. Eu pretendo te contar tudo. Mas acontece que essa carta não era para você - era para mim.

Ele não tinha entendido até que leu as suas palavras sobre a necessidade de perdoar a si mesma. E ela estava certa sobre isso e muito mais. Eles haviam passado os últimos doze anos exatamente como ela disse - culpando-se, e assumindo que outros os culpavam também, por eventos que eles nunca poderiam ter controlado.

Ele brigou com seu irmão antes daquele dia, e teria feito isso de novo. O fato de que sua briga precedeu uma tragédia não fez disso a causa. Mas ele poderia ser um lembrete para nunca deixar que palavras raivosas fossem perdoadas.

Nunca deixar o amor não ser dito.

Ele deu dois passos mais perto até quase se tocarem, finalmente se permitindo abraçar as emoções que estivera escondendo desde um dia memorável em que Rory defendeu um filhote de border collie ferido da vingança de uma vaca indignada.

Ela salvou sua vida, mas Jake quase tinha morrido mil vezes em quanto perto ela chegou a ser pisoteada antes que ele a puxasse de volta por cima da cerca. Quando ele gritou com ela, até mesmo a chamou de tola por arriscar sua vida, ela não recuou nem por um momento, apenas



abraçou o filhote ao peito e disse que faria de novo.

Naquele momento, percebeu que estava tremendo mais por medo do que raiva. De repente, ele sentiu o desejo irresistível de abraçá-la do jeito que ela estava segurando o filhote de cachorro - para puxá-la para perto e se assegurar de que ela estava segura.

Ele finalmente reconheceu que a amava.

— Rory, eu nunca culpei você pelo que aconteceu com Drew, e eu não te culpo agora. Sabíamos que Drew estava dirigindo bêbado. Eles testaram o sangue dele no local, e ele estava muito acima do limite. Nunca houve um único momento em que eu ou os meus pais achassem que suas escolhas foram sua culpa.

Ela não parecia acreditar nele.

— Você estava certa. — ele continuou. — Sempre vejo Drew quando olho para você, mas isso era sobre mim, não sobre qualquer coisa que você já fez. — Jake respirou fundo, estremecendo, e se forçou a dizer a ela. — A verdade é que estou apaixonado por você desde antes de Drew morrer.

Ele viu sua negação e sua descrença, e sabia que ele teria que contar tudo a ela. — Ele sabia como me sentia. Naquele último dia, ele jogou na minha cara. Acusou-me de querer levá-la para longe dele e disse que ele te amava mais. Conhecía você melhor. Eu nunca neguei isso.

— Ah, Jake. — Rory estava chorando. — Eu sinto muito.

— Então é assim que sempre me lembrei dele. Sempre me perguntei se ele estava certo, e se eu teria lhe contado como me sentia se ele tivesse vivido. Mas eu terminei com isso.

Ele levou a mão ao rosto dela e afastou as lágrimas. — Rory, eu



cometi muitos erros desde que nos conhecemos, e eu machuquei você com alguns deles. Eu sinto muito por isso. Mas se você estiver disposta a me perdoar, acho que estou começando a aprender a me perdoar e nada mudou meus sentimentos por você.

Ela fechou os olhos e se inclinou para a mão dele.

— Eu sinto que te amei sempre, Rory. Quando você se foi, eu nunca deixei de te amar, e quando você voltou, eu só amei mais você.

Até as lágrimas dela eram lindas. Ele queria puxá-la em seus braços e abraçá-la enquanto ela chorava, mas ele precisava dizer o resto primeiro.

— Eu quero você e seus filhos como parte da minha vida. Eu quero o direito de te abraçar quando estiver com medo e consolá-la quando estiver triste, e quero ser pai de Sean e Trey. E não importa o que você ainda não tenha me dito, não importa quantos segredos há para serem compartilhados, você precisa saber que eu não vou a lugar algum. Eu estarei aqui pelo tempo que for necessário para provar que você pode confiar em mim com o seu coração.

Ela abriu os olhos e ele ficou chocado com o que viu brilhando de volta para ele.

Ela o amava. Acreditou sem ela dizer as palavras, mas esperava que ela as dissesse assim mesmo. Ele nunca mais iria cometer o erro de tomar seus sentimentos como garantidos.

— Estou com medo, Jake. — disse ela em seu lugar. — Você deveria saber que você se apaixonou por uma covarde. Eu cometi tantos erros no amor, e há tantas coisas que não sabemos sobre o outro - tenho medo de tudo que estou sentindo agora. Mas eu lhe devo tanta verdade quanto você me deu, então é justo dizer a você - eu te amei desde o primeiro dia



em que montei Mist e você me impediu de cair.

Ele estava prestes a insistir que ela estava longe de ser uma covarde, mas seus pensamentos pararam. — Você tinha quatorze anos!

— Eu prometo, eu não sou a primeira com quatorze anos de idade a ter uma queda por um homem mais velho. — ela respondeu, rindo para ele. — Jake, quando eu disse a Drew que não podia sair de Echo Creek, minha mãe não era a única razão. Era você. Eu não conseguia parar de esperar que talvez algum dia você me visse como algo mais que uma irmãzinha.

— Eu pensei que você ficaria horrorizada se você soubesse sobre meus sentimentos. — ele admitiu. — Eu acreditava que você estava apaixonada por Drew, e que você me considerava um irmão mais velho rabugento. Vocês dois pareciam tão perfeitos um para o outro - presumi que vocês estariam casados algum dia, e eu não podia permitir que você descobrisse como me sentia quando pensei que seria seu cunhado.

Ela agarrou a gola do casaco dele e puxou-o para baixo para encontrar seu olhar. — Jake Cunningham, vou explicar uma coisa, então é melhor você ouvir com atenção. Você sabe que eu amei Drew. Nós éramos melhores amigos, mas nunca seríamos perfeitos um para o outro porque éramos muito parecidos.

Seu rosto suavizou, mas ela não o soltou. — Eu me apaixonei por você porque você era a pessoa mais gentil que eu já conheci. Você se importava, mesmo quando não sabia como demonstrar, e eu sempre soube, não importa o que acontecesse, que você estaria lá por mim.

Foi realmente assim que ela o viu?

— É estável — ela continuou, com seus olhos verdes o desafiando a discordar dela. — Inabalável. Tão inflexível e confiável que, mesmo



quando eu estava lutando para me recuperar de anos de rejeição, me fez sentir completamente segura pela primeira vez na minha vida. *Isso era* o que eu precisava, Jake. O que *ainda* preciso. Você. Alguém que é humano e comete erros, mas que conheço sem sombra de dúvida que nunca me abandonará porque simplesmente não faz parte de sua natureza. Quem sempre me impedirá de cair, assim como fez naquele dia no curral.

Sua confiança parecia o maior presente que ele poderia imaginar. Muito mais do que ele poderia merecer.

— Você não sabe tudo, Rory. — ele disse a ela. — Eu gostaria de poder dizer que sou o homem que você pensa que sou, mas... — ele levantou a mão com as cartas que ambos tinham escrito. — Há provas de que eu não sou.

Antes que ele pudesse reagir, ela estendeu a mão, pegou as duas cartas de seu alcance e as segurou juntas.

— Essas cartas são os nossos passados. — disse ela com firmeza, segurando o olhar dele. — Eu acho que é hora de deixá-los ficar lá. Hora de deixá-los ir e não deixar nossos erros e as pessoas que nos machucaram e nos traíram ter poder sobre o nosso futuro.

Ela os rasgou ao meio.

Então ela deu uma metade para ele, e juntos eles rasgaram aquelas cartas em tantos pedaços e jogaram no ar como confetes e deixaram-se levar pelo vento.

Enquanto observava os pedaços do passado voando, Jake parou de tentar se segurar. Ele não tinha pensado que ele poderia amá-la mais, mas ele amou, então ele puxou Rory em seus braços, e olhou para ela ferozmente. — Eu não sou nenhum tipo de cavaleiro. — disse ele com



voz rouca. — E eu nunca fui bom em romances. Mas eu juro para você, você nunca ficará em dúvida sobre se eu te amo ou não. Eu também sei que você teve más experiências com homens que alegaram amar você, então eu quero prometer a você que eu não sou Chris. Eu odeio que ele te machucou como ele fez, mas eu não sinto muito que ele era um idiota que não sabia o que ele tinha. Ele trouxe você de volta a Echo Creek e nunca posso me arrepender disso.

— Você deve estar louco. — ela disse suavemente, sorrindo para ele.
— Se você realmente acha que eu não sei disso.

Então ela ficou na ponta dos pés e o beijou. Foi tão perfeito e inesperado, que ele ficou paralisado por meio momento antes de perceber o que estava acontecendo. Mas então ele a puxou para mais perto e a beijou também, com todo o desejo que ele escondia tão cuidadosamente por doze anos intermináveis.

Ele não tinha ideia de quanto tempo ficaram ali. Ele não se importou. Sua boca era suave e tremia contra a dele, o sal de suas lágrimas se misturando com o gosto de seus lábios, e ambos pareciam um vislumbre proibido do céu.

Exceto que era real. Ela realmente o amava. Ela o perdoou. E agora que ela finalmente estava em seus braços, ele pensou que a coisa mais difícil que ele faria era deixá-la ir.

— Jake. — disse ela finalmente, recuando um pouco sem deixar o círculo de seus braços. — Acho que devemos escrever novas cartas um para o outro.

— Sobre o quê? — ele não era exatamente um escritor, mas para Rory ele escreveria um romance.

— Sobre nós. Sobre agora. Sobre todas as coisas que desejamos que



o outro saiba. Todos os nossos sentimentos estão entrelaçados com as coisas dolorosas que não podemos falar. Eu quero que tenhamos uma chance de construir algo diferente. Algo que é apenas de nós, sem ter medo de que alguém sempre esteja lá como parte de nosso relacionamento, quer possamos vê-los ou não.

Ele concordou. — Não há razão para apressar isso, Rory. Eu sei que nós dois precisamos de tempo. Eu sei que a confiança vai ser difícil para você, e os meninos precisarão de uma chance para se acostumar com a ideia.

Rory riu tanto que ela bufou um pouco. — Os meninos? Jake, você tem cavalos, cachorros e chapéus de cowboy. Eles acham que você é um super-herói. Se alguma vez tiverem a chance, provavelmente irão bisbilhotar sua casa procurando sua capa.

Ele não podia imaginar que alguém o visse assim, mas ficaria feliz em usar uma capa se isso ajudasse Sean e Trey a aceitá-lo em suas vidas. — Mesmo se isso for verdade... – alertou ele. — Isso não significa que eles estão prontos para a ideia de compartilhar você com outra pessoa.

Ela se inclinou para ele novamente, e ele a colocou sob o queixo com um suspiro de satisfação perfeita. — Vamos levar o tempo que precisarmos. – ela disse suavemente. — Mas você é meu, Jake Cunningham.

— É tudo que eu sempre quis ser. – ele assegurou, e abraçou-a até que ambos os celulares começaram a tocar.

Foi Creekside e Ben.

— Eles não nos deixarão ficar aqui para sempre. – Rory murmurou contra seu peito.



— Acho que não. Valeu a pena tentar. — ele disse, meio brincando.

— Nós dizemos a eles?

— Você acha que vamos ter que fazer isso? — ele perguntou.

Rory riu e saiu de seus braços, apenas para pegar sua mão e liderar o caminho de volta para sua caminhonete. — Não. — ela disse complacentemente, então parou a tempo suficiente para beijá-lo novamente. — Eu tenho vontade de fazer isso por muito tempo. Eu não acho que serei capaz de me conter agora, e alguém é obrigado a notar. — ela olhou para ele ansiosamente. — Você se importa?

— Se eu me importo com toda a cidade sabendo que eu te amo?

— Algo assim. — ela respondeu timidamente.

— Vamos voltar para Creekside e eu vou te mostrar. — disse ele, sorrindo.

Então eles voltaram.



Epílogo

Rory inspecionou-se no espelho de sua altura, com estrutura em madeira pela quinquagésima vez, perguntando se deveria estar mais nervosa. Mas qual era o objetivo? O vestido dela estava posto, o cabelo dela estava pronto, e agora tudo o que ela tinha que fazer era esperar um pouco mais para sair e dizer “eu aceito” para o homem gentil, paciente e lindo por quem ela estava apaixonada por mais da metade da vida dela.

A impaciência parecia mais importante que os nervos.

Havia quase uma hora ainda até a cerimônia, e ela podia ouvir vozes do resto da casa - família e amigos que se reuniram para ajudar a preparar o que Darcy chamava de "o casamento mais atrasado na história de Echo Creek". Rory poderia ter concordado uma vez, mas na verdade, ela sabia melhor agora. Por mais impaciente que fosse, os meses entre o noivado e a cerimônia, e até os quatro anos que Jake passara a evitando, todos tinham um propósito. Ambos precisavam de uma chance de se curar, e esse dia chegara em seu próprio momento perfeito.

Andando da cama até a janela e de volta, Rory olhou ansiosamente para a cadeira ao lado do espelho e se perguntou se alguém realmente notaria se ela se sentasse por um momento ou dois. Ela tinha sido avisada para não amassar a renda de marfim do vestido de sua mãe, mas certamente seria melhor não se cansar antes da cerimônia?

Não havia ninguém com quem conversar - ao contrário do resto das instalações, o quarto principal no rancho de Cunningham estava vazio,



exceto Rory e a evidência dispersa de um ritual de embelezamento que parecia ter incluído metade da cidade.

Ela havia planejado um pequeno casamento - apenas família e amigos íntimos, sem festa nupcial, mas assim que ela e Jake anunciaram o noivado, todos queriam se envolver. Seu cabelo e maquiagem, a fotografia, a música e até mesmo as alterações no vestido de sua mãe foram fornecidos gratuitamente pelos membros da comunidade.

Ela pretendia recusar, mas Marcia tinha lhe dado um olhar sério e lembrou a ela para se permitir ser amada.

E eles a amavam, fato que nunca deixou de surpreender. Na verdade, quase todos os seus vizinhos tinham dito essencialmente a mesma coisa - que Echo Creek era uma comunidade mais calorosa e mais bem unida desde que Creekside abriu suas portas. Que a própria Rory sempre fez todos os clientes se sentirem especiais, então foi um privilégio deles retribuir o favor.

Foi quase embaraçoso. Ela se forçou a aceitar seus presentes com um sorriso, então chorou de gratidão e surpresa mais tarde, onde ninguém podia ver.

Mas ela não ia chorar no dia do casamento.

Alguém bateu na porta e Rory se iluminou. Ela esperava que fosse Beatrice. Sua tia concordara (embora não sem receio) de entregá-la, e Rory esperava um pouco de tempo para falar com ela antes da cerimônia.

Mas não foi Beatrice.

Em vez disso, Kinley espiou em torno do batente da porta, com suas bochechas rosadas e seu cabelo loiro enrolado preso em cima de sua cabeça. — Rory, os garotos querem ver você. Tudo bem? Juro que suas



mãos estão lavadas e não deixarei que toquem no seu vestido.

— Claro! — Rory se virou para a porta enquanto seus filhos corriam, parecendo adoráveis em suas pequenas Wranglers⁴, botas e paletós.

Os olhos de Sean a percorreu. — Mamãe, é realmente você?

— Estou muito bem? — ela perguntou, sentindo o desejo de rir de sua expressão atordoada. Algum dia ela esperava que ele encontrasse uma garota que pudesse colocar aquele mesmo olhar em seu rosto.

— Você está bem, mamãe. — Trey disse solenemente. — Mas mamãe, o Sr. Jake disse que íamos ter um pônei de presente. Estamos ganhando um pônei?

Um o *que*?

O rosto de Rory paralisou, e seus olhos foram para Kinley, que estava escondendo o rosto por trás de suas mãos enquanto todo o seu corpo tremia de rir.

— Eu não sei, filho. — disse Rory, desejando que Jake estivesse ali para que ela pudesse encará-lo corretamente. Sim, ele era gentil, paciente e bonito, e amava seus filhos como se fossem seus, mas o homem ainda não aprendera a não fazer promessas excessivas e espontâneas para as crianças. — Talvez?

Afinal, não era como se eles não tivessem um lugar para mantê-lo. Os meninos estavam prestes a ter um rancho inteiro como seu playground, e um pônei provavelmente seria a menor das preocupações dela.

— Obrigado, mãe! — Sean sorriu para ela antes de pegar a mão de Kinley e puxá-la para fora do quarto, com Trey na cola.



Uma risadinha saiu da garganta de Rory quando a porta se fechou atrás deles - eles não queriam vê-la, e provavelmente não poderiam se importar menos com o que ela parecia em seu vestido de noiva. Pelo menos não quando havia um pônei no futuro.

Outra batida veio apenas um momento depois.

— Pode entrar. – Rory falou, não se importando muito com quem era.

— Obrigada, Rory.

Sua pequena e quieta quase sogra atravessou a porta.

Rory paralisou. Ela estava de pé no quarto desta mulher, prestes a se casar com o filho dela. O que ela deveria dizer? Como ela deveria agir?

Logo depois que Jake oficialmente pediu a Rory que se casasse com ele, eles foram até Bend para dar a notícia a seus pais e finalmente falar sobre o passado. Rory suspeitava que os pais de Jake não tinham ideia de quanta culpa ele nutria, mas sabia que precisava deles para ouvir o que ele tinha a dizer, e esperava obter seu perdão pelo que acreditava ter feito.

Também queria saber como Alan e Mary Cunningham se sentiam - sobre *ela*. Ela continuou a se perguntar se eles a culpavam por não comparecer ao funeral de Drew, ou por quanto tempo ela ficou longe.

Fora uma noite estranha. Ambos, Alan e Mary, eram pessoas reservadas, e ela poderia dizer que eles se sentiam estranhos por ela estar com Jake, quando todas suas memórias eram dela com Drew. Mas eles não expressaram reservas em tê-la como filha, e quando descobriram o que Jake acreditava ter sido o motivo de terem deixado Echo Creek, houve lágrimas copiosas.



Jake, pelo menos, deixara-se sentir livre pela primeira vez em doze anos - livre da crença esmagadora na decepção de seus pais. Mas Rory ainda não tinha certeza se eles estavam muito confortáveis com a ideia de seu casamento.

— Você está tão bonita. — disse Mary suavemente, chegando perto o suficiente para se inclinar e beijar a bochecha de Rory.

— Obrigada. — Rory cruzou as mãos para não mexer nervosamente no vestido e estragar a renda.

— Tenho certeza de que isso não será uma surpresa para você. — Mary disse de repente. — Mas sempre acreditamos que você faria parte de nossa família um dia.

Rory sentiu o sangue correr em seu rosto. Elas finalmente teriam essa conversa, no que deveria ter sido o dia mais feliz de sua vida?

— Você foi tão boa para Drew. — continuou Mary, enquanto os joelhos de Rory ameaçavam ceder. Se ela tivesse sido tola o suficiente para usar as pequenas sandálias brilhantes que a proprietária da loja de casamentos sugerira, ela já teria se rendido à gravidade.

— Ele foi uma pessoa melhor depois que te conheceu. — Mary segurou as mãos de Rory com força e apertou-as gentilmente. — E, sim, sei o que aconteceu antes dele morrer. E isso não muda nada.

Era oficial. Rory ia cair morta no dia do casamento. Ela esperava que os convidados ainda pudessem comer o bolo e devolver seus presentes, e que Jake não iria chorar por muito tempo.

Mas Mary não tinha terminado. — Quero que você entenda, Rory, que, embora soubéssemos do coração de Drew e acreditássemos que ele provavelmente não ouviria, faríamos tudo ao nosso alcance para convencer nosso filho a não se casar com você.



As palavras de Mary doeram, mais do que Rory teria acreditado ser possível. Ela esperava tanto que os pais de Jake pudessem aceitá-la, apesar do passado.

— Não porque não gostamos de você, minha querida. — Mary olhou nos olhos de Rory com um olhar claro e firme. — Nós amamos você e ambos estamos muito orgulhosos de poder chamá-la de nossa filha.

Então o que ela estava tentando dizer? Rory nunca se sentira tão confusa.

— Mas Drew teria feito você triste.

Espere. Ele o *que*?

— Meu filho mais novo era corajoso, generoso, ambicioso e impulsivo. — disse Mary, sorrindo um pouco. — Drew viveu pelas emoções e desafios da vida. Seja o que for que ele fez, ele fez com todo o coração, muitas vezes sem considerar as consequências.

Oh, quão bem Rory sabia.

— Ele teria lhe dado tudo. — disse Mary. — Tudo, exceto segurança.

Se ela achava que Rory ainda precisava ouvir isso, talvez os pais de Jake ainda não soubessem *exatamente* o que havia passado entre ela e Drew no último dia de sua vida.

Rory abriu as mãos e segurou os dedos da futura sogra com cuidado.

— Eu sei. — disse ela. — Eu sempre soube, Mary.

Rory respirou fundo. — Talvez isso tenha tranquilizado suas mentes se eu tivesse dito isso antes, mas estava com muito medo. Com medo do que vocês pensariam de mim. Mas você merece saber - sim, Drew era o



meu melhor amigo e eu o amava. Eu sempre amarei minhas memórias dele. Mas eu estou *apaixonada* por Jake há dezesseis anos.

Mary piscou algumas vezes em choque antes de romper em lágrimas e jogar os braços ao redor de Rory em um abraço apertado e sincero.

Tanto por não chorar no dia do casamento.

Uma vez que elas se abraçaram e choraram um pouco mais, Mary deu-lhe o maior sorriso que Rory já tinha visto. — Estou tão feliz por vocês dois. — disse ela. — E Rory... — ela enxugou as últimas lágrimas de Rory com os dedos instáveis. — Drew teria ficado feliz por você também.

Ele teria, Rory decidiu, quando Mary saiu e fechou a porta silenciosamente atrás dela. Depois que ele superasse o choque, o seu espírito generoso teria exigido que ele lutasse pela felicidade das pessoas que amava.

Ela pegou um punhado de lenços e foi até o espelho para avaliar o dano. Sem rímel escorrendo, pelo menos. Um pouco de pó iria consertar o pior. E as rendas não estavam tão amassadas que alguém notasse...

Outra batida e Rory gemeu baixinho. É melhor que isso não seja nada fofo ou remotamente emocional.

— Entre. — ela falou, e desta vez foi Beatrice que entrou pela porta vestindo um elegante terninho cinza e saltos perfeitamente combinando.

— Você está pronta? — ela perguntou, sorrindo para a sua sobrinha enquanto estavam juntas diante do espelho.

— Nós deveríamos ter fugido. — murmurou Rory, enxugando as bochechas com um pincel de pó.



Beatrice riu alto e facilmente. Ela riu com frequência, nos dias atuais, e abraçou a vida com um fervor que inspirou Rory a acreditar que sua tia finalmente encontrara alegria.

— Gregory não veio. — disse Beatrice abruptamente. — Eu o convidei, mas ele mandou uma mensagem dizendo que estava muito ocupado. Ele queria saber quando eu voltaria para casa e disse que não sabia.

Rory se virou para a mesa ao lado da cama e pegou um envelope.

— Então, suponho que seja um bom momento para lhe dar isso. Aqui, tia Beatrice. Isto é para você.

Sua tia deu-lhe um olhar com profunda suspeita antes de abri-lo.

— Queria que você tivesse isso agora, antes do casamento. — Rory informou. — Tess voltará para a casa dela em breve, e eu não quero que você pense que não era mais bem-vinda.

Finn Beckett finalmente disse a Tess que já era hora dele assumir a responsabilidade por sua vida. Essencialmente a expulsou, assegurando-lhe que ele e os meninos estariam bem e que ela deveria se sentir livre para renovar seu conhecimento com seus próprios sonhos.

Tess estava ao mesmo tempo feliz e apreensiva, dissera a Rory. Ela não queria nada mais do que para Finn se encontrar e ficar bem de novo, e ela estava animada para continuar sua vida de onde parara. Mas ela quase não conseguia se lembrar de como se sentira por não ter ninguém com quem se preocupar, além dela mesma. Ela se candidatou no outono na escola para um trabalho de professora, mas ela ainda estava essencialmente perdida.

E agora que Tess estava voltando para sua própria casa, Beatrice teria que voltar a Baltimore ou encontrar um novo lugar para morar.



Ela removeu o conteúdo do envelope e olhou para eles, arregalando os olhos antes de deixar cair os papéis de repente.

— Você não pode me dar uma casa.

— Ah, sim posso. — disse Rory, sentindo uma sensação de alegria esmagadora. — Eu posso te dar uma casa se eu quiser. Os meninos e eu estamos nos mudando para cá, então não vou precisar. E Victoria teria ficado emocionada por você ter isso.

Com o dinheiro do seguro, Rory tinha reconstruído a propriedade de sua mãe - não a mesma casa, mas uma casinha bonita com janelas e balanço na varanda, do tamanho perfeito para uma família pequena... ou uma mulher aprendendo a viver sozinha pela primeira vez.

Lágrimas surgiram nos olhos de sua tia e Rory piscou freneticamente, na esperança de evitar refazer a sua maquiagem de *novo*.

— Desta forma... — disse Rory apressadamente. — Você pode ficar o tempo que quiser e dedicar seu tempo a resolver as coisas com Gregory. Você sempre terá uma casa aqui e uma família, não importa o que aconteça.

Sua tia tinha muito respeito pela renda para abraçá-la, mas ela estendeu a mão para segurar o queixo de Rory em sua mão. — Eu diria que não. — ela disse. — Mas sei que não deveria. Eu aprendi muito, pelo menos.

— Bom. — disse Rory ferozmente. — Victoria ficaria tão orgulhosa de você. Eu espero que você saiba disso.

— Não tão orgulhosa quanto ela seria de você. — disse Beatrice, e então, é claro, as duas choraram mais um pouco.

— Maldição! — exclamou Rory, depois que as duas enxugaram os



olhos. — Ainda há tempo suficiente para eu consertar isso?

Beatrice olhou para o relógio. — Cerca de vinte minutos, minha querida.

Ou, claro, houve outra batida, só que desta vez, veio da porta para a varanda dos fundos.

— Quem estaria lá atrás? – Rory perguntou em voz alta.

— Vou me livrar deles. – declarou a sua tia severamente, marchando para a porta e abrindo-a.

— Vá embora. – disse ela, fazendo Rory rir da sua expressão severa.

— Eu só preciso de um minuto.

Era a voz de Jake, e o coração de Rory ficou emocionado com o som.

— Você não pode vê-la antes do casamento.

Mas Rory já estava puxando a porta mais aberta. Ela não se importava se ele a visse - ela só sabia que não queria esperar mais um momento para vê-lo.

Ele estava atrás da casa em sua roupa de casamento – com Wranglers, botas e um paletó que moldava seus ombros largos à perfeição. Se não fosse pela renda, ela teria se atirado da varanda e caído em seus braços.

— Você está linda. – ele disse simplesmente, com os seus olhos brilhando para ela com amor e esperança e tantas outras emoções que Rory não se atreveu a tentar identificá-las. Ela também estava ocupada demais olhando para o que estava ao lado dele.



— Jake Cunningham, por que você trouxe um cavalo para o nosso quintal?

A potranca era de tirar o fôlego, com grandes olhos escuros, um focinho delicado que traía sua ancestralidade árabe e um casaco cinza rosa mosqueado.

— Estamos indo hoje à noite. — disse Jake, como se fosse óbvio. — Eu queria te dar seu presente de casamento agora.

Falando de presentes de casamento...

— Jake, você não prometeu a meus filhos um pônei?

Ele ficou vermelho. — Eu... hum... talvez?

— Isso vai ser um hábito seu?

— Sim?

Rory tentou parecer severa e falhou totalmente. — Você sabe que não posso ficar brava com você no dia do nosso casamento. Que é provavelmente porque você fez isso.

Ele sorriu para ela, parecendo mais feliz e relaxado do que ela já tinha visto.

— Então você pode muito bem me contar sobre este presente de casamento.

Ele puxou a potranca para frente, com um passo delicado de cada vez. — Rory, esta é Amara.

— Ela parece... - era possível?

— Sim. Ela é a última potra de Mist e Tyrant.



Rory não pôde evitar. Ela desceu da varanda e aproximou-se da potra, entregando-lhe o coração cheio de alegria quando o focinho macio aveludado tocou sua palma.

— Rory. — De repente, ele soou nervoso. — Sua tia vai me matar se você arruinar seus sapatos aqui.

Rory apenas sorriu e levantou a barra de sua saia rendada para revelar seus pés. — Posso ter um grande casamento, e posso ter que fingir ser paciente em esperar para ter você só para mim, mas ninguém pode tirar minhas botas favoritas.

Jake riu e Rory não pôde deixar de rir com ele.

— Mais uma coisa que você deve saber... — disse ele, colocando a corda na mão antes de envolver ambas as mãos em torno das dela. — Eu a chamei de Amara porque significa para sempre, e para sempre é exatamente quanto tempo eu te amei.

— Droga, Jake Cunningham. — Rory desistiu de tentar não chorar. Não havia nenhum uso.

— Para sempre é por quanto tempo vou passar mostrando o que você significa para mim. — Jake continuou. — E é por quanto tempo espero e rezo para que tenhamos juntos.

Chegou ainda mais perto, até ficarem de pé, com as rendas de marfim esquecidas.

— E não importa quanto tempo tenhamos, eu prometo a você agora que sempre vou lhe contar o que está em meu coração. Nunca haverá um dia em que você ficará em dúvida sobre o que sinto por você, Sean e Trey.

Rory não tinha palavras. Não tinha palavras para dizer a ele o



quanto o amava. Pela primeira vez, Jake Cunningham, o silencioso e independente, foi quem falou.

— Espero que você saiba que eu sempre estarei com você enquanto persegue seus sonhos. Vou te apoiar, te ajudar a voar e te pegar quando você cair.

Não havia dúvida na mente de Rory sobre isso. Nunca houve.

— Acredito em você, Jake. — ela sussurrou, enquanto ele se inclinou para descansar a testa contra a dela.

— Então você vai casar comigo?

Rory riu apesar de suas lágrimas.

— Eu vou fazer de você um melhor, cowboy. — ela estendeu a mão para colocar uma mão suave ao longo da curva de sua mandíbula. — Eu vou amar você. Com tudo que sou. Sem barreiras. Não duvide. Prometo dar-lhe o feio junto com o bom, o triste junto com o bonito. Meus fardos são seus e os seus são meus. Para sempre.

Ele colocou uma mão atrás da cabeça dela e selou suas promessas com um beijo tão doce e terno, que Rory desejou que não tivesse que terminar.

Mas claro, que acabou. Tia Beatrice repreendeu-a de novo para ir para dentro, Jake foi devolver Amara ao celeiro, e a música começou a tocar quando os convidados tomaram seus lugares.

Mas para Jake e Rory, os votos que trocaram na frente de seus amigos e familiares eram apenas uma formalidade. Eles já haviam feito todas as promessas que importavam.

Mais tarde, quando pisaram na pista de dança temporária do Centro



Comunitário para sua primeira dança juntos, Rory Cunningham sorriu para seu novo marido. — Acha que pode conseguir não pisar em meus pés, cowboy?

Ele levantou uma sobrancelha. — O que faz você pensar que eu não sei dançar?

— Eu conheço você há dezoito anos, e eu nunca vi você dançar.

— Não significa que não posso. Acho que você vai ter que confiar em mim.

Ela colocou a mão na sua e sorriu.

— Sempre. — disse ela, enquanto Jake a levava para o resto de suas vidas juntos.

4. Wrangles: marca da camisa.

